

Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação  
Universidade de Coimbra

*Deposito ao ISPA  
1999  
[Signature]*

# Psicoterapia Analítica de Grupo com crianças no período de latência

Um Modelo - Apresentação e Fundamentos

*Ref. 11714*

Instituto Superior de Psicologia Aplicada  
BIBLIOTECA

**L. Filipe Sá**  
**Dissertação de Mestrado em Psicologia Clínica do Desenvolvimento**  
**Bolseiro da Fundação para a Ciência e a Tecnologia**  
**1999**

*R. 12/09/99*

*O processo de conhecimento passa, antes de mais, pela relação entre aqueles que, em conjunto, se dispõem a (fazer) pensar. Neste trabalho, sem disso saberem, pensaram em mim e comigo a Fátima, a Prof<sup>a</sup>. Celeste Malpique, a Nina, a Isabel, a Manuela, a Inocência e a Filomena.*

*O Prof. Doutor Amaral Dias, para além do saber que generosamente me emprestou, criou em mim a esperança de um encontro com a verdade.*

*A Prof<sup>a</sup> Madalena Alarcão, pela sua disponibilidade e serenidade, fez-me acreditar no sentido pessoal desta realização.*

*A todos, obrigado*

# índice

CONSIDERAÇÕES PRÉVIAS _____	7
-----------------------------	---

---

## Parte I - PERÍODO DE LATÊNCIA - GRUPOS: A TEORIA

---

<b>1 - PERÍODO DE LATÊNCIA _____</b>	<b>13</b>
1.1 - O PERÍODO DE LATÊNCIA EM FREUD _____	13
1.1.1 - O conceito _____	13
1.1.2 - Pressupostos explicativos _____	14
1.1.3 - Enquadramento psicodinâmico _____	15
1.1.3.1 - a renúncia edipiana _____	15
1.1.3.2 - defesas e formação do carácter _____	16
1.1.3.3 - as identificações, o Super Eu e o Ideal do Eu _____	18
1.2 - B. BORNSTEIN: DUAS FASES PARA O PERÍODO DE LATÊNCIA _____	20
1.3 - SARNOFF: UMA ESTRUTURA PARA A LATÊNCIA _____	22
1.4 - P. DENIS: A LATÊNCIA COMO PERÍODO DE CONTRA-INVESTIMENTO NARCÍSIKO _____	24
1.5 - ARBISIO-LESOURD: A INSCRIÇÃO DO PERÍODO DE LATÊNCIA NO REAL, NO IMAGINÁRIO E NO SIMBÓLICO _____	26
1.6 - PSICOPATOLOGIA E PSICOTERAPIA NA LATÊNCIA _____	29
1.7 - LATÊNCIA: PROCESSO DE EXPANSÃO EM <i>CONTINUUM</i> DESENVOLVIMENTAL _____	34
<b>2 - GRUPOS: ABORDAGEM TEÓRICA E PSICOTERAPÊUTICA - - ÊNFASE NA PERSPECTIVA PSICANALÍTICA _____</b>	<b>39</b>
2.1 - CONTEXTO TEÓRICO GENÉRICO _____	39
2.2 - PRINCIPAIS CONTRIBUIÇÕES DA PSICANÁLISE _____	42
2.2.1 - Freud: o estudo dos grupos e implicações decorrentes na teorização do aparelho psíquico individual _____	42
2.2.2 - Bion - uma concepção original sobre os fenómenos grupais _____	46
2.2.2.1 - os conceitos de Bion _____	47
2.2.2.2 - considerações gerais sobre os conceitos _____	51
2.2.2.3 - Bion, para além de Freud _____	52
2.2.2.4 - o místico e o grupo: um modelo no pensamento de Bion _____	54
2.2.3 - D. Anzieu: o grupo e o inconsciente _____	56
2.2.4 - R. Kaës: o aparelho psíquico grupal _____	58
2.3 - AS PSICOTERAPIAS DE GRUPO _____	61
2.3.1 - Aspectos históricos e metodológicos _____	61
2.3.1.1 - o método repressivo _____	63
2.3.1.2 - o método educacional/orientador _____	63
2.3.1.3 - o método psicodramático _____	63
2.3.1.4 - o método psicanalítico _____	65
2.3.2 - A psicoterapia de grupo com crianças na idade da latência - aspectos históricos e diversidade técnica e conceptual _____	75

---

## Parte II - PSICOTERAPIA ANALÍTICA DE GRUPO NA LATÊNCIA - A PRAXIS

---

<b>3 - UM MODELO - DESCRIÇÃO DO QUADRO</b>	83
3.1 - A PROCURA DE AJUDA	83
3.2 - APRESENTAÇÃO DO QUADRO	85
3.2.1 - O <i>quadro</i> como elemento descritivo	85
3.2.2 - A constituição dos grupos	86
3.2.3 - A aliança com a família	89
3.2.4 - A equipa terapêutica	90
3.2.5 - O <i>setting</i> terapêutico	91
3.2.6 - Procedimentos técnicos	92
<b>4 - O PROCESSO PSICOTERAPÊUTICO - APRESENTAÇÃO DE UM CASO</b>	95
4.1 - CONSTITUIÇÃO DO GRUPO E BREVE APRESENTAÇÃO CLÍNICA DOS SEUS ELEMENTOS	95
4.2 - O PROCESSO TERAPÊUTICO	106
4.3 - NOTA BREVE SOBRE OS RESULTADOS TERAPÊUTICOS	156

---

## Parte III - À PROCURA DE SENTIDO

---

<b>5 - FUNDAMENTOS TEÓRICOS E CLÍNICOS DO QUADRO</b>	161
5.1 - O CONCEITO DE <i>QUADRO</i> E SUA APLICAÇÃO À PSICOTERAPIA ANALÍTICA DE GRUPO NO PERÍODO DE LATÊNCIA	161
5.2 - CONTRIBUIÇÃO PARA UMA TEORIA DO <i>QUADRO</i>	166
5.2.1 - O grupo e a unissexualidade	166
5.2.2 - O Jogo	169
5.2.3 - O casal terapêutico	172
5.2.4 - O procedimento "falar-brincar-falar", a diferenciação dos espaços e a interpretação grupal	172
5.2.5 - A especificidade da "situação psicanalítica de grupo" na latência	175
5.2.5.1 - a formação de fenómenos de transferência	176
5.2.5.2 - a constituição de um discurso associativo	178
5.2.5.3 - o lugar e a função do psicanalista	180
5.3 - PSICOTERAPIA ANALÍTICA DE GRUPO: UM <i>QUADRO</i> PARA A INSTAURAÇÃO DA LATÊNCIA	181
5.3.1 - Em síntese	181
5.3.2 - Re(vi)vendo a clínica	183
5.3.3 - Concluindo	185
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS</b>	187
<b>BIBLIOGRAFIA</b>	191

## CONSIDERAÇÕES PRÉVIAS

---

Esta dissertação resulta, basicamente, de uma articulação entre uma experiência vivida no terreno da prática clínica e um saber teórico complementar, que tem vindo a ser construído no caminho que escolhemos para consolidar uma identidade no campo da psicoterapia: o da psicanálise.

O primeiro contacto com a Psicoterapia Analítica de Grupo com crianças na idade da latência, tema genérico deste trabalho, surgiu numa experiência proporcionada por um estágio de pós-graduação realizado no Departamento de Pedopsiquiatria do Hospital Especializado de Crianças Maria Pia, no Porto, decorrido entre 1994 e 1996. Daqui, partimos para uma intensificação da prática desta modalidade de intervenção psicoterapêutica - configurada num modelo particular (*grupo unissexual de jogo livre*) - no âmbito privado.

Este modelo deve a sua origem à Prof<sup>a</sup> Celeste Malpique e sua equipa, que o implementou na década de oitenta, no contexto do Centro de Saúde Mental Infantil e Juvenil do Porto - Dispensário do Vilar. A partir desta data, tem sofrido algumas alterações técnicas e a sua aplicação expandiu-se do contexto hospitalar para o sector privado. Seminários de supervisão clínica e de reflexão teórica têm sido promovidos pela Dra. Fátima Sarsfield Cabral, uma das praticantes mais empenhadas na apresentação e discussão desta modalidade psicoterapêutica, nomeadamente em congressos nacionais e internacionais. No entanto, são muito poucos os trabalhos publicados sobre o modelo em causa, restringindo-se, basicamente, a uma apresentação da técnica e sua inspiração teórica - pelos autores que estiveram na sua origem: Celeste Malpique, Fátima Cabral, Fernanda Flores e Isabel Soares - na Revista Portuguesa de Psicanálise (1988).

O nosso desejo de exploração/investigação sobre este tema assenta em duas dimensões, profundamente interligadas. A primeira, decorre da nossa experiência clínica e passa pela constatação de que a maioria das crianças que recorrem a uma ajuda, por dificuldades de ordem psicológica, se enquadram na idade correspondente ao *período de latência*. No entanto, curiosamente, não são muitos os trabalhos realizados sobre este tempo do desenvolvimento, o que nos estimulou a procura do que se tem afirmado sobre o mesmo, a partir do vértice que nos interessa, ou seja, o psicodinâmico. Com efeito, dentro do restrito universo de abordagens ao

*período de latência*, muitas dessas investigações, assumindo uma perspectiva educativa e adaptativa, centram-se sobre os aspectos intelectuais e sociais e, essencialmente, sobre a aprendizagem, privilegiando a escola como contexto de estudo. Mesmo no seio da psicanálise, a dimensão psico-afectiva da latência tem suscitado pouco interesse. Como se o desenvolvimento da criança, nas suas dimensões ligadas à personalidade e aos afectos, se encontrasse ele próprio sujeito a uma espera.

A segunda dimensão da nossa curiosidade associa-se à esfera grupal, enquanto meio e objecto de intervenção psicoterapêutica com crianças na idade da latência. Não havendo uma formação "científica" formalizada para a prática do referido modelo de intervenção, à medida que o íamos integrando na nossa experiência clínica foram várias as questões que procuraram o nosso pensamento:

- Este modelo assenta, em termos genéricos, no método psicanalítico e no potencial compreensivo associado; este é um pressuposto, mas será que lhe podemos conferir, de facto, uma dimensão psicanalítica? Como defini-la? Em que medida está presente, tanto no processo terapêutico como no *quadro* que o promove?

- A situação grupal será adequada, enquanto meio facilitador do crescimento emocional, para estas crianças? E o jogo livre, neste contexto, constituirá a forma de expressão do mundo interno mais adequada? Por outro lado, facilitará o desenvolvimento de dimensões essenciais ao crescimento psíquico? Quais as vantagens em constituir grupos com crianças do mesmo sexo?

- Assumimos um conjunto de regras e procedimentos nesta prática, constatamos progressos terapêuticos, mas em que sentido é que essas condições operam transformações nas crianças? Porquê uma actividade interpretativa, veiculada pelos terapeutas, dirigida à totalidade, ao grupo? Como é que reflecte a dimensão intrapsíquica dos sujeitos particulares? Porquê um casal terapêutico, como modo privilegiado de constituição da equipa terapêutica? O que é que justifica um procedimento como o de, em cada sessão, haver um tempo e um espaço próprio ora para falar ora para jogar?

Todas estas questões fabricaram em nós um desejo de procura de sentido para a nossa prática como psicoterapeutas, neste contexto específico. Esta pretensão encontrou forma na tentativa de fundamentação teórica e clínica do *quadro* afecto ao modelo de intervenção em causa, o que incluímos nesta dissertação. Assim, as respostas que encontramos às interrogações consubstanciam uma elaboração que, longe de uma categorização, resultam numa proposta que submetemos à reflexão crítica do leitor.

No entanto, essa fundamentação não constitui o objectivo único deste trabalho, cuja concretização exigiu um tempo de amadurecimento em projecto, para que dentro de nós encontrássemos, por via da experiência clínica e da aprendizagem teórica, uma unidade integrativa da problemática que nos assaltava. A apresentação sistematizada da técnica, ilustrada pela descrição do processo terapêutico associado, a partir de um enquadramento teórico relativo ao *período de latência* e aos fenómenos e práticas grupais (centrado na perspectiva psicanalítica), constitui, por si só, um propósito desta dissertação. Este objectivo resulta pertinente, pensamos nós, na medida em que tenta colmatar a escassa produção de trabalhos que façam referência a este modelo de intervenção psicoterapêutica, apesar da sua singularidade e eficácia.

Todavia, consideramos que uma mera descrição e enquadramento teórico do modelo, apesar de pertinente, deixaria em suspenso as questões que lançámos, perpetuando a falha no âmbito da *teoria da técnica*. Ao tentarmos contribuir para uma fundamentação teórica (e clínica) do *quadro*, procuramos interromper (encruzilhar) o trilho habitualmente descritivo.

Com efeito, muitos são os profissionais com experiência em grupos com crianças que publicaram os seus modelos de intervenção, apresentando *quadros* e técnicas próprias. Contudo, em termos gerais, a literatura que faz referência às intervenções em psicoterapia de grupo com crianças é essencialmente descritiva. Pretende apresentar modelos técnicos de intervenção, cuja concretização resulta de uma *praxis* realizada ao longo de anos de trabalho.

Também o modelo que constitui a base da nossa prática e reflexão, resultou, essencialmente, de um progressivo apuramento empírico, técnico, e não da operacionalização de um quadro conceptual, teórico. Não obstante, a sua técnica traduz inspirações teóricas gerais, como iremos fazer perceber nesta dissertação, tanto no que se refere ao entendimento que faz das problemáticas dos pacientes e da sua evolução registada no contexto grupal, como no que diz respeito ao método de intervenção.

Resumindo, o objectivo manifesto desta dissertação consiste na **apresentação sistematizada de um modelo** específico de psicoterapia analítica de grupo - *grupo unissexual de jogo livre* - e na **procura da sua validação enquanto *praxis* de dimensão psicanalítica** adequada às crianças a que se dirige, pela contribuição para uma *teoria da técnica* (mais propriamente do *quadro*). Daqui se depreende que nos afastamos de qualquer intenção de comprovação da eficácia terapêutica desta modalidade de intervenção, matéria de investigação de teor completamente diferente.

Para cumprir o nosso propósito, organizamos o trabalho em três partes, mantendo a perspectiva psicanalítica como invariante do pensamento que as atravessa. Na *parte I*, de enquadramento teórico, percorremos as principais ideias dirigidas ao *período de latência* (cap. 1) e destacamos os aspectos históricos, conceptuais e metodológicos mais relevantes no plano da teoria e prática dos grupos (cap. 2). A *parte II* pretende apresentar o modelo em estudo, a partir da descrição do *quadro* associado (cap. 3) e da elucidação do processo terapêutico decorrente (cap. 4). Aqui, fazemos o relato e o enquadramento clínico de um caso - grupo de rapazes -, passando pela totalidade das sessões que constituíram a vida desse grupo (31 sessões). Por fim, na *parte III*, tentamos fundamentar, em termos teóricos e clínicos, o *quadro* do modelo de psicoterapia analítica de grupo em questão, propondo-o como uma entidade para a *instauração da latência* (cap. 5).

Ao pretendermos com esta dissertação abrir um caminho que nos retorne à prática clínica, por via da transformação em nós operada pelo pensamento, inserimos a sua realização no campo da *investigação-acção*. Onde um *fazer* procura um *saber* e um *dizer acerca de*, para de novo se tornar *fazer*, enriquecido, numa dialéctica sempre actuante e, certamente, interminável.

Não sendo um jogo autista, esse percurso só terá sentido se os nossos pensamentos se encontrarem, num diálogo ressonante, com os pensamentos de quem nos lê. Para isso, contamos com a familiaridade do leitor para com o quadro conceptual psicanalítico. De facto, ao longo do trabalho recorreremos à utilização de certos conceitos psicanalíticos, cuja ampla difusão no âmbito da psicologia geral nos parece tornar prescindível a sua definição sistemática, que a fazer-se tornaria a nossa elaboração demasiado extensa e de (re)forçada densidade.

Arbísio-Lesourd, Denis, Freud, Bion, Klein e Kaës foram os principais elementos do grupo que dentro de nós, num lugar construído por Amaral Dias, procurou nos últimos anos dar ordem ao caos da nossa dispersão.

## **PARTE I**

---

**PERÍODO DE LATÊNCIA - GRUPOS:  
A TEORIA**

# 1

---

## PERÍODO DE LATÊNCIA

### 1.1 - O PERÍODO DE LATÊNCIA EM FREUD

#### 1.1.1 - O conceito

Em 1905, nos *Três Ensaios sobre a Teoria da Sexualidade*, Freud introduz o termo *latência* para designar o período de desenvolvimento psico-sexual que surge com a resolução do complexo de Édipo. Originalmente proposto por Fliess, o termo *latência* é retomado por Freud para nomear o período que intercala os dois tempos evolutivos da sexualidade humana, identificados na sua teoria do *bifasismo sexual*.

Assim, o *período de latência* é apresentado como a etapa que separa o período dominado pela escolha de objecto sexual infantil (0 aos 5/6 anos) e a puberdade, marcada pela segunda escolha de objecto (a partir dos 10/11 anos), caracterizando o início da sexualidade adulta. A expressão *período*, em vez de *fase*, para designar esta etapa do desenvolvimento libidinal, indicaria que durante este tempo não ocorreriam novas organizações da sexualidade. Pelo contrário, tal como o próprio nome indica, haveria um "adormecimento" das pulsões sexuais.

Na obra referida, Freud escreve: "*parece não haver dúvida que os germes das pulsões sexuais já se encontram presentes no recém-nascido e que continuam a desenvolver-se por um tempo, até sofrerem um progressivo processo de supressão (...) durante esse período de latência total ou parcial surgem as forças psíquicas que mais tarde farão obstáculo às pulsões sexuais e, à semelhança de diques, vão limitar a sua evolução (...) este desenvolvimento é determinado organicamente e fixado pela hereditariedade*" (Freud, 1905, pp. 166-167).

Relativamente ao enquadramento evolutivo da latência, enquanto tempo refrador do processo de desenvolvimento da sexualidade, a afirmação que Freud (1926a) faz em *A Questão da Análise Leiga* é significativa: "durante o período de latência a sexualidade normalmente não avança; pelo contrário os anseios sexuais diminuem de vigor" (*op. cit.* p. 204). O condicionalismo biológico subjacente às concepções de Freud sobre o desenvolvimento da sexualidade humana, pedra base da evolução do próprio psiquismo, é notório ao longo de toda a obra do autor. No entanto, Freud não deixa de reconhecer a influência, embora relativa, da educação e do meio cultural na limitação da evolução das pulsões sexuais durante este período.

De acordo com Arbísio-Lesourd (1997) o conceito de *período de latência* aparece em Freud como uma necessidade lógica: "sem ele, a articulação entre a sexualidade infantil, a civilização e a etiologia das neuroses não podia ser feita" (*op. cit.* p. 21). Neste contexto, a noção de *período de latência*, constituindo-se como contributo metapsicológico, permitiu a Freud afirmar uma estrutura que confere sentido a uma conceptualização mais abrangente do psiquismo, não possível com a teorização anterior assente no traumatismo.

### 1.1.2 - Pressupostos explicativos

Apesar de desenvolver importantes construções teórico-clínicas sobre o *período de latência*, a questão fundamental que resistirá a Freud prende-se com a origem e o fundamento do *período de latência*. Freud propõe diversas versões explicativas, que contêm muitas variações, não considerando incompatível a conciliação entre os pontos de vista orgânico e cultural.

Em *Um Estudo Autobiográfico*, publicado pela primeira vez em 1925, Freud articula o *período de latência* com a puberdade, duas dimensões concebidas como contraditórias e conflituais. Neste contexto afirma: "na vida sexual da puberdade, verifica-se uma luta entre os anseios dos primeiros anos e as inibições do período de latência" (*op. cit.* p. 42). Aqui, Freud acentua o facto do *período de latência* coexistir, de alguma forma conflituamente, com a puberdade, não obstante esta ser determinada biologicamente. Numa nota que acrescenta em 1935 a esta afirmação, Freud avança com uma conciliação entre a explicação orgânica e o modelo cultural: "O período de latência é um fenómeno fisiológico. Ele pode, contudo, dar margem apenas a uma interrupção completa da vida sexual em organizações culturais que tenham efectuado a supressão da sexualidade infantil como parte do seu sistema. Este é o caso na maioria dos povos primitivos." (*op. cit.* p.42).

Neste âmbito, a noção de causalidade da latência complica-se. O aspecto fisiológico parece não ser mais do que uma condição de base necessária, sendo as exigências sociais que produzirão ou não a sua aparição. Seguindo os diferentes trilhos do pensamento de Freud, o conceito de

*período de latência* aparece como uma noção cada vez mais complexa. Não somente é reenviado para a biologia, mas também afirmado como uma consequência para o homem da filogénese e da sua tradução ao nível ontogenético. A sua ligação à civilização é também sujeita a uma complexificação, tendo em conta o que Freud propõe em 1905 como *ideal da educação*, onde o *período de latência* corresponderia às exigências da civilização sobre a criança. Mas, se por um lado, Freud em *Três Ensaio Sobre a Teoria da Sexualidade* concebe o surgimento da latência em dependência de factores culturais, por outro lado relaciona a sua origem com o recalçamento e com as elaborações defensivas em geral.

A ambiguidade do conceito de *período de latência* em Freud reside, assim, na dificuldade em conciliar a ideia de uma fase biológica e hereditariamente programada, com a afirmação de que o seu surgimento depende tanto de factores culturais como da mobilização de mecanismos de defesa. No entanto, como acentua David (1969), a riqueza do conceito de *período de latência* em Freud deve-se precisamente à ambiguidade do seu pensamento sobre o assunto, pelo que procurar simplificar o seu conceito reduzindo-o a todas as contradições que contém seria desvirtuá-lo dessa riqueza e complexidade.

De qualquer forma, a dimensão psicológica conferida ao *período de latência*, nos seus diversos vectores, é, obviamente, aquela que mais nos interessa.

### 1.1.3 - Enquadramento psicodinâmico

#### 1.1.3.1 - a renúncia edipiana

Em *A Dissolução do Complexo de Édipo* (1924) Freud acentua o complexo de Édipo como "*o fenómeno central do período sexual da primeira infância*" (*op. cit.* p.193), considerando que, a partir do seu desaparecimento, o *período de latência* inicia a sua incidência. A liquidação do conflito edipiano é concebida, neste texto, como um imperativo universal suportado em vários factores, a saber: a frustração da criança em relação ao seu objecto de amor primário; a impossibilidade intrínseca do próprio complexo de Édipo e o determinismo hereditário que apela ao término de qualquer etapa do desenvolvimento assim que se aproxima a etapa seguinte.

Em *Inibição, Sintoma e Angústia* (1926b), Freud acrescenta que sobre a força dos investimentos eróticos prevaleceria o medo de perder o amor dos pais, em associação ao facto de ambos os pais e o meio reprimirem a supremacia fálica, induzindo na criança a angústia de castração. Referindo-se à fase fálica, neste âmbito, Freud afirma: "*é contemporânea do*

*complexo de Édipo, não se desenvolve além, até à organização genital definitiva, mas é submersa e sucedida pelo período de latência (...) o seu término, contudo, realiza-se de uma forma típica e em conjugação com acontecimentos de recorrência regular" (op. cit. p. 194).*

Estes acontecimentos consubstanciam a ameaça de castração que decorre em dois tempos. Num primeiro tempo, a mãe ameaça a criança (rapaz) de castração, face às suas intenções masturbatórias. No entanto, esta atitude gera uma influência pouco significativa na criança. A ameaça assumirá um poder considerável num segundo tempo, quando a criança se confronta com a ausência de pénis na menina. Para o rapaz, esta constatação opera uma convicção de que a rapariga é mesmo castrada e que a ameaça que lhe é efectuada pode mesmo ser concretizada. Esta angústia de castração conduz o rapaz a preferir preservar o seu narcisismo em detrimento do investimento no objecto edipiano (Freud, 1924).

Todo o contexto acima descrito promove uma reversão libidinal, que por sua vez determina a dessexualização e introduz a latência sexual. A propósito deste afastamento do complexo de Édipo, Freud (1924), a partir do que já havia descrito em pormenor em *O Eu e o Id* (1923), resume: "*Os investimentos no objecto são abandonados e substituídos por identificações. A autoridade do pai ou dos pais é introjectada no Eu e aí forma o núcleo do Super Eu, que assume a severidade do pai e perpetua a proibição deste contra o incesto, defendendo assim o Eu do retorno do investimento libidinal. As tendências libidinais pertencentes ao complexo de Édipo são em parte dessexualizadas e sublimadas (...) e em parte são inibidas no seu objectivo e transformadas em movimentos afectuosos. Todo o processo, por um lado, preservou o órgão genital - afastou o perigo da sua perda e, por outro, paralisou-o, removeu a sua função. Este processo introduz o período de latência, que agora interrompe o desenvolvimento sexual da criança.*" (op. cit. p. 196). Ao afastamento do complexo de Édipo protagonizado pelo Eu, Freud associa o recalçamento, "*embora recalçamentos posteriores ocorram, na sua maior parte com a participação do Super Eu que, neste contexto, está apenas a formar-se*" (op. cit. p. 196).

#### 1.1.3.2 - defesas (recalçamento, regressão, formação reactiva e sublimação) e formação do carácter

Criado o sistema de censura interna, pela progressiva autonomização do Super Eu, reforça-se, na latência, o recalçamento do passado marcado por intensa conflitualidade (genital e pré-genital), em paralelo com a crescente abertura ao mundo exterior à família, à aprendizagem e à socialização. Este processo é promovido pela *sublimação e formação reactiva*, os dois mecanismos defensivos, por excelência, do *período de latência*.

Foram ambos introduzidos por Freud em 1905, em *Três Ensaio sobre a Teoria da Sexualidade*, o primeiro para significar a canalização da energia sexual para fins diferentes (não sexuais), mas de intensidade equivalente, e o segundo apresentado como um sistema de contra-forças relativas às excitações sexuais, fundador de barreiras expressas sobre a forma de pudor, moralismo e repugnância<sup>1</sup>.

A interrelação entre os processos de *sublimação* e de *formação reactiva* está implícita na afirmação de Freud, nesse texto de 1905: "*uma subvariedade da sublimação talvez seja a supressão por formação reactiva, que, como descobrimos, começa no período de latência da criança e, nos casos favoráveis, prossegue por toda a vida*" (op. cit. p. 225).

Por seu lado, o recalçamento enquanto fenómeno primordial do *período de latência* é sugerido por Freud (1921) em *Psicologia das Massas e Análise do Eu*: "*Essa primeira configuração do amor na criança que se associa tipicamente ao complexo de Édipo, sucumbe em seguida, como sabemos, desde o início do período de latência, a um processo de recalçamento*" (op. cit. p. 148). Assim, a inibição das pulsões sexuais facilitará a sedimentação das relações sociais.

Em *Inibição, Sintoma e Angústia* (1926b), Freud insiste na diferença entre defesa e recalçamento, embora este seja concebido como uma das modalidades defensivas. De acordo com o autor, para se defender dos movimentos pulsionais desagradáveis, o Eu recorre também à regressão. É essencialmente pelo estudo da neurose obsessiva que Freud, nesse mesmo trabalho, evidencia a importância da regressão. Nesta neurose a luta do Eu contra as tendências interditas do complexo de Édipo conduzem-no a uma regressão, parcial ou total, da organização genital fálica à fase sádico-anal anterior. Por outro lado, a problemática da neurose obsessiva mostra claramente, refere Freud, que o *complexo de castração* é o motor da defesa destinada a lutar contra os diversos aspectos do complexo de Édipo.

A proximidade entre o *período de latência* e a neurose obsessiva é salientada também em *Inibição, Sintoma e Angústia* (1926b). Neste contexto, encontramos a concepção freudiana do normal e do patológico, onde a diferença entre estas duas dimensões é afirmada como de

---

<sup>1</sup> - As formações reactivas estão intimamente associadas aos movimentos regressivos, na medida em que constituem defesas contra as pulsões pré-genitais reactivadas. Apesar de Freud ter sido o primeiro autor a referir a *formação reactiva* como um fenómeno ligado ao período de latência, muitos outros autores desenvolveram o conceito, nomeadamente Ana Freud (1946). Para esta autora "*a formação reactiva representa eficazmente uma das medidas defensivas capitais que implica de forma permanente o Eu e o Id (...) um conflito instala-se entre as exigências do Id e a actividade do Eu, conflito que pode conduzir à vitória de uma das partes interessadas ou à formação de um compromisso entre os dois (...) se, graças a um reforço do seu investimento é o Eu que sai vitorioso, o ataque do Id cessa e um estado de quietude psíquica desfavorável a qualquer observação instala-se de novo*" (A. Freud, 1946, p. 47). Salienta ainda, a propósito da sua definição: "*as formações reactivas substituem o que é desagradável e inoportuno pelo seu contrário*" (A. Freud, 1965, p. 53). Outro autor, Diatkine (1985), salienta que esta modalidade defensiva tão utilizada pela criança, tende a tornar-se inoperante com o fim do período de latência. Aí, de acordo com o autor, aparecem "*as compulsões, marcadas pela formação reactiva e o seu contra-investimento insuficiente, o retorno do recalçado e a anulação retroactiva*" (op. cit. p. 18).

natureza quantitativa mais do que qualitativa. Com efeito, na neurose o poder das modalidades defensivas - o recalçamento, a regressão e a formação reactiva - toma proporções exageradas: "*as formações reactivas da neurose obsessiva são essencialmente exageros dos traços de carácter normais que se desenvolvem durante o período de latência*" (op. cit. p. 153).

Já em 1905 Freud abordara a importância do *período de latência* para a formação do carácter, ideia reforçada em 1908 em *Carácter e Erotismo Anal*. Neste texto, Freud apresenta os traços de carácter ligados ao erotismo anal - ser ordenado, económico e obstinado - como resultado de pulsões anais e de formações reactivas que o abandono desse erotismo arrastou. Sobre a forma como, regra geral se forma o carácter, Freud afirma: "*para a formação do carácter definitivo, a partir das pulsões sexuais constitutivas, podemos propor uma fórmula: os traços de carácter que residirão são ou prolongamentos inalterados das pulsões originárias, ou a sublimação dessas pulsões, ou formações reactivas contra as mesmas*" (Freud, 1908, p. 164). Sendo a *formação reactiva* e a *sublimação* dimensões defensivas activadas com a chegada do *período de latência*, a relevância desta etapa para a formação do carácter definitivo torna-se evidente.

### 1.1.3.3 - as identificações, o Super Eu e o Ideal do Eu

Um outro aspecto foi apresentado por Freud como fundamental para a latência: as identificações e as suas implicações para a criança. Em *O Eu e o Id* (1923), Freud descreve em detalhe como as identificações aos dois progenitores se instauram após o declínio do complexo de Édipo.

A versão positiva do Édipo consiste no amor pelo progenitor do sexo oposto e pela rivalidade com o progenitor do mesmo sexo. A bissexualidade fundamental do ser humano faz com que o Édipo completo contenha também a sua versão negativa, isto é, o sentimento amoroso pelo progenitor do mesmo sexo e o ódio dirigido ao progenitor do sexo oposto. A dinâmica do Édipo contém, neste contexto, movimentos identificatórios compósitos, que compreendem estas duas valências. O Super Eu, conceito introduzido por Freud nesse texto de 1923, sem ainda o diferenciar do Ideal do Eu, é resultado dessas identificações: "*Podemos admitir como resultado geral da fase sexual dominada pelo complexo de Édipo, uma sedimentação no Eu que consiste na produção destas duas identificações ligadas uma à outra. Esta modificação do Eu resulta numa posição particular, ela opõe-se ao resto do conteúdo do Eu como Ideal do Eu ou Super Eu*" (Freud, 1923, pp. 46-47). Na medida em que, no texto em questão, Freud não dissocia Ideal do Eu e Super Eu, ele atribui à mesma instância a função do ideal (querer ser como o pai) e a função da interdição (não poder ser como o pai).

A complexidade dos movimentos identificatórios esclarece também a constatação de Freud sobre a adopção da menina, após o declínio do Édipo, de uma posição masculina. À saída do

complexo de Édipo, ela comporta-se como um rapaz ao mesmo tempo que abandona o seu papel feminino e deixa que se exprima o seu *complexo de virilidade*. Esta evolução compreende-se não somente a partir da natureza própria da libido, que é masculina, mas também graças à identificação ao pai, que Freud observa na menina: "*a análise traz-nos frequentemente que a pequena menina, após renunciar ao pai como objecto de amor, exterioriza a sua masculinidade e identifica-se não à mãe, mas sim ao pai, ou seja ao objecto perdido*" (Freud, 1923, p. 45).

Em toda a sua obra, Freud jamais pôs em causa as marcas temporais que fixa para a latência. As suas considerações sobre a dimensão da fantasia<sup>1</sup> ligada a este período foram pouco desenvolvidas, nomeadamente em relação ao auto-erotismo, denotando pouca atenção para este aspecto, embora nunca o tenha rejeitado. É apenas em *Formulações sobre os Dois Princípios do Funcionamento Mental* (1911), que Freud se refere especificamente à ligação entre a latência e a fantasia: "(...) o longo período de latência que retarda o desenvolvimento sexual até à puberdade (conduz a uma situação em que ) o instinto sexual (...) permanece ainda muito tempo sob o domínio do princípio do prazer (...) como resultado de tais condições, surge uma ligação mais próxima (...) entre o instinto sexual e a fantasia" (*op. cit.* p. 241). De facto Freud, no que se refere ao *período de latência*, concedeu maior importância ao papel essencial das defesas e das identificações a partir das quais se estabelece o Ideal do Eu e o Super Eu.

Os sucessores de Freud são, regra geral, pouco ligados ao estudo do *período de latência*. No entanto, com os trabalhos de Augusta Alpert, em 1941, a imagem convencional do *período de latência* começa a ser posta em causa. Esta autora evidencia a persistência de manifestações sexuais durante a latência e pressupõe a existência de duas fases para este período. No entanto, é somente nos anos 50, com Berta Bornestein, que trabalhos psicanalíticos específicos sobre o *período de latência* são realizados de uma forma clara, completa e sistematizada.

---

1 - Empregamos o termo *fantasia* enquanto conceito psicanalítico genérico, equivalente ao conceito de *fantasma* (fantasmático), tal como propõem Laplanche & Pontalis (1967): "*Encenação imaginária em que o indivíduo está presente e que figura, de modo mais ou menos deformado pelos processos defensivos, a realização de um desejo e, em última análise, de um desejo inconsciente. O fantasma ou fantasia apresenta-se sobre diversas modalidades: fantasias conscientes ou sonhos diurnos; fantasias inconscientes tais como a análise as revela como estruturas subjacentes a um conteúdo manifesto; protofantasias (protofantasmas)*" (*op. cit.* p. 155).

## 1.2 - B. BORNSTEIN: DUAS FASES PARA O PERÍODO DE LATÊNCIA

A abordagem, considerada clássica, de B. Bornstein (1951) ao *período de latência*, divide-o em duas fases distintas: a primeira, dos 5-6 aos 8-9 anos de idade e a segunda dos 8-9 aos 10-11. De acordo com a autora, o conflito essencial subjacente ao *período de latência*, atravessando as duas fases, prende-se com "*a severidade do Super Eu face aos desejos incestuosos, severidade que se exprime através da luta contra a masturbação*" (Bornstein, 1951, p. 280). Retoma aqui a ideia já expressa por Freud, a propósito da ameaça de castração. Este conflito exprime-se, todavia, de forma diferente em função da fase que o contém, face aos diferentes graus de rigor do Super Eu na avaliação dos desejos incestuosos da criança.

Na *primeira latência* os mecanismos de auto-regulação são recentes e pouco fiáveis. O Super Eu apresenta-se ainda algo imaturo e ineficaz, facilitando regressões temporárias a níveis pré-genitais, como medida defensiva contra os desejos incestuosos ainda bem presentes nesta fase do *período de latência*. A este propósito, refere Bornstein (1951) que "*as formações reactivas, que se desenvolvem como defesas contra as pulsões pré-genitais, inauguram a primeira transformação do carácter na primeira latência*" (*op. cit.* p. 280).

Este primeiro tempo da latência, de acordo com B. Bornstein (1951), corresponde a um período de oscilação entre o *processo primário* e *processo secundário*<sup>1</sup>, expressando-se a ambivalência que acompanha os movimentos regressivos na alternância da criança entre comportamentos de rebeldia e de obediência. Esta primeira fase da latência é apresentada, pela autora, como complexa por diversas razões. Por um lado a criança tem que combater ora pulsões genitais, ora pré-genitais. Por outro lado, o seu Super Eu, que ainda lhe é, em parte, exterior, apresenta-se-lhe particularmente severo levando a que "*a criança reaja com uma ambivalência acrescida ao seu tumulto interior (...) esta ambivalência manifesta-se nas dificuldades de comportamento e numa nova formação de sintomas neuróticos*" (Bornstein, 1953, p. 69).

---

<sup>1</sup> - Freud em *A Interpretação do Sonho* (1900) descreve como fenómenos do *processo primário*: a) figuração ou representação alucinatória do desejo; b) a condensação - possibilidade de representar dois objectos diferentes, ou mesmo contraditórios, numa única imagem mental; c) o deslocamento - possibilidade de substituir os objectos do desejo por outros objectos análogos, contemporâneos ou contíguos. O *processo primário* ignora as coordenadas de tempo e espaço (continuidade temporal e contiguidade espacial), assim como as relações de causalidade (causa e efeito). É um pensamento ilógico, que não respeita as regras da lógica nem tem em conta os dados da experiência. Quanto ao *processo secundário*, caracteriza-se, segundo Freud, pela submissão do aparelho psíquico ao princípio da realidade, numa progressiva tomada de consideração dos atrasos e das interposições na satisfação do desejo. Neste sentido, pressupõe um tipo de elaboração mental sustentado em pensamentos intermediários disponíveis, em expressões verbais pré-estabelecidas, em cenários fantasmáticos acessíveis à consciência, permitindo um trabalho associativo que realiza conexões entre as diversas formações inconscientes e pré-conscientes. Organiza a estabilidade das experiências mentais em estreita ligação às operações do pensamento vígil, à atenção, ao juízo crítico e à acção controlada. O processo secundário vai permitir à criança, não só ter em conta a realidade - pensando antes de agir -, mas também resolver falhas e conflitos, elaborando mentalmente antes ou em vez de reagir, processo este facilitado pelo recalçamento e pela sublimação (Freud, 1895-1900).

De acordo com a autora, essa excessiva severidade do Super Eu, nesta fase, promove na criança um sofrimento intenso oriundo, também, de fortes sentimentos de culpa. Para fugir a tal sofrimento a criança tenderia a utilizar a identificação ao agressor e/ou a projecção da culpabilidade. Quanto aos novos sintomas que a fragilidade do Eu promove, face aos conflitos da primeira latência, Bornstein (1951) dá alguns exemplos: "*as fobias dos animais da primeira infância são substituídas por uma nova vaga de angústia de separação e o medo da morte é ocupado pela angústia de castração manifesta (...) o sintoma da insónia aparece com muito mais frequência neste período do que aquilo que geralmente se supõe*" (op. cit. p. 281).

Na *latência tardia* (segunda fase do *período de latência*) as defesas contra as pulsões apresentam-se com maior fiabilidade. O Super Eu encontra-se mais maduro e o Eu mais forte e mais ligado à realidade. Nesta fase, a criança tende a sentir-se em sintonia consigo mesma e com o mundo que a rodeia, numa luta pela estabilidade e pela consolidação das aquisições já conseguidas e que constituem a sua identidade. A partir dos oito anos de idade a criança abre-se à influência das pessoas para além dos pais. Assim, crê menos na onnipotência destes. As defesas encontram-se mais sólidas e a criança retira muitas satisfações da realidade, encontrando-se menos presa ao seu sofrimento.

Os conflitos em torno da masturbação são menos intensos durante a segunda fase da latência. A sua menor manifestação prende-se com o facto da criança ser mais discreta no que se refere à sua vida sexual. Por outro lado, encontra-se melhor armada para gerir os seus conflitos, até porque as emergências sexuais se encontram menos presentes, o Super Eu é menos rígido e a criança está melhor preparada para sublimar o que provém das pulsões pré-genitais.

A propósito de um possível insucesso deste duplo movimento, sublimatório e defensivo, Bornstein (1953) salienta que "*soluções menos eficazes para os conflitos ligados à masturbação na latência implicam um aumento considerável da angústia*" (op. cit. p. 69).

B. Bornstein (1951) considera que a ajuda terapêutica se encontra facilitada na primeira fase do *período de latência*, na medida em que esta contém um intenso conflito ligado às fantasias e actividades masturbatórias, constituindo-se como um tempo de "tempestividade" psíquica em que a criança se encontra claramente preocupada com os seus conflitos internos. Pelo contrário, durante a *latência tardia*, a cristalização das defesas e as formações egossintónicas de carácter contribuem para um tratamento psicológico mais difícil. Aqui, a criança investe mais nos conflitos exteriores, com uma menor consciência do sofrimento, disponibilizando-se menos para ser ajudada.

Relativamente à existência ou não de uma sexualidade durante o *período de latência*, Bornestein (1953) acentua a sua manutenção. Tal como Freud, a autora define a masturbação como manipulações auto-eróticas da zona genital, bem como de outras zonas erógenas. O interdito que ocorre durante o *período de latência* sobre a masturbação genital faz com que a criança recorra a equivalentes masturbatórios, o que está associado a movimentos regressivos a estados pré-genitais.

A conceptualização do *período de latência* proposta por Bornestein mete definitivamente em causa uma das ideias estereotipadas sobre o mesmo: a dessexualização. Ao afirmar a presença de uma sexualidade na latência, incluindo a constatação de capacidade orgástica nas crianças destas idades, lança uma ideia esquecida por muitos dos autores que lhe sucederam, de que a sexualidade é mantida, apesar de assumir a dimensão de uma luta contra a masturbação.

Afirma, assim, uma concepção desidealizada da criança da latência, muitas vezes descrita como "pura" e "casta", excluída da sexualidade humana, para a afirmar como um ser que se debate entre o seu universo pulsional, sempre presente e exigente, e os interditos agora interiorizados<sup>1</sup>.

### 1.3 - SARNOFF: UMA ESTRUTURA PARA A LATÊNCIA

C. Sarnoff, em *A Estrutura do Eu na Latência* (1971), lança uma sistematização teórica sobre o *período de latência*, centrando a sua conceptualização nos mecanismos de defesa do Eu, o que o conduz à noção de uma *estrutura do Eu* específica da latência. De acordo com o autor, a criança negocia o declínio do complexo de Édipo graças a uma combinação de mecanismos de defesa que o seu Eu activa para que a latência se instale e se mantenha.

Sarnoff apoia-se no trabalho de Freud até 1926 para justificar o seu ponto de vista, considerando que uma concepção puramente psicológica da latência, como manifestação de uma função do Eu, se pode formular a partir daí. Neste sentido, corrobora o princípio avançado por Freud em 1911, em *Formulações sobre os Dois Princípios do Funcionamento Mental*, onde a fantasia é apresentada como uma defesa, tanto adaptativa como regressiva, em relação ao fenómeno da latência. No entanto, considera que, com *O Eu e o Id*, de 1923, Freud canaliza o seu interesse para os factores biológicos e filogenéticos para explicar o *período de latência*, remetendo as defesas para um plano secundário. Quanto ao trabalho de Bornstein, Sarnoff

---

<sup>1</sup> - Becker (1974) acrescentou contributos com alguma relevância ao trabalho de Bornstein, essencialmente ao nível da articulação que conceptualiza entre a fragilidade da primeira latência e as suas possíveis consequências no âmbito da psicopatologia do adulto. Tal como Bornstein, a sua abordagem vem destacar a complexidade psíquica inerente ao período de latência, bastante maior do que lhe é habitualmente atribuído.

refere que apesar daquela abordar as modalidades defensivas de um modo diferente do seu, a importância que lhes confere, todavia, vai igualmente no sentido de uma compreensão da latência como produto de funções do Eu.

Sarnoff considera que, na latência, não há uma diminuição biológica das pulsões mas sim novos modos de expressão do movimento pulsional. Diversas modalidades defensivas são activadas e a fantasia oferece novas possibilidades de satisfação. Neste sentido, o autor contextualiza a *estrutura do Eu na latência*: "a) face à problemática edipiana e à genitalidade: a regressão, o investimento da realidade, o recalçamento; b) face à regressão às pulsões sádico-anais: a sublimação, as defesas obsessivo-compulsivas, as formações reactivas, o recalçamento; c) em resposta às emergências conflituais, anais, genitais e edipianas após a instalação da latência: o recalçamento, a fragmentação, o deslocamento, a formação do símbolo, a síntese e elaboração secundária, a formação de fantasias (...) é este terceiro grupo que eu designo por 'a estrutura do Eu' na latência" (Sarnoff, 1971, p. 407).

A *estrutura da latência* permite, no sentido proposto por Sarnoff, que a criança encontre a pacificação pela satisfação obtida no deslocamento associado às produções da fantasia. Na medida em que a satisfação directa é recusada às pulsões, a fantasia constitui-se, de acordo com o autor, como alternativa para a satisfação pulsional: "a predominância da função de criação de fantasias pelo Eu, na presença de um sentido imaturo da realidade, constitui-se como um dos elementos chave da estrutura do Eu na latência" (op. cit. p. 411).

Assim, as fantasias são o produto normal dessa estrutura da latência, na medida em que permitem à criança negociar com os desejos insuportáveis dirigidos aos pais: "Antes da latência, os desejos são claramente expressos. Na adolescência, os objectos de substituição podem ser procurados ou os desejos podem ser submergidos pela regressão. Durante a latência, os desejos encontram normalmente a sua expressão nas fantasias e nos seus derivativos, ou seja, no jogo." (Sarnoff, 1971, p. 404).

É ainda neste contexto que Sarnoff refere: "no período de latência, a formação de fantasias é utilizada como forma de resolver problemas, passando os conflitos a ser representados no plano do pensamento, mais do que na realidade (...) isto poupa à criança um conflito com objectos reais do meio ambiente e diminui o impacto das pulsões, na medida em que a maturação e a sublimação são facilitadas (...)" (op. cit. p. 412).

Todavia, para este autor, a evolução da criança no decurso da latência exerce uma influência sobre essas produções da fantasia. Num primeiro tempo, a criança para se defender dos seus desejos e afectos interditos recorre secundariamente à realidade, privilegiando a via da fantasia. Assim se enquadram as personagens para-humanas que povoam as fantasias, tais como

monstros, espíritos e outras representações bastante desviadas das *imagos* parentais. Num segundo tempo, face a um Super Eu menos severo, a criança pode simbolizar as figuras parentais com representações humanas: as bruxas e os ladrões são disso exemplo e substituem os monstros. Também as imagens que constituem os seus sonhos são mais realistas.

Quanto mais a criança avança na idade e mais se desenvolve intelectualmente e se insere na realidade, menos recorre à fantasmática como defesa. A este processo Sarnoff (1971) refere-se como o "*desvanecimento da estrutura da latência*" (*op. cit.* p. 410), que acabará por se transformar com a chegada da adolescência. Aqui, face à reactivação dos desejos incestuosos, o adolescente irá recorrer a outras formas de defesa para se proteger e as fantasias sofrem uma transformação.

No sentido de completar e aprofundar a sua concepção de uma *estrutura da latência*, Sarnoff, em 1972, estuda o mecanismo da projecção e afirma-o como o motor subjacente aos processos criativos da criança da latência, na sua estrita conexão com o recalçamento, o deslocamento e a formação de símbolos.

Apesar das preocupações conceptuais e de sistematização de Sarnoff, a propósito do *período de latência*, o autor, ao conceber as produções da fantasia como o seu fenómeno central, jamais esclarece, no entanto, o seu estatuto. Trata-se de fantasias/fantasmáticas conscientes ou inconscientes? Trata-se de afirmar a existência dessas fantasias ou de compreender as possibilidades, para a criança, de as expressar? A partir dos seus casos clínicos parece que aquilo a que chama *fantasia* corresponde sobretudo a uma capacidade de construir uma narrativa fantasmática, ou seja elaborar fantasias conscientes e sonhos diurnos.

#### 1.4 - P. DENIS: A LATÊNCIA COMO PERÍODO DE CONTRA-INVESTIMENTO NARCÍSICO

Assumindo uma dupla acepção, defensiva e elaborativa, sobre o *período de latência*, P. Denis (1985) afirma como eixo central da vida emocional da criança desta faixa etária, a perda narcísica fundamental associada à renúncia edipiana. A obrigação da criança em desinvestir os pais de sentimentos edipianos, abre uma falha narcísica ao remetê-la para a sua própria insuficiência. Daqui a mobilização da criança no sentido de instaurar intensos movimentos de contra-investimento narcísico.

Neste sentido, P. Denis (1985) afirma "(a latência) é um período muito intenso de elaboração mental, de enriquecimento das fantasias, na sua articulação com o enriquecimento dos sistemas relacionais (...) constitui-se como uma importante etapa do desenvolvimento, como uma espécie de primeira paleta identificatória sobre as quais se tenderão a fixar as primeiras linhas do desenvolvimento (...) noutros termos, trata-se de um período de elaboração do narcisismo" (op. cit. p. 776).

Para P. Denis (1985), as crianças na idade da latência são muito vulneráveis, precisando de obter da realidade sistemáticas gratificações narcísicas<sup>1</sup>. Para o autor, a criança, ao encontrar-se narcisicamente fragilizada, coloca na relação com os pais expectativas acentuadas de gratificação a este nível. Assim, P. Denis concebe o *período de latência* como correspondente a um tempo de oscilação entre investimento objectal e narcísico, mas com clara pendência para este último.

Impedida de obter satisfações directamente eróticas, a não ser pela masturbação, actividade todavia culpabilizante, a criança sobreinveste então as actividades motoras como compensação, orientando-se consideravelmente para a realidade para dela obter gratificação. Esta é uma das vias que a criança da latência utiliza, segundo P. Denis (1979), para lutar contra a depressão associada à decepção edipiana. No entanto, o autor acentua a dimensão maníaca, defensiva, que essas actividades podem traduzir: "*podem representar uma forma de defesa maníaca pré-estabelecida e visam sobretudo abafar os processos primários e dominá-los, através de associações arbitrárias de ideias, que se constituem como uma espécie de caricatura*" (Denis, 1979, p. 302).

A dura realidade associada à perda implícita à renúncia edipiana, instala na criança da latência, de acordo com Denis (1981), fortes sentimentos de inferioridade e de insuficiência. Neste contexto, a criança experimenta medos, não mais sob a forma de terror, como na primeira infância, mas de um modo secreto, que ela própria teme conhecer. P. Denis, qualifica este tipo de experiência emocional, inspirando-se em Freud, como um sentimento de "*inquietante estranheza*" (op. cit. p. 501). No contexto do declínio edipiano, a criança, entalada entre o medo e o desejo em relação às figuras parentais, vivencia, de acordo com o autor, sentimentos de grande desprazer e desconforto, que se podem traduzir por uma expressão como: "*não gosto de me sentir um outro*" (P. Denis, 1981, p. 503).

---

<sup>1</sup> - Kohut (1971) também se interessou sobre o período de latência, na sua relação com a formação das personalidades narcísicas. Na concepção deste autor, no decurso do desenvolvimento normal, a criança vai-se afastando progressivamente dos pais, que antes se mantinham altamente idealizados - por um Super Eu idealizado - em associação ao seu próprio *self* grandioso, aspectos básicos para a posterior formação do Ideal do Eu. No início da latência uma decepção grave causada pelo objecto edipiano pode conduzir a criança a desinvestir o Super Eu idealizado, iniciando um processo de procura, jamais alcançado, de um objecto externo ideal. A latência trata-se, neste âmbito e segundo Kohut, de um período frágil no plano narcísico, embora essencial no que diz respeito à relação do sujeito com os seus ideais.

Face ao desconforto e inquietação associados a estes sentimentos, também a fantasia, nas suas possibilidades identificatórias, se apresenta como uma via para compensar a impotência sentida: "*a criança procura nas histórias e nos jogos avivar esses afectos de forma a poder dominá-los (...) no decurso das narrativas os afectos de inquietante estranheza experimentados pela criança são transpostos e contidos numa matriz simbólica isolada na realidade exterior e designada como uma história*" (P. Denis, 1981, pp. 508-509).

A concepção de P. Denis sobre o *período de latência* confere particular importância à necessidade que a criança tem em elaborar os sentimentos depressivos decorrentes da renúncia edipiana, o que constitui o cerne da reparação narcísica que ela procura efectuar. De facto, para Denis (1979), a luta da criança da latência não passa pela simples aceitação do abandono dos objectos de desejo, mas sim pela realização de um trabalho de verdadeiro luto, conducente a novas modalidades de relação com os outros e consigo mesma. Este trabalho de elaboração é concebido como fundamental, na medida em que "*as modalidades de renúncia ao projecto edipiano condicionam em grande parte as posteriores modalidades de luto*" (P. Denis, 1979, p. 309).

Resumindo, P. Denis, reconhecendo a dimensão defensiva associada ao *período de latência*, implícita nos processos de formação reactiva, em certas produções da fantasia e na actividade projectiva, procura, contudo, evidenciar a articulação destas modalidades com a dimensão elaborativa (sublimatória) associada aos movimentos de contra-investimento, principalmente os de carácter narcísico.

### 1.5 - ARBISIO-LESOURD: A INSCRIÇÃO DO PERÍODO DE LATÊNCIA NO REAL, NO IMAGINÁRIO E NO SIMBÓLICO

C. Arbisio-Lesourd, considerando que as explicações ligadas ao declínio edipiano e à entrada na latência são, de alguma forma, unívocas e pouco satisfatórias, propõe, em 1997, uma interessante e inovadora abordagem ao *período de latência*. Baseando-se no quadro conceptual lacaniano, particularmente nas dimensões do *real*, do *imaginário* e do *simbólico*<sup>1</sup>, considera que a multiplicidade de causas e de variáveis psicológicas envolvidas nesta fase específica do

---

<sup>1</sup> - Esta autora sustenta a sua concepção sobre o período de latência no pensamento de Lacan, não só no que se refere a estas dimensões propostas pelo autor, mas também em outras concepções, nomeadamente no que diz respeito à *fase do espelho*, ao *desejo* e à *significação do phallus*. Estes conceitos atravessam grande parte da obra de Lacan, podendo ser encontrados, por exemplo, em *La signification du phallus* (1958) e em *Le Séminaire, Livre IV* (1956-1957), obras editadas por Le Seuil, Paris.

desenvolvimento, são passíveis de integração apenas pela tomada de consideração destas categorias.

Partindo da reafirmação de que o declínio do complexo de Édipo resulta para a criança na renúncia aos objectos e desejos edipianos, Arbísio-Lesourd (1997) traduz esta situação da seguinte forma: "*noutros termos, a criança não pode manter a ilusão de continuar a ser o objecto que poderá satisfazer o desejo da mãe (...) o pai, enquanto pai imaginário detentor do segredo do seu desejo, vem interpôr-se*" (op. cit. p. 5). Neste contexto, de acordo com a autora, "*a criança percebe agora que é o pai imaginário que é investido desse poder, é ele quem pode dar resposta ao desejo da mãe*" (op. cit. 123).

Trata-se, então, de uma perda: "*a da ilusão de poder ser o phallus imaginário da mãe, de ser o objecto que a pode preencher*" (op. cit. 122). Apesar desta perda não se inscrever na realidade, não deixa de ser cruel e fonte de sofrimento, traduzindo-se particularmente por momentos depressivos: "*é neste contexto que o declínio edipiano pressupõe uma reelaboração da posição depressiva, pois reactiva as vivências de perdas anteriores.*" (op. cit. p. 123). A criança, ao mesmo tempo que toma consciência da insuficiência do seu corpo imaturo, que faz dela um parceiro inadequado na aventura edipiana - "*a realidade do seu corpo torna-a incapaz de ser um parceiro adequado (...) inscrevendo-a numa imaturidade funcional*" (op. cit. p. 122) -, é submetida à lei simbólica do interdito do incesto.

Segundo Arbísio-Lesourd, a criança, todavia, não entrega tudo nessa perda. Correspondendo a latência, genericamente, ao tempo em que a *ordem simbólica* se impõe ao psiquismo, o que caracteriza este tempo é, de acordo com a autora, uma outra dimensão. Trata-se da mobilização, por parte da criança, do *imaginário*, enquanto registo psíquico protector face à problemática da perda e da castração. Neste âmbito, Arbísio-Lesourd refere: "*a imaturidade da criança protege-a igualmente, permitindo-lhe remeter para mais tarde, para quando for grande, a realização dos seus desejos*" (op. cit. p. 123).

A criança pode, assim, utilizar o real do seu corpo. A sua imaturidade funcional permite-lhe pensar que, se os seus desejos edipianos são irrealizáveis, tal não se deve restringir à interdição, mas essencialmente ao facto de ser muito pequena. Neste contexto, resta-lhe esperar que se torne grande para que os seus desejos se venham a realizar.

A promessa edipiana, ou seja, a convicção de que as suas intenções se concretizarão quando deixar a infância, constitui, neste domínio, "*o organizador do psiquismo durante a latência*" (Arbísio-Lesourd, 1997, p. 123). A partir desta segurança, a criança aceita a perda e inscreve-se no processo de aprendizagem e de socialização, num movimento que a coloca na perspectiva de sair da infância, para entrar numa dimensão cheia de promessas. Assim, o *período de*

latência corresponde, na perspectiva da autora, "a uma articulação específica do real, do simbólico e do imaginário (...) a criança é confrontada com o real do seu corpo imaturo, ao mesmo tempo que se submete à lei simbólica (...) utiliza então a promessa edipiana, isto é, o imaginário, que evita que viva de forma muito cruel e pesadosa a perda que representa o declínio do complexo de Édipo" (op. cit. p. 123).

Enquanto espera por esse amanhã feliz, a criança investe particularmente o imaginário e o ideal, ou seja, toda a imagem que venha contrabalançar a perda sofrida, pelo recurso à fantasia e aos sonhos acordados que constrói, em que se identifica aos heróis vitoriosos. Tudo isto lhe é facultado pelo jogo, enquanto dimensão que lhe permite agir às suas fantasias. Para Arbisio-Lesourd (1997), "as fantasias, enquanto histórias imaginárias que povoam o universo da latência são expressão da fantasmática que assume um lugar preponderante, oferecendo uma satisfação diferida e desfigurada dos desejos; configuram-se nas narrativas fantasmáticas, testemunhas, pela linguagem e pela construção narrativa, da integração do processo secundário" (op. cit. p. 124). No contexto do jogo, o recurso ao corpo e à motricidade, aspectos bastante evidentes nas crianças desta faixa etária, pode ser entendido, de acordo com a autora, como um recurso particular à imagem do corpo: "o investimento da imagem do corpo e o apoio que esta confere à criança representam uma base essencial para a latência" (op. cit. p. 125).

Um outro aspecto salientado por Arbisio-Lesourd (1997) como *indicador da latência*<sup>1</sup> diz respeito ao Eu da criança, que assume, no período de latência, uma posição de destaque devido às identificações e a tudo aquilo que contribui para sustentar o seu sentimento de identidade e o seu narcisismo: "O Eu é também uma imagem, pois constituiu-se no momento do estado do espelho. As identificações secundárias da latência, apoiadas na idealização das imagens parentais, particularmente paternal, vêm reforçar e sustentar essa imagem. Esse sentimento de identidade, composto pelo narcisismo e pelas identificações, não é mais do que uma ilusão: mas a criança da latência é ingênua, apoiando-se na promessa edipiana; os seus movimentos identificatórios são para ela a melhor garantia de vir a obter uma satisfação mais tarde, quando ela for como os seus modelos adultos. O primado do Eu sobre o psiquismo da latência é mais do que um simples título. Atendendo ao seu papel no conflito psíquico, o Eu, enquanto instância imaginária reina sobre o psiquismo da criança." (op. cit. p. 125). Por outro lado, refere a autora, o Eu também assume um substancial protagonismo pela multiplicidade de mecanismos de defesa que mobiliza.

Quanto mais capaz for a criança para desenvolver os seus recursos imaginários, melhor ela pode aceitar e lidar com a perda edipiana. Todavia, o sobreinvestimento da realidade que a

1 - Baseando-se no conceito de *organizador psíquico*, proposto por Spitz (1965), Arbisio-Lesourd propõe os indicadores da latência, para traduzir aspectos característicos do período de latência, constituindo "processos que se desenvolvem ao mesmo tempo, que são intensamente ligados entre si e que participam no mundo psíquico da criança" (op. cit. p. 124).

criança do *período de latência* opera constitui um factor não menos importante, porque complementar, do desenvolvimento psíquico da criança. Esta "realidade" contém, porém, dois registos diferentes. Por um lado, trata-se de "*um sobreinvestimento na realidade externa, como forma de se proteger do mundo interno: constatável no jogo ou nas actividades ligadas ao pensamento, típicas deste período*" (Arbisio-Lesourd, 1997, p. 6). No limite, estes aspectos podem traduzir-se numa modalidade defensiva esmagadora. Por outro lado, segundo a autora, "*o recurso à realidade corresponde também ao encontro com a ordem do simbólico: trata-se, neste âmbito, da submissão ao princípio da realidade, à lei simbólica e ao processo secundário; é neste contexto que o imaginário, determinante na latência, é submetido ao simbólico, aspecto também ele traduzido nas fantasias e no jogo, bem como pelas múltiplas figuras do seu Eu dominador da latência*" (op. cit. pp. 6-7). A regulação desse imaginário passa, particularmente, pela acção do Ideal do Eu e da sublimação, sempre em articulação com a promessa edipiana. Numa dimensão menor, salienta a autora, a inscrição na ordem do simbólico faz-se também pelo sintoma.

Em resumo, Arbisio-Lesourd traz uma importante e rica conceptualização do *período de latência*, ao integrar o que anteriormente foi descrito a este propósito, com as dimensões propostas por Lacan, a saber o *real*, o *imaginário* e o *simbólico*. A respeito do *simbólico*, habitualmente é evidenciado o lugar que ocupa após o complexo de Édipo, no sentido em que a lei simbólica do interdito do incesto é integrada, ou, noutros termos, realiza-se a passagem, na criança, do *processo primário* para o *processo secundário*. O que esta autora acentua passa pela afirmação do real do corpo, que torna a criança fisicamente insuficiente e que a conduz a pensar que a sua exclusão das intenções edipianas está associada a essa imaturidade, o que joga um papel essencial para o surgimento e a manutenção da latência. Por outro lado, Arbisio-Lesourd enfatiza que o conjunto de respostas que a criança organiza para gerir a renúncia edipiana se inscreve sobretudo na ordem do imaginário. Este registo imaginário ocupa, então, um lugar privilegiado na criança do *período de latência*, na medida em que lhe oferece protecção e esperança.

## 1.6 - PSICOPATOLOGIA E PSICOTERAPIA NA LATÊNCIA

A expansão necessária dos mecanismos de defesa durante o *período de latência* reenvia-nos directamente para a questão do normal e do patológico durante esse tempo. O conflito joga-se a partir do Édipo, num cenário psíquico, interno, e é pela activação dos mecanismos de defesa que é gerido. A complexidade das suas actuações e interacções testemunham a dinâmica

transformação do psiquismo da criança. Daqui a dificuldade e o risco de uma classificação nosográfica sustentada nos modelos de referência psiquiátrica.

As modificações subtis, catalisadas por movimentos defensivos, não se operam somente entre a criança e os outros, mas essencialmente nela mesmo e em diferentes momentos. Os mecanismos de defesa são um componente essencial da latência, mas a sua insuficiência ou o seu excesso assinala o sofrimento psíquico e as problemáticas conflituais difíceis traduzem-se por uma particular lentidão defensiva. As crianças psicóticas ou pré-psicóticas encontram-se excluídas do processo da latência, pelo menos na sua maioria. Para elas a estruturação edipiana é insuficiente e não permite a pacificação e o desenvolvimento das defesas que a acompanham, tal como acontece com as crianças carenciadas ou abandonadas.

Em certas crianças, essa ausência de uma organização realmente edipiana resulta numa atitude social de adequação e de reserva (inibição). A isso se refere o *falso self* de Winnicott (1960), ou a *pseudo-latência* descrita por certos autores (Bergeret, 1974; Burgner, 1985). Noutros casos, essa falha no movimento defensivo traduz-se por uma sexualização excessiva, que aparece em particular nas relações que as crianças criam entre si.

O período de latência consubstancia a sua própria patologia. A forma como a latência e as suas defesas participam nessa dupla valência do normal e do patológico, ilustra bem a complexidade do psiquismo infantil. Uma abordagem psicopatológica a este período é, por isso mesmo, arriscada e, provavelmente, redutora. Noutros termos, na latência encontramos uma proximidade estrutural entre a construção psíquica, por um lado, e a perda, por outro. Os mecanismos de defesa do Eu traduzem bem a riqueza e as modulações que constituem o funcionamento psíquico característico da latência, apesar de ser essencialmente pelo seu exagero que se revelam os problemas psicopatológicos (inibição, regressão e obsessionalização).

Uma das contradições da latência prende-se com o facto da sua expressão sintomatológica se processar de forma relativamente discreta, em comparação com o período antecedente e com a adolescência. No entanto, as crianças em idade escolar constituem a maioria dos casos que recorre a consultas psicológicas e/ou pedopsiquiátricas. As queixas centram-se, habitualmente, em questões ligadas à escolaridade, tanto no que se refere a problemas de comportamento e adaptação, como a dificuldades específicas de aprendizagem. O insucesso escolar, não sendo um sintoma em si mesmo, traduz muitas vezes para a criança da latência, um sofrimento psíquico associado. Esse sofrimento pode assumir uma expressão psicopatológica diversa.

Assim, encontramos, por um lado, sintomatologia episódica, fruto de regressões temporárias, muitas vezes reactivas a "agressões" do meio escolar ou familiar, aos quais a criança da latência é particularmente sensível. Neste contexto situam-se sintomas relativamente isolados, como a

enurese e a encoprese. Por outro lado, encontramos, desorganizações psíquicas mais profundas, habitualmente de origem precoce, cuja tendência à instalação continuada no tempo lhes confere gravidade. Aqui, a perturbação das dimensões emocionais e do pensamento podem ter um carácter marcadamente neurótico, depressivo, psicótico ou limite, no caso das patologias do agir.

Considerando que a criança da latência atravessa, face à perda associada ao declínio edipiano, uma acentuada dimensão depressiva, onde a angústia de separação já vivida no passado é reactivada, Arbísio-Lesourd (1997) refere que "*certas inibições, as passagens ao acto, como as fugas, os actos delinquentes ou o suicídio, servem para mascarar uma depressão central: a evolução desta sintomatologia, no sentido da neurotização ou, pelo contrário, no sentido do agir, num funcionamento do tipo psicopático, depende essencialmente das capacidades de elaboração mental*" (op. cit. p. 252).

Como referimos, o período de latência comporta a instauração de mecanismos neuróticos, de cariz defensivo, que facilitam a gestão da angústia. A criança antes da latência apresenta uma sintomatologia rica, mas transitória. Aí trata-se, principalmente, de manifestações fóbicas directamente associadas à *neurose infantil*<sup>1</sup>. À latência, tipicamente, está associada uma expressão sintomatológica essencialmente de tonalidade obsessiva, sobretudo na segunda fase.

De acordo com Lebovici (1980) a neurose da criança da latência é, por excelência, a inibição intelectual. No entanto, esta apresenta-se, normalmente, de uma forma ambígua, compósita e de evolução incerta. Segundo Arbísio-Lesourd (1997), "*é quando a neurose da criança (da latência) se instala, não permitindo a integração da neurose infantil, que os sintomas resistem à acção insuficiente ou ineficaz do Eu*" (op. cit. p. 259).

A autora considera ainda, a propósito do significado do sintoma na latência: "*A questão do sintoma é muito menos essencial na latência do que na primeira infância e na adolescência. O sintoma representa uma inscrição na dimensão simbólica, quando o Ideal do Eu e a sublimação se revelam insuficientes, ou seja quando o processo da latência não se instala plenamente. Quando o processo decorre normalmente, a prevalência do Eu, que desempenha um papel totalitário, coloca a sintomatologia para fora de campo. O silêncio sintomático da latência não permite constatar e prever muitos dos conflitos e problemáticas que aí se encontram contidos, sendo que só mais tarde, na puberdade, se revelam violentamente.*" (Arbísio-Lesourd, 1997, p. 260).

---

<sup>1</sup> - Lebovici (1980) faz equivaler a *neurose infantil* à histeria infantil associada ao complexo de Édipo, nas suas manifestações coléricas e de raiva, e à fragilidade dos deslocamentos fobogénicos, dinâmica natural no desenvolvimento da sexualidade infantil.

A ajuda terapêutica às crianças na idade da latência contém em si mesmo um certo paradoxo. De facto, ajudando uma criança a elaborar os conflitos que entravam o seu desenvolvimento, habitualmente associados ao Édipo e a dificuldades de separação, promove-se indirectamente a instauração da latência e das respectivas defesas, em todo o seu vigor. As defesas mais precoces dão lugar às defesas típicas da latência, passando o Eu a ocupar um lugar dominante. A este propósito, Denis (1979) afirma: "*deste aspecto compósito, simultaneamente defensivo e sublimatório, presente na maior parte das actividades das crianças desta idade, nasce a perplexidade do psicoterapeuta que tem a preocupação de respeitar os movimentos elaborativos espontâneos da criança, de afastar as suas feridas narcísicas, de evitar perturbar a sua alma em vez de a libertar*" (op. cit. p. 310).

A maior parte dos autores são levados a pensar que a análise de crianças no período de latência se resume, em grande parte, aos problemas da análise de carácter. As crianças desta idade, como já percebemos, apresentam essencialmente traços de carácter, mais do que sintomas propriamente ditos. Neste contexto, a intervenção psicoterapêutica debate-se essencialmente com movimentos associados à *formação reactiva*.

Uma das dificuldades mais frequentes no tratamento de crianças da latência prende-se com o material surgido. De facto, a sua dimensão manifesta é manipulada com grande prazer pela criança, pelo jogo ou pelo desenho, mas é radicalmente separada do seu conteúdo latente, da própria vida psíquica, da qual a criança se defende vivamente, face à tendência dominante do recalçamento. É neste sentido que Bornestein (1951) afirma: "*a associação livre é vivida pela criança como uma ameaça particular para a sua organização do Eu*" (op. cit. p. 279).

Klein (1932), em *A Psicanálise de Crianças*, considera que o movimento que a análise pretende induzir opõe-se directamente àquele que caracteriza a própria latência. Para Klein, são vários os factores que justificam esta contrariedade, a saber: "*uma vida imaginativa limitada (...) tendência ao recalçamento (...) fraca capacidade de insight (...) ausência de consciência mórbida (...) atitude geral de reserva e de desconfiança*" (op. cit. p. 78). A autora acentua ainda, neste âmbito, a rigidez defensiva e a resistência a qualquer contacto com a vida pulsional ligada à sexualidade.

Neste contexto, a dificuldade em estabelecer contacto com a criança da latência levou a que muitos analistas de crianças procurassem soluções técnicas para esta questão. A. Freud (1951) propõe uma *fase preparatória* à análise propriamente dita, durante a qual, na ausência de interpretações, o terapeuta tenta estabelecer com a criança uma relação positiva e uma certa cumplicidade.

Winnicott (1971b), por sua vez, com o *squiggle game*, pretende criar um espaço de comunicação e de troca, num registo facilitador da expressão emocional da criança. Por esta via, em associação à formação do terapeuta e à sua capacidade de *holding*, é possível captar e compreender os movimentos defensivos, não apenas através das suas consequências expressas comportamentalmente, mas pela vivência no *aqui e agora* da relação mediada pelo jogo.

Quanto a M. Klein (1932), a autora considera que é pela interpretação certa, dirigida ao mundo interno, principalmente às angústias e fantasias inconscientes subjacentes ao material manifesto, que a criança da latência, tal como a da primeira infância e a da puberdade, se sente compreendida, sendo por aqui que se abre o caminho para o seu envolvimento no processo terapêutico<sup>1</sup>. Esta adesão, por parte da criança, pode surgir em momentos diferentes. Pode ocorrer rapidamente, desde que a criança dirija ao analista o seu desejo de saber, sobre si, sobre o seu sofrimento.

O fenómeno de encontro entre a criança e o adulto é frequentemente referido na literatura psicanalítica como *estabelecer um contacto*, ou *entrar em contacto*. Denis (1979) propõe o termo *contacto identificatório* para esta situação, conferindo-lhe particular importância no caso do encontro com a criança da latência. Assim, este termo traduz "*um fenómeno de identificação recíproca desencadeado pela capacidade do adulto em identificar-se à criança (...) num dado momento a criança percebe que aquele adulto que tem em frente foi também ele uma criança, trata-se de alguém cuja natureza não é radicalmente diferente da sua e por isso uma identificação recíproca é possível*" (op. cit. p. 316).

As divergências técnicas e conceptuais a propósito da intervenção psicoterapêutica com as crianças da latência - como criar um campo de compreensão e comunicação intersubjectivo - demonstram a ausência de um método de valor absoluto para estes casos. No entanto, é afirmado pela maioria dos autores que a psicoterapia actua, em termos da dinâmica psíquica, num sentido bem diferente da do adulto<sup>2</sup>. Arbisio-Lesourd (1997), considerando que na análise

---

<sup>1</sup> - Klein tomou plenamente possível uma efectiva análise infantil, isenta de qualquer intenção pedagógica - tal como propunha A. Freud - graças à genial introdução do material do jogo e à igualmente genial intuição da contínua *actividade de personificação* (Klein, 1929) desenvolvida pela criança, com o uso dos brinquedos durante a sessão, actividade equivalente à associação livre. Klein, ouvindo as crianças, tomou consciência da extrema importância que para elas têm os "espaços" no interior do corpo, seja o corpo da mãe, seja o seu próprio corpo, numa articulação complexa entre representações objectais e fantasias associadas. De acordo com Meltzer (1978), esta concepção, revolucionária, permite conceber uma *geografia da mente*, que se torna assim um "lugar" onde existem presenças e acontecem factos. Para este autor, é pelo uso de uma imaginação predominantemente visual que se forma um modelo "teatral" da mente, descritivo dos fenómenos que tomam lugar nos espaços internos. Daqui, a modificação conceptual e clínica em relação ao modelo reconstutivo freudiano.

<sup>2</sup> - Referimos, neste domínio, apenas alguns dos principais autores que se debruçaram especificamente sobre a intervenção psicoterapêutica com crianças do período de latência, não nos cabendo aqui qualquer espaço para discussão dos modelos conceptuais que deram origem a vértices de escuta e compreensão distintos, na psicanálise em geral, e infantil em particular. De facto, novas perspectivas têm vindo a ser desenvolvidas no que se refere à aplicabilidade de outros modelos, para além dos derivados de Freud e Klein, na técnica da análise infantil, nomeadamente a partir de Bion. Não se tendo debruçado especificamente sobre a intervenção nas crianças da latência, as concepções de Bion levaram vários autores a sistematizar um modelo de compreensão e actuação

do adulto se pretende meter em evidência o material recalcado, em que o terapeuta se alia às forças pulsionais que lutam para ultrapassar a barreira do recalçamento, remete a intervenção psicoterapêutica na latência para uma orientação precisamente inversa: "*a análise, ao permitir uma nova distribuição das forças pulsionais ligadas à problemática edipiana, vai promover a instauração da latência, ou seja, o recalçamento, a prevalência do Eu e do imaginário (...) por esta via, a dimensão simbólica, através do processo secundário, das sublimações e do Ideal do Eu, assume o seu lugar*" (op. cit. p. 271).

### 1.7 - LATÊNCIA: PROCESSO DE EXPANSÃO EM CONTINUUM DESENVOLVIMENTAL

Apesar da diversidade conceptual apresentada sobre o *período de latência*, a ideia de um *continuum* desenvolvimental atravessa as várias propostas. De facto, partindo da constatação original de Freud de que a latência resulta do declínio do complexo de Édipo, as várias perspectivas sobre a questão apontam no sentido de uma dissolução não equacionada sobre forma de crise, ou de corte abrupto do desenvolvimento, com o conseqüente recalçamento da sexualidade da criança. A latência é, em termos gerais, apresentada como um processo de progressiva e complexa elaboração, de origem e término indeterminados.

Enquanto Klein (1928; 1945), por um lado, remete o complexo de Édipo, quanto à sua origem, para fases bem precoces (pré-genitais - *Édipo precoce*) do desenvolvimento<sup>1</sup>, outros autores, por outro lado, apontam para uma impossibilidade quanto à sua completa abolição. Loewald (1979) considera que o complexo de Édipo "*repetidamente requer recalçamento, internalização, transformação, sublimação e formas diversas de elaboração, ao longo de toda a vida*" (op. cit. p. 386). Sublinha também que é durante a latência que se criam os "pilares" para a progressiva estabilização dessas formas de elaboração. Burgner (1985) reforça a perspectiva anterior,

---

psicoterapêutica com crianças, dos quais destacamos A. Ferro (1995), autor para quem, todavia, pouca ou nenhuma distinção deve ser feita entre a análise de adultos e de crianças.

<sup>1</sup> - A definição dada por Klein (1935) sobre a *posição depressiva* contém, implicitamente, a ideia de que o complexo de Édipo inicia o seu desenvolvimento a partir desta fase. Sendo a mãe percebida como objecto total, opera-se uma radical mudança na percepção que o bebé passa a ter do mundo. Assim, passa a reconhecer as pessoas como seres individuais e separados de si, com relações entre eles. O bebé apercebe-se particularmente do vínculo existente entre o pai e a mãe, preparando-se assim o terreno para o conflito edipiano. As características pré-genitais do complexo de Édipo, caracterizam-se pelo facto do bebé perceber os pais em função das suas próprias projecções, originando em si sentimentos intensos de privação, ciúme e inveja, uma vez que os pais são imaginados como dando um ao outro todas as gratificações que o bebé deseja para si próprio. Muitas vezes estes sentimentos são acompanhados de fantasias inconscientes onipotentes (destrutivas), fazendo com que a criança perceba os pais, por identificação projectiva, como *figura combinada persecutória*, i.e., onde mãe e pai não estão diferenciados, onde o pénis ou o pai são fantasiados como fazendo parte da mãe. Será a elaboração iniciada com a *posição depressiva* que promoverá na criança, a partir da introjecção dos pais como bons objectos, a progressiva aceitação da sua relação, sexualizada e procriativa, com a conseqüente renúncia aos intuídos sexuais a eles dirigidos (Segal, 1973). Processo este, iniciado nos primórdios da vida, representando o seu término uma questão bastante discutida e de não menos interesse.

defendendo uma gradual, talvez interminável, resolução do complexo de Édipo, bem como um contínuo processo - pré e pós-edipiano - de desenvolvimento na formação do Super Eu.

A proposta de Klein (1935, 1952) do conceito de *posições (depressiva e esquizo-paranóide)*, permite enquadrar a latência no "trabalho" relativo à *posição depressiva*, enquanto catalisadora do amadurecimento do Super Eu, do progressivo fortalecimento do Eu e de uma melhor adaptação às realidades interna e externa. Neste contexto, Klein (1952) salienta a importância da latência enquanto processo gradual de *working through* e modificação das angústias *paranóide* e *depressiva* da infância precoce. Resume da seguinte forma as alterações características deste período: "*A relação com os pais torna-se mais segura; a representação interna das figuras parentais aproxima-se dos pais reais; os seus padrões, as suas advertências e proibições são aceites e introjectadas, tornando-se assim mais eficaz o recalçamento dos desejos/pulsões edipianos (...) Tudo isto representa o auge do desenvolvimento do Super Eu, como resultado de um processo que decorre desde o 1º ano de vida.*" (op. cit. p. 112).

As diversas perspectivas propostas para o *período de latência* permitem-nos concluir que se trata de um período extremamente dinâmico, com características próprias, cuja abordagem deve ser feita numa perspectiva integrada em termos desenvolvimentais/evolutivos. Com efeito, durante este tempo é possível avaliar na criança a dinâmica do desenvolvimento das fases precedentes e prever, de certo modo, a evolução posterior. A conceptualização tradicional de que neste período predomina a dimensão epistemofílica, ou seja, a procura de conhecimento, não invalida, como já referimos, que os elementos libidinosos e agressivos estejam operantes, sobretudo em termos de fantasias agora com diferentes e melhores meios de expressão. Com efeito, nesta altura do desenvolvimento a criança procura activamente o exterior, mas também compreender e elaborar os factos relativos ao seu mundo interno, muitos deles permanecendo como estranhos a si própria. Enquadramo-nos, assim, como muitos autores, numa perspectiva mais *elaborativa* do que *defensiva* do *período de latência*.

M. Manães (1971), põe em causa a rigidez e intensidade normalmente atribuída à *amnésia infantil*, organizada na latência, considerando que, durante este período, o regresso do que vai sendo recalçado e do que já o foi nos estádios mais precoces, surge como factor natural e necessário para a elaboração do material infantil. Neste contexto, aponta para uma repetição, na latência, dos movimentos precoces do desenvolvimento da criança. Com efeito, na latência, o material recalçado pode apresentar-se, graças ao desenvolvimento da actividade simbólica, sob formas mais elaboradas. A criança detém agora melhores meios de exteriorização das fantasias inconscientes, principalmente, como vimos, pela expansão e adequação do imaginário à dimensão simbólica (processos narrativos e linguagem) que a reconduzem ao real. Esta expressão do mundo interno, com toda a gama de fantasias da infância precoce, está bem

patente nos jogos em que se envolvem as crianças na latência, bem como na dinâmica imprimida ao simbolismo das histórias infantis.

A latência introduz, neste contexto, um tempo de elaboração dos processos de desenvolvimento psico-afectivo anteriores, em cima duma maturidade já alcançada, principalmente no que se refere às vivências mais precoces (angústias de carácter primário) e às do passado próximo ligadas ao contexto edipiano (angústia de castração, perda do amor dos pais, etc.)<sup>1</sup>.

Por outro lado, a organização da relação da criança com a realidade, no sentido do reforço da socialização, é facilitada a partir da activação de processos de *clivagem* e de *identificação projectiva*. Aqui, não no âmbito do carácter defensivo primário, ao serviço da divisão e expulsão de partes "insuportáveis" ao *self* (angústias, emoções, objectos internos ...), mas sim na sua dimensão construtiva e comunicativa.

Neste sentido, esses mecanismos conduzem à projecção do *id* (pulsões sexuais e agressivas) no grupo de pares e à projecção do Super Eu nos adultos. É neste contexto que Amaral Dias (1988) afirma: "*(...) a latência desenvolve a aptidão para o grupo como forma intermediária da criança desinvestir o grupo familiar, mas ainda em presença deste (...) por isso mesmo ela é um período de extrema dissociação, entre géneros sexuais, entre grupos e até (e sobretudo) de formas de pensar (...) a sua rigidez, necessária às projecções-prospecções identificatórias, nos iguais e nos adultos, permite à criança ensaiar diferentes partes de si, no "como se" tão próprio da latência*" (op. cit. p. 207).

Assim, a criança cria a diferenciação entre "grandes" e "pequenos", entre "bons" e "maus", entre homens e mulheres, reforçando a resolução edipiana cuja essência passa pela interiorização da diferença entre sexos e entre gerações: "*o masculino e o feminino não aparecem mais como consequências biológicas, mas como percepções/apropriações, por identificação projectiva, do casal parental que também é por isso um casal parental interno*" (Amaral Dias, 1995, p. 100). A partir desta matriz simbólica a criança vai estabelecendo um "*sistema moral que é altamente dependente da necessidade de adaptar-se ao sistema social da escola e do mundo adulto em geral, e ao mesmo tempo proteger as relações de ternura com os pais dos conflitos sexuais e agressivos da dinâmica edipiana*" (Kernberg, 1995, p. 157).

Neste âmbito a curiosidade descentra-se de si própria e dos pais, alargando-se ao exterior, ultrapassando os limites das relações mais próximas. Assim, surge o interesse pelos outros, para além dos pais, num viver relacional marcado pela expressão dos afectos em termos de

---

<sup>1</sup> - É nesta perspectiva de uma elaboração contínua que Celeste Malpique (1986) sustenta a sua proposta de uma *segunda latência* coincidente com o período da juventude e que corresponderia a uma *reestruturação pós-crítica da adolescência*, assim como o período de latência corresponde a uma *reestruturação pós-edipiana*" (op. cit. p. 90).

ternura e carinho, afastado do carácter sexualizado que mobilizava a curiosidade da criança anteriormente. A sedução pela beleza e o funcionamento do mundo marcam um novo *impacto estético* (no sentido de Meltzer, 1988) na criança, reforçando a crescente curiosidade e desejo de exploração.

Todavia, como refere Coimbra de Matos (1993), a entrada na latência só se faz se a criança se encontrar suficientemente satisfeita quanto à curiosidade sexual infantil, que a ocupou durante o tempo anterior. Esse outro tempo de conhecimento quanto ao nascimento, fecundação, cópula e gestação, em que a criança quer, essencialmente, saber de si. Satisfeitas as necessidades de saber e de auto-composição da imagem, a criança ruma em direcção a novos conhecimentos: "*não é a latência que não se estabelece, por falência do recalçamento; mas a evolução seguinte que não se processa, porque falhou a anterior (...) e o resultado é, entre outros, a permanência - agora anormal porque extemporânea - de pensamentos, fantasias, dúvidas e conflitos acerca da sexualidade, assim como de uma imaturidade afectiva e relacional*" (op. cit. p. 9).

No seu percurso de abertura ao mundo, a criança da latência vai adquirindo, também, novas competências intelectuais, potenciando o juízo crítico, a capacidade perceptiva, o raciocínio lógico, num processo de crescentes possibilidades de perceber e interagir com a realidade<sup>1</sup>. De facto, o crescente predomínio dos fenómenos mentais ligados ao *processo secundário*, com destaque para o pensamento lógico, viabiliza à criança uma significativa melhoria nas capacidades de juízo crítico em relação aos dados da vida exterior, bem como de si própria e dos outros. O prazer inerente à nova curiosidade da criança, que a lança para o tecido exterior, facilita e reforça o processo de autonomização em relação às figuras parentais, permitindo, com baixos custos afectivos, a separação inerente à entrada na escola.

A latência corresponde ao período em que a criança se lança no mundo, na "realidade", numa multiplicidade enorme de novas experiências, conflituais ou não. As suas mais valias quanto às capacidades de estabelecer vínculos afectivos e simbólicos, a par do seu investimento no imaginário, promovem o processo de crescente reforço da sua identidade sexual e de povoamento do seu mundo emocional/interno, numa vivência fascinante de intensa expansão mental.

---

<sup>1</sup> - A latência corresponde ao período das *operações concretas* (Piaget, 1954), dimensão do desenvolvimento cognitivo em que a criança se encontra, progressivamente, capaz de racionalizar as coisas, nomeá-las e estabelecer categorias e relações entre as mesmas.

# 2

---

## GRUPOS: ABORDAGEM TEÓRICA E PSICOTERAPÊUTICA - ÊNFASE NA PERSPECTIVA PSICANALÍTICA

### 2.1 - CONTEXTO TEÓRICO GENÉRICO

Os fenómenos associados à dimensão emocional e comportamental dos grupos despertaram, desde a antiguidade, o interesse de vários investigadores. Encontramos, desde logo, na *República* de Platão e na *Política* de Aristóteles uma preocupação na interpretação dos fenómenos colectivos, quanto às suas estruturas e transformações. No entanto, é com o advento das ciências humanas e sociais, essencialmente, a partir do séc. XX, que um conhecimento sistematizado sobre o assunto ganha corpo e consistência. O próprio conceito de *grupo* tem sofrido alterações ao longo do tempo, face à ambiguidade que comporta. Com efeito, não basta constatar que os fenómenos de grupo se distinguem dos fenómenos psíquicos individuais, uma vez que se reportam a uma pluralidade ou a um aglomerado de indivíduos. Por outro lado, os fenómenos de grupo são diferentes dos fenómenos sociais, na medida em que os primeiros exigem uma co-presença. No entanto, os sociólogos utilizam o termo *grupo* para se referirem a *grupos sociais*, ou *grupos sócio-económicos*.

Procurando especificar o conceito, Anzieu & Martin (1994) propõem que a utilização científica do termo *grupo* traduza "*um conjunto de pessoas reunidas ou que podem e querem reunir-se*" (*op. cit.* p. 29). Para esta definição partem do pressuposto de que "*os fenómenos de grupo só se manifestam plenamente a partir de quatro membros, número a partir do qual o número de relações/combináveis possíveis, dois a dois, ultrapassa o número de membros*" (*op. cit.* p. 29). Neste contexto, os mesmos autores, considerando que uma reunião ou um grupo de indivíduos pode assumir uma grande diversidade de formas e contextos, avançam com uma categorização onde distinguem, em função de critérios quantitativos, fenomenológicos e

estruturais, cinco tipos de grupos: a *multidão*, o *bando*, o *agrupamento*, o *grupo primário/restrito* e o *grupo secundário/organização*<sup>1</sup>.

Várias perspectivas teóricas orientaram e consolidaram o estudo dos grupos, no âmbito dos fenómenos psíquicos, relacionais e de conduta que comportam. Das abordagens efectuadas nasceram quadros conceptuais e métodos específicos de análise/investigação e intervenção grupal. Entre as abordagens mais importantes destacam-se: a *sociometria* de Moreno (1934), a *dinâmica de grupo* de K. Lewin (1951), a abordagem *não directiva* de Rogers<sup>2</sup> (1961, 1970), a abordagem *cognitivista* (Festinger, 1957; Doise, 1976; Flament, 1965) e a abordagem *psicanalítica*, que iremos desenvolver no que se refere às suas principais contribuições.

A multiplicidade de quadros teóricos aplicados ao estudo dos processos grupais, levou a uma sistematização quanto aos respectivos métodos e objectos de investigação: método clínico, método experimental, observação participante, questionário socio-métrico, grupos naturais e artificiais. Também uma grande variedade de fenómenos grupais têm sido estudados: os processos de formação de relações de poder, como a liderança; os processos de comunicação; a interacção; a afectividade; e toda uma série de aspectos ligados à vida inconsciente dos grupos, na sua dimensão fantasmática, defensiva e elaborativa. Quanto aos domínios de aplicação, também aqui a variedade é significativa, destacando-se o meio profissional (grupos de negociação, formação de adultos, análise transaccional) e as psicoterapias de grupo (socioterapia, grupanálise, terapia familiar, psicoterapia analítica de grupo, grupoterapias para populações específicas, etc.)<sup>3</sup>.

A psicanálise, enquanto quadro conceptual e método de observação, compreensão e intervenção psicológica, consubstanciou um modelo próprio de abordagem aos grupos. Inicialmente com Freud, que dedicou trabalhos especificamente dirigidos aos fenómenos grupais, a psicanálise desenvolveu de forma gigantesca o âmbito da teoria e da prática grupal, nomeadamente, entre outros, através das correntes kleiniana (principalmente através de Bion), e da escola francesa (com Anzieu, Kaës, Béjarano e Missenard).

A abordagem psicanalítica aos grupos, dentro da sua vasta diversidade, tem vindo a desenvolver-se em paralelo com os progressos teóricos do próprio quadro conceptual

---

<sup>1</sup> - O âmbito do nosso trabalho insere-se na categoria de *grupo restrito*, cujas principais características são, de acordo com Anzieu & Martin (1994): "número restrito de membros, de forma que cada um possa ter uma percepção individualizada de cada um dos outros (...) com comunhão activa de objectivos (...) onde as relações afectivas possam tornar-se intensas entre os membros (...) com diferenciação de papéis entre os membros (...) com normas, crenças signos e rituais próprios do grupo (...)" (op. cit. pp. 36-37).

<sup>2</sup> - Em França, em 1965, Max Pagés dedicou uma obra importante - *L'Orientation Non Directive en Psychothérapie et en Psychologie Sociale* - à difusão do não-directivismo rogeriano e, em 1968, desenvolveu a sua aplicação teórica e prática aos grupos com *La Vie Affective des Groupes - esquisse d'une théorie de la relation humaine*.

<sup>3</sup> - Estes aspectos encontram-se amplamente desenvolvidos na obra de Anzieu & Martin - *La Dynamique des Groupes Restreints* - de 1994 (10ª edição corrigida).

psicanalítico geral. Neste sentido, actualmente, essa abordagem pode conter todas as dimensões teóricas classicamente atribuídas à psicanálise.

Como é sobejamente conhecido, a psicanálise surgiu pela intenção de Freud em construir uma *metapsicologia*, centrando-se a sua investigação em alguns aspectos considerados ainda actualmente como nucleares em toda a teorização psicanalítica. O *complexo de Édipo*, particularmente, definiu o campo, tornando-se o paradigma da investigação dos processos inconscientes. De uma visão predominantemente intrapsíquica, o campo de conceptualização e investigação psicanalítica tem vindo a crescer, incorporando hoje uma teoria do desenvolvimento alargada nos seus objectivos, constituindo uma psicologia geral. A psicanálise explora, nos dias de hoje, não só os aspectos idiossincráticos e patológicos, mas também os factores adaptativos da vida humana.

Com efeito, numa extensão alargada e aprofundada da vida mental, que inclui a sua relação com o meio (com a realidade externa), a psicanálise actual abarca níveis conceptuais corporizadas em várias dimensões, para além da metapsicologia freudiana, nomeadamente a *teoria das relações de objecto*, a *psicologia do Eu*, a *psicologia do self*, e até uma *metapsicanálise*.

Tais variações são originadas tanto por circunstâncias históricas como por diferentes atribuições conceptuais. A *teoria das relações de objecto*<sup>1</sup> teve a sua origem em Inglaterra com o trabalho de M. Klein (sendo expandida por vários autores, dos quais salientamos Bion, Winnicott, Fairbairn, Guntrip e Balint), enquanto a *psicologia do Eu* foi criada por H. Hartmann nos Estados Unidos da América. A *psicologia do self*, proposta por H. Kohut, atribui funções ao *self*, afirmando-o como constituinte básico do aparelho psíquico, funções essas imputadas às instâncias *id*, *Eu* e *Super Eu* no modelo estrutural-pulsional clássico. Com Kohut o alcance teórico do conceito de *self* difere do papel que lhe é atribuído no trabalho de Hartmann: "*O self não é mais uma representação, um produto da actividade do Eu, mas é, ele mesmo, o agente activo. Esta formulação confere ao self um peso teórico significativamente superior ao dos modelos anteriores.*" (Greenberg & Mitchell, 1994, p. 264).

---

<sup>1</sup> - A abordagem ao corpo teórico vulgarmente designado por *teoria das relações de objecto* encontra desde logo um entrave provocado pela ambiguidade do próprio termo. Com efeito, o termo tem sido aplicado com várias conotações e em contextos diversos. Ultimamente, o termo tem sido utilizado num sentido bastante amplo, embora haja autores que condenam tal utilização, nomeadamente Lichtheim (1979), argumentando que essa amplitude destitui o termo de toda a sua especificidade de significado, obscurecendo-se, assim, áreas importantes de divergência teórica. Seguimos, na nossa abordagem, a definição genérica proposta por Greenberg & Mitchell (1994): "*o termo 'teoria das relações de objecto', no seu sentido mais amplo, refere-se a tentativas, dentro da psicanálise, (...) de confrontar a observação potencialmente confusa de que pessoas vivem simultaneamente num mundo externo e num interno, e que a relação entre ambos varia da mistura mais fluída até à separação mais rígida (...) o termo, assim, designa teorias, ou aspectos de teorias, relacionadas com a exploração do relacionamento entre pessoas reais externas e imagens e resíduos internos relacionados com elas e o significado de tais resíduos para o funcionamento psíquico*" (op. cit. p. 7).

Qualquer uma das dimensões teóricas referidas, ou até a sua totalidade, é passível de aplicação ao estudo dos grupos, tanto ao nível da leitura meramente teórica dos mesmos - na interpretação dos seus fenómenos -, como na sustentação conceptual de uma técnica de intervenção grupal. No entanto, a *metapsicologia* e a *teoria das relações de objecto* são as dimensões conceptuais que, de forma significativa, compõem a maioria das abordagens de orientação psicanalítica aos grupos.

Uma vez que o nosso trabalho assume claramente, do ponto de vista do seu enquadramento teórico e técnico, uma perspectiva psicanalítica, passamos de seguida a apresentar, de forma mais desenvolvida, as contribuições da psicanálise que nos parecem mais significativas para a compreensão dos fenómenos grupais e suas implicações práticas.

## 2.2 - PRINCIPAIS CONTRIBUIÇÕES DA PSICANÁLISE

### 2.2.1 - Freud: o estudo dos grupos e implicações decorrentes na teorização do aparelho psíquico individual

Fundador do quadro conceptual psicanalítico, Freud começou por desenvolver o seu trabalho de investigação debruçando-se sobre o aparelho psíquico individual. No entanto, três factores conduziram-no a interessar-se pelo papel do inconsciente na vida colectiva: os trabalhos dos sociólogos da sua época sobre os fenómenos totémicos, a *horda primitiva* e os fenómenos das multidões (massas)<sup>1</sup>. Para além da sua "incontida" curiosidade científica, o interesse de Freud sobre as actuações colectivas também sofre a influência da sua própria experiência de vida em grupos de trabalho e dos conflitos aí surgidos entre os seus discípulos e a comunidade científica de que fazia parte, bem como das recordações ligadas ao seu grupo familiar estudadas durante o seu processo de auto-análise.

Em *Totem e Tabu* (1913), Freud expande as descobertas já contidas em *A Interpretação do Sonho* (1900), afirmando a importância do *complexo de Édipo* não apenas no conflito neurótico individual, mas também como ponto de sustentação básico sobre o qual se edifica toda a educação e cultura. Para Freud (1913), as duas normas proibitivas dos desejos

---

<sup>1</sup> - Um dos trabalhos que maior interesse suscitou em Freud, a propósito dos fenómenos grupais/colectivos, foi *A Psicologia das Massas*, publicado em 1895 por Le Bon. Nesta obra o autor propõe o conceito de *unidade mental das multidões*, pretendendo traduzir a vida mental das multidões como consequência do contágio de sentimentos, a partir de um processo de sugestionabilidade. Le Bon é o primeiro autor a reconhecer, de facto, a existência de fenómenos afectivos colectivos, inconscientes, nos quais todos os membros estão implicados.

subjacentes (proibição do parricídio e do incesto) têm a sua equivalência e origem nos "dois tabus do totemismo com que a moralidade humana teve o seu começo" (op. cit. p. 147).

Freud baseia esta sua constatação na análise do *mito da horda primitiva*<sup>1</sup>, enquanto processo fantasmático fundamental que atravessa a estruturação dos movimentos relativos tanto a grupos restritos como às colectividades mais alargadas. A sua teoria da horda primitiva, inspirada em diversos trabalhos antropológicos e enunciada pela primeira vez em *Totem e Tabu* (1913) e retomada em *Psicologia das Massas e Análise do Eu* (1921), pretende explicar como o processo de diferenciação da família por um lado, e da sociedade por outro, se sustentou numa realidade grupal primária, o clã.

Na continuidade das ideias lançadas em *Totem e Tabu* (1913), Freud (1921), em *Psicologia das Massas e Análise do Eu*, faz ecoar, a partir das evidências da experiência psicanalítica, a "relação que existe entre o ardil pelo qual um grupo artificial se mantém unido e a constituição da horda primitiva" (op. cit. p. 135). Neste contexto, acentua: a ambivalência de sentimentos sentidos pelas crianças em relação à figura paterna, bem como dos subordinados face ao detentor da autoridade; a idealização do pai morto, divinizado ou tornado objecto de culto; o protótipo de um ideal de sociedade democrática, onde todos os homens, filhos de um pai simbólico - legislador - seriam irmãos e iguais, fomentando a justiça e o respeito entre todos; a eficácia de uma morte aplicada em conjunto como forma de reforço da coesão grupal; a teia comum de intenções que atenua os sentimentos individuais de culpabilidade, em que a identificação de cada um ao personagem assim comemorado permite encarnar a unidade de acção grupal (Freud, 1921).

O mito criado por Freud tenta fundamentar a organização de pessoas em grupos e/ou em comunidades alargadas a partir de uma força de autoridade de tipo patriarcal, uma *imagem* paternal sempre psicologicamente presente como força legisladora e orientadora. Segundo o autor, a multidão sustenta-se pela ressurreição da horda primitiva: "*do mesmo modo como o homem primitivo sobrevive potencialmente em cada indivíduo, a horda primitiva pode mais uma vez surgir de qualquer reunião fortuita; na medida em que os homens se acham*

---

1 - Reza o mito freudiano que uma horda primitiva era dominada por um pai de família, tirano e violento, que se apropriava das mulheres de maneira exclusiva e expulsava os filhos, logo que cresciam, procurando evitar que violassem o seu direito de propriedade. Em consequência, os irmãos expulsos revoltam-se e, unidos, matam o pai e, em forte cumplicidade, onde nenhum elemento isolado se diferencia, realizam um festim em que o morto é comido. Tal comunhão totémica consubstancia o modelo de identificação primitiva em que, pela incorporação da força e poder do pai, funda a culpabilidade dos filhos materializando a identificação de cada um ao antepassado invejado e temido. Por esta via da idealização se simboliza a igualdade e solidariedade de todos e a sua identificação mútua, fundamentando-se a sociedade nova que assentará em dois tabus: renunciar a matar e comer o animal totémico (substituto do pai morto idealizado) e renunciar a ter relações sexuais com as mulheres ou as filhas do pai, suas parentes (percursores do interdito do incesto e do princípio da exogamia). O amor fraternal podia então tomar o lugar dos ciúmes primitivos que existiam entre os irmãos (Freud 1913, 1921).

*habitualmente sob a influência da formação de grupo, reconhecemos nela a sobrevivência da horda primitiva" (Freud, 1921, p.134).*

Assim, para o autor, a interdição do incesto constitui-se como lei reguladora das relações entre os sexos e as gerações, fundando a vida social. A morte colectiva do pai, tida como real na sua origem mitológica, torna-se simbólica aos membros de uma comunidade, permitindo a sua idealização e a vivência de sentimentos de amor/ódio. A incorporação da sua imagem consubstancia a assunção de uma lei comum que preserva e defende a vida em grupo contra as ameaças provocadas pelas diferenças criadoras de heterogeneidade.

Na evolução do pensamento de Freud, *Totem e Tabu* (1913) representa um papel decisivo ao antecipar o conceito de Super Eu, instância psíquica que viria a constituir-se como um elemento essencial na *segunda tópica*, tomando o lugar dos dois factores de censura afirmados na *primeira tópica* (entre o inconsciente e o pré-consciente e entre este e o consciente). Por outro lado, é em *Psicologia das Massas e Análise do Eu* (1921) que Freud delinea a *segunda tópica*, a partir da qual concebe o aparelho psíquico como estrutura constituída por três instâncias: *Id*, *Eu* e *Super Eu*.

O modelo agora proposto afasta-se do aparelho psíquico que concebeu em 1900, dominado por uma visão fisicista do mundo mental. Esta nova representação do aparelho psíquico é influenciada, com efeito, pelo estudo da vida dos grupos, com os seus sub-grupos, os líderes, as afinidades e alianças, os conflitos internos e a tensão entre os seus membros, etc.. O funcionamento mental não é agora concebido como entidade unívoca, mas sim como um teatro interior preenchido por personagens representantes de pulsões, de afectos e de mecanismos de defesa, bem como imagens interiorizadas dos pais, educadores e figuras significativas da vida do sujeito.

Como referem Laplanche & Pontalis (1967), em relação à nova tópica: "*até na escolha dos termos que designam as instâncias vemos que o modelo já se não foi buscar às ciências físicas, mas é completamente marcado pelo antropomorfismo: o campo intrasubjectivo tende a ser concebido segundo o modelo de relações intersubjectivas, os sistemas são representados como pessoas relativamente autónomas na pessoa" (op. cit. p. 434).* Traçava-se, neste contexto, o esboço conceptual do mundo objectal interno, posteriormente desenvolvido a partir de M. Klein, para quem a dinâmica relacional entre as personagens internas é concebida como constituinte do mundo fantasmático inconsciente, que o sujeito projecta na realidade externa com a qual se relaciona.

Em última análise, está contido na conceptualização freudiana do aparelho psíquico individual que a sua formação resulta, pelo menos em parte, da interiorização da vida grupal onde o

sujeito realiza as suas principais experiências de vida, sendo a família o núcleo grupal fundamental deste processo. Segundo Freud (1921, 1923) os principais sub-sistemas psíquicos têm origem nos movimentos de identificação e de projecção. Efectivamente, de acordo com o autor, o Super Eu (sistema de regras e de interdições) e o Ideal do Eu (sistema de valores pessoais), resultam da interiorização das relações, no plano da autoridade e da estima (respectivamente), essencialmente entre pais e filhos<sup>1</sup>.

Em *Psicologia das Massas e Análise do Eu*, Freud (1921) compara o mecanismo da identificação à sugestão hipnótica e ao estado amoroso. Nesta obra Freud defende que esse mecanismo constitui-se como factor fundamental no funcionamento dos grupos. De acordo com o autor, nas grandes organizações, como o exército ou a igreja, funcionam dois tipos complementares de identificação. Por um lado, o líder é interiorizado e a sua *imago* substitui-se ao Ideal do Eu de cada elemento da organização. Assim, constitui-se um Ideal do Eu comum a todos os indivíduos o que assegura a unidade da colectividade. Por outro lado, estabelece-se uma rede de identificações mútuas entre os elementos do próprio grupo, ao nível do Eu, conduzindo ao reforço e manutenção da coesão grupal. Neste contexto, referindo-se aos grupos altamente organizados em torno de uma liderança firme, Freud (1921) afirma: "*um grupo primário desse tipo é um certo número de indivíduos que colocaram um só e mesmo objecto no lugar do seu Ideal do Eu e, conseqüentemente, se identificaram uns com os outros em seu Eu*" (*op. cit.* p. 126).

Com efeito, o mecanismo de identificação é enfatizado por Freud, em *Psicologia das Massas e Análise do Eu* (1921), como o eixo central dos fenómenos grupais. Em termos gerais, nesta obra, ressalta a concepção de que enquanto a identificação ao líder, pai bom e todo poderoso, se realiza a um nível imaginário (tal como proposto em *Totem e Tabu*), a identificação mútua entre os membros é de carácter simbólico, em que todos se sentem como irmãos, filhos do mesmo pai. Também as funções destes dois tipos de identificação são apresentadas como diferentes. A identificação mútua protege o grupo dos riscos de ruptura, mantendo um nível bastante baixo de agressividade intragrupal. De um outro modo, a admiração da *imago* de um líder bom e poderoso contribui para que reine a concórdia no seio da colectividade e apela à luta contra um inimigo externo. No entanto, face à bivalência de qualquer signo, com um lado positivo e um lado negativo, a *imago* de um líder providencial facilmente se reverte numa *imago* paternal indiferente e cruel, mobilizadora de agressividade no seio do grupo. Neste contexto, a sobrevivência do grupo irá exigir um sacrifício interno, do próprio líder ou de um substituto que poderá ser um qualquer elemento vitimizado, desviante ou um sub-grupo minoritário.

---

<sup>1</sup> - A propósito do Ideal do Eu, Freud (1921) relaciona os movimentos identificatórios com outras dimensões colectivas, além do grupo familiar: "*cada indivíduo faz parte de vários grupos, está ligado por vínculos de identificação em vários sentidos e construiu o seu Ideal do Eu segundo os modelos mais variados*" (*op. cit.* p. 139).

Em resumo, Freud, essencialmente, concebe as organizações grupais como a procura de um líder idealizado que possa satisfazer as necessidades dos elementos que as constituem e com o qual se possam identificar : "*Todos os membros devem ser iguais uns aos outros, mas todos querem ser dirigidos por uma só pessoa. Muito iguais, podendo identificar-se uns com os outros, e uma pessoa isolada, superior a todos eles: essa é a situação que vemos realizada nos grupos capazes de subsistir.*" (Freud, 1921, p. 131).

### 2.2.2 - Bion: uma concepção original sobre os fenómenos grupais

Lançadas as bases para uma edificação da psicanálise grupal, por Freud, a escola psicanalítica inglesa acrescentou notáveis progressos a esta área de estudo. M. Klein, apesar de não se ter debruçado sobre os fenómenos grupais, contribuiu de forma notável para o desenvolvimento da psicanálise em geral, principalmente a partir da sua abordagem teórica, clínica e técnica aos processos da vida inconsciente. O que a abordagem kleiniana trouxe para o estudo dos fenómenos grupais passa pela mudança do vértice de observação sobre os mesmos. Com Freud, é a *imagem* paterna e a problemática edipiana que se encontram no cerne desses fenómenos. A partir de Klein, a atenção vira-se para a observação - nos grupos ocasionais, não directivos, de formação ou de psicoterapia - dos movimentos regressivos, que levam os sujeitos à vivência de angústias de tipo psicótico.

O principal mentor desta mudança conceptual foi, sem dúvida, Bion. Tendo como quadro teórico de referência as teorias psicanalíticas desenvolvidas por Freud e, principalmente, por Klein, Bion lança em 1961 a obra *Experiências com Pequenos Grupos*, onde sistematiza todos os trabalhos, desenvolvidos desde 1948, dedicados ao estudo dos fenómenos grupais. Neste domínio, o seu trabalho de investigação decorreu na *Tavistock Clinic* de Londres onde, já desde 1935, principalmente sob o impulso de Rickman, várias abordagens terapêuticas e formativas com grupos vinham sendo desenvolvidas.

Das diversas teorias psicanalíticas de Freud e Klein que exerceram forte influência na abordagem de Bion aos grupos, destacam-se o *complexo de Édipo* - como revelador da importância do grupo familiar no desenvolvimento humano - e os trabalhos de Klein onde são lançadas hipóteses sobre as primeiras relações objectais, as ansiedades psicóticas e os mecanismos de defesa primitivos.

Bion (1961) parte do pressuposto de que as ansiedades psicóticas surgidas em relação aos primeiros objectos, são reactivadas em muitas das situações adultas. No contexto grupal, o indivíduo tem que estabelecer contacto com a vida emocional do grupo, sendo confrontado com

o dilema de evoluir e diferenciar-se, enfrentando os temores associados a esta evolução. Neste âmbito, Bion constata a existência de processos regressivos semelhantes às angústias de tipo psicótico, referidas por Klein a propósito da relação precoce.

Nas suas observações dos grupos em acção, Bion (1961) observa que, ao reunirem-se várias pessoas para efectuar uma tarefa, podem discernir-se dois tipos de tendências: uma que se dirige à realização da tarefa e outra que parece opôr-se a ela. A actividade de trabalho é obstruída por uma actividade mais regressiva e primária. Como pano de fundo destas tendências está sempre a preservação do próprio grupo.

A suposição básica é que as pessoas se reúnem em grupo para fins de preservação do grupo: "*é comum as discussões tornarem-se cansativas pela preocupação com membros ausentes como sendo um perigo para a coerência do grupo e com membros presentes como sendo virtuosos para estarem ali*" (op. cit. pp. 39-40). Para referir-se a esses fenómenos, que Bion considerava típicos, ele introduz uma terminologia específica que confere uma certa unidade aos traços comuns observados em experiências diferentes. Neste contexto, surgem os termos: *mentalidade grupal, cultura grupal, pressupostos básicos, grupo de pressuposto básico e grupo de trabalho*.

#### 2.2.2.1 - os conceitos de Bion

Dada a importância da contribuição de Bion para o desenvolvimento e aplicação do quadro conceptual psicanalítico à compreensão dos fenómenos grupais, vamos descrever com maior profundidade, embora de forma esquemática, a sua perspectiva sobre os mesmos e os conceitos que formulou a partir da experiência directa que realizou com grupos terapêuticos. Como referência da descrição que se segue, seguimos principalmente a obra *Experiências com Pequenos Grupos*, de 1961, onde Bion apresenta vários dos artigos que dedicou à temática dos grupos. Também a obra *Introdução às Ideias de Bion*, de Grinberg et al (1973), aprofunda e desenvolve importantes aspectos das ideias originariamente propostas por Bion, pelo que dela nos socorremos.

MENTALIDADE GRUPAL (MG) - A hipótese de existência de uma MG deriva do facto de que o grupo funciona, em muitas situações como uma unidade, ainda que os seus membros a isto não se proponham nem disto tenham consciência. O termo designa, segundo Grinberg et al (1973): "*a actividade mental colectiva que se traduz quando as pessoas se reúnem em grupos*" (op. cit. p. 24). Tratando-se de uma dimensão sempre presente na vida mental dos grupos, a sua organização, enquanto "*mecanismo de intercomunicação*" (Bion, 1961, pp. 41-42), visa fundamentalmente "*garantir que a vida do grupo se ache de acordo com (certos) pressupostos básicos*" (op. cit. p. 42). A MG, enquanto "*expressão unânime da vontade do grupo, para a*

qual o indivíduo contribui de forma inconsciente" (op. cit., p. 41), pode estar, todavia, em conflito com os desejos, opiniões, ou pensamentos dos indivíduos, produzindo-lhes desconfiança, mal estar ou outras reacções.

CULTURA GRUPAL (CG) - apesar de admitir que utiliza este termo num sentido bastante vago, Bion (1961) afirma que "*ele compreende a estrutura do grupo num determinado momento, as suas ocupações e a sua organização*" (op. cit. p. 34). Atendendo à relação dinâmica com outros factores da vida psicológica grupal, a CG refere-se "*aos aspectos do comportamento de um grupo que resultam de um conflito entre a mentalidade do grupo e os desejos do indivíduo*" (op. cit. p. 37). A CG inclui, assim, a estrutura adquirida pelo grupo num determinado momento, as tarefas a que se propõe e a organização que adopta para a realização dessas tarefas. Sendo um facto observável dentro do contexto da situação grupal, pode ser descrita pelo observador, tendo em conta: a conduta dos integrantes do grupo, os papéis desempenhados, os líderes que actuam e o comportamento do grupo como totalidade.

GRUPO DE TRABALHO (GT) - É um dos dois níveis distintos de actuação que sempre coexistem no funcionamento dos grupos (o outro é o Grupo de Pressuposto Básico). Referindo-se ao que entende por GT, Bion (1961) afirma: "*Mesmo constituído fortuitamente, um grupo reúne-se para 'fazer qualquer coisa'; na relação com essa actividade, todos os indivíduos que o compõem cooperam na medida das suas capacidades. Essa cooperação é voluntária e depende em parte dos talentos que foram cultivados pelo indivíduo a um nível racional (...) essa actividade é dirigida para um objectivo e é função da realidade. Os seus métodos são racionais e, conseqüentemente, científicos, pelos menos de forma rudimentar. As suas características são análogas às que Freud atribuiu ao Eu. É este aspecto da actividade mental num grupo que eu denominei de Grupo de Trabalho.*" (op. cit. pp.96-97).

Daqui, salientamos o facto do GT se referir essencialmente ao nível manifesto, racional e consciente, promovendo a expressão das motivações racionais e conscientes dos elementos do grupo, na relação directa com um tipo particular de MG e com a CG que daí deriva. É um estado mental que implica contacto com a realidade, tolerância à frustração e controle das emoções.

GRUPO DE PRESSUPOSTO BÁSICO (GPB) - Traduz o nível de funcionamento implícito do grupo, irracional, geralmente inconsciente e dominado por "fantasmas". A actividade mental é instantânea, inevitável e instintiva, não pressupondo nenhuma formação ou aptidão especial para cooperar, mas implica um fenómeno de comunicação à distância. Este fenómeno foi designado por Bion (1961) como *valência*, exprimindo: "*a faculdade que os indivíduos possuem para se combinarem de forma instantânea e involuntária, para agirem de acordo com determinado pressuposto de base*" (op. cit. p. 104). A actividade do GT é obstruída e

perturbada por estes processos e, conseqüentemente, o desejável desenvolvimento do grupo, pelo menos enquanto eles permanecerem não elucidados.

O grupo, quando funciona essencialmente a este nível, e sobre o predomínio de um qualquer *pressuposto básico* (*dependência; ataque-fuga; acasalamento*), organiza-se de uma forma primária e afastada da realidade, defendendo-se de um estado emergente bastante arcaico "associado à ansiedade psicótica e aos mecanismos de clivagem e identificação projectiva, tal como descritos por M. Klein a propósito das posições esquizo-paranóide e depressiva" (*op. cit.* p. 112).

PRESSUPOSTOS BÁSICOS (PB) - PB é um termo que qualifica o de *mentalidade grupal* - sendo que esta é o recipiente/*continente* de todas as contribuições feitas pelos membros do grupo e o PB refere-se a *conteúdos* específicos dessas contribuições, para além de outros possíveis - permitindo uma compreensão mais ampla dos fenómenos emocionais nos grupos. Os PB são configurados por emoções intensas, de origem primitiva, considerados como básicos por este motivo (Grinbeg *et al.*, 1973).

Em termos gerais, os PB constituem-se como impulsos emocionais subjacentes no grupo, expressando fantasias grupais, de tipo onipotente e mágico, que se caracterizam pela irracionalidade do seu conteúdo, tendo uma força e realidade que se manifesta na conduta do grupo. Os PB são inconscientes e, muitas vezes, opõem-se às opiniões conscientes e racionais dos membros que compõem o grupo. Emergem como elementos de tal forma vinculados às "fantasias e ansiedades primitivas que o grupo é compelido, sempre que a pressão da ansiedade se torna excessiva, a adoptar uma acção defensiva" (Bion, 1961, p. 111).

Assim, os PB surgem como reacções de defesa contra as ansiedades primitivas que constituem a realidade mental primária do grupo. Tal como na infância nos encontramos face a objectos ambivalentes e fragmentados, às vezes gratificantes ou ameaçadores, acolhedores ou devorantes, também na situação grupal estes objectos emergem. Torna-se necessário fugir-lhes, destruí-los ou conciliá-los. Neste contexto, o PB *acasalamento* corresponde a uma tentativa de procurar aliados contra o objecto temido subjacente; o PB *ataque-fuga* será um esforço para suprimir esse objecto; e o PB *dependência* a procura de uma protecção contra o mesmo.

PB DEPENDÊNCIA - O grupo sustenta a convicção de que está reunido para que alguém possa corresponder à satisfação de todas as suas necessidades e de todos os seus desejos; alguém de quem o grupo depende de forma absoluta: "o grupo reúne-se para ser sustentado por um líder, do qual depende para nutrimento material e espiritual, apelando à sua protecção" (Bion, 1961, p. 99). No grupo terapêutico, este papel é facilmente atribuído ao terapeuta que o coordena,

observando-se com frequência que a idéia de "receber tratamento" está associada a uma expectativa que vai muito além do que, racionalmente, parece lógico.

O "grupo de dependência" comporta-se em relação ao terapeuta como se estivesse convencido que todo o trabalho deve ser realizado por ele. A perda quase total de juízo crítico, a passividade ou outras formas de conduta evidenciam essa configuração. O terapeuta, comprometido como está na situação emocional do grupo, perceberá, ao realizar as interpretações, um desconforto associado à frustração das fantasias grupais, que não satisfaz.

Se o terapeuta interpretar/esclarecer esta fantasia grupal, negando-se a assumir o papel solicitado e, implicitamente, promovendo a maturidade e autonomia no grupo, este pode reagir diante do perigo que o ameaça de modos diferentes, como por exemplo: procurar um outro líder deificado, que pode ser uma pessoa (por vezes o mais doente) ou uma idéia, como, por exemplo, a construção de uma "bíblia"/história do grupo, cujo permanente recordar ou apelar para as tradições do grupo permite resistir a qualquer ideia nova. Pode ainda substituir o PB da dependência por qualquer outro PB (Grinberg *et al*, 1973).

PB ATAQUE-FUGA - O grupo conduz-se como se não pudesse subsistir senão lutando contra um perigo difuso ou fugindo dele. O grupo "*escolhe indiferentemente um destes dois modos de acção*" (Bion, 1961, p. 103). A eleição do líder no grupo deste PB é feita em função da sua capacidade para assegurar este processo; "*se ele exprime outras exigências, não é atendido*" (*op. cit.* p. 103). As atitudes de fuga ou de agressão podem também ser dirigidas contra um membro ou um sub-grupo que seja considerado como traidor ou refractário, ou contra um líder que se recuse a assegurar o esquema da dependência.

Nos grupos terapêuticos o "inimigo" pode ser um membro do grupo, a pessoa do terapeuta, as suas palavras, a enfermidade física ou mental, etc.. Quando o terapeuta é considerado o "inimigo", o grupo comporta-se ignorando as suas intervenções, ou demonstrando o seu desprezo através de palavras ou actos (Grinberg *et al*, 1973).

PB ACASALAMENTO - Crença colectiva e inconsciente de que quaisquer que sejam os problemas e necessidades actuais do grupo, um facto futuro ou um ser ainda por nascer os resolverá (esperança de tipo messiânico): "*para que a esperança persista, é essencial que o líder do grupo, contrariamente ao líder do grupo dependente ou do grupo ataque-fuga, não nasça*" (Bion, 1961, p. 103). O importante neste estado emocional é a ideia de futuro, e não a resolução no presente, sendo essencial que a esperança messiânica jamais se concretize. O "*messias, homem, ideia ou utopia*" (*op. cit.* p. 103) tenta justificar, redimindo a culpa, e "*racionalizar a sexualidade nascente do grupo, ou premunições de ordem sexual*" (*op. cit.* p. 103). Também

pode haver uma esperança de que o líder a nascer salvará o grupo dos seus sentimentos de ódio, destruição e desespero.

A fantasia subjacente ao nascimento de um "salvador" pode implicar a atribuição de um papel a um determinado par que se manifeste dialogante, sendo que o resto do grupo não somente tolera, mas estimula esta relação, não reagindo com ciúmes ou rivalidade. O terapeuta, com a sua curiosidade altamente estimulada, pode também participar na esperança messiânica, com a consequente perda da sua eficácia como observador (Grinberg *et al*, 1973).

#### 2.2.2.2 - considerações gerais sobre os conceitos

Os PB podem alterar-se durante uma mesma sessão, ou manter-se um determinado PB durante muitos meses, mas nunca coexistem. A função do GT pode manter-se inalterada, mas o PB que impregne a sua actividade poderá mudar frequentemente. Uma característica comum a todos os GPB é a hostilidade com que se opõem a qualquer estímulo no sentido do crescimento ou do desenvolvimento, sendo que, quando o grupo funciona neste registo, "*há uma ausência completa de qualquer movimento de evolução*" (Bion, 1961, p. 108)<sup>1</sup>.

Nos GPB o tempo não desempenha qualquer função, pelo que o processo de desenvolvimento é dificultado, pois quer o tempo, quer os estímulos para o progresso, provocam ansiedade. No grupo, esta ansiedade facilmente se converte - em termos de fantasia inconsciente - em angústias primitivas de tipo psicótico. Daí a formação de uma reacção hostil ou a organização de uma mentalidade de PB: "*caso um grupo procure entrevar o desenvolvimento, o mais simples é deixar-se invadir por um pressuposto de base a fim de se constituir como uma forma de vida mental que não exige qualquer capacidade de desenvolvimento*" (Bion, 1961, p. 108).

Como já vimos o GT, ao tolerar a frustração, permite a evolução de ideias novas. Estas não são negadas nem expulsas, não sendo o seu avanço obstruído, como acontece no GPB. A tarefa a realizar pelo GT pressupõe a utilização de métodos racionais e empíricos, sendo o líder (terapeuta, no caso de grupos terapêuticos) a pessoa que pode de modo eficiente proporcioná-los. A tarefa, que até pode ser dolorosa, promove o crescimento e amadurecimento do grupo e dos seus membros.

---

<sup>1</sup> - De acordo com Grinberg *et al* (1973), esta posição corresponde à resistência ao *insight* nos grupos terapêuticos.

No entanto, a coexistência do GPB e do GT determina um conflito permanentemente suscitado e sempre recorrente dentro do grupo, uma vez que a actividade do GT é perturbada pelo GPB. Por outro lado, a tendência à diferenciação do indivíduo contrapõe-se à sua tendência regressiva em não fazê-lo. O conflito pode formular-se de diversas formas: entre a ideia nova e o grupo; entre o indivíduo como pessoa e como membro do grupo e entre o GT e o GPB (Grinberg *et al*, 1973). Nesta dinâmica conflituosa "*o indivíduo como pessoa dentro do GT está exposto à inevitável solidão, isolamento e dor associados ao crescimento e evolução*" (Grinberg *et al*, 1973, p. 36).

### 2.2.2.3 - Bion, para além de Freud

Para Bion, ao contrário de Freud, o processo de identificação do indivíduo com o líder depende não só da introjecção, mas também de um processo simultâneo de *identificação projectiva*. Com efeito, de acordo com Bion, ao nível do pressuposto básico, o líder não tem que possuir uma vontade forte e dominante (no sentido de Le Bon) nem corresponder a um "hipnotizador" (como propõe Freud). Um líder sê-lo-ia em virtude da sua capacidade de encarnar instantânea e, geralmente, involuntariamente, a mentalidade de todos os outros membros do seu grupo. Neste sentido, afirma: "*um grupo (de pressuposto básico) é dirigido por um indivíduo não qualificado para essa tarefa, sendo a sua personalidade suprimida, tornando-se uma espécie de autómato, um ser que perdeu todo o seu carácter distintivo, mas que, todavia, é de tal forma penetrado pelas emoções do grupo de pressuposto básico, que acaba por encarnar um prestígio apenas reservado ao líder do grupo de trabalho*" (Bion, 1961, p. 122).

Como vimos, Bion pretendeu ir para além de Freud procurando explicitar a fonte das principais dimensões emocionais no grupo, que seria a ansiedade provocada por fantasias inconscientes semelhantes às que Klein descreveu relativamente à *posição esquizo-paranóide* - estados de fusão, fragmentação e perda do sentido da identidade e da realidade -, em relação directa com os respectivos mecanismos de defesa, principalmente a *clivagem* e a *identificação projectiva*.

A psicologia de grupo proposta por Freud, pelo contrário, afirma uma prevalência de transacções de tipo neurótico nas relações grupais, em que as constelações das interacções estaria sujeita ao padrão relacional familiar, subjacente à dinâmica edipiana e à consequente ambivalência dos sentimentos de amor/ódio dirigidos ao líder. Não negando a importância da visão de Freud sobre os fenómenos grupais, Bion (1961) refere: "*Freud vê o grupo como uma repetição de relações de objecto parciais. Assim, para ele o comportamento dos grupos aproxima-se do modelo de comportamento das neuroses, enquanto que, para mim, está mais próximo do modelo das psicoses.*" (*op. cit.* p.124).

De facto, a concepção freudiana subestima aquilo que estaria aquém da *posição depressiva*, ignorando os conflitos pré-genitais ligados ao *Édipo precoce* proposto por Klein. No entanto, a teoria kleiniana afirma que os derivativos psicóticos encontram-se presentes ao longo de toda a vida do sujeito. Slavson (1979) considera tais manifestações como a "*psicose essencial* do humano" (*op. cit.* p. 39). Também Bion (1957) e Grotstein (1979, in Ashbach & Shermer, 1987) afirmam a existência permanente de uma parte psicótica da personalidade dita normal. Segundo estes autores a parte psicótica da personalidade encontrar-se-ia dissociada e recalcada do *self* consciente, não deixando, todavia, de exercer a sua influência através de uma comunicação interna com o mesmo.

A regressão grupal para níveis pré-edipianos, em contextos terapêuticos, tem sido constatada por vários autores. Segundo Ashbach & Shermer (1987), não se trata de uma patologia grupal, mas sim de uma regressão ao serviço do próprio grupo, no sentido da elaboração de conflitos precoces não resolvidos, "*sendo não só adaptativo como até necessário*" (*op. cit.* p. 46). Ganzarain (1974) constata fortes níveis de regressão em grupos experimentais (*T-groups*), os quais revivem intensamente no *aqui e agora* fortes conflitos de identidade, em jogo face às questões associadas à separação e à diferenciação. Neste contexto, o autor descreve a emergência de intensas angústias depressivas das quais os sujeitos se defendem pela activação de defesas de tipo esquizo-paranóide, emergindo nos grupos um estado semelhante à psicose breve. A resolução de tais conflitos beneficia a evolução do grupo e dos indivíduos que o compõem.

Vários autores (Gibbard *et al.*, 1974; Turquet, 1975; Jaques, 1955; in Ashbach & Shermer, 1987) descreveram estados de fusão, *clivagem* e *identificação projectiva* maciça, bem como fortes angústias primárias, a propósito do estudo de grupos de treino em contextos organizacionais. De acordo com Bion (1961), os estados mentais de tipo psicótico e as interações associadas registadas nos grupos variam em função do nível e da intensidade da regressão.

Apesar de não inferido directamente a partir da experiência com grupos, o *modelo continente-conteúdo* proposto por Bion (1962) - em *Learning from Experience* -, em associação à sua proposta - em *Elements of Psychoanalysis* (1963) - de uma oscilação dinâmica sistemática (em termos de funcionamento mental e emocional) entre momentos de dispersão e momentos de integração depressiva<sup>1</sup>, permitem-nos uma visão mais alargada dos fenómenos grupais. Nesta perspectiva, podemos considerar que os estados de dispersão de tipo psicótico (esquizo-

---

<sup>1</sup> - Bion representa este movimento oscilante pelas siglas Ps<->D - posição esquizo-paranóide<->posição depressiva - enquanto processos interactivos subjacentes à formação e utilização dos pensamentos e decorrentes ao longo de toda a vida do sujeito.

paranóide) não se encontram apenas nas fases iniciais da formação dos grupos, mas acompanham todo o seu percurso, alternando com estados de elaboração e integração, a partir da dinâmica entre os conteúdos projectados e o continente que os recebe, transforma e devolve<sup>1</sup>.

#### 2.2.2.4 - o místico e o grupo: um modelo no pensamento de Bion

Em *Atenção e Interpretação* (1970), Bion apresenta uma interessante elaboração sobre a relação entre o grupo e o sujeito portador da *ideia nova*, que designa por *místico*, *génio* ou *messias*. Para o autor, o *místico* é o pensador que proclama o contacto directo com O, ou seja, com a *realidade última*, com a verdade. Este contacto é enunciado sob a forma de uma *ideia messiânica* que o grupo, no qual emerge o *místico*, tende a suscitar.

Com efeito, Bion (1970) considera que o grupo para se manter vivo e crescer, ao mesmo tempo que tende a preservar coerência e identidade, precisa de suscitar indivíduos extraordinários, portadores de ideias novas. É neste sentido que afirma: "*a sociedade organiza-se, tal como afirmou Nietzsche a propósito da nação, de forma a cumprir a sua função, nomeadamente, suscitar o génio*" (*op. cit.* p. 74). Para que tal aconteça, o grupo tende a criar normas e leis de forma a que "*as habilitações do místico tornado Deus ou verdade e realidade últimas se estendam aos membros comuns do grupo*" (*op. cit.* p. 111).

Bion acentua que todo o enunciado que se aproxima da imanência de O desencadeia a resposta institucionalizada. Assim, confrontada com uma convenção limitada por normas e leis, a *ideia nova* é submetida a um processo de institucionalização, o que permite que pessoas comuns executem tarefas que, de outro modo, só pessoas excepcionais realizariam: "*graças a Faraday e outros cientistas, gente como nós ilumina uma sala com um toque de interruptor; graças a Freud e colaboradores, pessoas comuns esperam que a análise elucide a mente*" (Bion, 1970, p. 79). O facto de que a actividade extraordinária seja exequível por gente comum torna imperiosa a descoberta científica, a emergência de *génios*: "*não há muitos místicos e os que há não podem ser desperdiçados*" (Bion, 1970, p. 80). Neste contexto, de acordo com o autor, "*a instituição floresce com o místico ou ideia mística ou é tão frágil que não abrange a revelação mística*" (Bion, 1970, p. 81).

---

<sup>1</sup> - Não se substituindo à leitura directa da obra de Bion, a obra de Amaral Dias, C. e Fleming, M. (1998) - *A psicanálise em tempo de mudança* - apresenta no capítulo I, para além de outras importantes sistematizações e acréscimos, uma clara e objectiva descrição destes dois modelos conceptuais (elementos), tradutores de duas dimensões do funcionamento mental, inspirados nos conceitos kleinianos de *identificação projectiva*, *posição esquizo-paranóide* e *posição depressiva*.

Todavia, refere Bion (1970) "*nem sempre o místico se declara em conformidade com o grupo (...) pode irromper como um destruidor vindo de dentro ou de fora*" (op. cit. p. 111). Neste contexto, a função do *Establishment* (organismo que governa o grupo) é impedir a desintegração que ocorre ao emergir o *místico*, o sujeito da *ideia nova/messiânica*, recompensando a conformidade. Com efeito, a *ideia nova*, apesar de poder alimentar o crescimento do grupo, contém em si uma ameaça de desagregação, pois implica mudança, transformação. Daí o desencadeamento de obstáculos que o grupo promove para restringir, procurando a sua adequação: "*institucionalizar as palavras, as religiões, a psicanálise, são exemplos específicos da institucionalização da memória de modo a 'conter' a revelação mística com a sua força criativa e destrutiva*" (Bion, 1970, p. 82). Assim, a força explosiva de uma *ideia nova* esbarra contra a estrutura restritiva que o grupo, dirigindo-se ao sujeito que a enuncia, opera.

Contudo, Bion considera que a institucionalização do grupo - o *grupo de trabalho* (Bion, 1961) - é fundamental para o desenvolvimento do indivíduo, tal como do grupo e do próprio *místico*. Para que este progresso ocorra é todavia necessário que o vínculo que liga o *místico* ao grupo seja, de alguma forma, do tipo *simbiótico*, em que "*um depende do outro com proveito mútuo*" (Bion, 1970, p. 95). O *Establishment* falha quando gera condições para a instauração, entre o *místico* e o grupo, de um vínculo *parasitário*: "*esvazia-se a vida do místico ou a ideia mística, ou desagrega-se o grupo*" (Bion, 1970, p. 111).

Segundo Bion, a dinâmica associada à relação entre o *místico* e o grupo pode ser encontrada em sociedades (grupos) religiosas, terapêuticas, artísticas ou científicas. Todos estes grupos podem mostrar-se hostis ou propícios ao expansionismo do indivíduo ou da ideia original, dependendo da cultura que os caracteriza. Também a forma como o *místico* se declara influencia a sua aceitação ou rejeição, na medida em que ele pode ser "*revolucionário ou proclamar a sua função de cumprir leis, convenções e o destino do grupo*" (Bion, 1970, p. 64).

No fundo, para Bion (1970), a questão fundamental que se articula nos grupos prende-se com a manutenção do *místico* e, ao mesmo tempo, a institucionalização do seu desempenho: "*a função do grupo é suscitar o génio; ao Establishment compete aceitá-lo e absorver os seus efeitos de maneira a que não destrua o grupo*" (op. cit. p. 82).

Bion propõe este modelo de relação entre o *místico* e o grupo como uma "*fábula construída em termos de grupo, pictografia do mundo íntimo do homem (...) representação dramatizada, personificada, socializada e pictórica da personalidade humana*" (Bion, 1970, p. 115). A relação entre o pensamento, enquanto *ideia nova/messiânica*, e o pensador - nos enunciados que organiza para conter a ideia -, encontra com este modelo uma representação que configura

as suas modalidades de articulação. Neste âmbito, Bion destaca três possibilidades: *vínculo comensal* - o pensamento e o seu enunciado beneficiam e beneficiam-se de um terceiro sistema que os envolve (por exemplo, a cultura); *vínculo parasitário*: o enunciado é colocado como barreira contra O, pois a verdade é temida porque ameaça aniquilar o continente, ou vice-versa; *vínculo simbiótico* - "*pensamento e pensador combinam-se e transformam-se por equivalência (...) o pensamento é imanente e o pensador evolui*" (Bion, 1970, pp. 117-118).

### 2.2.3 - D. Anzieu<sup>1</sup> : o grupo e o inconsciente

Um dos autores franceses de maior destaque na aplicação da psicanálise aos grupos é D. Anzieu, tendo dedicado uma vasta obra a este assunto<sup>2</sup>. Começando por afirmar, numa das suas obras iniciais - *L'imaginaire dans les groupes* -, a existência de uma realidade psíquica específica dos grupos, a que chama "*realidade imaginária dos grupos*" (Anzieu, 1966, in Anzieu, 1984, p. 24), D. Anzieu vai consolidar tal constatação pela publicação de uma longa sequência de trabalhos sobre o imaginário, a ilusão e os fantasmas.

Nesse trabalho D. Anzieu identificou, desde logo, a partir de metáforas correntemente aplicadas aos grupos (o grupo como um corpo em que os elementos que o compõem seriam os membros, ou o grupo como máquina), intensos movimentos defensivos contra as angústias de fragmentação. A este propósito constata: "*quando uma pluralidade de indivíduos reunidos e angustiados pela imagem omnipresente de um corpo fragmentado se dispõe a reconstitui-lo, a reassegurarem-se, a considerarem-se, ao nível da percepção e dos sentimentos, como seres humanos, a experienciar uma emoção comum agradável, um sentimento positivo de onde podem nascer pensamentos e acções reparadoras, evoca o sentimento de "nós", a nascença de uma unidade superior a cada indivíduo e na qual cada indivíduo participa; o grupo nasce, assim, como 'corpo' vivo (...) em que cada um reconhece-se como membro*" (Anzieu, 1966, in Anzieu, 1984, p. 40).

<sup>1</sup> - Os autores que desenvolveram trabalhos na área da psicanálise grupal em França, dividem-se entre aqueles que seguiram uma perspectiva estritamente freudiana, completada pela *Psicologia do Eu* americana - tal como S. Lebovici e R. Diatkine - e os que, para além das concepções de Freud, integraram algumas teorias kleinianas na sua abordagem. No âmbito destes últimos destacam-se os trabalhos de Pontalis (1972) sobre os investimentos fantasmáticos e pulsionais que cada membro do grupo dirige ao terapeuta e aos restantes elementos; as concepções de Béjarano (1971, 1972) sobre a qualidade dos movimentos transferenciais e de resistência que ocorrem nos grupos e a análise realizada por Missenard (1972, 1976) sobre o jogo de identificações e de projecções passadas na vida grupal, bem como o estudo sobre o narcisismo no mesmo contexto. Todavia, no âmbito dos autores franceses, atendendo à riqueza conceptual dirigida à compreensão dos fenómenos grupais, merecem particular destaque os trabalhos de D. Anzieu e de R. Kaës, pelo que centramos a nossa atenção nas suas principais contribuições neste domínio.

<sup>2</sup> - Os seus mais importantes trabalhos foram integrados pelo autor na obra *Le Groupe et l'Inconscient* (1975), cuja 2ª edição (revista) foi lançada em 1984 pelas Ed. Bordas (Paris). Mais recentemente (1996), as Ed. Dunod (Paris) relançaram essa segunda edição, sendo esta a nossa referência de base nesta abordagem a D. Anzieu.

D. Anzieu constata que enquanto um grupo não se constitui como uma ordem simbólica, por "*certas representações colectivas*" (op. cit. p. 41), funciona como uma espécie de multidão onde cada um representa para o outro uma ameaça de devoração: "*contra uma tal pluralidade corro o risco de não existir por mim mesmo (...) o meu Eu espartilha-se, a minha bela imagem unitária fragmenta-se*" (op. cit. p. 39).

Num outro trabalho também de 1966<sup>1</sup>, baseando-se na primeira tópica freudiana, D. Anzieu propôs uma analogia entre o grupo e o sonho. Assim, defende que os indivíduos esperam e vivem no grupo a realização imaginária de "*desejos recalçados da infância*" (Anzieu, 1966, in Anzieu, 1984, p. 57), com os correlativos sentimentos e angústias ligados à culpabilidade associada à transgressão de interditos: "*são os desejos não satisfeitos nas relações inter-individuais, na vida privada e na vida social, que são realizados nos grupos*" (op. cit. p. 57).

Em 1971, num trabalho intitulado *A ilusão grupal: um Eu ideal comum*, D. Anzieu introduz o conceito de *ilusão grupal* para denominar a procura que os grupos realizam no sentido do estado fusional colectivo, traduzido no "*nós estamos bem assim juntos*' (...) '*nós somos um bom grupo, com um bom líder*' " (Anzieu, 1971, in Anzieu, 1984, p. 69). De acordo com o autor, a este conteúdo manifesto corresponde, basicamente, o seguinte conteúdo latente: incorporação do seio como bom objecto parcial, participação de todos no ideal de onnipotência narcísica projectado sobre o grupo-mãe, defesa hipomaníaca contra a crença arcaica de destruição das crianças-rivais inseridas na matriz maternal. Fundamentalmente, a *ilusão grupal* representa "*uma defesa colectiva contra a angústia persecutória comum*" (op. cit. p. 83).

A necessidade de analisar os grupos de acordo com a segunda tópica freudiana é defendida por D. Anzieu nesse trabalho de 1971. Com efeito, o autor considera que qualquer grupo, a partir do momento em que se constitui como tal, deixa de ser um aglomerado de indivíduos para passar a definir-se enquanto ponto de confluência e de reorganização de componentes tópicos subjectivos dos seus membros. Assim, o estado de "*ilusão grupal provém da substituição do Eu Ideal de cada um por um Eu Ideal comum*"<sup>2</sup> (Anzieu, 1971, in Anzieu, 1984, p.84). Já em relação ao Ideal do Eu, seria o próprio grupo, enquanto totalidade, a ocupar o lugar do Ideal do Eu dos seus elementos, tal como Freud havia mostrado na relação da organização colectiva com o seu líder.<sup>3</sup>

---

<sup>1</sup> - *Analogie du groupe et du rêve: le groupe, accomplissement imaginaire de désirs et de menaces*

<sup>2</sup> - Segundo Anzieu, o Eu Ideal, na sua origem e essência, "*é constituído pela interiorização da relação dual da criança com a mãe, de que é dependente e por quem é protegido (...) é a imagem exaltante da onnipotência narcísica, imagem arcaica sobre a qual o sujeito tende a construir uma relação sustentada na forma fusional da identificação primária*" (Anzieu, 1971, in Anzieu, 1996, p. 84).

<sup>3</sup> - Assumindo também um ponto de vista tópico, já K. Lewin (1931-1947) afirmara que o grupo assume o lugar do Eu dos participantes nas funções de análise da realidade e de compromisso entre a realidade externa (física e social) e a realidade interna (os desejos dos seus membros).

A partir do conceito de *ilusão grupal*, enquanto estado de criação de um Eu Ideal comum, Anzieu sistematizou a estrutura tópica que propõe para os grupos e que resume na introdução à segunda edição da obra *Le Groupe et l'Inconscient* (1984): "*Um Eu defensivo inconsciente comum, ao serviço de um Super Eu grupal, pode evidentemente organizar-se em torno do grupo ou o grupo organizar-se contra tal Super Eu. Um grupo pode igualmente procurar, através de mecanismos de defesa partilhados, um Id comum como invólucro: segundo a natureza da pulsão dominante ou segundo o seu estado de evolução, fenómenos colectivos diversos podem acontecer (...) a fantasmática do grupo como seio-boca, ou como seio-sanita, os fantasmas de fragmentação, o fantasma do grupo-máquina, a resistência paradoxal; esses fantasmas são expressão de pulsões respectivamente libidinais, agressivas ou auto-destrutivas, mais ou menos regressivas e mais ou menos ligadas entre si ou clivadas. É, com efeito, sob a forma de uma circulação fantasmática entre os membros do grupo que se manifesta a organização tópica estruturadora do aparelho grupal.*" (op. cit. p. 5).

No capítulo 10 da segunda edição da obra *Le groupe et l'Inconscient* (1984), onde procura recapitular e integrar os principais conceitos lançados nos seus trabalhos dedicados aos grupos, D. Anzieu afirma que a instância dominante proposta por R. Kaës (1976) - *aparelho psíquico grupal* - determina a estrutura inconsciente dos grupos. Todavia, de acordo com o autor, o estudo das formações fantasmáticas específicas das situações grupais evidencia a existência de vários organizadores psíquicos inconscientes, intermediários entre a estrutura tópica e essas formações fantasmáticas. Neste contexto, descreve cinco organizadores: o fantasma individual, a *imago*, os fantasmas originais, o complexo de Édipo, a *imago* do próprio corpo. Propõe também três princípios do funcionamento psíquico grupal: princípio de indiferenciação do indivíduo e do grupo, princípio de auto-suficiência do grupo e o princípio da delimitação entre o fora e o dentro do grupo.

#### **2.2.4 - R. Kaës: o aparelho psíquico grupal**

Nos primeiros textos dedicados ao estudo e compreensão dos fenómenos grupais, R. Kaës (1973, 1974, 1975, 1976, in Kaës, 1993) desenvolveu um trabalho conceptual bastante extenso e com fortes preocupações de rigor epistemológico. Neste contexto, a partir da análise da actividade formativa em grupo, Kaës começou por defender que esta é sustentada por uma fantasmática inconsciente. Descreveu, neste âmbito, os fantasmas de auto-formação e de onipotência oral e/ou anal que se encontram na formação dos adultos, na pedagogia escolar e em todos os rituais de iniciação. Constatou, nos termos *seminário, estágio, sessão*, campos

diferentes de *ressonância fantasmática*. Na pintura, na publicidade e nos desenhos livres infantis, identificou, também, representações colectivas imaginárias dos grupos.

A partir da análise dessas representações do grupo, Kaës (1976) distingue os *organizadores psíquicos grupais* e os *organizadores socioculturais* que estão na sua origem: "(...) os primeiros são constituídos por formações inconscientes de carácter grupal (...) definem as relações de objecto encenadas e articuladas entre elas de maneira coerente por um propósito de satisfação pulsional (...) estes organizadores são, segundo as minhas investigações quatro: a imagem do corpo, a fantasmática originária, os complexos familiares e imagóicos e a imagem do aparelho psíquico subjectivo (...) os segundos são resultado da transformação, pelo trabalho do social e da cultura, dos núcleos inconscientes da representação do grupo (...) a sua função é codificar de maneira normativa a realidade psíquica grupal (...) a elaboração social e cultural de representações (ideológicas, utópicas, míticas ou científicas) produzem modelos de grupalidade que se inscrevem nas instituições por elas organizadas: o grupo dos doze apóstolos, os cavaleiros da tábua redonda, o comando guerreiro (...)" (op. cit. pp. 190-191).

Ainda relativamente aos *organizadores psíquicos grupais*, R. Kaës (1993) refere algumas das formações, matrizes de representações, derivadas dos quatro acima formulados: "(...) são produzidas no decurso do processo grupal: são, por exemplo, os pressupostos de base, a matriz do grupo, as posições ideológicas e mítico-poéticas, a ilusão grupal, o pacto denegativo grupal, o contracto narcísico grupal, etc. (...) são necessários à integração dos elementos numa unidade estrutural e funcional e sustentam o desenvolvimento da ligação grupal e o desenvolvimento das formações intrapsíquicas singulares" (op. cit. pp.184-185).

R. Kaës defendeu que formas particulares de *formação de compromisso* ocorrem nos grupos, tais como: mitos, utopias, ideologias; cuja génese é facilmente constatável nos pequenos grupos não directivos. Essas ideologias, organizadas pelo *aparelho psíquico grupal*, podem ser diferenciadas. Assim, as ideologias sustentadas no Eu Ideal, dividem-se em dois tipos: umas são persecutórias (luta contra uma imagem de mãe devoradora projectada sobre a natureza, a cidade, a sociedade, entidades idealizadas como causas, onde são projectas imagens de onipotência narcísica); outras são depressivas (nostalgia de um paraíso perdido, sentimentos de culpabilidade por ter sido destruído o que era bom, negação das diferenças entre os seres humanos). Para o autor, somente as ideologias relativas ao Ideal do Eu testemunham a passagem do aparelho psíquico à posição reparadora, à sublimação das pulsões parciais, à ordem simbólica (R. Kaës, 1971, in Kaës, 1993).

Sempre preocupado com a ligação entre as dimensões individual e grupal, R. Kaës distingue entre *organizadores intrapsíquicos* e *organizadores grupais*, conceptualização que esteve na

gênese da formulação dos conceitos de *grupos internos* e de *aparelho psíquico grupal*, onde os primeiros são considerados como os organizadores do segundo: "(...) o grupo tende a construir um aparelho psíquico 'grupal', pelo facto de que o aparelho psíquico 'individual' é ele próprio construído na base de uma organização grupal (instâncias, fantasmáticas, identificações) (...)" (Kaës, 1971, cit. in Kaës, 1993, p.184).

Com efeito, desde o início da sua obra, R. Kaës propôs-se perceber certas dimensões do aparelho psíquico individual, principalmente aquelas que qualificou em termos de uma grupalidade psíquica, consubstanciadas em formações e processos gerados no espaço grupal sob o efeito de um trabalho psíquico intersubjectivo. Lançou então o modelo de um *aparelho psíquico grupal*, "modelo construído para pensar o trabalho psíquico, as formações e os processos da realidade psíquica nos grupos humanos, na sua conjunção com a realidade psíquica do sujeito singular" (R. Kaës, 1993, p. 170).

A referência a este modelo, bem como o seu desenvolvimento conceptual, atravessa toda a obra de R. Kaës, apesar de lhe ter dedicado um extenso trabalho em 1976 (*L'Appareil Psychique Groupal*). Em *Le Groupe et le Sujet du Groupe* (1993) R. Kaës resume bem o que pretende com este conceito: "*O aparelho psíquico grupal é a construção psíquica comum dos membros de um grupo para constituir um grupo. A sua principal característica é assegurar a mediação e a troca de diferenças entre a realidade psíquica nos seus componentes intrapsíquicos, intersubjectivos e grupais, e a realidade grupal nos seus aspectos sociais e culturais (...) os grupos internos são sempre mobilizados nas organizações psíquicas grupais. Os fantasmas originários, as imagos, os complexos ou os sistemas de relações de objectos asseguram a estrutura de base do aparelho, por projecção adesiva ou incorporação, por deslocamento, condensação ou defracção (...) o aparelho psíquico grupal assenta positivamente sobre as formações grupais indiferenciadas e diferenciadas do psiquismo de cada um dos participantes, mas também negativamente sobre o participante ausente, mais ou menos fantasmático, e sobre as representações idealizadas ou persecutórias do antepassado fundador*" (op. cit. pp.173-174).

Para o autor, um aspecto importante que se constitui como diferença capital entre o aparelho psíquico individual e o grupal é o facto do primeiro se sustentar no respectivo corpo do seu indivíduo, enquanto o segundo, denotando uma ausência a este nível, tenderia a forjar substitutos. O ajustamento e integração das várias reacções a esta falta fundamental, constituiria um dos objectivos da psicanálise grupal (R. Kaës, 1976).

Quanto à prática da psicanálise grupal, em termos gerais, R. Kaës considera que o *quadro* estabelecido pelos terapeutas, a sua disposição interior e o seu sistema de interpretação levam à instauração de uma *área transicional* (no sentido de Winnicott), permitindo aos participantes a ruptura com as suas condições habituais de vida, viver as suas crises interiores e interpessoais,

operar neles e entre eles mudanças pessoais, e talvez institucionais, e a libertação da força criativa individual e grupal. Neste contexto, o autor insistiu na necessidade de atender não apenas aos movimentos transferenciais e contra-transferenciais, mas também aos inter-transferenciais, ou seja, entre os terapeutas que conduzem o grupo. A inter-transferência pode protegê-los defensivamente deles mesmos, pelo que deve ser clarificada e analisada, no sentido da compreensão da própria dinâmica grupal<sup>1</sup> (R. Kaës, 1993).

## 2.3 - AS PSICOTERAPIAS DE GRUPO

### 2.3.1 - Aspectos históricos e metodológicos

Como referimos anteriormente, o estudo dos fenômenos grupais recebeu importantes contributos da psicanálise. No entanto, a prática da psicoterapia de grupo nasceu e desenvolveu-se aquém e além da psicanálise sustentando-se em métodos diversos, o que tem resultado em formas de actuação bastante diferentes neste domínio. Consoante o quadro teórico de referência e/ou os procedimentos de intervenção, incluindo a população a que se destina, as psicoterapias de grupo podem ser classificadas em termos metodológicos. No contexto do nosso trabalho apenas nos propomos descrever, sumariamente, alguns dos métodos mais relevantes neste domínio, salientando certos aspectos histórico-evolutivos que conduziram a prática da psicoterapia de grupo ao método psicanalítico. Aqui, propomo-nos deter em maior profundidade, uma vez que esse é o método de base da *praxis* psicoterapêutica que estudamos nesta dissertação.

Como ponto de referência básico para esta abordagem aos métodos, partimos da classificação proposta por Miller (1991), pela sistematização de fácil compreensão que proporciona. Segundo Miller (1991) "*a psicoterapia de grupo pode assumir várias modalidades e, de acordo com a actuação, pode ser superficial ou profunda*" (*op. cit.* p. 32). Assim, atendendo ao método utilizado, incluem-se no primeiro caso as psicoterapias grupais que se baseiam na *orientação* e na *sugestão*, mobilizadas para uma acção externa, identificada com as funções do Eu. No largo espectro da psicoterapia de grupo *superficial*, podem ser encontradas, de acordo com o autor, várias modalidades metodológicas:

- *método educacional e orientador* - visa-se a promoção do moral do grupo, mais do que o alívio do sofrimento dos seus elementos e tem sido utilizado essencialmente em instituições escolares, militares e industriais;

---

<sup>1</sup> - No capítulo 5 iremos retomar algumas concepções de Kaës, a propósito da *situação psicanalítica grupal*, donde alguns dos aspectos agora referidos ganharão maior consistência na sua relação com a prática psicoterapêutica.

- *método repressivo* (ou *exortativo paternal*) - aqui inclui-se qualquer tipo de técnica sugestiva e/ou repressiva e promove-se a idealização do líder/terapeuta, fomentando deliberadamente sentimentos de inveja e de rivalidade no grupo no sentido do alcance de objectivos terapêuticos;

- *método fraternal* - não implica a existência de líderes e actua exclusivamente a partir de interacções entre elementos do grupo - é o caso dos alcoólicos anónimos, toxicodependentes anónimos, etc.;

- *método ecléctico* - é utilizado o cinema, música e jogos dirigidos, pelo orientador do grupo, enquanto veículos de sugestão.

A psicoterapia de grupo *profunda* seria, segundo Miller (1991), consubstanciada pelo *psicodrama psicanalítico*, *psicoterapia analítica de grupo* e a *grupanálise*. Estas duas últimas modalidades sustentam-se directamente no método psicanalítico - na sua técnica e enquadramento conceptual - sendo que, de acordo com o autor, a distinção entre elas seria apenas o número de sessões em prática: até duas sessões semanais: *psicoterapia analítica de grupo*, mais do que duas sessões semanais: *grupanálise*<sup>1</sup>.

Quanto ao psicodrama psicanalítico, a sua técnica sustenta-se, basicamente, no método psicodramático, tal como proposto por Moreno e seus seguidores, embora com uma assunção internalizada, pelos seus praticantes, de algumas das regras fundamentais associadas ao método psicanalítico. Aquém e além de uma aplicação da psicanálise - tanto em termos de método como na sua teorização - o psicodrama psicanalítico comporta uma dimensão psicanalítica que parte, essencialmente, da identidade pessoal e profissional daqueles que, sendo psicanalistas, praticam o psicodrama (Amaral Dias, 1993a).

Dos métodos considerados de intervenção superficial, destacamos, em seguida, apenas o método *repressivo* e o *educacional/orientador*, pelos aspectos históricos, relativos à evolução da psicoterapia de grupo, que ambos contêm. Passando, de seguida, pelo método psicodramático<sup>2</sup>, será o método psicanalítico, na sua aplicação à psicoterapia de grupo ao longo do tempo, aquele que nos merecerá mais atenção.

---

1 - Consideramos esta distinção bastante simplista, na medida em que enquanto a grupanálise apresenta uma especificidade bastante consistente, tanto no plano teórico como no técnico, a psicoterapia analítica de grupo, como iremos perceber ao longo deste trabalho, traduz uma intervenção terapêutica com grupos que, embora se sustente genericamente no método psicanalítico, opera-se nas mais variadas modalidades técnicas e conceptuais.

2 - Faremos uma breve referência ao Psicodrama pela sua importância histórica no terreno dos métodos psicoterapêuticos. Pela especificidade conceptual/metodológica e alcance terapêutico que lhe estão associados, mesmo na sua dimensão psicanalítica, consideramos que o seu aprofundamento explanatório nesta dissertação nos atiraria para uma dimensão afastada do seu propósito, mais correlacionado, neste contexto, com o método psicanalítico aplicado à psicoterapia de grupo.

### 2.3.1.1 - o método repressivo

Foi pela utilização do método repressivo que se fundou a prática da psicoterapia de grupo. Tal aconteceu por intermédio de Pratt (1905, in Zimmermman, 1971), norte-americano que iniciou um trabalho de reuniões semanais, de hora e meia, com pacientes tuberculosos. Os factores operantes no método utilizado por Pratt passavam por: promoção da rivalidade entre os elementos do grupo no sentido das melhoras ou cura; desejo de aprovação do líder/terapeuta; existência de lugares de honra no grupo, ocupados pelos elementos que apresentavam evoluções significativas, reforçando-se a sua importância no grupo; apelo dirigido à correcção de aspectos imaturos da vida emocional dos pacientes; acções de testemunho de elementos mais antigos que exaltavam as qualidades do tratamento e do terapeuta; técnicas de relaxamento mental e muscular (Herbert J. Harris, 1939, in Zimmermman, 1971)

Este método, criado empiricamente, pela intuição e experimentação, revelou bons resultados na recuperação física dos doentes. As técnicas repressivas em grupo foram utilizadas por outros terapeutas, nomeadamente no tratamento de úlceras gástricas e com psicóticos (Zimmermman, 1971).

### 2.3.1.2 - o método educacional/orientador

Lazell (1921, in Zimmermman, 1971), inaugura um trabalho grupal com pacientes esquizofrénicos utilizando como suporte de intervenção o *método didáctico*. Apresentando palestras aos doentes - sobre desenvolvimento da líbido, masturbação, homossexualidade, complexos de inferioridade, etc. - os pacientes, aparentemente fechados à comunicação, passaram a questionar os temas tratados. De acordo com Lezell, os resultados foram considerados satisfatórios, na medida em que a utilização de conferências, leitura e discussão de livros, relatos de casos clínicos, etc., facilitaria uma transferência a partir do aspecto impessoal das comunicações, havendo uma melhor aceitação do material do que numa psicoterapia individual. Os factores terapêuticos actuates neste tipo de intervenção são referidos por Wender (1936, in Zimmermman, 1971): intelectualização, transferência, *catarse* e interacção grupal.

### 2.3.1.3 - o método psicodramático

Moreno propõe em 1923, em Viena, um método psicoterapêutico - o psicodrama - que pretende abordar e fazer evoluir os conflitos interpessoais nascidos no seio do casal e da família. Tal seria viável através da improvisação dramática, com a intervenção de personagens

auxiliares, a partir da *catarse* dos afectos recalcados . A proposta de intervenção psicodramática implicava um pequeno grupo constituído pelo(s) sujeito(s) em conflito, pelos *Egos Auxiliares* e pelo *Director* do jogo (que se abstém de dramatizar), funcionando tal conjunto diante de um largo grupo de espectadores, que também beneficiariam do efeito catártico (Moreno, 1955).

Em 1925 Moreno parte de Viena para os Estados Unidos da América e aí desenvolve significativamente a teoria e a prática ligada ao psicodrama, dando forte ênfase à formação e desenvolvimento de papéis requeridos pela vida social e profissional das pessoas envolvidas. Para tal, apoia-se na técnica do jogo de papéis onde aspectos condensados nos hábitos e estereótipos sociais podem, pela libertação da espontaneidade pessoal, ser exteriorizados, observados e melhorados, tanto pelo sujeito que os vivencia em situação dramática como por todos os elementos presentes. Com efeito, para Moreno, a personalidade é constituída por um sistema de papéis, consubstanciando-se num átomo social. Moreno, em 1959, expande a sua concepção das relações sócio-afectivas entre os indivíduos no âmbito de um determinado grupo, a partir do desenvolvimento de técnicas sociométricas. A partir do estudo da rede desse tipo de relações (*a télé*), Moreno concebe a representação gráfica das mesmas (sociograma), o que lhe permitiria explicar determinados fenómenos grupais (Rojas-Bermudez, 1980).

Resumindo, Moreno aplica à análise das interações e conflitos intra e inter-grupos três conceitos fundamentais: espontaneidade, *catarse* e desenvolvimento/troca de papéis (Moreno, 1955). Propõe, neste contexto, o sociodrama como forma de "diagnóstico" e resolução de conflitos entre dois ou mais grupos, a partir da representação psicodramática, pelos representantes de cada sub-grupo ou de cada comunidade em conflito, das situações geradoras de conflito.

O psicodrama tornou-se uma prática terapêutica à qual os psicanalistas aderiram e que, ao longo do tempo, têm desenvolvido. Segundo Chaurang & Sacco (1995) o psicodrama será psicanalítico na medida em que, para além de manter os procedimentos técnicos e de enquadramento do psicodrama moreniano, "*o material fantasmático seja tratado como conteúdo manifesto e o conteúdo latente seja verbalizado, jogado (dramatizado) e interpretado*" (op. cit. p. 73). Ainda de acordo com estes autores: "*o psicanalista psicodramático mantém, tal como na cura clássica, a regra da abstinência (...) o objectivo terapêutico proposto será a descoberta de conflitos e a constatação de possibilidades de novas relações*" (op. cit. p. 73).<sup>1</sup>

---

<sup>1</sup> - Para além da obra de Moreno, sistematizada em *Psicodrama* (1978, ed. brasileira), os trabalhos de Rojas-Bermudez (1980), Soeiro (1990) e Pio Abreu (1992) constituem um óptimo meio de acesso ao universo psicodramático, nas suas dimensões teórica e terapêutica. Por outro lado, a obra *Os Palcos do Imaginário*, de Amaral Dias (1993), apresenta uma abordagem fundamental às actuais questões conceptuais e técnicas que se colocam no terreno interactivo que liga o psicodrama e a psicanálise.

Diferentes modalidades psicodramáticas têm sido propostas pelas diversas correntes psicanalíticas: psicodrama psicanalítico individual, de grupo, em grupo, de casal, em família, mantendo como referência, para além das técnicas psicodramáticas, a permanência das regras fundamentais da análise, principalmente a livre verbalização e a não omissão em relação aos afectos e ideias que aparecem no *aqui e agora* das sessões.

#### 2.3.1.4 - o método psicanalítico

O método psicanalítico aplicado à psicoterapia de grupo inclui, para além das regras técnicas de base, dimensões teóricas oriundas do corpo conceptual da psicanálise, com ponderações relativas em função do conhecimento e valorização atribuída por quem a pratica.

Como já salientámos, para além da *metapsicologia* freudiana, a *teoria das relações de objecto*, iniciada pelos trabalhos de M. Klein, promoveu os primeiros passos na direcção de uma psicanálise igualmente atenta aos conteúdos inconscientes e ao contexto ambiental. Um desenvolvimento correspondente em termos do estudo sobre grupos dá-se, também em Inglaterra, com a psicoterapia grupal proposta por Foulkes em 1948. Ezriel (1950), Bion (1961) e Sutherland (1952) contribuíram, igualmente, de forma profunda para a síntese e integração das teorias das relações de objecto e a dinâmica de grupos. Estes autores conduziram a inúmeros seguimentos na aplicação da análise profunda à dinâmica de grupos, nomeadamente em campos como a liderança, relações organizacionais, clima grupal e agressão entre sub-grupos (Gibbard *et al.*, 1974; Colman & Bexton, 1975; in Ashbah & Shermer, 1987).

A partir da década de 60 a *escola francesa*, como referimos anteriormente, nomeadamente com Anzieu e Käs, trouxe para o palco da psicanálise grupal importantes conceitos, que enriqueceram fortemente a compreensão dos fenómenos grupais, com consequências significativas ao nível da intervenção psicoterapêutica em grupo.

A abordagem americana foi, de alguma modo, mais ecléctica e diversa do que a inglesa e francesa, destacando-se os trabalhos de Wolf & Schwartz (1962) e de Slavson (1979) na sua contribuição para o desenvolvimento de uma *praxis* no domínio da psicoterapia analítica de grupo. Todavia, outros autores americanos (Scheidlinger, 1952; Helen Durkin, 1964; Schutz, 1958; Bennis & Shepard, 1956; Whitaker & Lieberman, 1964; in Ashbah & Shermer, 1987) também procuraram uma integração da teoria psicanalítica na psicoterapia de grupo, nomeadamente numa articulação com a *dinâmica de grupos* de Lewin.

Face às diversas conceptualizações que foram surgindo sobre esta matéria, tem sido bastante difícil organizar uma linguagem comum, onde as diferentes teorias possam ser comparadas e

unificadas. Por exemplo, são vários os autores que têm tentado estabelecer uma caracterização de fases de desenvolvimento dos grupos. No entanto, a dificuldade em partir de um mesmo paradigma de análise resulta em divergências conceituais significativas.

A modalidade técnica da intervenção (em termos de *quadro* ou *setting* proposto) apresenta-se também ela bastante heterogênea, consoante a concepção do funcionamento dos grupos e dos respectivos fenómenos. Todavia, a especificidade psicanalítica da prática psicoterapêutica grupal advém, para além das dimensões teóricas oriundas da psicanálise, das regras básicas contidas no seu método: associação livre, neutralidade benevolente, abstinência, trabalho de interpretação, etc.. Tal como afirma Kaës (1994): "*o quadro grupal não contradiz, no fundo, os requisitos teóricos e metodológicos da psicanálise (...) é na medida em que os princípios metodológicos invariantes se mantêm consolidados que os vários quadros podem tolerar variações apropriadas aos seus objectivos particulares*" (*op. cit.* p. 88).

A diferenciação entre as várias práticas psicoterapêuticas grupais faz-se, nomeadamente, a partir da valorização dada ao indivíduo ou ao grupo como um todo. Com efeito, apesar das divergências teóricas sobre os fenómenos grupais, o próprio processo evolutivo da prática da psicoterapia de grupo de orientação psicanalítica fez-se mantendo-se o essencial do corpo teórico e da técnica analítica clássica, mas alterando-se o vértice de observação e intervenção: da tónica no indivíduo (em grupo) para a tónica no grupo como um todo.

Assim, é assentando na relação dinâmica entre a prática e a conceptualização teórica que a psicoterapia de grupo tem evoluído, originando diversos modelos de intervenção. Uma impulsionando a outra, retroactivamente.

### a tónica no indivíduo

De acordo com Zimmermman (1971), o introdutor do *método psicanalítico* na psicoterapia de grupo foi Schilder, tendo desenvolvido na década de trinta um trabalho psicoterapêutico com pacientes preparados, antes da sua integração em grupo, com um treino de associação livre, a partir da recolha da sua história individual. Os elementos do grupo intercalavam sessões individuais com as grupais. Para Schilder, a relação estabelecida entre o terapeuta e cada um dos pacientes é bastante mais intensa do que a que estabelecem os pacientes entre si. Aquele representaria para os elementos do grupo o pai ou a mãe.

Schilder partia do pressuposto de que as experiências humanas são muito semelhantes se forem atendidos os seus níveis mais profundos. Neste contexto, acentua a ênfase no indivíduo, salientando: "*culpa, ansiedade, dependência e insegurança, permanecem como problemas*

*individuais e podem ser levados a uma solução individual quando discutidos livremente em grupo*" (Schilder, 1939, cit. in Zimmermann, 1971, p. 33). No entanto, os fenómenos de grupo e a sua dinâmica nunca foram suficientemente esclarecidos por Schilder.

Tal como Schilder, Slavson (1956) confere a tónica da psicoterapia analítica de grupo ao indivíduo, constituindo-se as suas intervenções numa *psicoterapia (individual) em grupo*, tal como acontece no método psicodramático. Assim, ao lado da interpretação de um determinado motivo ou problema, o grupo é orientado pela actuação interpretativa e, algumas vezes, explicativa, a um membro, com benefício para os integrantes, à medida que estes se vão identificando com o *protagonista*.

Wolf & Schwartz publicaram, em 1962, *Psychoanalysis in Groups*, afirmando-se também como importantes autores nas primeiras aplicações da psicanálise à psicoterapia de grupo. As técnicas enfatizadas por estes autores passam pela técnica psicanalítica clássica, nomeadamente no que se refere à interpretação dos sonhos, associação livre, análise de resistências e ênfase nos processos transferenciais e contra-transferenciais. A ênfase das intervenções do analista é dada ao indivíduo e não ao grupo como um todo, a partir da análise das transferências dos elementos do grupo para o analista e/ou, por deslocamento, para outros elementos do próprio grupo. O principal objectivo do analista, segundo estes autores, é conduzir os pacientes a uma percepção e a uma integração social mais plenas.

### a tónica no grupo como um todo

Naquilo que podemos considerar como a segunda orientação da psicoterapia analítica de grupo, a tónica da intervenção passa a ser dada ao grupo como um todo. Neste âmbito, destacam-se os trabalhos pioneiros de Reld (1942), centrados essencialmente nas resistências do grupo como um todo, enquanto "cobertura" às resistências individuais.

Como já referimos em 2.2.2, Bion, pelos trabalhos desenvolvidos na década de 50, é considerado como um dos autores que mais contribuiu para a compreensão psicanalítica dos fenómenos grupais. Neste contexto, Bion (1961) consubstanciou uma forte inovação ao conceptualizar e desenvolver a teoria do funcionamento unitário.

É no seguimento dos trabalhos desenvolvidos por Bion no âmbito da *Tavistock Clinic* de Londres, que Ezriel, Rickman e Foulkes, no mesmo contexto, concebem, nas décadas de 50 e 60, novas bases teóricas e metodológicas no que respeita à compreensão dos fenómenos grupais e à prática psicoterapêutica neste domínio, consubstanciando a grupálise.

Ezriel (1950) promoveu importantes contribuições à compreensão e operacionalização da transferência nas terapias de grupo. Em sequência da conceptualização relativa ao funcionamento dos grupos proposta por Bion, Ezriel propõe que as interpretações sejam dadas ao grupo como um todo, pelo facto de as acções e pensamentos expressos pelos diversos elementos, aparentemente incoerentes, serem considerados como dinamicamente relacionados entre si. De acordo com Zimmermman (1971), esta perspectiva parte do pressuposto de que "*existe uma fonte dinâmica inconsciente comum, uma necessidade que alcança a mente dos pacientes com uma determinada intensidade, procurando alívio através do estabelecimento da relação entre os componentes do grupo e o terapeuta, na situação do "aqui e agora" da sessão psicoterapêutica*" (op. cit. p. 36).

Ezriel propõe o conceito *denominador comum* para traduzir a tensão comum do grupo, "*da qual o grupo não tem consciência mas que determina a sua conduta*" (1952, cit. in Zimmermman, 1971, p. 36), resultante das fantasias inconscientes dominantes de todos os elementos que o constituem. Neste contexto, segundo Ezriel, as interpretações efectivas seriam as transferenciais, dirigidas primariamente ao *denominador comum*. Considera, neste âmbito, que os pacientes procuram, tanto pela transferência entre eles como para com o analista, estabelecer relações de objecto particulares, o que se manifesta nas suas atitudes e pensamentos. A *tensão comum* surgiria pela adesão complementar entre as demandas, ao nível fantasmático inconsciente, dos vários elementos do grupo. O fantasma de um elemento activa e mobiliza outras formações fantasmáticas nos outros elementos do grupo, face à ressonância relativa ao primeiro (Ezriel, 1950).

Embora Ezriel partilhasse a concepção de Bion sobre o funcionamento unitário dos grupos, os procedimentos técnicos por ele propostos, eram mais complexos. Para Ezriel a tensão comum do grupo incide sobre cada paciente de maneira exclusiva e idiossincrática, em função da sua estrutura de personalidade. Assim, seria função do analista compreender o que é que a atitude e os pensamentos do elemento de um grupo significam para os outros e como é que cada um reage de forma específica ao problema comum do grupo. Num esforço de integração da dinâmica individual e grupal, Ezriel considera, neste âmbito, que cabe ao analista a difícil tarefa de diagnosticar não apenas a tensão comum do grupo, mas também a teia relacional referida, antes de formular uma interpretação abrangente em que todas essas facetas se encontrem especificadas (Ezriel, 1952, in Horwitz, 1993).

Sutherland (1952) subscreve a sua orientação aos três pressupostos conceptuais propostos por Ezriel (de quem foi colaborador na criação do modelo associado à *Tavistock Clinic*), a saber: a) a teoria psicanalítica das relações inconscientes de objecto e da transferência; b) a *tensão comum* do grupo e [c)] a tónica na realidade grupal e a orientação da interpretação das

acções/comentários individuais à tensão comum do grupo. Segundo Sutherland, a natureza essencial do processo psicoterapêutico de grupo corresponde à da análise individual.

Enquanto Bion e Ezriel orientaram a sua atenção para o funcionamento mental unitário dos grupos, em que fantasias partilhadas, conflitos e temas dominam as reacções conscientes e inconscientes de cada membro, Foulkes, a partir da década de quarenta, interessou-se particularmente pela soma total das comunicações no grupo, pela *gestalt* grupal que influencia cada membro.

É neste sentido que Zimerman (1993) considera ter sido Foulkes quem inaugurou a psicoterapia psicanalítica de grupo, com enfoque gestáltico<sup>1</sup> considerando-o o "*líder mundial*" (*op. cit.* p. 49) desta prática. Quanto ao termo *grupanálise*, indiscutivelmente associado a Foulkes, Cortesão (1989) afirma "*ninguém pode pôr em causa que o termo grupo-análise se deve a Foulkes em mérito próprio e específico*" (*op. cit.* p. 34).

Embora Foulkes tivesse formação psicanalítica, tendo praticado psicanálise até ao fim da sua vida, foi desenvolvendo um interesse crescente pela natureza social dos seres humanos. Deste interesse surgiu o deslocamento para os grupos, considerados pelo autor como o lugar natural para o tratamento de transtornos emocionais: "*a natureza social do homem é um facto fundamental e irreduzível (...) consideramos todo o mal como algo que se produz no seio de uma rede complexa de relações interpessoais (...) a psicoterapia de grupo é uma tentativa de tratar a rede integral de problemas, seja no ponto de origem do grupo de origem - primitivo -, seja colocando o indivíduo perturbado em condições de transferência num grupo estranho*" (Foulkes, 1964, p. 108).

O seu desenvolvimento como analista de grupo foi intensamente reforçado pelo serviço que prestou em tempo de guerra como psiquiatra militar<sup>2</sup>. Neste contexto, com um grupo de colegas, criou e desenvolveu a teoria e prática da análise de grupo. A percepção de que todos os eventos se dão em situação (analítica) de grupo - em que o grupo interage como um todo ao mesmo tempo em que coloca o membro do grupo no centro das atenções, como é o caso em todos os tratamentos psicanalíticos - constitui, de acordo com Pines & Hearst (1993), a essência da inovação da análise de grupo proposta por Foulkes.

---

1 - Segundo Zimerman (1993), por *gestalt* grupal entende-se "*o facto de um grupo se comportar como um catalisador: a emoção de um desencadeia a emoção nos outros e a emoção de cada um é amplificada pela presença dos outros*" (*op. cit.* p.47).

2 - Em virude do período fértil de investigação neste domínio, proporcionado pelos anos de guerra, a psicoterapia de grupo e a grupanálise consolidaram-se em Inglaterra enquanto importantes modalidades de tratamento de carácter psicanalítico. A grupanálise apresenta-se hoje como uma prática sustentada numa identidade própria bem definida, assente em investigações e possibilidades de formação bem sistematizadas por diversas sociedades e institutos espalhados pelo mundo. Uma característica distinta dessa identidade teórica e metodológica consiste no seu eclectismo inclusivo. Com efeito, desde os seus primórdios, congrega escolas de pensamento e disciplinas anteriormente isoladas: psicanálise, psicologia social, psicologia gestáltica e teoria geral dos sistemas (Pines & Hearst, 1993).

O conceito de *matriz grupal* é central no quadro conceptual relativo à grupalise. Foulkes (1967) propõe a seguinte definição: "A matriz é a teia hipotética de comunicação e relação num dado grupo. É o terreno partilhado em conjunto que, em última instância, determina o sentido e a significação de todos os acontecimentos, e no qual se integram todas as comunicações e interpretações, verbais e não verbais" (Foulkes, 1967, pp. 31-34).

De facto, está bem presente na conceptualização de Foulkes a influência do contexto da escola gestáltica da psicologia dinâmica, de onde retirou a importante compreensão sobre a alternância *figura e fundo* que se opera no processo de comunicação verbal e não verbal, evidente na evolução do grupo analítico. É neste contexto que Cortesão (1989) afirma: "a comunicação, quer quanto à forma quer quanto ao seu conteúdo, varia na perspectiva da figura condicionada pelo fundo em que se opera" (*op. cit.* p. 96).

A grupalise, em termos gerais, parte do pressuposto de que, nos grupos que constituem o seu objecto de intervenção, há uma troca de informação a todos os níveis, conduzindo essa troca à ampliação e ao aprofundamento da compreensão. Todos os dados observáveis, conscientes ou inconscientes, verbais ou não verbais, são comunicações pertinentes, sejam dos pacientes seja do grupo como um todo. Para Foulkes, mais importante do que a informação fornecida é o processo de comunicação: "O grupo terapêutico estabelece uma zona comum na qual todos os membros podem comunicar e aprender a compreenderem-se uns aos outros. No interior deste processo, os elementos do grupo começam a compreender a linguagem do sintoma, os símbolos e os sonhos tal como compreendem as comunicações verbais. Devem aprender pela experiência pois só esta é significativa e, conseqüentemente, terapêuticamente eficaz (...) este processo de comunicação tem muito em comum com os processos que tornam consciente o inconsciente." (Foulkes, 1964, p.108).

Segundo Cortesão (1989), clinicamente, as intervenções do analista de grupo podem ser dirigidas a pacientes individuais, ao grupo como um todo ou a partes do grupo, na concepção de que todas as intervenções são recebidas por todos os pacientes do grupo. A tarefa do grupalista é facilitar e permitir comunicações cada vez mais profundas e mais amplas no grupo, intervindo essencialmente quando a comunicação se encontra bloqueada. Neste sentido, as intervenções do grupalista assumem um amplo leque de níveis interpretativos, sendo a *interpretação comutativa*, proposta por Cortesão (1989), aquela que é actualmente considerada como a que mais encoraja a evolução terapêutica no contexto do processo grupalítico<sup>1</sup>.

---

<sup>1</sup> - Segundo Cortesão (1989) é observável em qualquer grupo, e não somente no grupo psicanalítico, uma variação constante de níveis de experiência, de comunicação e de interpretação. Aquilo que pode tornar específica a mutabilidade destes níveis, num processo grupalítico, é o modo como a interpretação é forjada e transmitida. Neste sentido, a estratégia do analista será conseguir, no decorrer da sessão, interpretar os contextos transmitidos na matriz de tal modo que a relação de transferência global possa ser posta em foco, tornando explícito aquilo que está implícito.

Resumimos com Kaës (1993) a essência da grupanálise: "*No sentido lato, a grupanálise é um método de investigação das formações e dos processos psíquicos que se desenvolvem num grupo, funda os seus conceitos e a sua técnica sobre certos aspectos fundamentais da teoria e método psicanalíticos, e sobre as elaborações psicanalíticas originais relativas à tomada de consideração do grupo enquanto entidade específica. Num sentido mais restrito, a grupanálise é uma técnica de psicoterapia de grupo e um quadro de experiência psicanalítica do inconsciente em situação de grupo*" (op. cit. p. 63).

A conceptualização de Foulkes não parece ter o alcance, no que se refere ao funcionamento unitário do grupo e às fantasias e/ou conflitos partilhados, atingido por Ezriel e Bion neste âmbito, embora não desprezasse tais fenómenos. Numa outra perspectiva, centrou a sua atenção na forma como os membros influenciam o grupo e este, por sua vez, afecta os membros, dinâmica em que os significados produzidos consubstanciam a *matriz grupal*. Apesar de considerar que os membros do grupo estão sujeitos ao mesmo *input*, provindo da mesma rede de comunicação, Foulkes não deu o passo seguinte, como o fizeram Bion e Ezriel, na formulação de uma teoria que atenda aos processos mentais comumente partilhados, *pressuposto básico* ou *tensão comum* do grupo. Ficou-se pela consideração da *matriz grupal*, enquanto factor de fundo que influencia cada elemento do grupo.

### recentes teorias centradas no grupo

Nos últimos anos têm sido vários os esforços no sentido da incorporação de novos paradigmas de pensamento na integração das dinâmicas individual e de grupo. Neste contexto, tanto Yvonne M. Agazarian (1989, 1992), como Charles Ashbach & Victor Schermer (1987) incorporaram a *teoria geral dos sistemas* nos seus modelos. Por outro lado, Ramon Ganzarain (1989, 1992), suportado nas idéias básicas propostas por Bion e na *teoria das relações de objecto* oriunda de M. Klein, tentou formular e integrar as psicologias de grupo e individual. Passamos a referir os principais aspectos destas contribuições.

#### - Terapia Centrada em Sistemas

Agazarian (1989), baseando-se nos princípios da *teoria geral dos sistemas*, conceptualiza uma intervenção terapêutica grupal em termos de um conjunto hierárquico e isomórfico de sistemas, incluindo um sistema de grupo-como-um-todo, um sistema de sub-grupo e um sistema individual. A patologia é concebida como resultante de dificuldades e conflitos assentes na

comunicação, sendo que "*cada um aprende a aceitar os seus sintomas como sinal do problema, não confundindo aqueles com este*" (Agazarian, 1992, p. 198).

Para a autora, num grupo, a tarefa de cada elemento, em qualquer ocasião determinada, é juntar-se a um sub-grupo no sentido de começar a experienciar tanto as diferenças como as semelhanças com os outros elementos desse sub-grupo. A partir da permeabilidade que se cria entre os limites existentes entre sub-grupos em conflito, o desenvolvimento de um certo grau de resolução de diferenças torna-se possível. Neste contexto, refere: "*A terapia centrada nos sistemas que atende aos limites, reduz as redundâncias, ambiguidades e contradições na comunicação na medida em que os limites se mantenham permeáveis e a informação possa circular. Na prática isto significa o enfraquecimento das defesas (dentro e entre os elementos, os sub-grupos e os grupos) que interferem no trabalho dirigido aos objectivos*" (Agazarian, 1992, p. 198).

Quanto mais os sub-grupos antagónicos se tornarem capazes de comunicar-se, pelos seus limites, maior vai sendo a integração entre eles. Como resultado final deste processo de integração encontra-se a possibilidade de mudanças positivas tanto para o grupo como para cada elemento que o constitui. De acordo com Agazarian (1989), o papel conferido ao terapeuta de grupo, ao centrar-se no sistema, conduz a sua atenção para o processo de comunicação entre os sub-grupos, mais do que aos conteúdos manifestados entre os elementos do grupo. Todavia, "*pacientes e terapeutas são aliados e têm as mesmas metas pessoais: falar de forma autêntica sobre os problemas da vida do grupo, estar alerta para as defesas, próprias e dos outros, e estabelecer um contacto íntimo entre eles próprios e cada um dos outros*" (Agazarian, 1992, p. 198). Neste contexto, merecem atenção os fenómenos de bode expiatório, sustentados em movimentos intensos de identificações projectivas.

A proximidade com as intervenções realizadas em terapia familiar sistémica, onde a família é concebida enquanto sistema funcional assente nos processos de comunicação, parece evidente no método de abordagem aos grupos proposto por Agazarian.

#### - Modelo Trissistémico

Asbach & Schermer (1987) propõem uma mudança paradigmática na conceptualização das complexidades relativas à psicoterapia de grupo. Postulam a existência de três sistemas: o membro individual em profundidade (*sistema intrapsíquico*), um *sistema interactivo* caracterizado pelos processo de comunicação e o *grupo-corno-grupo*, caracterizado principalmente por temas inconscientes comuns.

Consideram estes autores que o sistema interactivo funciona como elo entre a estrutura intrapsíquica do membro individual e a dinâmica do campo grupal: "*O sistema intrapsíquico e o grupo como um todo são intercalados pelo sistema interactivo, constituído pela percepção, comunicação, funções e limites do Eu, defesas interactivas (por exemplo, identificação projectiva), etc.. Através destes mecanismos intermediários, o sistema grupal pode ser transformado pelos sistemas da personalidade e vice-versa. Percepção, comunicação e interacções protagonizam funções de input-output entre o indivíduo e o grupo. Actuam como um sistema limitante que pode ser relativamente aberto ou fechado às mudanças no grupo ou na pessoa (...)*" (Asbach & Schermer, 1987, p. 156). Concebem, assim, a existência de uma tensão e um intercâmbio contínuo entre os três sistemas dinâmicos, a partir dos limites regulatórios entre eles.

Não definindo uma *praxis* terapêutica, Asbach & Schermer (1987) apenas sugerem, em termos técnicos, que o terapeuta "*deve estar para além da interpretação da patologia individual, para se tornar um 'condutor' do grupo (...) deve aprender a pensar de forma interactiva e sistémica sobre os problemas que cada paciente traz para o grupo e sobre o decorrer do processo grupal*" (op. cit. p. 252). Dedicando a sua atenção a cada um dos sistemas referidos, o terapeuta deve apenas intervir naquele que, em dado momento, lhe pareça exigir maior atenção. De acordo com os autores, o campo da psicoterapia de grupo deve enfatizar o estudo dos tipos de processos interactivos utilizados pelos membros do grupo para construir pontes entre as suas profundas experiências internas e a realidade do grupo.

A contribuição de Asbach & Schermer passa pela importante chamada de atenção para as influências recíprocas do membro individual sobre o grupo e deste sobre o primeiro, bem como para a interrelação entre os três sistemas contidos no âmbito grupal. Num considerável esforço de integração teórica e conceptual, estes autores, mais do que propor uma técnica de intervenção em psicoterapia de grupo, procuraram interrelacionar a *teoria das relações de objecto*, a *psicologia do self* e a *teoria geral de sistemas* no sentido da unificação epistemológica entre a psicologia individual e a psicologia grupal.

#### - Modelo das Relações de Objecto

Ganzarain (1989, 1992) propõe como quadro de referência teórica para a abordagem em psicoterapia de grupo, a *teoria das relações de objecto*, essencialmente no que se refere às contribuições de Melanie Klein. Assim, Ganzarain (1992) enfatiza os mecanismos defensivos primários, como a clivagem, identificação projectiva, negação onipotente, projecção e introjecção enquanto "*recursos plenos para proteger o self em perigo e os objectos ameaçados de fantasiada destruição iminente*" (op. cit. p. 207).

Este autor baseia-se também na concepção bioniana de *pressuposto básico*, no sentido em que concebe o grupo como entidade altamente influenciada por pressões oriundas de ansiedades e defesas primitivas. De acordo com este modelo, a psicoterapia de grupo "*tende a focar primordialmente as vicissitudes da entidade grupal, não excluindo, todavia, componentes intrapsíquicos ou interpessoais da vida do grupo (...) cada luta intrapsíquica de cada elemento é entendida como um conflito partilhado em vários níveis por todos os elementos*" (Ganzarain, 1992, p. 209).

A tónica dada por Ganzarain aos mecanismos defensivos primários - contra angústias de tipo psicótico - confere à sua abordagem uma especificidade que a distingue de outras, centradas no grupo como um todo, como, por exemplo a proposta por Ezriel (1950) - que procura a *tensão comum* do grupo, ou a de Whitaker & Lieberman (1964) - que atende ao *conflito focal*.

Ainda no âmbito da questão da tónica no grupo como um todo, de acordo com Hinshelwood (1987), a consideração dos processos de nível grupal não equivale necessariamente à consideração da dinâmica do grupo como um todo. Para o autor, no contexto de observação do grupo como um todo presume-se que uma reacção colectiva expressa um tema unitário ou visão compartilhada dos membros, ou mesmo que reflecte o menor denominador comum dos conflitos individuais dos elementos.

No entanto, segundo o mesmo autor, tal acontece principalmente quando os membros do grupo são confrontados com um estímulo comum, tal como a entrada de um novo elemento ou com algum acontecimento relacionado com o psicoterapeuta (faltas, férias, etc.). Todavia, a fantasia grupal reflecte, muitas vezes, aspectos do relacionamento entre os elementos do grupo, constituindo-se como uma externalização das suas relações objectais internas, actualizadas, reencenadas e representadas no campo social do grupo. Hinshelwood (1987) denominou este processo por *dramatizações*, enquanto consequências de projecções múltiplas, representando uma *clivagem* interna projectada no campo social do grupo. Podem ser manifestadas por conflitos ou alianças entre sub-grupos e/ou elementos individuais.

Tal como já registámos, Anzieu (1984) mostra-se bem claro quanto a estes processos da vida grupal. Considera que as formações de nível grupal se podem organizar em torno da fantasia inconsciente de um ou mais dos seus elementos, dominadores da cultura do grupo. Estes, segundo o autor, podem determinar a estrutura do grupo e, em graus variados, influenciar os papéis desempenhados pelos outros elementos, uma vez que, nos grupos psicoterapêuticos, a disputa pela liderança se encontra sempre presente.

### **2.3.2 - A psicoterapia de grupo com crianças na idade da latência - aspectos históricos e diversidade técnica e conceptual**

As crianças da idade da latência estiveram entre as primeiras populações de pacientes sobre as quais foram aplicadas abordagens psicoterapêuticas de carácter grupal. Na década de quarenta, nos Estados Unidos da América, tanto Sam Slavson (1943) como Virginia Axline (1947) criaram modelos de intervenção em grupo, de orientação psicanalítica, dirigidos especificamente a crianças. Estes modelos partiam da consideração das vicissitudes típicas do desenvolvimento psico-sexual, procurando abarcar um leque variado de perturbações da infância, tais como, inibições, transtorno da identidade de género e da conduta, patologias de carácter, etc..

Os modelos grupais criados nos EUA, nas décadas de 40 e 50, enquadrados na proposta de Slavson, que os designou por *Activity Interview Group Psychotherapy*, dirigiam-se essencialmente à promoção do *insight*. No entanto, logo desde o início destes trabalhos, muitos foram os clínicos que questionaram a capacidade de certas crianças em tratamento, com dificuldades acentuadas de desenvolvimento psico-afectivo, poderem alcançar um *insight* que lhes fosse útil.

Neste sentido, foram sendo desenvolvidos modelos alternativos com predominância de técnicas compensatórias. Estes modelos, propõem o grupo como um meio ambiente aceitante (em termos contemporâneos, como *continente*), no qual seja facilitada a expressão dos desejos, medos e dificuldades das crianças. Paralelamente são oferecidas experiências emocionais específicas, no sentido da compensação de carências originárias das perturbações. A interpretação, no sentido verbal e enquanto modalidade tradutora das fantasias inconscientes, é, neste contexto, desvalorizada (Schamess, 1993).

Desta "divergência", formaram-se duas correntes técnicas de base que têm progredido até à actualidade. Uma de actividade interpretativa, embora inclua o jogo livre ou actividades dirigidas como forma de expressão, e outra de tónica experiencial, no sentido da compensação e "correção" de experiências anteriores promotoras de dificuldades no desenvolvimento.

Em qualquer dos casos, a visão geral da teoria e da prática na psicoterapia de grupo com crianças enraíza-se, maioritariamente, numa perspectiva desenvolvimental da psicopatologia. Neste sentido, os grupos de tratamento de crianças são encarados no sentido de facilitar a aquisição das "competências" específicas da fase de desenvolvimento em que essas se encontram. Uma compreensão dos processos desenvolvimentais torna possível estruturar

grupos proporcionadores de experiências específicas a crianças que, por dificuldades de integração, funcionam numa ampla gama de níveis de desenvolvimento.

Nos últimos anos, a perspectiva desenvolvimental tem sido reforçada e ampliada por um crescente corpo teórico que dirige a sua atenção para os fenómenos do grupo como um todo, tal como se apresentam em grupos de crianças (Garland, 1992; Pfeifer, 1992; Racusin & Moss, 1992; Sakurai & Abrams, 1992; Spinner, 1992; in Schames 1993), e por um crescimento no interesse da exploração das conexões existentes entre grupos de tratamento de crianças e outras técnicas grupais que tentam modificar aspectos disfuncionais do sistema familiar do paciente infantil (Cunningham & Mathewes, 1982; Davis *et al.*, 1988; in Schames, 1993).

No decorrer da década passada, nos EUA, o campo vem sofrendo uma mudança de perspectiva, afastando-se da teoria desenvolvimental para privilegiar a teoria do trauma. Esta mudança tem promovido a criação de grupos de crianças focados no trauma, tido como originador dos seus distúrbios (é o caso de grupo com crianças abusadas sexualmente, vítimas de maus tratos, etc.). Estes grupos pretendem ajudar as crianças a lidar com as sequelas consequentes da sua experiência traumática, não atendendo à especificidade psicodinâmica das personalidades dos elementos que os constituem. São grupos pedagogicamente orientados, funcionando como contentores da ansiedade das crianças, reduzindo a probabilidade de regressão e descompensação<sup>1</sup>.

O campo das terapias de grupo com crianças, com o passar do tempo, certamente sofrerá uma integração gradual das várias perspectivas de abordagem: desenvolvimentais, de sistema familiar, de grupo como um todo, centradas no trauma, etc.; permitindo que os responsáveis pela sua prática escolham a perspectiva teórica e o modelo de tratamento de grupo que melhor se ajusta às necessidades das crianças a tratar. De acordo com Schames (1993), um notável grau de integração já ocorreu em relação à disputa de longa data a respeito dos méritos relativos das intervenções não interpretativas (experienciais) e interpretativas, em grupos de crianças. Actualmente, ambas as hipóteses são consideradas válidas desde que atendam às características e necessidades emocionais específicas das crianças.

Para além da psicoterapia de grupo propriamente dita, outras modalidades de intervenção terapêutica com crianças e adolescentes têm sido desenvolvidas. São exemplo, o psicodrama, individual ou em grupo, e os grupos de expressão dramática, diferentes entre si pela sua natureza conceptual de base e/ou técnica utilizada<sup>2</sup>. Dentro do campo específico das

---

<sup>1</sup> - Elizabeth Rice-Smith apresenta no *Compêndio de Psicoterapia de Grupo* (1993), uma boa sistematização das modalidades praticadas neste tipo de intervenção grupal.

<sup>2</sup> - A obra *Groupes d'Enfants et Cadre Psychanalytique* (1995), organizada por Privat & Sacco, reúne descrições de vários autores a propósito de algumas destas técnicas, utilizadas, neste caso, em França.

psicoterapias de grupo, a distinção entre as modalidades que se praticam faz-se pelo *quadro* criado ou adoptado para a intervenção terapêutica e pela diversidade de referências teóricas. O número e a diversidade dos modelos, existente actualmente, reflecte não apenas um renascimento do interesse por este campo, mas também o princípio de que se pode construir grupos de crianças dirigidos a uma ampla gama da psicopatologia infantil.

Com efeito, com o objectivo comum de promover melhoras nos pacientes que compõem o grupo, técnicas diferentes parecem conduzir a resultados semelhantes. O volume 7-8 da *Revue de Psychothérapie Psychanalytique de Groupe* (1987) revela uma diversidade considerável de técnicas. Aqui, são descritas formas bastante diversas de entendimento e de intervenção em psicoterapias de grupo com crianças. Apresentamos, de seguida, alguns exemplos referidos na obra citada.

Josette Privat & Pierre Privat propõem uma técnica para crianças de 5 e 6 anos com dificuldades de integração escolar, que se baseia no conceito de *território individual*. Utilizam uma mesa circular dividida em cinco sectores, pintados com cores distintas, correspondendo a quatro crianças e ao terapeuta. No centro encontra-se pintado um círculo, considerado como espaço comunitário. Cada criança e o terapeuta possui uma caixa com material praticamente idêntico: bonecos, animais, carros, cubos e plasticina, tudo da mesma cor do sector a que cada um pertence. A participação do terapeuta é associativa, prolongando o jogo das crianças, estimulando a sua entrada em cena. Para tal, o terapeuta promove "conversas" entre os personagens por si criados e os das crianças, com comentários, estímulos verbais ou propondo actividades comuns no território central. Deduz-se do artigo apresentado por estes autores que o terapeuta, apesar de entender o que sucede com o grupo em termos de conteúdos mentais inconscientes - fantasias, ansiedades e pulsões primárias -, não formula interpretações nesse sentido. A sua actividade terapêutica centra-se, essencialmente, na participação no jogo.

Num outro artigo da mesma obra, Pierre Privat & Jean-Bernard Chapelier afirmam que a idade da latência é particularmente indicada para o tratamento em grupo, e referem dois períodos distintos do processo terapêutico: "*o primeiro centra-se essencialmente na análise do grupo (...) e o segundo no trabalho mais pessoal (...) na primeira fase as intervenções do terapeuta centram-se especialmente no grupo, enquanto que na segunda, o trabalho psicoterapêutico orientar-se-á, apoiando-se sempre na dinâmica grupal, para um domínio mais individual*" (op. cit. p. 21).

Geneviève Haag apresenta, também na *Revue de Psychothérapie Psychanalytique de Groupe* (1987), um trabalho com grupos de crianças muito perturbadas, autistas e psicóticos, com a utilização privilegiada de jogos, marionetas, cubos, arcos, etc.. No seu artigo apresenta uma sessão em que a actividade do terapeuta consiste em verbalizar as angústias primárias expressas

na conduta e no jogo realizado com o material. A autora considera que, na situação de grupo, é mais eficaz interpretar utilizando formulações verbais na forma "se...", ou "alguém conta..." e nunca directamente: "tu fazes isto...estás a mostrar aquilo".

Sempre no mesmo volume, Martha S. Villarinot descreve a sua experiência com grupos de orientação psicopedagógica, para pacientes com idades entre os 11 e os 15 anos. Estes, apresentam dificuldades de aprendizagem relacionadas com sérias perturbações da personalidade, a par de importantes conflitos relacionais. A função do grupo passa pela tentativa de modificar os vínculos interpessoais, no sentido de melhorarem a sua capacidade de aprendizagem. Como suporte material da tarefa utilizam uma caixa com elementos úteis para favorecer as actividades, a que mais tarde podem aderir outros elementos, por sugestão das crianças ou do terapeuta. Esta autora descreve a actividade do terapeuta no grupo como de carácter verbal e não verbal: coopera e facilita a cooperação entre as crianças, realiza tarefas conjuntamente com elas, mesmo por elas, clarifica aspectos ligados ao comportamento ou verbaliza sentimentos para facilitar a expressão verbal e a integração. Também contribui para a aquisição de novos conhecimentos com explicações, orientação para fontes de informação e promoção da procura de material didáctico próprio.

Para terminar a revisão desta obra, salientamos a técnica apresentada por Mortimer Schiffer com crianças na idade da latência, inspirada nos *Activity Interview Group Psychotherapy*, iniciados por Slavson nos anos 40. Nos seus grupos são utilizados o jogo e actividades manuais, a comunicação individual e interindividual, verbal e não verbal, para explorar as significações subjacentes aos comportamentos manifestos. Num primeiro tempo o terapeuta interpreta este material com prudência, promovendo a interpretação realizada pelas próprias crianças, motivadas na procura de novas significações pelos primeiros benefícios obtidos. De acordo com Schiffer "*este trabalho torna-se possível pela realização de diálogos individuais no seio do grupo, mas também pela promoção de comunicações verbais interindividuais*" (op cit. p. 77). O terapeuta e as crianças instalam-se em redor de uma mesa e, em cada sessão, é destinado um tempo específico às trocas verbais, onde podem expressar as suas preocupações pessoais, particularmente as que se ligam com os motivos que as conduziram ao tratamento. As intervenções do terapeuta são dirigidas, essencialmente, às angústias e conteúdos inconscientes primários de cada criança, mais do que às relações interpessoais e às interacções no grupo, ou às fantasias e ansiedades comuns/partilhadas. Neste sentido, trata-se de uma intervenção que se aproxima mais de um conjunto de tratamentos individuais - uma psicoterapia individual em grupo - do que um trabalho propriamente grupal.

Uma das mais conhecidas sistematizações sobre a técnica e o próprio processo terapêutico, de orientação psicanalítica, com grupos de crianças, foi apresentada em 1981 por Gérard Decherf

na obra *Édipo em Grupo*. Aqui, o autor dá-nos conhecimento de um modelo específico de intervenção, praticado em contexto hospitalar em França, e fortemente sustentado nas concepções de Anzieu. Segundo o autor, o modelo apresentado é "*apoiado essencialmente no processo psicanalítico, utilizando a transferência, a interpretação das associações livres, verbais ou não (...) ajudando as crianças a exprimirem a sua vida pulsional e a mentalizarem os seus conflitos*" (op. cit. p. 7).

Alguns dos modelos acima referidos apresentam semelhanças, em termos formais, com o que apresentamos no próximo capítulo e que constitui o núcleo da nossa prática e reflexão. Todavia, afastamo-nos de qualquer intenção de realizar análises comparativas, ou seja, constatar pontos de encontro ou afirmar especificidades e, muito menos, comparar eficácias terapêuticas. Relembramos, neste contexto, que o nosso trabalho visa, fundamentalmente, apresentar um modelo singular, naquilo que constitui o seu *quadro* e o processo terapêutico decorrente. A contribuição para uma teoria da técnica (mais propriamente, do *quadro*) no sentido da sua validação enquanto *praxis* de dimensão psicanalítica, adequada às crianças a que se dirige, é o nosso objectivo complementar à apresentação sistematizada do modelo.

## **PARTE II**

---

**PSICOTERAPIA ANALÍTICA DE GRUPO NA  
LATÊNCIA - A PRAXIS**

# 3

---

## UM MODELO - DESCRIÇÃO DO QUADRO

### 3.1 - A PROCURA DE AJUDA

É no seio de um grupo - o grupo familiar - que a criança nasce e se desenvolve. A sua evolução depende, em grande parte, das relações interpessoais e vivências passadas no contexto deste primeiro grupo. Mesmo quando, mais tarde, se separa da família, transporta-a dentro de si, numa representação interna mais ou menos securizante e que influenciará o seu modo de se relacionar, com os outros (incluindo vários grupos: o escolar, o de pares, o sócio-profissional, etc.) e consigo próprio. Os grupos oferecem uma grande riqueza quanto às possibilidades de experiência e de comunicação, que, quando favoráveis, potenciam a evolução do indivíduo. Os resultados terapêuticos obtidos pela modalidade grupal, suportam-se na observação, compreensão e elucidação dos aspectos específicos ligados à dinâmica psicológica consciente e inconsciente, mas também na riqueza experiencial e de comunicação oferecida.

Nas consultas de pedopsiquiatria e psicologia infantil é um grupo que é atendido - a família - que aparece com os seus problemas, embora estes sejam geralmente apresentados como centrados num dos seus membros. Geralmente, os pais recorrem à consulta transportando uma preocupação com o desenvolvimento do seu filho. A sua inquietação pode prender-se com aspectos distintos: comportamentais (de conduta), desempenho escolar, relações interpessoais com a família ou grupo social, etc.. São, normalmente, os próprios pais que identificam o problema, definindo-o e fazendo as suas próprias atribuições. Para tal, utilizam critérios muito variados, em função da ansiedade com que vivem as situações, da maior ou menor tolerância às mesmas e das projecções efectuadas a partir das suas experiência prévias.

Habitualmente, são também os pais que decidem quando consultar, a partir do grau de ansiedade com que vivem o problema, mais do que em função da gravidade do mesmo. A

escola desempenha um papel importante na chamada de atenção aos pais para a necessidade de procurarem ajuda, face a determinada problemática com a criança. No entanto, quase sempre a decisão cabe aos pais, levando muitos deles a desvalorizarem os problemas, chegando a nunca recorrer a uma consulta ou a fazê-lo muito tardiamente.

O que se segue a partir da primeira consulta depende, para além de outros factores, da relação que se estabelece entre a família e o profissional que a atende. Também a capacidade dos pais em tolerar sem grande ansiedade a problemática do seu filho, permitirá flexibilizar as suas defesas, muitas vezes utilizadas ao serviço da negação ou desvalorização dessa situação. Tanto na consulta privada como na pública, cabe aos pais a decisão sobre quem consultar e que proposta terapêutica aceitar. Nesta decisão, para além de aspectos pessoais, estão presentes influências sociais e culturais.

As percepções sociais dos serviços de saúde pública em geral e dos seus profissionais, em particular, condicionam o acesso aos mesmos e a aceitação das suas propostas. A pedopsiquiatria e a psicologia infantil são áreas de investigação e intervenção relativamente recentes e a sua expansão encontra-se em curso. Todavia, há um interesse crescente no desenvolvimento destas áreas, tanto no âmbito da terapêutica como no da prevenção. Neste contexto, a abordagem grupal às crianças, apesar de pouco difundida em Portugal, vai ganhando o seu espaço de afirmação, graças aos bons resultados que alcança e ao forte empenho dos profissionais a ela ligados.

A psicoterapia analítica de grupo na latência sofre, como já salientámos, de uma ausência de enquadramento conceptual geral. Assente, em termos gerais, no método psicanalítico, a sua *praxis* é, todavia, plural, resultando numa ampla diversidade de modelos e técnicas de abordagem.

O modelo que apresentamos em seguida é apenas um entre os muitos que se praticam. No entanto, pela sua especificidade e, na nossa opinião, pela sua eficácia, merece-nos o esforço de tentativa de sistematização e contribuição para o seu enquadramento conceptual e clarificação da teoria da técnica/*quadro* subjacente. Como já referimos, este modelo teve a sua origem no Dispensário de Saúde Mental Infantil Juvenil do Porto - Dispensário do Vilar -, e continua a ser praticado tanto em contexto hospitalar - Departamento de Pedopsiquiatria do Hospital Especializado de Crianças Maria Pia -, como no sector privado, restringindo-se essa prática, tanto quanto sabemos, à região do Porto.

## 3.2 - APRESENTAÇÃO DO QUADRO

### 3.2.1 - O quadro como elemento descritivo

A apresentação da prática específica deste modelo introduz o problema da definição dos factores descritivos. Neste capítulo pretendemos, essencialmente, descrever o *quadro* no qual se opera este modelo de intervenção.

Por *quadro* assumimos a definição proposta por J. Bleger (1966), que a ele se refere como um elemento constante, um "não processo". De acordo com o autor, compõe-se por um número de invariantes pré-determinadas que promovem o desenvolvimento do processo (terapêutico) num contexto o mais favorável possível. Para além dos elementos invariantes que o constituem - conjunto de elementos espaciais, temporais, materiais e jurídicos - o *quadro*, segundo Bleger (1966), desempenha funções que devem prevalecer durante todo o processo, na medida em que visam a ligação entre as angústias e as representações primárias (simbióticas)<sup>1</sup>.

Com efeito, para Bleger o *quadro*, para além dos seus constituintes formais, tem um valor altamente simbólico ao representar a organização mais primitiva e menos diferenciada da personalidade: "*é o elemento fusional eu-corpo-mundo, de cuja imutabilidade dependem a formação, a existência e a diferenciação do Eu, do objecto, da imagem do corpo, do espírito, etc.*" (*op. cit.* pp. 255-256).

A manutenção do *quadro* para que o processo terapêutico se possa desenrolar constitui um objectivo primordial da intervenção psicoterapêutica de orientação analítica (facto defendido desde logo por Freud e corroborado pela grande maioria dos psicanalistas). Numa aplicação deste conceito ao contexto do nosso trabalho, consideramos fazer parte do *quadro* as pré-condições, as regras e os procedimentos que devem ser criados e preservados para que o processo terapêutico possa ocorrer.

Podemos, então, ter em conta dois níveis distintos que integram o *quadro*, no contexto da psicoterapia de grupo. O primeiro diz respeito aos factores - às pré-condições supra-grupais - que influenciam o processo terapêutico, mas não o acompanham regularmente - não fazem parte do espaço-tempo das sessões e são determinados antes de se iniciar o processo propriamente

---

<sup>1</sup> - O conceito de *quadro* será por nós retomado no cap. 5, no sentido da sua análise e aprofundamento. Todavia, podemos desde já salientar a proposta original de Bleger, lançada em *Psychanalyse du cadre psychanalytique*, de 1966, ao introduzir a ideia de que o *quadro* condensa ou traduz o continente psíquico habitualmente fundado sobre a emanção da parte mais arcaica do Eu. O *quadro* constituir-se-ia como o lugar onde se inscrevem esses elementos arcaicos.

dito. Inclui as regras e procedimentos de constituição/composição dos grupos, de aliança com as famílias e de constituição da equipa terapêutica.

Um segundo nível, quanto a nós o *quadro* propriamente dito, integra as regras e procedimentos invariantes que estão presentes no espaço-tempo das sessões durante todo o processo, o que inclui o *setting*<sup>1</sup>, mas está para além deste. Neste âmbito, para uma melhor clarificação das dimensões diferenciais inerentes ao *quadro*, concebemos o *setting* como o conjunto de elementos e regras presentes em cada sessão, relativos ao espaço-tempo da mesma e invariantes do processo. Os factores que consideramos fazerem parte do *quadro*, mas ultrapassando o *setting*, são precisamente aqueles que estão na origem da criação deste último e que contribuem para a sua preservação, ou seja, os aspectos gerais ligados à técnica e que designamos por *procedimentos técnicos*.

O modelo em apreço, basicamente, trata-se de um modelo de psicoterapia de grupo, suportado, em termos gerais, no quadro conceptual e metodológico psicanalítico, organizado como grupo de expressão livre (não directivo), pelo jogo, unissexual e de actividade interpretativa. A nossa abordagem, neste trabalho, parte do funcionamento do modelo tal como é operado no Departamento de Pedopsiquiatria do Hospital Especializado de Crianças Maria Pia, no Porto.

### 3.2.2 - A constituição dos grupos

O serviço 1 (infantil) do Departamento de Pedopsiquiatria do H.E.C.M.P. oferece a possibilidade de crianças entre os 6 e os 11 anos integrarem grupos de psicoterapia analítica, sendo proposto às crianças entre os 6 e os 8 anos um espaço de jogo livre e às crianças entre os 9 e os 11 anos um de pintura livre. Como já referimos, o nosso trabalho debruça-se sobre a técnica e o processo terapêutico associados ao *grupo unissexual de jogo livre*, pelo que iremos centrar-nos apenas neste modelo de intervenção psicoterapêutica. No entanto, as diferenças entre as duas modalidades reflectem-se essencialmente na forma de expressão oferecida (jogo e pintura), diferença resultante da procura de coerência entre formas de expressão (e simbolização) e fase do desenvolvimento psico-afectivo. Quanto às regras de constituição e funcionamento dos grupos não há qualquer distinção entre as duas modalidades.

Os grupos são constituídos por elementos do mesmo sexo, num limite máximo de sete participantes. Os potenciais pacientes são apresentados e propostos pelos clínicos (pedopsiquiatras), do serviço de consulta, à equipa terapêutica e, em função das patologias, das vagas existentes e da constituição dos grupos em funcionamento - tratando-se de grupos

---

<sup>1</sup> - Termo proposto por Winnicott (1956), atravessando a sua obra para traduzir o conjunto de aspectos associados ao contexto psicanalítico **formal** de "cuidados".

abertos existem sempre pacientes em psicoterapia de grupo - acorda-se a integração ou não do elemento em questão. É suposto que quando o clínico propõe para determinada criança uma intervenção grupal, o faz tendo em conta todos os recursos disponíveis, recomendando aquele que lhe parece mais adequado.

A indicação para um grupo pressupõe que a criança *seja tratável em grupo*, que essa experiência possibilite melhoras, mas também que a criança permita que o grupo funcione, não sendo disruptiva para este. Neste processo, nem sempre os clínicos - médicos - têm bem claro os critérios de indicação para grupo, pelo que cabe aos profissionais responsáveis pela intervenção terapêutica, a decisão final sobre a sua integração, depois de estudados os casos (podendo, em casos duvidosos, os terapeutas realizar uma observação com a criança e família).

A aceitação de um determinado elemento num grupo passa muito pelo conhecimento que os terapeutas já têm dos grupos em funcionamento (grupos abertos). Assim, a ordem de questões a seguir, sobre a integração ou não de um novo elemento, passa pelo seguinte: tem esta criança, em termos gerais, indicação para uma psicoterapia de grupo? Se sim, dentro dos grupos em funcionamento, qual o mais adequado para ela? E qual o grupo que mais pode beneficiar com ela?

Os critérios de indicação para uma psicoterapia analítica de grupo são abertos, o que dificulta a definição das contra-indicações. Quanto mais experiência com grupos têm os terapeutas e mesmo os médicos<sup>1</sup>, mais polivalentes se tornam nos critérios de aceitação, a partir do conhecimento da criança e dos grupos em funcionamento. A experiência confere aos terapeutas a capacidade de antecipação do que se poderá passar com o tratamento, tanto para a criança como para o grupo que vier a integrar. Por outro lado, essa experiência dos terapeutas neste trabalho, dando-lhes um conhecimento cada vez mais profundo das potencialidades oferecidas por este tipo de intervenção, contribui para a ampliação dos critérios permitindo a integração de um vasto leque de situações psicopatológicas.

O sucesso de uma intervenção grupal parece depender mais de uma escolha no sentido da *criança certa no grupo certo*, do que na definição apriorística de quadros psicopatológicos a aceitar ou não em psicoterapia de grupo. Neste contexto, podemos afirmar que a composição do grupo é fundamental para o sucesso da intervenção. Quando os terapeutas preparam a constituição de um novo grupo, ou analisam a integração de um novo elemento, têm em consideração não apenas as características de cada criança, ou daquela criança em particular, mas sim o conjunto. Baseando-se na sua experiência, tratam de imaginar o equilíbrio e a dinâmica que pode produzir-se. Estamos de acordo com os autores, nomeadamente Bachman &

---

<sup>1</sup> - Alguns dos médicos especialistas são observadores em grupos terapêuticos, podendo mesmo fazer parte da equipa terapêutica aqueles que têm formação psicanalítica.

Pérez (1989), que recomendam a diversidade na composição dos grupos. Na integração de crianças de características diversas procura-se um certo equilíbrio entre os mais activos e os mais inibidos, o que resultará num trabalho mais criativo e produtivo.

No entanto, são eliminados à partida casos de autismo, deficiência intelectual grave e psicoses profundas. Não sendo factor imediato de exclusão, sabemos por experiência, que a integração de crianças cujo perfil psicopatológico se enquadra no registo *borderline* - com forte tendência para passagens ao acto e dificuldades de contenção (não parando para ouvir) - só deve ser realizada em situações particulares. Por outro lado, sabemos que crianças inibidas, fóbicas, passivas/dependentes e depressivas são geralmente indicadas para este tipo de abordagem.

Com efeito, o encontro com o grupo, o estímulo proporcionado pelas outras crianças para participar e relacionar-se, bem como a experiência em si na actividade grupal, são factores que promovem, por si só, a saída dos intuits regressivos e a elaboração do fundo depressivo. As crianças na idade da latência que se caracterizam por estes aspectos psicopatológicos, tendem, no decurso da abordagem individual, a refugiar-se numa dependência regressiva na qual se instalam por muito tempo. Esta situação, não só dificulta a evolução da criança, como, muitas vezes, proporciona elevados níveis de frustração ao psicoterapeuta.

No trabalho de constituição dos grupos uma certa margem de risco tem que, todavia, ser assumida. A experiência de trabalho com grupos mostra que, na sua organização inicial ou na aceitação de um novo elemento, o melhor é não tender para os extremos: não querer seleccionar excessivamente, na procura de garantias de que o grupo funcionará na perfeição, nem aceitar toda e qualquer criança na criação de uma posição de total abertura e não restrição. Por vezes, uma criança de patologia limite, por exemplo, integrada ou encaminhada para um grupo com boa tolerância e capacidade de contenção, é favoravelmente reforçada na sua evolução. No entanto, uma outra criança com forte potencial para se desenvolver, pode ser impedida de o fazer na sua melhor forma, uma vez integrada num grupo que funciona a níveis mais primários.

Os grupos de expressão livre - jogo ou pintura -, ao viabilizarem movimentos regressivos, permitindo o uso livre de materiais, a interacção entre pares de uma forma não estruturada, e um papel terapêutico essencialmente não directivo, fazem depender a sua eficácia, em grande medida, da selecção dos elementos que possam conduzir a um equilíbrio grupal. Equilibrando o grupo de crianças os terapeutas limitam, implicitamente, o âmbito e o grau de passagens ao acto e rupturas do *quadro*, aspectos cuja probabilidade de ocorrência em grupos de crianças é sempre elevada.

Uma boa selecção potencia, também, um aumento da interacção correctiva dos pares, um grau tolerável de angústia e ansiedade, tanto dos pacientes como dos terapeutas, face ao receio de

que o processo grupal possa superar as possibilidades de controlo. O equilíbrio funcional é atingido seleccionando-se elementos que difiram em diagnóstico, organização defensiva e padrão de interacção pessoal.

Com efeito, a interacção correctiva dos pares, enquanto factor terapêutico, tem mais probabilidades de acontecer em grupos que contenham crianças inibidas - de forte culpabilidade neurótica e com contenção na conduta - bem como crianças com transtornos de comportamento e tendência para a actuação. Esta heterogeneidade defende o grupo da predominância de um sintoma, que acarreta riscos da sua própria fixação, permitindo a diferenciação entre os seus elementos e potenciando ao grupo uma dinâmica dos movimentos identificatórios inter cruzados bastante mais intensa e estruturante.

Tratando-se, em termos gerais, de perturbações do desenvolvimento psico-afectivo, o equilíbrio pretendido na composição do grupo passa, assim, pela integração de elementos cujas manifestações psicopatológicas sejam variáveis. Neste sentido, é comum integrar num mesmo grupo crianças com quadros de instabilidade psicomotora, inibição, patologias limite, enuréticos/encopréticos, etc..

Antes da admissão de um novo elemento para o grupo a equipa terapêutica marca uma entrevista com os pais e a criança no sentido do mútuo conhecimento, da avaliação da situação e, se for o caso, do esclarecimento da forma de funcionamento e objectivos da psicoterapia. Nesta altura a equipa terapêutica já dispõe de uma série de informações de carácter clínico fornecidas pelo pedopsiquiatra responsável pelo caso. No entanto, é importante observar directamente as relações entre os membros da família bem como as atribuições que os mesmos fazem aos sintomas e à intervenção psicoterapêutica.

Os grupos funcionam em regime aberto, cujos ciclos de trabalho regular coincidem com o ano lectivo, com início em Setembro/Octubre e interrupção em Julho do ano seguinte. As novas entradas podem acontecer durante o ano, sendo as saídas/altas e/ou as transições decididas no final do ano lectivo.

### 3.2.3 - A aliança com a família

Antes do início das sessões, no princípio do ano lectivo, é realizada uma reunião entre os técnicos terapeutas, uma assistente social, os pais, as crianças e a enfermeira-chefe, no sentido de esclarecer o funcionamento do trabalho terapêutico, procurando-se desde logo estabelecer um contrato terapêutico entre todos. Neste encontro são esclarecidas e reforçadas algumas das principais regras subjacentes à psicoterapia analítica de grupo, como seja a do *segredo do*

*grupo*, regra esta nem sempre fácil de aceitar por parte dos pais, uma vez que promove a relação de confiança entre os terapeutas e as crianças a partir da garantia de que nenhuma das partes vai revelar para o exterior do grupo seja o que for do que se passa nas sessões.

A necessidade das crianças frequentarem as sessões com assiduidade e pontualidade são regras referidas como básicas para o sucesso da intervenção terapêutica. Todo este processo de clarificação e de compromisso mútuo tem como objectivo a promoção de uma atitude geral de preservação do *setting*, sem a qual dificilmente se leva o tratamento a bom termo.

A aliança dos pais à equipa terapêutica é fundamental ao bom desenvolvimento deste trabalho, pelo que são desde logo levados a comprometerem-se com uma assistente social no sentido de frequentarem as reuniões de pais oferecidas quinzenalmente (à mesma hora das sessões das crianças). Este procedimento tem-se revelado de extrema importância, não só por promover uma implicação dos pais no desenvolvimento das crianças, como por acabar por funcionar num sentido, de alguma forma, terapêutico para os pais, uma vez que lhes permite a expressão e integração dos seus receios, resistências, desejos e expectativas, em situação de dinâmica de grupo. Esta realização facilita também o necessário e desejado processo crescente de individuação/autonomização das crianças em relação aos seus pais.

Por vezes, os pais demonstram sérias dificuldades em acompanhar com regularidade e/ou produtividade as sessões a eles destinadas, o que entrava o próprio processo terapêutico dirigido às crianças. Neste contexto, na organização de um novo grupo, ou na integração de um novo elemento, a consideração de aspectos psicopatológicos dos pais deve servir de critério secundário para a integração da criança em grupo. Com efeito, por vezes, apesar do compromisso inicial e de uma indicação positiva em relação à criança, as dificuldades relacionais e/ou psíquicas dos pais - comprometedoras de um adesão da sua parte ao processo em geral e às reuniões de pais, em particular - impedem a desejável integração da criança no grupo e a sua implicação no processo terapêutico, chegando mesmo a estar na origem de rupturas nos grupos, com ameaças e concretizações no sentido de retirarem as crianças deste tratamento.

#### **3.2.4 - A equipa terapêutica**

A equipa terapêutica é constituída por dois elementos, sendo um deles psicanalista e o outro com formação na mesma área. Por vezes, um terceiro elemento integra a equipa como observador. Sempre que possível procura-se que a equipa terapêutica se constitua como casal (dupla homem-mulher). Para além dos aspectos de facilitação transferencial implícitos à constituição de um casal terapêutico - a que nos referiremos no capítulo 5 - a dupla terapêutica,

independentemente do sexo, apresenta outras vantagens. Estas, prendem-se com uma melhor capacidade para conter e lidar com as frequentes situações de passagem ao acto pela agressão, bem como uma amplitude de observação, contenção e transformação (pela interpretação) bastante mais vasta e rica, se comparado com o trabalho desenvolvido apenas por um terapeuta.

Obviamente, a qualidade do trabalho desenvolvido passa também pelo bom entendimento entre os terapeutas, principalmente no que se refere à possibilidade de discutir e analisar entre si não só os movimentos grupais mas também os aspectos contra-transferenciais e a transferência lateral (entre os dois elementos da equipa).

### 3.2.5 - O *setting* terapêutico

Como já salientámos, o *setting* inclui as regras de funcionamento no que se refere ao espaço e tempo em que decorrem as sessões. Assim, contempla o espaço - com o material adequado - e o tempo, no que se refere aos horários e duração das sessões, a sua periodicidade, interrupções regulares durante o ano e regras e procedimentos específicos ligados ao funcionamento da própria sessão. A preservação do *quadro* e, conseqüentemente, do *setting*, pedra base do sucesso da intervenção, é da responsabilidade dos terapeutas, das crianças e dos pais, e da equipa alargada: médico responsável e enfermeira-chefe, gestora administrativa de todo o processo.

Para além da clarificação do *setting* na reunião inicial de contrato entre a equipa terapêutica, as crianças e os pais, no início do processo terapêutico - propriamente dito - volta-se a explicar ao grupo as condições e regras básicas de funcionamento. Este procedimento, para além de reforçar a implicação das crianças na preservação do *setting*, prevenindo a tendência à dissociação e à negação, apresenta claramente o meio no qual vai decorrer o processo terapêutico, definindo, em consequência, os respectivos limites.

Salientamos, de seguida, os aspectos mais importantes quanto ao *setting* no âmbito do qual se desenvolve o trabalho terapêutico associado ao modelo aqui apresentado.

As sessões são semanais e têm a duração de uma hora. Todas as sessões são registadas por escrito. É oferecido às crianças que constituem o grupo uma sala de aproximadamente 50 m<sup>2</sup>, com material diverso, passando por cubos de madeira e de espuma, lençóis, colchões, alguns bonecos, arcos, panos coloridos, cordas, etc.. É dito às crianças, no início do processo terapêutico, que ali naquele tempo-espaço poderão dizer absolutamente tudo o que quiserem, sobre o que fizeram ou querem fazer, o que pensaram, sonharam, etc., e também que podem inventar os jogos que quiserem com o material disponível. Só não podem magoar-se uns aos

outros, danificar o material e têm que procurar falar um de cada vez e ouvir o que os terapeutas têm para dizer.

Os terapeutas reforçam que se encontram ali para os ajudar a crescer e a pensar nas dificuldades que todos têm, conferindo-lhes total liberdade para expressarem as suas preocupações e fantasias, tanto através do jogo como pela palavra. São três os procedimentos básicos de uma sessão: 1º - no início de cada sessão os elementos do grupo e os terapeutas dispõem-se em círculo, começando por identificar as faltas, passando depois à livre expressão verbal até que (2º) o grupo, por iniciativa própria, decida ir jogar; 3º - dez minutos antes do final são chamados a sentarem-se para se pensar e falar sobre o que ali foi representado. Na primeira sessão de cada ano, ou face à entrada de um novo elemento, todos são convidados a apresentar-se, incluindo os terapeutas, e a falarem um pouco sobre si, particularmente sobre aquilo que motivou o tratamento.

### 3.2.6 - *Procedimentos técnicos*

Por *procedimentos técnicos* entendemos os aspectos activos (um *saber fazer*) gerais assumidos pela equipa terapêutica, no sentido de conduzir o processo terapêutico à concretização dos objectivos a que se propõe. Estes procedimentos, integrando o *quadro* tal como o definimos, são operacionalizados tanto na criação e preservação do próprio *setting*, conferindo-lhe a consistência formal, como na persecução das metas terapêuticas. No contexto deste *item*, limitamo-nos a descrever alguns procedimentos, para, no capítulo 5, tentarmos sistematizar, a partir do estudo clínico do caso e de uma reflexão teórica, uma teoria da técnica que lhes confira consistência conceptual e os integre numa perspectiva mais alargada - numa teoria do *quadro* (não processo).

Como já referimos, no contexto da psicoterapia analítica de grupo, face à ausência de um quadro conceptual consistente, não se encontra um conjunto de regras que consubstanciem um corpo técnico de carácter universal. Com efeito, tendo em conta a literatura existente, tudo indica que cada terapeuta de grupo acaba por desenvolver a sua própria técnica, definindo os procedimentos inerentes. Tudo isto em função da sua experiência clínica, da concepção adoptada sobre a psicoterapia grupal e também de acordo com o seu próprio estilo pessoal, sensibilidade, criatividade e preferências.

No modelo em apreço podemos resumir os procedimentos técnicos básicos aos seguintes:

- durante a sessão os terapeutas estão atentos à interacção e comunicações dos elementos, como expressão da dinâmica e funcionamento do grupo como um todo; nas suas intervenções sustentam-se nesta dinâmica grupal no *aqui e agora* da sessão;
- os terapeutas estão atentos às fantasias e angústias primárias inconscientes expressas nas produções do grupo como um todo, pelo jogo e pela palavra, na sua dinâmica transferencial, e dirigem as suas interpretações à unidade grupal, ou melhor, ao conjunto total dos elementos que o constituem; procuram devolver, de forma transformada e integrada, contemplando a análise da transferência, os medos, desejos, resistências e fantasias expressas no jogo realizado pelo grupo (principalmente as produções dificilmente toleráveis pelo grupo e, por isso, projectadas na dinâmica do jogo, uns nos outros e nos terapeutas), bem como nas suas produções verbais; (a formulação das interpretações deve, obviamente, ser cuidada no sentido de poder ser entendida de forma clara, numa procura de adequação às capacidades perceptivas/cognitivas das crianças);
- os terapeutas posicionam-se fora do grupo - as interpretações são formuladas na segunda pessoa do plural (*vocês ...*) -, assumindo a função de compreender e "tratar" os seus elementos, observando o jogo e as comunicações das crianças, não participando e intervindo apenas pela formulação de interpretações;
- a actividade interpretativa é produzida por ambos os terapeutas, no início e, principalmente, na parte final da sessão na qual são traduzidas as fantasias inconscientes expressas durante o jogo e é elucidada a dinâmica do funcionamento do grupo e dos seus elementos; durante o jogo não há qualquer intervenção dos terapeutas (a não ser em casos de ruptura do *setting*);
- aos terapeutas interessa-lhes essencialmente conhecer as crianças no *aqui e agora* do grupo, pelo que expressam no âmbito da dinâmica grupal; consideram que os problemas e sintomas se manifestam no grupo, sob formas diversas de expressão; o conhecimento profundo das patologias de cada um não é considerado importante para a intervenção terapêutica (apenas o é para a selecção dos elementos do grupo).

# 4

---

## O PROCESSO PSICOTERAPÊUTICO - APRESENTAÇÃO DE UM CASO

### 4.1 - CONSTITUIÇÃO DO GRUPO E BREVE APRESENTAÇÃO CLÍNICA DOS SEUS ELEMENTOS

O grupo que constitui a ilustração do processo terapêutico, associado ao modelo de psicoterapia analítica em apreço, é masculino e iniciou-se em Outubro de 1995 no âmbito do Departamento de Pedopsiquiatria do Hospital Especializado de Crianças Maria Pia. Os elementos que o constituem foram seleccionados de acordo com os critérios e procedimentos gerais já descritos no cap. 3. Desses elementos, alguns iniciaram o processo terapêutico nesta data, enquanto outros deram continuidade à psicoterapia grupal já iniciada anteriormente. Tratando-se de grupos abertos, a saída e entrada de elementos pode acontecer a qualquer altura, embora tal movimento se opere essencialmente no fim e início, respectivamente, de cada ano lectivo. Este período (um ano lectivo) é o tempo considerado, de acordo com este modelo, como o *ciclo de vida* de cada grupo.

Como já referimos no ponto 3.2.6, o conhecimento dos membros do grupo faz-se essencialmente no âmbito do próprio grupo, no *aqui e agora* da sessão terapêutica. Aqui, são elementos considerados como parte integrante da vida grupal, diferentes dos indivíduos que são fora desse contexto. O conhecimento dos aspectos pessoais, clínicos e psicopatológicos, de cada elemento não interfere na intervenção terapêutica. Esta opera-se, a par da observação, sobre o conjunto grupal.

Todavia, como já salientámos, esse tipo de conhecimento é importante para a selecção dos elementos a integrar o grupo e para avaliação individual dos progressos clínicos. No caso em

questão, tratando-se duma intervenção realizada em contexto hospitalar, há uma certa separação de responsabilidades, no que se refere aos pacientes. Os psicoterapeutas são responsáveis pelo seguimento da vida do grupo e pela avaliação dos progressos realizados por cada elemento no âmbito da vida grupal. Os médicos pedopsiquiatras centram a sua actuação em cada elemento, individualmente, fazendo o acompanhamento da sua evolução clínica. As assistentes sociais, em trabalho directo e regular com as famílias, para além dos objectivos de apoio às mesmas, recolhem informações sobre a evolução de cada criança no âmbito dos seus vários contextos de vida: escola, família, meio social, etc..

Obviamente, as decisões sobre a continuidade ou saída de um determinado elemento, resultam da conjugação das informações e análises realizadas por cada um destes três polos de actuação.

Aquilo que pretendemos neste capítulo é ilustrar o processo terapêutico propriamente dito, a evolução da vida de um grupo específico, os fenómenos de trabalho psíquico que aí detectamos, enfim, a sua dinâmica psicológica consciente e, principalmente, inconsciente. Daí que a caracterização que nos propomos fazer de cada elemento seja bastante sumária, tendo como objectivo, essencialmente, facilitar a compreensão das possibilidades de constituição de um grupo no que se refere às características de cada indivíduo.

A informação que apresentamos em seguida, sobre cada elemento, foi sistematizada a partir dos dados recolhidos pelos clínicos pedopsiquiatras responsáveis por cada caso<sup>1</sup>. São, obviamente, trocados os nomes e omitidos quaisquer dados que pudessem conduzir à identificação das pessoas em questão.

O nosso conhecimento dos elementos do grupo é, basicamente, outro. Está encarnado nas nossas pessoas. Foi essencialmente aferido pela experiência que com eles vivemos durante o processo terapêutico.

---

<sup>1</sup> - Este tipo de dados recolhidos pelos clínicos, varia bastante em extensão, profundidade anamnésica e tipo de análise diagnóstica, o que também limita o acesso aprofundado, da nossa parte, à caracterização de cada elemento. A observação psicológica, por um psicólogo, só é realizada em alguns casos. De qualquer forma, inspiramos a nossa descrição na proposta de P. Dewald (1973) que distingue, em termos de diagnóstico, a dimensão clínica e a dimensão dinâmica. O primeiro aspecto diz respeito à classificação nosográfica da psicopatologia, dimensão "*demasiado estatística para proporcionar uma avaliação do potencial terapêutico de qualquer paciente*" (*op. cit.* trad. bras. p.135); enquanto que a apreciação dinâmica se refere aos aspectos da vida interna do paciente, nas suas vertentes tónica, estrutural e de integração da vida relacional objectal. Todavia, salientamos as dificuldades em traduzir diagnósticos na patologia infantil, dado o dinamismo do próprio desenvolvimento e a confluência de expressão somática, nomeadamente em redor da instabilidade psicomotora (Ajuriaguerra & Marcelli, 1984).

Passemos à sua apresentação:

## JOÃO

**Idade**<sup>1</sup>: 8 anos e 6 meses

**Início da intervenção terapêutica:** Outubro/95

**Motivo da consulta em pedopsiquiatria:** Encaminhado em Junho/95 pelo médico de família face às dificuldades ligadas ao sono (medos noturnos), surgidas a meio do ano de 1995. Desde esta altura "exigia" a presença da mãe na cama, só assim conseguindo adormecer. Mantém, à data do início das consultas, uma enurese noturna secundária, iniciada em 1992.

**Dados anamnésicos:** Primeiro filho de uma fratria de dois (irmão com 6 anos e 9 meses). Foi um filho planeado e desejado. Muito sossegado em bebé, dormiu no quarto dos pais até um ano de idade. Não ofereceu resistência à mudança de quarto. O nascimento do irmão foi vivido sem manifestações reactivas negativas. Foi criado desde cedo por duas tias, enquanto os pais trabalhavam, com quem ainda mantém forte ligação afectiva. A partir dos 4 anos frequentou infantário até entrada para a escola. Embora fosse notada alguma retracção inicial a quando do ingresso neste dois contextos, adaptou-se sem problemas. Na escola mostra-se sociável e com tendência a liderar as brincadeiras. Não se registam dificuldades de aprendizagem nem problemas de comportamento.

**Aspectos clínicos e dinâmicos:** O João é uma criança inibida, com uma postura corporal retraída (é grande e gordo), estabelecendo um contacto interpessoal pouco expressivo. A produção ideo-verbal, tal como a execução motora, é bastante lenta. É uma criança que não ri, com dificuldades em manter o contacto ocular e que revela uma produção imaginária algo pobre. Trata-se de um quadro inibitório, com traço depressivo de fundo, onde a insegurança interna associada a um vínculo objectal precário (principalmente ao nível da *imago* materna), lhe confere uma retracção do investimento no mundo externo à família, facto reforçado por uma acentuada culpabilidade neurótica. Não parece estar criado um espaço interno suficientemente securizante para lhe facultar uma boa tolerância à separação (interna e externa) dos objectos primários de relação. Espaço esse, também insuficiente para o desejável enriquecimento da actividade pensante, nas suas dimensões imaginária e simbólica.

---

<sup>1</sup> - As idades referidas reportam-se todas à data de entrada para o grupo.

ORLANDO

**Idade :** 7 anos e 4 meses

**Início da intervenção terapêutica:** Outubro/95

**Motivo da consulta em pedopsiquiatria:** Iniciou a consulta em 1994, por dificuldades de aprendizagem e problemas de comportamento na escola e em casa: queixas de agressão, rebeldia, forte agitação psicomotora, ansiedade e grandes dificuldades de concentração.

**Dados anamnésicos:** Filho único, não planeado e fortemente rejeitado pelos pais. Gravidez vivida com grande ansiedade, face à fantasia de um filho deficiente, por parte da mãe, grávida aos 44 anos. O nascimento do Orlando, esteve na origem da separação dos pais quando tinha 9 meses, o que chegou a gerar fantasias filicidas por parte da mãe. O pai recusava-se a aceitar o filho. Aleitamento materno até aos 5 meses, manifestando acentuada voracidade oral. Desenvolvimento psicomotor regular. Agitado em bebé, embora sem manifestações sintomáticas. Sempre dormiu com a mãe, embora tivesse quarto próprio a partir dos 3 anos de idade. Criado pela mãe e avó materna até 2 anos e 6 meses, altura em que frequentou o infantário, com má adaptação: choro, resistência e agitação acentuada. A adaptação à escola primária fez-se sem grande dificuldade, embora se acentuasse a instabilidade e as dificuldades de comportamento e de aprendizagem. É sociável, mas facilmente gera conflitos com os colegas. Mãe em tratamento psiquiátrico há vários anos por apresentar um quadro depressivo grave que a impede de trabalhar. Desde a separação dos pais, o Orlando teve alguns contactos com o pai até aos 4 anos. A partir dessa data cessaram.

**Aspectos clínicos e dinâmicos:** O Orlando é uma criança de olhar muito vivo e expressivo, que adere facilmente ao contacto interpessoal, mostrando um bom nível de expressão ideo-verbal. Evidencia uma postura corporal agitada, a par de uma tensão ansiosa sempre presente nas situações de consulta. Adere bem às tarefas propostas, mostrando uma boa capacidade imaginativa. Trata-se de uma criança que apresenta um quadro de instabilidade psicomotora, num equivalente do registo maníaco, obviamente defensivo face a fortes ansiedades depressivas de fundo. Numa relação altamente perturbada com a mãe, continente desde cedo saturado e sem espaço para o seu filho, o Orlando é alvo de violentas projecções por parte desta, onde o ódio primário e a raiva narcísica se constituem como os conteúdos dominantes desse movimento. Assim, o Orlando tem crescido sob a ameaça de expulsão, ora real, ora fantasiada, numa incerteza angustiante quanto ao amor dos seus pais por si. Os medos de abandono são invariantes do seu desenvolvimento, tal como a acentuada culpabilidade, conduzindo-o à depressão mascarada por um comportamento instável. Para o Orlando, "parar é

morrer". Na ausência de quem pudesse ter pensado por ele há um pensamento que não se faz, apenas pode ser jogado e mostrado num corpo em movimento.

## RUI

**Idade:** 7 anos e 5 meses

**Início da intervenção terapêutica:** Iniciou psicoterapia analítica de grupo em Outubro/94

**Motivo da consulta em pedopsiquiatria:** Inicia as consultas em Abril/94, com queixas de agressividade intensa, principalmente dirigida à irmã; rebeldia e agitação acentuadas; dificuldades alimentares (recusa alimentar frequente, sujeito a surtos de anemia).

**Dados anamnésicos:** Primeiro filho de uma fratria de dois (irmã 14 meses mais nova), nasceu de uma gravidez acidental, embora bem aceite, ocorrida quando os pais eram solteiros (na altura, ambos com 19 anos). Bebê sossegado até aos 6 meses, com sono e alimentação regular. A partir desta data evidencia forte agitação, com choro frequente e alterações do sono (sono agitado e irregular) e do comportamento alimentar, que mantém até à data das consultas. Foi medicado com ansiolíticos desde os 8 meses até aos 7 anos. As aquisições relativas ao desenvolvimento psicomotor foram realizadas em tempo regular. Até aos 3 anos dormiu no quarto dos pais. Foi criado em casa, pela mãe, até os 2 anos, altura em que ingressou no infantário. Aqui, mostrou fortes dificuldades de adaptação, com recusa, queixas sistemáticas e somatizações frequentes (infecções, enxaquecas, etc.). Aos três anos, face à contracção de uma bronquite pulmonar, é retirado do infantário, ao qual já não regressa. A adaptação inicial à escola primária decorreu sem incidentes, mas no 3º mês, após um período inicial de boa adequação, começou a denotar forte agitação e grandes dificuldades de concentração. As dificuldades de aprendizagem, embora existentes, nunca foram significativas. Desde cedo, tanto no contexto familiar como escolar, alternou entre comportamentos de forte adequação e de intensa oposição e agitação. Reagiu de forma agressiva ao nascimento da irmã, manifestando a partir dessa data uma intensificação da instabilidade, comportamentos altamente apelativos e uma rivalidade fraterna bastante acentuada. Frequenta psicoterapia analítica de grupo em 94/95, registando-se nesse período uma evolução pouco significativa. Apenas alguns progressos no investimento escolar, no 3º período de 94/95.

**Aspectos clínicos e dinâmicos:** O Rui é uma criança de aspecto muito frágil (magro e muito pequeno), mas com uma expressão facial bastante viva. Tem dificuldades em manter o contacto verbal (fala pouco) e tende a evitar corresponder às demandas que lhe são solicitadas, opondo-se sistematicamente. Agitado e muito disperso, o acesso a um contacto íntimo faz-se

com bastante dificuldade. Trata-se de uma criança com um núcleo onipotente bastante intenso, que lhe dificulta o processo de separação/individuação em relação à figura materna. A procura constante dos cuidados maternos mostra o seu desejo de prolongamento da onipotência infantil. Este aspecto, reforçado, em termos da fantasia, pelo "espaço materno" que lhe foi "retirado" pela irmã, entrava-lhe o desejável investimento no mundo exterior à família: a escola, as outras crianças, etc.. Uma baixa tolerância à frustração, registada desde muito cedo, e uma insegurança interna acentuada, favorecem a instabilidade que o caracteriza em termos psicopatológicos. No fundo, para o Rui, estar separado da mãe é estar inquieto, receoso de perder o lugar que quer manter junto a ela, de preferência como um bebé plenamente gratificado. A dor associada ao crescimento e à separação é ainda dificilmente tolerável para esta criança. Um espaço interno de pensamento e elaboração dessa dor, aliás inevitável, não está ainda criado.

## MANUEL

**Idade:** 8 anos e 11 meses

**Início da intervenção terapêutica:** iniciou psicoterapia analítica de grupo em Outubro/94

**Motivo da consulta em pedopsiquiatria:** Encaminhado especificamente para a psicoterapia de grupo - em 1994 - por uma psicóloga que o seguiu, em contexto privado, durante um ano (dos 6 aos 7 anos). A ausência de progressos ao nível da preocupação central - um mutismo electivo (extra-familiar) - motivou esse encaminhamento.

**Dados anamnésicos:** O Manuel tem dois irmãos (rapazes), um 5 anos mais velho e um mais novo 4 anos. Foi um filho planeado e desejado. A gravidez e parto decorreram sem incidentes. Até aos seis meses foi um bebé sossegado, sempre amamentado ao peito, com sono regular e choros pouco frequentes. Nesta idade ocorreu um acidente: a mãe e o Manuel, ao seu colo, foram atropelados. O Manuel não sofreu danos físicos, mas a mãe esteve internada cerca de três meses, período durante o qual estiveram praticamente separados. Durante esse tempo o Manuel evidenciou uma acentuada agitação, com choros frequentes, dificuldades alimentares e de sono. Em termos de desenvolvimento psicomotor algumas aquisições fizeram-se tardiamente, nomeadamente a fala - primeiras palavras aos 2 anos (sempre manteve uma fala "abebezada") - e o controle esfinteriano noturno, apenas aos 5 anos. Foi criado por uma ama até aos 2 anos e 6 meses. Aí entrou para o infantário, com alguma resistência inicial. São as educadoras que notam que o Manuel nunca fala com ninguém e, embora brinque, tende a isolar-se. Durante toda a frequência do infantário o Manuel nunca falou com as educadoras, tal como aconteceu no

início da escola primária com a professora. Embora no contexto familiar não mostrasse qualquer dificuldade de comunicação ou alterações do comportamento, a recusa continuada em falar com adultos fora de casa, associada a fortes dificuldades de adaptação à escola primária - com choros e apelos frequentes à mãe para que não o deixasse e/ou o fosse ver, fortes dificuldades de aprendizagem e passagens ao acto frequentes com os colegas (agressões) - levaram à consulta com uma psicóloga (na altura com 6 anos e 5 meses). Frequentou psicoterapia analítica de grupo em 94/95, com fortes dificuldades iniciais de integração (ficava sentado, não brincava). Foi lentamente explorando o espaço de jogo, mas com tendência a criar brincadeiras sozinho e a opôr-se violentamente aos outros elementos do grupo. Durante o 1º ano de psicoterapia analítica de grupo nunca falou, nem com os terapeutas nem com as outras crianças. No exterior, o mutismo manteve-se e acentuaram-se as dificuldades escolares (com retenção no 2º ano de escolaridade).

**Aspectos clínicos e dinâmicos:** Com grandes dificuldades de contacto, o Manuel denota, no entanto, uma expressão facial bastante apelativa: tem um olhar vivo e parece curioso quanto ao que se passa à sua volta. O seu silêncio, menos do que uma oposição onipotente, parece mais indiciar uma fragilidade interna, onde uma acentuada insegurança e, principalmente, uma enorme culpabilidade lhe criam entraves à comunicação. Com efeito, a exteriorização voluntária dos seus pensamentos só pode acontecer no contexto familiar. Fora daí, o medo de desencadear algo de mau ou destrutivo impede-o de falar, de brincar em paridade. Por outro lado, um vínculo mãe-filho que se mantém desde cedo muito forte parece ficar ameaçado pela linguagem. O crescimento faz-se sobre o eixo de uma tentativa permanente de reparar o "acidente" da infância que o conduziu a um desmame forçado e que lhe dificulta a separação psicológica da figura materna. Neste contexto, também uma agressividade intensa se foi mantendo, mal elaborada, projectada e actuada com violência no exterior do núcleo familiar, gerando uma esquizoidia no contacto, face a fortes angústias paranóides. Assim, a operacionalização de uma *clivagem* boa mãe (a real) e má mãe (o "extra-familiar") e a *identificação projectiva* maciça, parecem ser os movimentos defensivos predominantes, mostrando, a par de um lado neurótico, um núcleo psicótico bem evidente.

## RAFAEL

**Idade:** 8 anos e 9 meses

**Início da intervenção terapêutica:** Outubro/94

**Motivo da consulta em pedopsiquiatria:** Encaminhado pelo médico de família em Março/94 por manutenção de uma encoprese e enurese secundária - diurna e noturna - cujo início coincidiu com a entrada na escola primária em Outubro/93 (com 6 anos e 9 meses).

**Dados anamnésicos:** O Rafael é filho de um casal, socio-culturalmente pouco diferenciado, ambos trabalhadores rurais. Tem 7 irmãos, dos quais apenas um é mais novo (menos 1 ano). Os outros são: um irmão, 12 anos mais velho; duas irmãs gémeas, 13 anos mais velhas; um casal de gémeos, 16 anos mais velhos; e uma irmã, 17 anos mais velha. Filho não planeado, foi, todavia, investido com satisfação, tendo a gravidez e parto decorrido normalmente. Amamentado ao peito durante 4 meses, manteve, posteriormente, o biberão até aos 2 anos. As aquisições relativas ao desenvolvimento psicomotor foram realizadas em tempo regular. Até à entrada para a escola primária o Rafael foi sempre criado em casa, com a mãe. Os conflitos familiares, entre o casal, sempre foram muito frequentes, com discussões violentas às quais o Rafael desde cedo reagia: ficava agitado, com medo do pai, e sofria surtos enuréticos noturnos. Praticamente desde o nascimento do Rafael que os pais não dormem juntos, dormindo ele com a mãe. Desde os 2/3 anos que o Rafael se tem mostrado uma criança insegura, com medos diversos, nomeadamente da morte. Muito dependente da mãe no seu arranjo pessoal, dificilmente se separa dela. A entrada para a primária fez-se com bastante resistência, particularmente justificada pelo Rafael por medo da professora, o que levou a mãe a acompanhá-lo regularmente. A socialização tem sido feita lentamente, embora não evite os colegas e o brincar. Tem tido um desempenho escolar mediano, e não há queixas de mau comportamento neste contexto. A relação com os irmãos é boa. Com o pai o contacto é pouco frequente, face à distância que este coloca na relação com os filhos. O Rafael integrou um grupo em psicoterapia analítica durante 94/95, não se registando melhorias significativas. No grupo, passou de uma postura inicial passiva, para uma actuação mais participativa e, por vezes, impositiva nos jogos, na tentativa de assumir uma posição de liderança.

**Aspectos clínicos e dinâmicos:** O Rafael é uma criança algo inibida, evidenciando um comportamento que procura a adequação, mas com um contacto interpessoal fácil e pautado por uma expressão ideo-verbal razoável, embora pouco investida em termos de produção imaginária. O seu crescimento fez-se numa ligação estreita à figura materna, cujo papel protector e a procura de compensação afectiva, dificultou o acesso do Rafael a vivências trianguladas. Facto reforçado por um pai distante e violento. O Rafael privilegia as somatizações como forma de expressão das suas dificuldades emocionais, mostrando-se bastante reactivo aos conflitos familiares e aos movimentos de separação em relação à mãe. Com dificuldades em vivenciar, tanto em termos de pensamento como na âmbito relacional, a forte agressividade latente que contém, tende a manifestá-la corporalmente, na forma sintomática da enurese e encoprese. Uma excessiva adequação por um lado e um descontrolo corporal por outro (associado a frequentes cefaleias e infecções), são polos oriundos de um

mecanismo de formação reactiva, típico da latência, mas neste caso ao serviço de um não pensamento e de uma forte culpabilidade neurótica. Faz-se, assim, um crescimento sobre um cenário depressivo, com precários espaços - internos e externos - de expressão e elaboração dos seus conteúdos emocionais, onde o pensamento acaba por, primariamente, ser evacuado pelo corpo.

## HUGO

**Idade :** 6 anos e 9 meses

**Início da intervenção terapêutica:** Janeiro/96

**Motivo da consulta em pedopsiquiatria:** É levado pela mãe em Janeiro/96 a conselho do pediatra, face a um conjunto de situações problemáticas: encoprese diurna e noturna secundária mantida desde os 4 anos; enurese noturna primária; instabilidade psicomotora e alterações do comportamento (agressões, reacções distímicas).

**Dados anamnésicos:** O Hugo foi um filho não planeado, fruto de uma gravidez que ocorreu quando os pais eram solteiros. Tal situação provocou intensos conflitos entre estes, separando-se pouco tempo depois de se casarem (quando o Hugo tinha 9 meses). A gravidez foi vivida com bastante ansiedade, face a esses conflitos conjugais. A mãe do Hugo foi criada com os seus avós, contexto familiar esse onde permaneceu mesmo após o casamento e nascimento do Hugo. O Hugo foi um bebé muito agitado e "exigente", chorando com muita frequência, chegando a mostrar comportamentos auto-agressivos quando tinha 1 ano de idade. O desenvolvimento psicomotor processou-se regularmente quanto às aquisições da marcha e da linguagem, mas muito tardio no que se refere ao controle dos esfíncteres (por volta dos 5 anos). Desde a altura em que os pais se separaram, o Hugo passou a dormir com a mãe e apenas contactou com o pai três vezes (muito espaçadas entre elas). Criado em casa pela mãe e bisavós, ingressou no infantário com 4 anos de idade, sem rejeição aparente, mas coincidindo com o surgimento da encoprese. A adaptação à escola primária decorreu sem reacções de oposição, embora se tenha intensificado a instabilidade, com consequências negativas em termos de aprendizagem. Com a morte do bisavô e a separação entre a mãe e um namorado mantido durante três anos a quem o Hugo se afeiçoou bastante, factos ocorrido durante o primeiro ano de escolaridade, o quadro sintomatológico do Hugo agravou-se bastante. Ansiedade e agitação extrema, intensificação da encoprese e comportamentos hetero-agressivos muito frequentes.

**Aspectos clínicos e dinâmicos:** O Hugo é uma criança bastante pequena, com um olhar triste e encovado e uma expressão de cansaço bem presente no seu rosto. O contacto com ele é difícil, pois tende a fugir, evitando o olhar, não respondendo às questões e não mostra, para além da mãe, qualquer interesse pelo que o rodeia. Um elevado nível de agitação psicomotora está, todavia, sempre presente. É uma criança cujo quadro psicopatológico se organiza num estado limite (*borderline*), marcado por passagens ao acto muito frequentes e de forte compulsividade. Um nível de desenvolvimento psico-afectivo claramente "colorido" por componentes pré-genitais, onde a intensa agressividade sádico-anal se constitui como eixo da dinâmica relacional. A qualidade da díade mãe-filho reforça as dificuldades de crescimento do Hugo, cujo lugar nessa relação parece depender da presença ou ausência de um homem na vida da mãe. Homem esse, ora desejado e até idealizado como figura paterna, ora altamente temido e odiado, qual rival todo poderoso. Assim, vai crescendo sobre um ideal de onipotência narcísica, espelhado na relação fusional com a mãe a quem pretende gratificar, mas ficando sem espaço para se diferenciar. O registo relacional, na sua dinâmica objectal interna e externa, é, de facto, muito primário. Entre o pensamento e acção não há qualquer mediação. Os conteúdos internos, face às dificuldades de elaboração/transformação - pelo pensamento, fantasia ou simbolização -, são intoleráveis, encontrando como forma privilegiada de expressão a via anal e/ou a via do agir.

### DOMINGOS

**Idade:** 7 anos e 11 meses

**Início da intervenção terapêutica:** Outubro/95

**Motivo da consulta em pedopsiquiatria:** Iniciou as consultas em Abril/94. Encaminhado pelo médico de família, com reforço da professora do ensino básico, por alterações graves de comportamento, com fortes manifestações de instabilidade psicomotora (desobediência e rebeldia, oscilando com fases de grande proximidade afectiva e comportamentos de sedução).

**Dados anamnésicos:** O Domingos, sem irmãos, foi um filho planeado e desejado, tendo a gravidez e parto decorrido sem intercorrências. O aleitamento materno foi dado até aos seis meses e mamava muito tempo e com grande sofreguidão. Posteriormente, passou para o biberão, que foi mantendo até aos seis anos de idade. Em bebé era agitado, embora chorasse pouco, alegre e nunca registou qualquer angústia aos estranhos. O comportamento alimentar e o sono sempre foram regulares. Em termos de desenvolvimento psicomotor realizou as aquisições no tempo esperado, embora mantenha um enurese noturna primária até aos seis anos. Frequentou o infantário a partir dos 8 meses, tendo, até à entrada para a escola primária,

mudado três vezes de instituição sem qualquer resistência ou dificuldade de adaptação. No período pré-escolar, desde cedo, lhe notaram oscilações intensas de humor e comportamento: de estados de grande agitação, desobediência e rebeldia, passava rapidamente para períodos calmos, por vezes tristes, procurando uma grande proximidade com os adultos, tentando seduzi-los ("manipulá-los") com carinhos. Sempre tendeu a relacionar-se mais com adultos do que com crianças da sua idade e nunca foi notada qualquer dificuldade de separação em relação à mãe ou ao pai. Na escola primária, para onde entrou sem qualquer dificuldade, intensificou-se a instabilidade (agitação, dispersão, comportamentos opositivos e provocatórios, agressões, etc.) não evidenciando, no entanto, problemas de aprendizagem. Todavia, há um menor interesse a partir do 2º ano. Manifesta desde os 4 anos uma grande curiosidade sexual, colocando questões directas aos pais sobre a actividade sexual e procurando frequentemente o contacto corporal com a mãe, com quem toma banho regularmente. Desde os 5 anos que se masturba muito frequentemente, tendendo a exhibir esse comportamento, nomeadamente em frente da mãe. Mantém uma ama desde os 8 meses, com quem continua a ficar nos períodos entre a escola e a casa. É muito autónomo no arranjo pessoal. Não reage a castigos, parecendo não se importar com eles, seja com a família, com a ama ou na escola. A instabilidade não é muito sentida dentro de casa. Os pais referem dificuldades em lidar com o Domingos, mostrando grande desadequação no estabelecimento de regras e limites.

**Aspectos clínicos e dinâmicos:** O Domingos é uma criança de olhar triste e apelativo que, em situação de contacto interpessoal, rapidamente se aproxima desadequadamente: procura o contacto físico, faz muitas perguntas e desorganiza as regras do contexto. O nível de expressão ideo-verbal é bom, mostrando-se inteligente nas realizações intelectuais que efectua. O Domingos marca a sua posição relacional por uma acentuada ausência de limites. Com efeito, compulsivamente, tenta invadir o espaço que o rodeia, inverter as regras, trocar os papéis, sobre o traço evidente de uma angústia depressiva não mentalizável. A "incontinência" é, de facto, muito forte, espelhando um mundo interno extremamente desorganizado, onde as figuras principais de relação parecem não ter um lugar definido, numa circulação anárquica de afectos e emoções entre objectos internos parciais e pouco securizantes. Sem espaço interno de contenção, é com dificuldade que o encontra no exterior. Uma mãe de traços histéricos, coloca-se perversamente numa relação erotizada com o filho, situação essa à qual o pai assiste permissivamente, identificando-se manifestamente com o Domingos. Assim, a procura dum continente é de tal forma desesperada que a própria voracidade, associada a uma baixa tolerância à frustração e a uma forte agressividade, satura essa hipótese antes mesmo que ela se constitua. É um jogo de tudo ou nada, onnipotente, onde conteúdos de carácter muito primário se misturam confusamente, organizando, assim, um quadro correspondente à patologia limite.

## 4.2 - O PROCESSO TERAPÊUTICO<sup>1</sup>

Depois de realizada a reunião de contrato terapêutico entre os técnicos/terapeutas, a assistente social, as crianças e respectivas famílias, o processo terapêutico propriamente dito inicia-se com a primeira sessão em 95.10.30 (decorre às segundas-feiras, das 9.30h às 10.30h).

Inicialmente, não está ainda definido quem será o elemento observador neste grupo, habitualmente um estagiário em Psicologia ou médico em regime de internato. Assim, na primeira sessão, apresentam-se como terapeutas a Dra. Fátima Cabral (psicanalista) e nós mesmos. Habitualmente, somos nós quem se dirige à sala de espera para anunciar o início da sessão e conduzir os rapazes à sala de trabalho. Estes dois espaços são mediados por uma distância de cerca de 50m de corredor hospitalar.

### ameaça grupal

O início do processo terapêutico, depois das férias de verão, é marcado pela alteração introduzida no grupo proveniente do ano anterior, com a saída de antigos elementos e a entrada de novos elementos (novos - 1º ano de psicoterapia - João, Domingos e Orlando; continuam - 2º ano de psicoterapia - Rafael, Rui e Manuel). Apesar de se tratar, na prática, de um novo grupo, são os elementos que continuam em psicoterapia que se unem num feroz ataque à transformação da dinâmica grupal agora imposta. É o *pressuposto de base ataque-fuga* que se opera numa parte do grupo contra a integração de novos elementos, sentidos como perigosos e destrutivos à sobrevivência daquilo que, não passando de uma *imagem* grupal, continua, todavia, activo enquanto factor de integridade psíquica nos elementos do ano anterior. Vejamos o decorrer da **sessão 1**:

Os rapazes dirigem-se a correr para a sala, indo na frente aqueles que, por terem frequentado um grupo no ano anterior, já conhecem os espaços e os procedimentos do *quadro*. Dispõem-se nos bancos colocados em roda, com forte agitação. Rafael comenta: "*Falta o Abel!*". Rui: "*e o Ivo!*"<sup>2</sup>. O Rui e o Rafael mostram-se muito à vontade, interrogando particularmente o Domingos: "*o quê, tu não conheces isto?*". Depois da apresentação dos terapeutas, cada um dos elementos do grupo também se apresenta dizendo o nome, a idade e a ideia que fazem sobre o motivo da psicoterapia.

<sup>1</sup> - A descrição do processo terapêutico é acompanhada, obviamente, pela nossa reflexão teórica e clínica acerca do mesmo. Neste sentido, empregamos muitos dos conceitos da teoria psicanalítica genérica, que, pela familiaridade que se espera do leitor com os mesmos, nos permite optar por não os referenciar sistematicamente. Quanto aos conceitos especificamente associados à abordagem psicanalítica dos grupos (*pressuposto básico, grupo de trabalho, mentalidade grupal* ...[Bion, 1961]; *aparelho psíquico grupal* [Kaës, 1976]; *ilusão grupal* [Anzieu, 1984]; *matriz grupal* [Foulkes, 1967]; etc), como já os apresentámos e referenciámos anteriormente, na sua maioria, tomámos a mesma opção. Com esta medida, apenas pretendemos tornar a leitura mais fluída e aproximar o leitor, o mais possível, da realidade clínica.

<sup>2</sup> - O Abel e o Ivo são dois elementos que integraram um grupo no ano anterior, tendo terminado a psicoterapia.

Durante este tempo o Domingos está muito agitado, levantando-se frequentemente do banco, fazendo "palhaçadas", o que obriga a uma forte intervenção dos terapeutas (verbal e física, apelando ao cumprimento dos limites) no sentido da sua contenção. Os terapeutas passam a apresentar o *setting*, explicando as principais regras e procedimentos. Logo a seguir o Rafael comenta para o Domingos: "estás a portar-te muito mal!". Rui: "2ª feira à noite o meu pai vai à faca, vai ser operado".

A agitação dos elementos é notória, denotando a ameaça inicial que a grupalidade induz, receio protagonizado, neste momento, com o ataque do Domingos ao *quadro*. Surge também, desde logo, a expressão da angústia de castração, verbalizada pelo Rui numa fantasia de que durante a noite - da separação das férias - a figura paterna terá operado um corte, subtraindo ao grupo do ano anterior alguns elementos cuja falta foi inicialmente denunciada. Após a formulação desta ideia pelos terapeutas Rui, Rafael e João dizem a idade que vão fazer no ano seguinte, como que desejando crescer rapidamente, actualizando o futuro, reforçando-se narcisicamente para melhor fazer face ao poder da Lei paterna, aqui representado pelo *quadro* nos limites que impõe.

Vão brincar a correr. Fingem lutas, deitam-se sobre os rolos de espuma, tiram os cubos das prateleiras e vão chocando uns contra os outros numa grande agitação. Passam um tempo a fingir lutas, magoando-se a sério, por vezes, destacando-se a imposição que o Rafael faz sobre os restantes elementos do grupo, distribuindo "carros" (cubos de espuma), querendo lutar com todos. Domingos procura a atenção dos terapeutas solicitando-os para o ajudarem a colocar uma capa ao pescoço e fingindo-se magoado. (...) Após a dispersão inicial, Rui, Rafael e Manuel propõem-se como *trupers* ("super heróis que se transformam") atacando o Orlando. Rafael: "*ele está a destruir a terra; truper preciso de energia!*". Entretanto, Domingos com uma corda vai pedindo a vários elementos do grupo para se deixarem atar. Todos se recusam o que o leva a pedir aos terapeutas que o atem a ele. Face a mais uma recusa, o João aceita ser amarrado, mas tal não se concretiza pois, imediatamente, ambos tentam fazer uma casa com cubos junto aos terapeutas. Quando iniciam a construção, Manuel e Rui roubam os cubos, passando-os ao Rafael que de imediato os arruma nas prateleiras, acabando por arrumar todo o material disponível.

Sentam-se na roda, por iniciativa própria. Rui: "*éramos os trupers que têm uma mão de ferro e são muito poderosos*". A terapeuta comenta: "*é como se, aqui, os irmão mais velhos tivessem mostrado muitos ciúmes dos irmãos mais novos; também sentem que estes pais aqui têm muito poder, principalmente o poder da mãe em fazer bebés-meninos novos aqui para o grupo e, por isso, ficam zangados (...)*". Orlando: "*a minha mãe já é velha, não vai ter mais bebés*" (Rui em grande agitação, quebra sistematicamente as regras). Rafael: "*quando for grande vou ser cientista e inventar a máscara do robotcup*". Terapeuta: "*aqui podem inventar tudo o que quiserem, podem ser ora pequenos bebés, tristes e com muito medo de perder o lugar junto da mãe, ora muito grandes e*

*fortes como o pai (...) podem imaginar a máscara que vos apetecer". Rafael: "há um gajo lá na escola que vai levar uma coça". Falam da classe que frequentam. Domingos diz que sai ao tio e, por isso, vai crescer muito.*

Os aspectos persecutórios associados à fantasmática arcaica, em que pai e mãe juntos fazem novos bebés (novos elementos para o grupo), são aqui claramente evidenciados. Este poder parental, ao nível da fantasia inconsciente, remete-os para a sua impotência infantil da qual se defendem, ora pela negação (Rui : "*éramos os trupers que têm uma mão de ferro e são muito poderosos*"; Orlando: "*a minha mãe já é velha, não vai ter mais bebés*"), ora pela agressão (ataque ao *quadro* pelo Rui; Rafael: "*há um gajo lá na escola que vai levar uma coça*"). No entanto, a hipótese de diferir no tempo o fortalecimento que lhes permitirá a restauração narcísica surge, também pelo Rafael: "*quando for grande vou ser cientista e inventar a máscara do robotcup*"; e pelo Domingos, que espera crescer muito, como o tio.

Nesta sessão o peso do *real* sobrepõe-se ao do *imaginário* e do *simbólico*. É um ataque ao *real*, consubstanciado pela formação de um novo grupo, pelo real do agir corporal e da descarga pulsional, que é aqui protagonizado. O recurso à construção imaginária colectiva é ainda bastante pobre. As tentativas de construir personagens e uma casa/espço grupal revelam-se pouco consistentes, dissipando-se com facilidade. Por outro lado, o plano simbólico, veiculado nas regras e procedimentos do quadro, é muitas vezes atacado nesta sessão.

A reactivação de angústias e fantasias primárias, dispersas por violentas identificações projectivas cruzadas, conduzem facilmente à excitação e ao agir: o ataque físico ao Domingos; a procura, por parte deste, de uma ligação física aos outros; a correria; a arrumação rápida do material; etc.. Tudo se processa numa circulação fantasmática ainda não contida por um *aparelho psíquico grupal*, capaz de receber as partes mais primárias dos elementos do grupo e de as transformar em elementos possíveis de serem pensados no jogo pela acção imaginária, na construção colectiva de histórias e papéis. Podemos afirmar que é ainda um grupo sem Lei, um conjunto de indivíduos que se sente ameaçado por uma grupalidade identificada com um fantasma precoce - mãe onnipotente e castradora - e que, por isso, luta contra ela em domínio do *processo primário*. O acesso à latência, no grupo, ainda é só uma miragem.

Nas sessões seguintes, assistimos a movimentos ambivalentes face à construção de um espaço continente grupal capaz de conter e proporcionar a transformação dos conteúdos internos dos elementos do grupo, pelo acesso ao jogo colectivo e à produção da ordem do imaginário. Predominam, nessas sessões, reacções de defesa contra as ansiedades primitivas que constituem a realidade mental primária do grupo, embora possamos identificar pontuais momentos elaborativos e de crescimento mental, via transformação pela acção interpretativa dos

terapeutas e pela produção imaginária no próprio grupo. Todavia, prevalece a utilização maciça de defesas primárias como a *clivagem* e a *identificação projectiva*, ao serviço da expulsão.

Neste contexto, assistimos ao funcionamento do grupo em predomínio do *pressuposto básico*, principalmente *ataque-fuga*, num registo onde as fantasias grupais são marcadas pela dispersão, numa actividade mental não mediada pelo pensamento - no caso da latência, pela fantasia consciente (imaginário) - mas sim sujeita ao agir de derivação pulsional. Estado mental este que se espera vir progressivamente a ser transformado em predomínio do funcionamento em *grupo de trabalho*, onde o contacto, via imaginário, com a realidade e com a dimensão simbólica - constituída pela linguagem, normas narrativas, regras e procedimentos sociais - consubstancie aquilo que se espera do *período de latência*, a saber, a consolidação das funções do Eu e do Super-Eu (subsidiário do Ideal do Eu).

Vejamos alguns momentos representativas do funcionamento arcaico da *mentalidade grupal*, atrás referido. Os movimentos defensivos face às ansiedades primárias activadas pela formação de um grupo continuam bem activos na **sessão 2** (falta o Rui), em oscilação com tentativas de construção conjunta de uma "casa" - espaço seguro -, representante físico de uma *continente grupal* imaginário capaz de receber/conter os conteúdos aí colocados via *identificação projectiva*:

(...) Rafael: "*falta o Abel, mas ele não vem mais; foi a mãe que disse que ele não vinha para aqui fazer nada*". Terapeuta: "*e o que é que vocês acham? Afinal o que é que vêm para aqui fazer?*". Rafael: "*responder a perguntas*". Terapeuta: "*é como uma escola?*". Rafael: "*é como um recreio*". Domingos: "*e os professores deviam ter uma régua para bater no cuzinho*". Terapeuta: "*Quer dizer que vocês acham que vêm para aqui para serem castigados?*". Rafael: "*eu só venho mais um mês ... foi a Dra. Graça que disse que eu para o ano já não preciso*". Terapeuta: "*quer dizer que já estás crescido e que não precisas, é?*". Trocam de lugares; Orlando: "*eu aqui fico sempre no mesmo lugar*". Terapeuta: "*Se calhar estão a dizer que vêm para aqui para saber qual é o vosso lugar, principalmente junto dos pais (...)*".

A negação do grupo como espaço colectivo de "aprendizagem" e crescimento emocional surge como defesa contra a unidade grupal ameaçadora. Um *pressuposto de fuga* é verbalizado pelo Rafael, traduzindo o receio de que este grupo-seio não dê o suficiente a cada um. Receio provavelmente activado pela primeira separação sofrida (entre as duas primeiras sessões). Também o receio do desconhecido leva-os a desejar que ali seja um espaço mais estruturado, como a escola, onde as figuras adultas têm um papel bem definido, fundamentalmente directivo, favorecendo relações de dependência.

Vão brincar (Domingos é o primeiro a sair da roda). Em grande agitação, particularmente por parte do Domingos, atiram-se para os rolos de espuma e tiram o material todo das prateleiras. Manuel

está sozinho num "carro" (cubo de espuma que diz ter um pára-choques: "*quem cair ao chão é burro*"). A dispersão é grande. Domingos com uma corda diz para o Orlando: "*vou-te prender*"; Manuel diz que vai fazer uma árvore e o Rafael apregoa: "*quem quer bombas (almofadas) a 100.000?*". Vão lutando com almofadas, uns por cima dos outros. Domingos é o que se mantém mais afastado, escondendo-se debaixo dos colchões, procurando tapar-se completamente. João propõe-se ajudar o Manuel na construção de uma casa, ao fundo da sala, entretanto defendida pelo Rafael contra os ataques destrutivos do Orlando. Domingos, perto dos terapeutas, faz uma casa sozinho, muito pequena, onde só ele é que cabe. Leva para dentro desta uma série de lenços e almofadas, mas abandona-a imediatamente. Entretanto, Manuel amarra uma corda ao banco, arrastando-o pela sala, por cima do material que encontra pela frente. A casa, entretanto acabada de construir pelo João, continua a ser defendida pelo Rafael contra as "invasões" do Orlando: "*este gajo tem que ser preso!*". Domingos enche essa casa de colchões e diz ao Rafael que este é que tem que a defender. Orlando deita-se no muro da casa que acaba por ruir, para grande zanga do Domingos e do Rafael que o ataca iniciando uma luta a sério, interrompida pelos terapeutas. Manuel, com o "carro" cheio de material, arruma-o e diz que ninguém o pode levar.

Com clareza, podemos identificar os movimentos ora de integração ora de dispersão. A construção/destruição de um continente grupal, espaço colectivo (casa) de contenção e transformação dos conteúdos emocionais (almofadas, lenços, etc.), são os movimentos predominantes neste início do processo terapêutico. Assim, as tentativas de construção de um espaço comum, levam com frequência a ataques destrutivos, acção protagonizada, neste caso, pelo Orlando, "actor" que age a fantasia primária ligada à inveja e ao ódio do seio materno. Rafael assume a defesa do lugar de construção. O ataque-fuga à grupalidade, à constituição de um *aparelho psíquico grupal* sustentado numa *matriz grupal* composta por uma rede de ligações onde todos participam, continua a ser o pressuposto em maior evidência, como se pode constatar com o decorrer desta segunda sessão:

Domingos faz uma cama com lençóis e cobertores e deita-se nela sozinho. Rafael e João também se colocam por debaixo de colchões. Orlando atira-se para cima deles com grande entusiasmo. Rafael: "*isto é para nós passarmos a noite*". Entretanto Manuel constrói uma divisão pequena dentro da casa e coloca-se lá dentro. Domingos e Rafael juntam-se, muito apertados, ao Manuel dentro dessa divisão. Fora da casa Orlando e João, deitados juntos, fazem cócegas um ao outro, rindo-se muito. Dentro da divisão aguentam-se pouco tempo e acabam por sair e dispersar-se. Manuel empilha cubos de espuma, colchões e almofadas, transformando a casa. Rafael descobre letras escritas nas almofadas e nos cubos: "*descobri uma pista, cada travesseiro tem uma letra*"; João: "*que fixe, eu tenho um I*". Manuel também identifica letras nas almofadas. Rafael junta dentro da construção/casa as almofadas que têm letras. Orlando tenta entrar na casa, mas Domingos não permite: "*esta casa é só nossa, só cabem dois*". Face à insistência acabam por deixar e ele entra e cobre-se com um lençol. Rafael e João metem-se dentro das prateleiras, mas saem rapidamente

para passarem novamente para debaixo dos colchões (cada um no seu). Domingos sai da casa, destruindo-a e protestando contra a entrada do Orlando. Propõe fazer outra casa com a ajuda do Manuel. Rafael vai para junto dos terapeutas fazer habilidades (cambalhota, pino, etc.). Orlando junta-se ao Manuel dentro da nova casa, ao que Domingos diz: "*não dá para três, vou destruí-la para fazer uma casa em condições*". De seguida, todos à excepção do Domingos, colocam-se individualmente dentro das prateleiras, mas rapidamente Domingos pede ajuda ao Manuel para construírem uma nova casa. Rafael vai dando instruções nesta nova construção para deixarem uma janela aberta. Rafael descobre um nome escrito num cubo: "*já andou cá um Victor*". Orlando atira-se de cima das prateleiras e destrói a casa onde estava o Domingos e o Manuel.

A necessidade de que as letras possam significar um nome, ao serem colocadas dentro do espaço construído, representa bem o movimento no sentido de que ali cada um se possa juntar ao outro para constituir uma unidade. Uma unidade grupal, capaz de conter e de significar (dar nome), pela experiência emocional e fantasiada, cada um dos seus elementos. No entanto, tal intento parece ser ainda muito ameaçador, levando ora à destruição de espaços comuns, ora a movimentos fusionais, a dois, ora a estarem sós, num espaço contentor exclusivo. Reconstituições imaginárias da relação precoce, com expulsão do terceiro, entidade trianguladora/separadora, activadora de dor mental, ainda não aceite como promotora de diferenciação e crescimento.

Assim, o que sobressai nesta sessão é a urgência de um espaço continente, tão desejado como temido. Esta unidade grupal, assumindo ainda, em termos fantasmáticos, as qualidades de uma entidade maternal primária, activa movimentos ora de fusão, ora de ataque e destruição, na lógica do funcionamento *esquizo-paranóide*. De facto, as qualidades atribuídas a esse continente são predominantemente primárias, fantasiado em associação à função alimentar e excretora/evacuatória.

Assistimos, por outro lado, à emergência de um líder - Rafael - que encarna a luta contra um inimigo comum - Orlando - que, por sua vez, encarna, via *identificação projectiva*, os lados destrutivos e odiosos dos restantes elementos presentes. Este tem que ser mantido fora das casas a construir dado o seu potencial destruidor, para que os lados mais construtivos possam não só edificar como manter o lugar-casa-continente. No entanto, prevalece um funcionamento em *pressuposto de ataque-fuga*, em que a *mentalidade grupal* está ao serviço da manutenção da coesão psíquica de cada um dos elementos do grupo, o que confere aos conteúdos propostos para esses lugares-casa um poder bastante destrutivo, num jogo permanente de construção-destruição, operado individualmente ou em sub-grupos.

Os movimentos de fusão, traduzindo o *pólo isomórfico*<sup>1</sup>, ao serviço da defesa contra angústias primárias de aniquilação/castração<sup>2</sup>, inconscientes (reforçadas pela consideração de um elemento [Abel] subtraído), continuam em evidência na **sessão 3** (todos presentes), sendo representados pela necessidade imediata em construir um espaço-casa de contenção e de ligação entre todos.

Neste primeiro movimento, como veremos em seguida, é a luta contra a ameaça de origem fantasmática, ligada a uma castração radical, que os leva a tentarem unir-se num todo. Com efeito, face à dificuldade em manter um ideal de onipotência narcísica a partir da *ilusão grupal* pretendida com as tentativas de carácter fusional, é bem expressa a angústia de castração: "não poder voar (crescer) por ter uma perna (pénis) partida". O "conflito" expressa-se, assim, entre o ficarem "bebés", desprotegidos, ou lutar contra a força castradora (habitante no interior da mãe):

(...) Rui: "o Abel não vem mais, anda melhor". Rui e Rafael falam sobre telefones. Terapeuta: "o telefone é aquilo que permite comunicar com alguém sempre que se quer; também aqui gostariam de poder estar connosco sempre que quisessem".

Vão brincar, por iniciativa do Rui. Começam por tirar o material todo das prateleiras em grande excitação. Rui e Rafael transportam, cada um no seu banco e com ajuda dos outros elementos, cubos para junto da janela perto dos terapeutas. Orlando deita-se na prateleira. Domingos pede à Fátima para lhe atar um lenço ao pescoço - uma capa negra. À excepção do Orlando todos colaboram na construção de uma casa. Assim que está pronta entram todos, incluindo o Orlando, que foi logo o primeiro. Logo de seguida, Rui destrói a casa, saltando para cima dela. Em função disto, Rafael e Orlando ficam zangados e fingem bater muito no Rui. Exceptuando o Rui, passam todos a ficar deitados no chão a brincar com uma pequena borboleta que entrou na sala. Acabam por deitar a borboleta pela janela e ficam a olhar. Neste contexto, o Rafael diz: "tem uma perna partida, não pode voar!".

1. Kaës (1993) propõe dois pólos antagónicos e complementares, em relação dialéctica no funcionamento do *aparelho psíquico grupal*. Um *pólo isomórfico* e um *pólo homomórfico*. Em relação ao primeiro, o autor afirma-o como tentativa dos membros do grupo em "reduzir a distância, a tensão e a diferença entre o funcionamento do grupo e certas formações grupais do aparelho psíquico individual (...) as partes de cada um são colocadas por projecção e por identificação projectiva nos objectos grupais que constituem o conjunto intersubjectivo (...) não há limites, separação, divisão, logo não há realidade pois não há prova da realidade" (op. cit. pp. 216-217). Quanto ao *pólo homomórfico*, de acordo com o autor, traduz movimentos de separação, com lugar para o sujeito individual, numa "(...) diferenciação dos processos de significações, de papéis, de lugares e de tarefas (...) estrutura o grupo e as relações do grupo no sentido da lei diferenciadora da ordem simbólica" (op. cit. p. 219).

2 - Sustentando-se no corpo conceptual kleiniano, Anzieu (1984) considera passível de se encontrar na dinâmica grupal quatro tipos diferentes de angústias arcaicas: de aniquilação - "castração radical sobre todo o corpo" (op. cit. p. 175) -, esquizóide de fragmentação, persecutória e depressiva, "todas associadas a uma imago maternal" (op. cit. p. 175). Como principais modalidades defensivas contra essas angústias, o autor refere: a clivagem do objecto em bom / mau, a identificação projectiva e a restauração reparadora do vínculo.

Imediatamente a seguir Domingos faz uma cama com colchões e deita-se. Manuel e Rafael tiram-lhe o cobertor o que leva o Domingos a chorar e a protestar. Nesta sequência, Manuel refere: "*pronto, pronto, vamos tapar o bebé!*". Manuel, Orlando e Rui vão para as prateleiras e atiram cubos uns aos outros com força, o que leva a advertências por parte dos terapeutas. Rafael, entretanto, tira todo o material que estava espalhado no espaço da roda onde se sentam e diz: "*vou arrumar isto tudo, vai ficar uma maravilha, tudo em ordem*". De seguida, senta-se junto aos terapeutas, não deixando que alguém se aproxime: "*aqui não se pode brincar!*".

Rafael protagoniza, aproximando-se ao lugar de liderança, a tentativa de construção de normas e leis necessárias à criação/ordenação de um sistema de ligações (*matriz grupal*) que suportará as projecções dos *grupos internos*<sup>1</sup>. De facto, como podemos constatar pelo desenrolar da sessão, com o suporte de leis interditórias e delimitadoras, fantasias primárias encontram um palco para a dramatização, viabilizando, via imaginário, a hipótese de que a unidade grupal se constitua naquele espaço-tempo como dimensão física e psicológica de expressão, elaboração e crescimento psíquico. De facto, no jogo que se segue é o espaço interno da terapeuta-mãe que passa a ser ora disputado, ora defendido de terceiros, invasores e perigosos, representantes imaginários do *phallus* paterno, que os próprios elementos pretendem, onnipotentemente, "matar" e substituir:

João tenta entrar nesse espaço, arrastando um cubo - de entre aqueles que limitam a roda - mas o Rafael não permite e "luta" com ele. Entretanto, Rui, Manuel e Domingos vão-se deitando por debaixo dos colchões. Rui entra no "território" defendido pelo Rafael: "*sou teu amigo e tu meu patrão!*". Passam, os dois, a defender esse território (espaço dos terapeutas) da tentativa de entrada dos outros elementos, que persistem em fazê-lo. João e Manuel conseguem entrar e tentam expulsar os outros. Domingos propõe-se como guarda e Manuel senta-se junto à Fátima. Rafael impõe-se na organização deste "jogo", mas Domingos diz: "*tu não mandas em mim!*". Domingos senta-se junto à Fátima, onde tinha estado o Manuel, sendo-lhe proposto pelo João que seja guarda do território. Aceita e, juntamente com o Rafael, expulsam o Orlando daquele espaço. Rafael: "*a senha é o nº 20!*". Rafael e Domingos propõem-se como chefes de guarda e solicitam o João para patrão. A luta organiza-se contra a entrada do Orlando, acabando este por ser "morto" pelos guardas e coberto com mantas. Orlando senta-se junto à Fátima, mas é imediatamente expulso pelo Rafael, que o magoa na realidade. Assim, Orlando isola-se, deitado ao fundo da sala. Todos à excepção do Rui, vão para junto dele consolá-lo. Mas, logo de seguida Domingos diz: "*matem o Orlando de uma vez por todas!*".

---

<sup>1</sup> - Por *grupo interno*, referimo-nos à dimensão intrapsíquica (de cada elemento) e assumimos a definição proposta por Kaës (1993): "*designa as formações e os processos intrapsíquicos a partir da consideração de que as relações entre os elementos que os constituem são ordenados por uma estrutura de grupo (...) trata-se de ligações entre as pulsões e os seus representantes-representações, entre os objectos, entre as representações das palavras e das coisas, entre as instâncias, as imagens e as personagens internas*" (op. cit. pp. 130-131).

Ultrapassando o impacto inicial da grupalidade ameaçadora, o grupo vai-se constituindo de forma a permitir aos seus elementos a saída do primado defensivo, associado à regressão e à fantasmática pré-genital, para dar lugar à restauração narcísica, consequência da fragilidade associada à impotência infantil e à renúncia edípica. É neste contexto que decorre a **sessão 4** (falta o Domingos):

(...) Rui, depois de se sentarem, identifica as faltas: "*falta o Abel e aquele mau, o Domingos*". Rafael: "*eu já disse que o Abel não vem mais e eu só cá vou andar mais um mês e os outros mais dois meses*". Terapeuta: "*parece que têm algum receio de que se crescerem aqui muito depressa, sejam expulsos do grupo*". Orlando: "*eu tenho uma deusa que realiza todos os desejos, chama-se Graça; só eu e a minha mãe é que sabemos, porque o meu pai não vive connosco*". Terapeuta: "*a 'graça' é que os pais fiquem sempre juntos*".

Vão brincar, dispersando-se em grande agitação. Rui propõe fazerem uma casa. Rafael: "*eu sou o guarda!*". Manuel: "*e eu sou o rei!*". Manuel, Rafael e Rui trazem cubos para junto dos terapeutas, começando a construção. Rafael vai expulsando os "ladrões" dali (Orlando e João). Não chegam a acabar a construção da casa, dispersando-se pela sala. No entanto, Rafael continua a lutar com o João, impedindo-o de aceder ao espaço da construção: "*os intrusos querem roubar a jóia mais valiosa*". Entretanto, os restantes elementos do grupo foram retirando o material das prateleiras, espalhando-o por toda a sala. Mudam a orientação da brincadeira, organizando um jogo em que todos participam: enquanto o João junta colchões e cubos de espuma no chão, junto ao armário que se encontra encostado à parede, os outros elementos vão saltando de cima deste. À medida que saltam, vão dizendo que são o "Super-Homem (3, 200, 2001...)" e simulam lutas, com quem já está no chão. A excitação com o jogo é notória. Fazem malabarismos nos saltos: rodam, querem dar cambalhotas, etc.. João é o único que não salta, mantendo-se sempre no chão a juntar os colchões e os cubos. Os saltos vão-se mantendo por bastante tempo, pontuados por anúncios apelativos à competição: "*quem se atirar para o chão é um jacto de três pilas*"; "*quem tem capa (lenço) é burro*"; "*quem saltar do armário é burro*"; "*quem saltar do armário é o mais rico da 2ª feira*"; "*só quem saltar do banco é que é esperto*"; "*quem tocar no lenço roxo é paneleiro*", etc..

O jogo que realizam nesta primeira fase da sessão permite-lhes que exercitem com prazer as suas capacidades motoras, num cenário competitivo. São saltos de crescimento, promotores da idealização de forças poderosas e da negação da fragilidade de cada um, dinâmica típica das crianças da latência. Isto é possível porque o jogo é sustentado por todos os elementos do grupo, constituindo-se como reforço da ligação entre eles para a construção de uma unidade grupal, de um *aparelho psíquico grupal* cada vez mais capaz de sustentar os processos psíquicos colectivos.

Este reforço narcísico induz, como iremos perceber, a *ilusão grupal*, um estado de *isomorfia*, no sentido em que pelo pensamento mágico infantil se sentem fortes e poderosos, assim todos juntos, numa idealização de si mesmos:

De seguida vão todos mexer nos lençóis brancos, comentando: "*isto é para velhinhos ... para padres ... para fantasmas ... somos umas freiras irmãs, namoradas ... somos as rainhas do pai nosso*". O Rafael vem sentar-se na roda e diz: "*acabou-se o cemitério*", enquanto os outros vão todos brincar com as argolas, dizendo: "*olha a magia a acontecer*". De seguida sentam-se todos ao lado uns dos outros a fazer barulho com os pés e com a pandeireta, continuando a gritar (Rui) "*olha a magia*". Orlando e João abraçam-se deitados, em frente ao armário. Rui, João, Orlando e Manuel, metem-se cada um dentro de um cubo de madeira dos grandes cobrindo-se com colchões. Rafael, não tem cubo e vem sentar-se na roda: "*estou cansado*". A seguir iniciam-se movimentos diádicos, Rafael junta-se ao Manuel, dentro da mesma cabana, Orlando enrola-se com o Rui no chão, ambos os pares tentando sempre cobrir-se com colchões.

O estado "mágico" ("de graça") evidenciado defende-os da consciência da impotência infantil, distancia-os do Édipo, isto é, da consciência da diferença entre sexos e gerações, quadro consubstanciador de um real violento para as crianças da latência, embora constitua a própria essência da resolução edipiana. Com efeito, o ideal onipotente de se satisfazerem a si próprios, via imaginário, pela atribuição de características divinas ao grupo por eles constituído, capaz de lhes satisfazer todos os desejos, permite-lhes compensar a dor inerente à consciência da diferença e da separação em relação aos adultos, aos pais, aqui representados pelo casal de terapeutas. Este reforço defensivo, sendo realizado pelo recurso à fantasia dramatizada, opera também uma transformação - face ao movimento imaginário de contra-investimento narcísico que contém - viabilizando assim, simultaneamente, um percurso elaborativo.

Todavia, o retorno ao real edipiano, activado no momento de se sentarem junto aos terapeutas para com eles pensarem, é também o retorno a essa dor psíquica. O ataque cerrado às regras e à capacidade pensante dos terapeutas traduz, como iremos constatar, a rejeição desse real, mas também da matriz simbólica onde o crescimento das crianças se pode processar. Com efeito, para que esse crescimento possa ter lugar é necessária a aceitação de limites. No entanto, o momento de se sentarem conduz à evidência do casal junto e anuncia também, pelo fim da sessão, a separação entre os próprios elementos, devolvendo a cada um a sua condição de sujeito radicalmente separado do outro. Estes limites, ao contactarem com a frágil condição narcísica destas crianças, são vividos como uma agressão pois induzem uma brutal dimensão subjectiva de desamparo, difícil de mentalizar, situação para a qual a resposta "na mesma moeda" é, por enquanto, a única possível:

Sentam-se, com grande resistência, principalmente Manuel e Rui, obrigando o terapeuta masculino a ir buscá-los, "à força". Rafael descreve o que fizeram, de forma factual. Os terapeutas comentam a rivalidade e competição entre eles, como andam ali a treinar para serem fortes, como os homens grandes. Rui e Manuel ficam muito agitados, agriem-se e quebram sistematicamente as regras do *setting*, obrigando a frequentes chamadas de atenção. Comentamos com eles que lhes é, por vezes, muito difícil aceitar que somos nós, um casal de pessoas crescidas, que impomos ali limites às suas vontades. Que nos vêm como uma espécie de reis poderosos ao pé dos quais se sentem muito pequeninos e fraquinhos, umas meninas, o que os deixa muito zangados e por isso atacam as regras e a nossa capacidade de pensar. Remetendo para o jogo, dizemos-lhes que estiveram, então, ali a mostrar que para não sentirem o nosso poder de pessoas grandes, gostariam de ser um grupo de meninos/meninas-homens/padres/mulheres/irmãs, para não haver diferenças entre pequenos e grandes, homens e mulheres.

A entrada de um novo elemento na equipa terapêutica, vem induzir, na **sessão 5** (falta o Rui), um movimento regressivo no grupo. Com efeito, face à presença de um elemento feminino, como observador, uma excitação generalizada conduz o grupo à dispersão e a movimentos representantes de uma pulsionalidade mais primária:

Entra uma interna como observadora. Domingos está muito inquieto. Apresentam-se. Domingos comenta: "*qualquer dia são precisos 1000*". Falamos na fantasia que fazem de que, não aguentando com os seus conteúdos mais destrutivos, chamamos um reforço, uma nova terapeuta. Falam em "*ver gajas nuas*" e o Domingos, em função disto e apontando para a observadora, simula um desmaio.

Vão brincar, em dispersão e correria geral, disputando as "motas"/rolos. Rafael e Manuel rebolam-se os dois no chão, acabando por parar, ficando o Manuel passivamente por debaixo. De seguida Rafael, de frente para os terapeutas "cavalga" a sua mota/rolo: "*olhem para mim a fazer cross!*". Enquanto Orlando e João se rebolam os dois em cima do rolo mais pequeno, Domingos propõe que se construa uma casa. Manuel inicia de imediato a construção da casa, interrompendo, de vez em quando, para fazer outras coisas, nomeadamente para se juntar ao Orlando, João e Rafael que montam, com evidente gozo, o rolo grande de espuma, de frente para o espelho. Domingos circula junto dos terapeutas, acabando por ali fazer uma "toca" de colchões com os quais se cobre completamente. Entretanto, João e Manuel acabam a construção da casa, também ela coberta por colchões. Domingos "cavalga" o rolo mais pequeno em direcção à terapeuta feminina, acabando por juntar-se ao João e Manuel na casa de cubos de madeira. Enquanto João, Domingos e Manuel vão aumentando a casa, com mais cubos, Rafael e Orlando rebolam-se juntos nos colchões. Domingos resolve fazer uma casa só para ele. Rafael tenta entrar na casa maior, mas imediatamente recua dizendo: "*é um abafador lá dentro*".

São visíveis os aspectos exibicionistas presentes em certas brincadeiras de alguns dos elementos, fortemente marcadas pela fantasia de possuir um pénis/falo mais poderoso do que o do rei/pai/terapeuta. A figura do terapeuta masculino, agora sentado entre duas mulheres, parece reforçar a fragilidade narcísica destes pequenos rapazes, remetendo-os para a sua pequenez e impotência. Assim, a *mentalidade grupal* sofre um enfraquecimento no que se refere ao seu potencial unitário, ou congregador. Face à emergência de ansiedades induzidas a partir da alteração do *quadro*, predominam dois movimentos essenciais: por um lado uma parte do grupo, mais frágil, procura a fuga, o recolhimento numa casa que urge construir, qual técnica da avestruz que esconde a cabeça na areia, face à ameaça; por outro lado, uma parte mais activa protagoniza manifestações dispersas e desorganizadas de força, sob a forma de ataques às partes/elementos frágeis/passivos do grupo e às construções protectoras por eles realizadas. É a negação da fragilidade e a afirmação de força fálica, numa tentativa de superar a angústia de castração que se reforça com o poder atribuído ao terapeuta masculino.

Depois de destruir a casa do Domingos, que reage com agressão, Rafael propõe ao Orlando destruir a casa maior, mas não o faz. João propõe a senha "jacaré" para a entrada na casa, mas não há qualquer resposta por parte dos elementos do grupo. Rafael e Orlando acabam mesmo por destruir a casa, para irritação particular do João e passividade do Manuel. Domingos comenta: *"ainda bem que a casa foi destruída"*. Manuel vai construir uma casa *"só para dois"*, enquanto João e Rafael lutam com agressividade agida. Acabam por se juntar todos contra o João, prendendo-o com uma corda e chamando-lhe *"gordo...gordo sem panela..."*. De seguida, enquanto João e Manuel retomam a reconstrução da casa anterior, guardando material lá dentro, Rafael e Orlando, alternadamente, dão murros e pontapés no rolo grande. Domingos circula sozinho, de gatas, rosnando, acabando por simular um ataque à observadora saltando para cima dela. Propõe-se então como *"rei dos leões"* e, logo de seguida, como macaco treinador de outros macacos, referindo-se ao Rafael e Orlando. Manuel e João ficam metidos em tocas dentro da casa, enquanto os outros três simulam lutas dentro de um ringue, em que o "macaco" Domingos, depois de ter ido espreitar o que se passava dentro de casa, "grunhe" instruções para os outros dois: *"eu sou o vosso rei, eu sou o meu próprio rei"*. Logo de seguida, Domingos vem junto dos terapeutas e dá um beijo a cada um.

O desejo de que ali, entre eles, emerja um líder forte a quem se possam identificar é, como vimos, enunciado pelo Domingos que se propõe como rei, dele próprio - negando a força paterna, vivida com rivalidade mais do que como objecto identificatório - e dos restantes elementos. No entanto, sendo a carga pulsional demasiado intensa e o *aparelho psíquico grupal* marcado pela dispersão, logo enfraquecido, tal processo não se organiza sob a forma de um jogo colectivo, duma actuação pautada pela dimensão do imaginário, sobrando apenas a intenção, a expressão da necessidade, a urgência. A contenção destas ansiedades, expressas no brincar, mas não contidas nem elaboradas pelo próprio grupo, acaba por sê-lo pelas

interpretações feitas pelos terapeutas, aceites na medida em que pela sua acção compreensiva e significadora devolvem ao grupo a sua essência colectiva e aos seus elementos a segurança interna ameaçada:

Remetemos o grupo para a sua necessidade de que haja um rei ali entre eles, que os possa orientar/treinar. Mas com medo que esse rei ocupe ali o lugar do pai/terapeuta e de que este fique zangado, sentem necessidade de reparar essa intenção, dando beijos aos terapeutas. Ora querem estar no lugar do pai, ora sentem medo (de retaliação/castração) dele. Este comentário leva-os a esconder as mãos por debaixo dos bancos. Falamos também da representação do espaço grupal, percebido ora como um lugar onde se podem sentir bem seguros, ora como uma espécie de quarto dos pais onde se passam segredos sobre os quais ficam muito curiosos. Domingos simula um desmaio, depois de imitar os sons que diz ouvir no quarto dos pais. Ficam muito agitados, levantam-se e dispersam-se pela sala, o que obriga os terapeutas a recolhê-los fisicamente.

### emergência de um líder

Face à "desordem" resultante da emergência pulsional activada no início de cada sessão e decorrente do próprio processo terapêutico grupal, a necessidade de que sobressaia um líder protector e organizador é evidente, como também se pode constatar na actividade desenvolvida logo no início da **sessão 6** (todos presentes). Esta necessidade é tanto mais urgente quanto o grupo parece querer preservar os aspectos mais saudáveis e bons fora (do grupo), longe do potencial destrutivo de cada um. Daí a referência à boa mãe que lá fora dá coisas boas (chiclete) e às possíveis alianças exteriores (ex. Rui e Domingos). O apelo à liderança parece encontrar ressonância no Rafael, que realiza movimentos frequentes de diferenciação em relação aos restantes elementos do grupo:

A sessão inicia-se com a agitação habitual, em que entram a correr, disputam os lugares e trocam "insultos" e "ameaças". Rui começa por dizer que a mãe lhe deu chiclete e que vai de boleia com o Domingos, no final da sessão. Este diz: "*ai isso é que não vais!*", ao que Rui insiste: "*vou, vou!*". Domingos acaba por afirmar "*não vais, que eu sou mais forte do que tu!*". Todos falam nas suas idades, comparando-as, fazendo o mesmo em relação ao ano escolar que cada um frequenta. Rafael: "*eu sou o mais velho e o mais forte!*". Orlando comenta em relação ao Rui: "*ele ainda não passou da primeira classe!*".

Vão brincar, começando por tirar o material das prateleiras, atirando tudo para o chão sob grande agitação. João e Manuel regressam algum tempo para junto dos terapeutas, juntando-se também o Rui. De seguida Rui propõe-se como rei, mas não recebe qualquer atenção por parte dos restantes elementos. Entretanto, junta-se ao Manuel e João simulando lutas com eles, num extremo da sala.

Noutro extremo, Domingos e Orlando fazem o mesmo. Rafael, sozinho, vê-se ao espelho, brincando com uma corda. Domingos vem junto dos terapeutas, segredando ao ouvido da terapeuta Fátima: *"tens que castigar o Manuel porque ele magoou-me!"*.

Rafael, Domingos, João e Orlando, montam o rolo grande e simulam uma viagem de mota a alta velocidade. Rui propõe a construção de uma casa, aderindo à sua intenção Domingos, Manuel e João. Esta construção desenrola-se muito perto dos terapeutas. Rafael retira-se da "mota" e deita-se sozinho nos colchões. Orlando e João montam agora a "mota", de frente para o espelho. Rafael vai atacando/destruindo a casa que o Domingos continua a (re)construir, para sua grande irritação, até que decide convidá-lo a entrar, dizendo: *"vem cá para dentro, vais ver que é fixe"*. Rafael acede e quando o Rui também entra comenta: *"só podem estar aqui dois!"*. Começam a participar todos na construção da casa, aumentando-a com muito material (cubos e colchões). Entretanto, a confusão instala-se com uns a (re)construir, outros a destruir e a caminhar por cima de alguns que estão "submersos", sendo notório o gozo generalizado com esta actividade. Subitamente, Rafael separa-se do grupo (que se encontra junto dos terapeutas) e dirige-se para perto das prateleiras, ao fundo da sala, comentando: *"aqui não está ninguém, só eu!"*. Seguindo este exemplo, Domingos, Orlando e Rui também se colocam deitados nos compartimentos das prateleiras, enquanto João e Manuel permanecem na casa. Domingos, Rui e Orlando regressam à casa, suscitando o comentário do João: *"só entra quem tiver espaço para dormir!"*. Enquanto Rafael alterna movimentos de aproximação e de isolamento, relativamente ao grupo, Orlando realiza saltos de "Super-Homem" para cima da casa e dos elementos que se encontram lá dentro, dizendo: *"quem estiver aí dentro que se lixe, aí vou eu!"*. Juntam-se a ele Manuel e João, que também saltam para cima do Domingos e Rui, cujos protestos se fazem ouvir. Entretanto, dispersam-se: Rui e Rafael estão nas prateleiras, Orlando, Domingos e João correm pela sala e Manuel permanece sozinho na casa. Orlando persiste, em chamar "engenhoca" ao Domingos o que leva este a persegui-lo e a lutarem. Entretanto Rafael apropria-se de alguns arcos coloridos, ameaçando: *"se alguém vier buscar isto leva nas trombas!"*. Todavia, João e Rui disputam os arcos com o Rafael, enquanto Manuel permanece sozinho na casa construída junto dos terapeutas. Orlando e Domingos também brincam com arcos, em par, bem como Manuel que se junta à disputa dos mesmos. Enquanto Rafael e Rui se retiram para as prateleiras, Manuel, Orlando Rui e João juntam-se e entrelaçam os arcos. Rafael, ao ver esta aliança aproxima-se de João e tenta tirar-lhe o arco, ao que todos oferecem resistência.

Sentam-se. Começam por trocar insultos e acusações de roubo dos arcos. Domingos descreve algumas das brincadeiras que realizaram, entre as quais o "cola-descola" (uns contra os outros). Os terapeutas comentam a ambitendência manifestada pelo grupo, entre quererem permanecer todos juntos dentro de um espaço comum que os proteja - "como um bebé na barriga da mãe" - e o medo de lá ficarem retidos e sem possibilidade de crescer e descobrir coisas novas, o que os leva a separarem-se, a lutar e a ter dificuldades em organizar uma brincadeira entre todos (sem que com isso se sintam aniquilados pela grupalidade). Face a este comentário, Orlando diz *"ficarmos presos"*

num caixão!". Logo de seguida Rui associa o período de férias que ocorrerá no Natal, dizendo: "no Natal não há grupo".

Como se pode observar nesta sessão, a *clivagem* bom/mau na sua equivalência fora/dentro do grupo, operada pela *identificação projectiva*, é também traduzida nos movimentos ambivalentes do grupo representados na construção/destruição de um espaço/casa, representante físico do próprio *aparelho psíquico grupal*, ora seguro e protector (bom-construído), ora ameaçador/castrador (mau-destruído). Esta dinâmica constitutiva do *aparelho psíquico grupal* vai-se criando sob a égide de movimentos alternantes de dispersão e de fusão (*ilusão grupal*), onde os terapeutas são colocados, via transferência, ora como figuras protectoras e continentes, ora como frustrantes, onnipotentes e abandonadas.

Sessões onde parece haver suficiente contenção grupal, pela consolidação do *aparelho psíquico grupal* - para que organizações lúdicas se possam organizar, permitindo a activação dos processos psíquicos e experienciais típicos da latência, em funcionamento de *grupo de trabalho* - alternam com sessões onde predominam as angústias mais primárias, ligadas ao desamparo originário, em predomínio dos *pressupostos básicos*. Nestas, como elucida a sessão 6, praticamente apenas se joga a repetição de movimentos de "cola-descola", i.e, de coesão-dispersão, de construção-destruição, sob o eixo do *pressuposto ataque-fuga*, numa tentativa de encontro de uma unidade suficientemente estável, integradora e securizante que lhes possibilite a contenção e elaboração dos seus lados mais primários, onde o bom e o mau possam ali, no espaço-tempo do grupo, coexistir. O apelo à liderança é essencialmente o apelo a esta possibilidade, difícil de alcançar numa dinâmica "sem Rei" ("nem Roque").

Estes vários aspectos da dinâmica psíquica do grupo encontram representantes nos seus elementos. Assim, por exemplo, se se torna evidente a aproximação do Rafael ao papel de líder, também é clara a função do Manuel de representar ali o lado mais frágil dos elementos do grupo, cuja necessidade de contenção lhe confere a tarefa invariante de construir e reconstruir um lugar (casa), ainda não psíquico ou imaginário, mas concreto, que lhes ampare essa urgência (é o predomínio da projecção sobre a introjecção).

A dinâmica acima referida continua patente na *sessão 7* (falta o Rui e a observadora) e na *sessão 8* (falta o Domingos), com particular ênfase da expressão dos aspectos mais primários ligados à inveja e à agressividade na primeira e dos movimentos de dependência e contra-dependência associados às ansiedades de separação, na segunda. Ilustramos estes aspectos com a descrição integral destas duas sessões:

sessão 7 - Começam por identificar as faltas ("A Dra. Luísa deve-se ter esbarrado com o carro!") e reparar num placard com motivos de Natal colocado (inadvertidamente) na parede, atrás dos terapeutas (de frente para o grupo): "*é uma estrela cadente e a Lua; é a estrela do menino Jesus!*".

Vão brincar, a correr. Enquanto Domingos vai tirando todo o material das prateleiras, Manuel e João começam de imediato a construir uma casa, bem perto dos terapeutas (entre os terapeutas e a porta). Manuel vai dando ordens ao João quanto ao material que interessa ir buscar. Depois dos dois entrarem na casa, Rafael e Orlando aproximam-se, pedindo para entrar, mas não chegam a fazê-lo. Domingos, Orlando e Rafael vão brincar com os arcos (*ula-up*). A casa contém "tocas", feitas com os cubos grandes de madeira, e uma porta de correr. Manuel é quem permanece sempre na construção da casa, liderando esta empresa, ora só, ora com a colaboração do João. Enquanto Orlando e Rafael brincam com uma corda, puxando-se um ao outro (simulando "motas todo terreno"), Domingos aproxima-se da casa e, por sugestão do João e passividade do Manuel, passa a dar continuidade à sua construção. Esta vai sofrendo a colaboração descontínua do João, Manuel e Domingos. Orlando, com a corda, vai "apregoando": "*quem quer ser puxado pela motoreta 100 000?*". Rafael manda-o calar, enquanto se recolhe na prateleira: "*cala-te, não quer ninguém!*". Assim que a casa fica pronta entram os três construtores, aos quais se juntam Rafael e Orlando. Durante algum tempo, ouve-se a discussão sobre o espaço que cada um quer ocupar lá dentro e queixas de que a casa é pequena. A casa cai de seguida e, de imediato, Manuel propõe que façam outra, associando-se Domingos na reconstrução. Orlando ajuda a transportar material. Rafael coloca-se no centro da construção: "*ponho-me já aqui, senão não caibo!*". A casa fica pronta, entram todos, mas começam aos gritos lá dentro e a casa é logo destruída, por iniciativa do Rafael e do Orlando. Manuel fica sozinho deitado sobre os "destroços". Logo de seguida inicia a reconstrução da casa, com a ajuda do Orlando. Rafael, Domingos e João autodenominam-se de "destruidores" e passam ao "ataque" à nova casa, destruindo-a. João comenta: "*nós não queremos uma casa, nós queremos é destruir*". Mais uma vez, Manuel inicia a reconstrução da casa com a ajuda do Orlando, enquanto os restantes elementos simulam lutas e golpes de Karaté no rolo grande de espuma, passando, de seguida, a jogar futebol com uma almofada. Desta vez a casa é acabada e Manuel e Orlando ficam lá dentro, enquanto os outros vão comentando alto os golos que vão marcando.

Sentam-se e falam dos golos que conseguiram marcar. Os terapeutas comentam a necessidade que mostram em encontrar ali um espaço onde se sintam seguros e protegidos, embora depois também evidenciem uma grande dificuldade em aceitar que esse espaço possa servir para todos. Ficam muito irrequietos, não cumprem as regras, o que obriga a intervenções constantes dos terapeutas no sentido da preservação do *quadro*. É também interpretada a tentativa de controle onipotente que fazem, através da construção-destruição de um espaço-casa, do espaço interno dos terapeutas, tão desejado como invejado, face às qualidades apresentadas, de compreensão, de pensamento e de demarcação de regras. Destruir o espaço-casa, tal como quebrar as regras na roda, é também poder

actuar os aspectos destrutivos ligados à raiva que a falta da observadora induz e testar os limites de contenção por parte dos terapeutas.

**sessão 8** - Os terapeutas começam por anunciar a interrupção do grupo para férias do Natal. Os rapazes comentam o que pediram de prendas para o Natal e dizem o nome e a idade uns dos outros, discutindo quem é o mais velho. João acentua, dirigindo-se ao Rafael, que o Manuel é o mais velho.

Vão brincar, começando de imediato a construção de uma casa - perto dos terapeutas - pelo Manuel, João e Orlando, enquanto Rafael e Rui espalham os objectos pelo chão. Entretanto, Rafael e Rui apoderam-se de material - cubos de espuma e de madeira - dizendo: "*não damos os cubos, só os vendemos*". Manuel e Orlando colocam-se dentro de casa, após o seu término, dificultando a entrada a João que vai pedindo com insistência para entrar. Acabam por permitir. Entretanto, Rafael inicia a construção de uma outra casa, no outro extremo da sala. Rui vai atacando a primeira casa, refugiando-se na casa do Rafael quando perseguido pelo João, que se irrita com as suas tentativas de destruição, acabando mesmo por destruir a casa construída pelo Rafael. Rui recomeça a construção desta. João vai circulando entre as duas casas, criticando-as: "*para que é que querem tantas almofadas aí dentro, é para dormir?; vocês são só dois, para que é que fizeram uma casa tão larga? (...)*". Entretanto, estes dois sub-grupos iniciam um ataque mútuo, atirando objectos uns aos outros. Face aos ataques mais "eficazes" do Rafael à primeira casa, os seus ocupantes vão reconstruindo-a cada vez mais junto aos terapeutas. João passa a associar-se a Rafael e Rui, construindo com estes uma muralha ao fundo da sala de onde partem para atacar a outra casa. Lutam uns contra os outros, destroem as casas e muralhas. Manuel inicia rapidamente a reconstrução da casa e Rui também recompõe a muralha parcialmente destruída. Rui propõe que dentro da muralha se construa um café, ao que Rafael concorda dizendo: "*boa, e aí dentro podemos pôr esta lixeira toda que está cá fora*". Rafael e João voltam a atacar a casa de Manuel e Orlando, que se defendem atirando cubos e contra-atacando, tentando destruir a casa dos primeiros. Manuel e Rafael lutam com alguma agressividade agida, tal como João e Orlando, o que leva os terapeutas a advertirem que não se podem magoar. Rui vai reconstruindo a casa sozinho. Manuel coloca o rolo de espuma dentro da sua casa, o que leva os outros a tentar recuperá-lo. Durante algum tempo a disputa faz-se em torno deste rolo.

Sentam-se e trocam acusações sobre a intenção de destruir as casas. Os terapeutas interpretam a rivalidade, a disputa entre eles de um lugar de liderança, cabendo este àquele que demonstrar ter mais capacidade para defender o espaço-casa, representante do próprio grupo na sua função continente. A necessidade de manter ali uma casa bem forte junto dos terapeutas, com muito material lá dentro, é interpretada no sentido da expressão do reforço da relação terapêutica, do seu desejo de guardá-los (aos terapeutas) dentro deles face às ansiedades de separação activadas pelo

anúncio das férias. Por outro lado, a outra casa, mais distante, a partir da qual se lançam os ataques destrutivos, conduz o comentário à elucidação dos seus lados mais primários, raivosos, que tentam negar a dependência, atacando os lados mais frágeis, embora autênticos, que tendem a expressar a ligação ao grupo e a intenção da sua preservação. Reagem às interpretações, trocando insultos e falando no que querem ser quando forem grandes. Orlando diz que quer ser polícia, o que provoca a risada geral.

### incremento do imaginário

O processo terapêutico sustentado no *quadro* em apreço, viabiliza a integração do processo primário e secundário, permitindo que as crianças possam expressar e elaborar a sua vida fantasmática, com predomínio do recurso à dimensão do imaginário, em detrimento do agir imediatista associado à pressão pulsional. A **sessão 9** (primeira sessão depois das férias do Natal - falta a observadora), ilustra bem este acesso progressivo. No entanto, o início desta sessão traz-nos a expressão momentânea daquilo que parece consubstanciar um *pressuposto de base - messiânico* -, com tendência a aparecer no início de cada sessão: o Abel como elemento que falta e que a qualquer momento pode ali nascer, salvando o grupo das suas angústias básicas. De facto, a ausência/exclusão deste elemento tem sido negada desde o início do grupo, mantendo-se a expectativa do seu aparecimento:

Entram para a sala em grande velocidade. Comentam, como habitualmente, a falta do Abel. Rafael insiste em dizer que sabe que ele não vai frequentar o grupo. Rui comenta que o Rafael trouxe o "irmãozinho de sete anos". Estão muito irrequietos. Rui propõe ao Rafael fazerem "um café e seis camas"; ao que este responde: "*está bem, eu e o Rui somos os guardas mimalhos, os outros são os trolhas!*".

Vão todos brincar com grande euforia. Tiram o material todo das prateleiras, principalmente o Domingos. Orlando diz que o Domingos está a roubar, levando ao comentário do João: "*claro, ele é o ladrão!*". Então, Domingos passa a ser perseguido pelo Rafael e Orlando que o tentam prender, reagindo com violência a estes intentos. Manuel, sozinho, vai construindo uma casa num canto ao fundo da sala. João passa a dar instruções para a construção de um café que vai sendo realizada pelo Rui e Orlando. Esta construção consiste, basicamente, num muro a toda a largura da sala, diferenciando um espaço, por trás do muro, que vai até ao fundo da sala e inclui a pequena casa do Manuel. Todos passam a meter o máximo de material dentro desse espaço.

Após a separação provocada pelas férias do Natal o grupo revela a falta sentida, traduzida na necessidade em preencher um espaço deixado vazio durante este período. É expressa a urgência

em reconstituir a unidade grupal, enchê-la de conteúdos e atacar a ameaça externa, cuja representação é protagonizada pelo Domingos enquanto "ladrão" destruidor. Este, representa ali a parte persecutória que cada um associa, em termos de fantasia inconsciente, à má mãe que lhes retirou o alimento/grupo (durante as férias) para se juntar ao pai poderoso.

Todavia, estas fantasias primárias, ligadas à dimensão mais precoce da vida psíquica, podem agora ser expressas e elaboradas pelo recurso ao imaginário, i. e., pela construção de fantasias conscientes organizadas numa narrativa dramatizada. Neste âmbito, esta sessão desenvolve-se basicamente em *grupo de trabalho* pela viabilização de papéis transformadores e de movimentos de contra-dependência, vectores necessários à narcisização das crianças na latência. De facto, aqui a agressividade não é agida, mas sim sujeita à expressão e transformação pelo recurso ao jogo e à dramatização (animais em luta). Estamos no domínio da latência:

Domingos sofre alguma resistência por parte de alguns elementos na sua intenção de poder estar dentro do espaço. Acabam por aceitá-lo, na condição de que não destrua nada e passam a ficar todos lá dentro, deitados em colchões/camas com todo o material. Sempre do lado de lá do muro, brincam aos pares, fazendo cócegas, fingido que dormem, atirando almofadas(...). Domingos propõe-se como um leão que defende os outros dos ladrões e como gorila, vindo para fora do espaço atirar almofadas contra os que estão no seu interior. Entretanto, Rui e Orlando vão reforçar o muro com cubos de madeira, pedindo aos outros que não destruam nada. Enquanto estes juntam ao muro todos os cubos existentes na sala, incluindo os da roda, e os cobrem e enchem com colchões, lenços e almofadas, Domingos e a parelha João/Manuel atiram almofadas de dentro para fora e vice-versa, em grande agitação. Orlando também começa a atirar almofadas contra o Domingos, que permanece no exterior do espaço, chamando-lhe "*gorila sem rabo; gorila sem pila*". Este destrói uma parte do muro, sendo atacado por todos, principalmente pelo Rafael. Cria-se uma forte agitação, com Orlando a fazer de tigre e Rafael de águia, em ataque ao Domingos. Correm e fogem uns dos outros, simulando lutas entre animais. Domingos continua a "grunhir", enquanto Rui destrói o muro e o Rafael tira os conteúdos colocados dentro dos cubos.

Este momento do processo terapêutico traduz uma dinâmica suportada por movimentos de *identificação projectiva* cruzada, em que o *aparelho psíquico grupal* se encontra suficientemente sólido para que o grupo de objectos internos de cada elemento seja identificado com o grupo externo, nas suas partes constituintes. Assim, o lugar para os lados mais frágeis de cada um, onde as angústias precoces são mais sentidas, tem uma presença tolerável. Estes são representados pelos elementos empenhados invariavelmente em assegurar uma casa/espço continente seguro e protector, agora de maior consistência, porque passível de catalisar transformações (novas fantasias). Aliás, este processo faz-se em complementariedade. Para que os lados mais crescidos possam virar-se para o exterior, criando, imaginando e fortalecendo-se, os lados mais primários precisam sentir a presença de um "porto seguro", um espaço-casa ao

qual podem recolher, representante, em última análise, de um bom espaço continente materno, cuja introjecção se faz com dificuldade nestas crianças.

A sessão 10 (substituição da observadora - todos presentes) é marcada por movimentos transferenciais, no sentido da manutenção de uma contiguidade na relação dos elementos com o objecto primário de relação - projectado na terapeuta Fátima -, assegurando a presença das suas qualidades protectoras e de prestação de cuidados, como forma de poderem afastar-se para explorar e crescer<sup>1</sup>. Esta contiguidade é representada no jogo pela ligação do espaço-casa à terapeuta através de um "alçado", conexão esta defendida pelo cada vez mais assumido líder do grupo (Rafael), e pela solicitação que lhe fazem para colocar as capas de super-heróis. Passemos à sessão:

Entram, barulhentos e agitados. Perante a nova observadora, Domingos pergunta: "*quem é esta?*".

Os terapeutas explicam a substituição efectuada. Vão imediatamente brincar.

Dispersam-se pela sala a correr. Rui vai dispondo colchões em frente dos terapeutas, sobre os quais os outros elementos vão dando cambalhotas alternadamente. Manuel e João, em parilha, vão brincando com os cubos e iniciam a construção de uma casa junto à porta da sala. Os outros elementos dispersam-se em brincadeiras isoladas. Rafael e Orlando aproximam-se da casa, entram, mas Rafael obriga Orlando a sair permanecendo lá dentro juntamente com Manuel e João, todos eles completamente cobertos. Entretanto, Domingos aproxima-se da casa e destrói uma parte, sendo perseguido por Rafael e advertido: "*não podes destruir a nossa casa!*". Manuel e João reconstruem a casa, fazendo um "alçado", que acaba junto à terapeuta feminina. Rafael coloca-se sobre esse alçado e propõe-se como guarda. Pela sala, Rui, Domingos e Orlando andam dispersos aos pontapés às almofadas e aos rolos. Rui propõe que brinquem aos *Power Rangers*, ao que os outros dois aderem. Colocam capas (lenços), pedindo à terapeuta Fátima que as ate à volta do pescoço. Propõem-se ora como dinossauros, com nomes estranhos, ora como ninjas, simulando lutas. Os outros elementos mantêm-se na casa por algum tempo, mas Rafael e João juntam-se à brincadeira dos outros, em grande agitação de corridas e lutas, onde Domingos vai repetindo: "*eu sou da equipa da Rita*"<sup>2</sup>. Apenas Manuel permanece "recolhido" dentro de casa. Vão discutindo quem é da Rita e quem é *Power Ranger*. Com frequência Rui finge-se morto, permitindo ao Domingos que lhe ponha o pé em cima com ar glorioso. Numa destas situações aleija Rui, o que

---

<sup>1</sup> - Este comportamento encontra tradução no processo de vinculação infantil e foi estudado por autores como Bowlby (1958) e Bretherton (1985), que acentuaram a dinâmica entre os dois objectivos: *manutenção da proximidade* e obtenção de segurança que promove a *exploração*. Esta dinâmica reflecte-se na utilização da figura de vinculação como *base segura* e *refúgio de segurança*, conceitos-chave na teoria da vinculação. Assim, quando a criança se sente segura e o sistema de vinculação se encontra activado numa intensidade baixa, é-lhe possível utilizar a mãe como *base segura* a partir da qual pode explorar o meio, restabelecendo o contacto com a figura de vinculação face a qualquer situação de perigo.

<sup>2</sup> - Rita é um personagem da série animada (televisiva) *Power Rangers*.

leva Rafael a vingá-lo, batendo a sério em Domingos, levando os terapeutas a intervir. Uma das regras é que quem cai ao chão desaparece. Vão todos invadir a casa de Manuel, que não se opõe. Acabam por destruir parte da casa e saem de novo regressando às lutas, enquanto Manuel reconstrói a casa. A agitação é grande, com Rui constantemente a acender e a apagar as luzes da sala o que obriga os terapeutas a apelar ao cumprimento das regras no sentido da preservação do *quadro*. Este acaba por juntar-se ao Manuel dentro da casa, numa "toca", enquanto os outros estão dispersos, aos pares, fingindo lutas, rebolando pelo chão, brincando com os arcos.

O funcionamento em *grupo de trabalho* (tarefa: construir histórias, fantasiar) permite-nos observar, neste contexto, a ambitendência inerente ao crescimento nas crianças do período da latência. Ora afastando-se dos objectos primários de relação - lutando, jogando futebol, etc. -, ora proximando-se deles, pelo recolhimento ao espaço-casa anexado, cuja construção/destruição parece permitir-lhes ensaiar os seus movimentos de autonomia. Assim, expressam no jogo a dinâmica interna de cada um. A luta é essencialmente entre os lados mais crescidos e fortes (*power rangers*) e as partes mais frágeis (bebés que se perdem ou desaparecem, lados ainda muito ligados à figura materna, "à Rita", também ela muito poderosa). Observemos o referido, continuando com a sessão:

De vez em quando, Domingos pede protecção ao Rafael face aos "ataques" que o Orlando lhe faz. Rafael propõe que joguem futebol com uma almofada. Fazem um jogo em que Domingos é o guarda-redes e, depois de jogarem todos contra o Rafael, cada um, individualmente, tenta marcar golos nessa baliza colocada mesmo em frente à equipa terapêutica. Orlando não joga, aproximando-se da casa onde estão Rui e Manuel, cujas vozes se ouvem abafadas, mas acaba por não entrar indo empilhar colchões em frente aos terapeutas e dar cambalhotas na sua direcção. Rui sai da casa e destrói-a, arrastando os cubos grandes de madeira para longe. Apenas o cubo onde o Manuel está metido permanece no mesmo lugar. Orlando, Rui e Manuel acabam por juntar os cubos em linha, junto à pilha de colchões, saltando vez à vez por cima deles para "mergulhar" e rebolar nos colchões na direcção dos terapeutas. A esta brincadeira juntam-se os elementos que anteriormente estavam a jogar futebol, o que acaba por reunir todos os participantes do grupo.

Sentam-se com grande resistência, depois do terapeuta masculino ter que ir buscar alguns que, de forma desafiadora, se escondiam no meio do material. Em grande agitação e com dificuldade em falarem um de cada vez, explicam que brincaram aos *Power Rangers*, que se podiam transformar em qualquer animal ficando com o poder que esses animais possuem. Explicam também que podem misturar partes dos animais no mesmo ser: "*a cabeça de um tiranossauro com as patas de um elefante, num corpo de uma águia...*". Os terapeutas comentam que ali, por vezes, também imaginam que os próprios terapeutas têm um poder muito grande, como o de fazer aparecer e desaparecer pessoas - como a Dra. Luísa e a Dra. Isabel (observadoras) - ficando sem saber se os vão ajudar a transformar-se em homens, ou se os podem fazer desaparecer ou ficarem muito fracos.

Rafael diz que a terapeuta Fátima é boa, que é a *Camberlein*. Falam também nos *trupers*, no facto de desaparecerem quando se tocam e num bebé perdido.

O grupo mostra aqui um salto qualitativo no seu crescimento ao evidenciar a sua coesão - a consolidação do *aparelho psíquico grupal* - expressa na fantasia de ali se poderem transformar em animais com partes do corpo misturadas. Sentem, efectivamente, o quanto cada um pode representar e transportar partes/objectos internos dos outros, o que confere a identificação do grupo externo com o grupo interno (grupo externo como palco para a expressão e transformação do grupo interno). A entrada de uma nova observadora (jovem e vistosa) parece activar-lhes o desejo de crescer e de se tornarem fortes, permitindo-se no fim do jogo exhibir os seus golos e saltos acrobáticos na direcção do terapeutas, treinando assim um caminho de investimento em si, de crescimento no sentido do mundo adulto, com quem vão experimentando movimentos identificatórios.

### entrada de um novo elemento

Na *sessão 11* (faltam Rui e Domingos) a entrada de um novo elemento (Hugo), conduz o grupo a alguns movimentos regressivos, face às angústias primárias que emergem perante uma desorganização da dinâmica grupal anterior. Com efeito, esta sessão é dominada pelo *pressuposto de base ataque-fuga* dirigido ao Hugo, sentido como figura ameaçadora. Esta ameaça é-lhe atribuída não só a partir de fantasias ligadas ao nascimento de um "bebé" no grupo (evidenciadas logo no início da sessão), com a activação de uma agressividade associada à rivalidade fraterna, mas também pelo potencial destrutivo que o próprio Hugo protagoniza no decorrer da sessão (frequentes ataques às construções realizadas pelo grupo):

Entram, sentam-se, identificam as faltas e a presença de um novo elemento; "*este aqui é o Hugo*", comenta o Rafael. Apresentam-se, a pedido dos terapeutas. Rafael faz notar que rapou o cabelo. A este propósito falam na tropa e Rafael refere: "*o meu irmão vai para a tropa, para a guerra da Bósnia (...) vão levar uma cabra bebé com eles e vão ter que lhe dar leite com um biberão*". Orlando: "*como os bebés!*".

Vão todos brincar. Orlando e João dirigem-se a correr para as prateleiras, tiram os cubos de espuma e atiram-nos um contra o outro. Rafael grita muito alto e atira-se para cima dos colchões amontoados ao fundo da sala. João junta-se a Manuel e ajuda-o a construir uma casa, que Hugo imediatamente tenta destruir. De seguida, Hugo retira-se e junta-se a Rafael e Orlando, aos pontapés aos cubos, o que leva a uma advertência por parte dos terapeutas. Entretanto, Manuel destrói a pequena casa que estava a construir ao fundo da sala e começa uma nova construção junto à porta da sala. João segue-o e ajuda. Rafael vai dando algumas ideias para a construção da casa,

advertindo o Hugo: "*podes entrar na casa, mas não podes destruir nada*". João afasta-se da casa e do Manuel e, juntamente com Rafael e Orlando, organizam uma competição de "saltos acrobáticos" nos colchões. Hugo aproxima-se para brincar com estes elementos, mas João impede-o dizendo: "*ó Hugo, tu não brincas connosco porque és muito chato (...); pessoal vamos esmagar o Hugo!*". João e Hugo lutam a sério, obrigando os terapeutas a separá-los. Hugo, enraivecido, destrói a casa do Manuel. Instala-se uma certa agressividade, traduzida em lutas entre alguns elementos, nomeadamente Rafael e Orlando. Manuel, apesar de solicitado por Rafael para o ajudar na luta, continua a construir uma casa, cada vez mais pequena. Hugo tenta entrar na casa, mas é violentamente rejeitado por Manuel. Orlando tenta trazer o Hugo para um jogo de cambalhotas, mas imediatamente os restantes elementos atacam-no com pontapés, principalmente o Manuel. O grupo dispersa-se. Orlando e Hugo dão cambalhotas, João e Rafael andam aos pontapés aos rolos de espuma e Manuel fica sentado, sozinho, a observar. Orlando, dirige-se ao Hugo: "*vou ajudar-te a fazer uma casa para ti, vais ficar lá dentro afogado, quer dizer, tapado!*". Depois de feita a casa, Hugo mete-se lá dentro e os outros elementos do grupo começam, em grande agitação, a colocar o material em cima: cubos, colchões, rolos, etc.. Hugo grita por socorro, lá por debaixo.

O grupo, neste contexto, luta pela sua própria preservação, reagindo pela tentativa de anular esta "desordem" agora introduzida. A fantasia de defecação surgida no fim da sessão, traduz, por um lado, o desejo de expulsar o novo elemento, num registo defensivo de resistência à mudança, mas, por outro, expressa uma resposta primária àquilo que é sentido como uma onipotência do casal terapêutico: como se afirmassem "você podem encher este grupo de meninos, mas nós podemos encher isto de "merda", até nem precisamos de vocês porque nós podemos alimentar dela":

Chamados a sentarem-se, resistem bastante. Hugo, sentado na roda, começa a dar pontapés nos cubos dos outros elementos. Falam em como queriam esmagar o Hugo. Hugo vira o cubo ao contrário e diz: "*vou à sanita, acho que caguei isto tudo!*". Rafael: "*aqui todos cagam nas calças (...) eu também vou encher isto de merda, com creme, para ficar uma comidinha*". Os terapeutas comentam a zanga mostrada com o "nascimento" de um novo menino no grupo e a vontade que até tinham de o expulsar/esmagar, como se ele fosse ficar com a atenção toda dos pais/terapeutas.

A vivência da entrada deste novo elemento conduz o grupo a angústias primárias de abandono e separação, onde os terapeutas são colocados como figuras onipotentes, capazes de gerar novos "filhos", ameaçando assim a integridade do próprio grupo. Neste contexto, movimentos defensivos de ataque e contra-dependência em relação à "autoridade" dos terapeutas são perpetuados na **sessão 12** (falta o João). Com efeito, o grupo como um todo volta a ser identificado como um grupo-objecto-maternal onipotente, ameaçador, do qual é preciso fugir ou atacar. A agressividade agida volta ao palco da interacção, predominando mais uma vez o

pressuposto de base de ataque-fuga, tanto dirigido aos terapeutas ("sanitas") como à própria unidade e coesão grupal, anteriormente conseguida nas sessões 9 e 10:

Entram e, de imediato, identificam as faltas. Apesar da presença, Domingos diz que falta o Hugo. É Rafael quem o faz ver que o Hugo está presente. Domingos refere: "*não, quem falta é o João e o Abel*". Os terapeutas voltam a referir que o Abel este ano não vem ao grupo.

Em grande euforia vão brincar. Tiram o material das prateleiras, dão pontapés nos rolos e atiram almofadas uns aos outros. Ficam durante algum tempo nesta agitação, simulando lutas, mexendo e atirando indiscriminadamente o material, até que Rui propõe a construção de uma casa. Manuel inicia a construção sozinho, enquanto os outros continuam mais ou menos desorganizados. Hugo, com uma corda, tenta bater em Manuel. Rui, Domingos e Orlando tentam cobrir por completo o Rafael, que está deitado nos colchões. A agitação é grande e depois do Hugo conseguir destruir a casa, instala-se a agressividade agida, com lutas a sério entre Rafael e Domingos e entre este e o Hugo. Os terapeutas intervêm, chamando-os para se sentarem na roda. Rafael reforça o papel terapêutico de recordação das regras: "*ó Hugo, já sabes como é, aqui não se pode bater nem magoar, é só a fingir*". Vão novamente brincar. Manuel regressa à construção da casa, em que Rui também participa, enquanto os outros se agrupam em pares: Rafael e Orlando deitados nos colchões; Hugo e Domingos aos chutos aos rolos de espuma. Hugo, de repente, grita: "*destruir!*" e avança para a casa de Rui e Manuel, deitando-a abaixo. Estes ficam bastante zangados e protestam com novas agressões. Hugo e Orlando também atacam a casa, acabando de a destruir.

Para que o grupo e os seus elementos não sejam destruídos pela agressividade reinante e face à ameaça vinda dos terapeutas, vividos actualmente como frustrantes, cabe ao líder Rafael, como veremos a seguir, conter e protagonizar as partes idealizadas deslocadas dos terapeutas e do próprio grupo como um todo para si. Um líder todo poderoso (que pode ser padre, mulher, cigano), de quem podem depender. Só assim cada um parece poder reencontrar no grupo um lugar para si, um lugar diferenciado do grupo como um todo, vivido actualmente como uma entidade simbiótica ameaçadora, da qual é preciso individuar-se:

Por proposta do Rui, por momentos, todos participam na construção de uma nova casa, que Hugo sugere que seja um barco. No entanto, apenas continuam a construir Rui e Manuel enquanto os outros se dispersam em lutas e se afastam brincando isoladamente. Rafael, em frente ao espelho, vai colocando lenços na cabeça, imitando as meninas e comentando: "*ai que fresquinho que eu fico!*". Hugo fica durante algum tempo enfiado dentro de um cubo de madeira. Entretanto, Domingos vai ter com Hugo e diz-lhe: "*podes vir para aquela casa que foi feita para ti, mas não podes destruir nada*". Cada um mete-se num cubo e juntam-se lado a lado. Todos à excepção de Rafael, que apesar de o chamarem para se juntar, continua a ensaiar "roupas" em frente ao espelho. Hugo: "*Rafael, pareces um cigano*". Hugo sai do cubo e junta-se ao Rafael: "*quero ser como tu*";

passando a experimentar os lenços, sob instruções deste: "*Hugo, pões um lenço na cabeça, como eu, e vamos ser ciganos!*". Rui também tenta aderir a este jogo, mas Hugo impede-o de sair da casa/cubo. Os outros mantêm-se atentos, cada um no seu cubo, a observar calmamente os ensaios de Hugo e Rafael. Este, vira-se para o espelho e diz: "*posso ser tudo o que quiser, agora sou um padre*". Rafael apaga a luz, acendendo-a logo de seguida, dizendo: "*já é dia, já podem sair de casa!*".

Tendo em conta o grau de coesão atingido nas sessões 9 e 10, podemos constatar que nesta altura do processo terapêutico assistimos a um momento de maior tendência ao agir e de maior dispersão - menor consistência da *mentalidade grupal* -, por um lado reactivo e defensivo, mas por outro necessário à mudança, i. e., à reorganização da dinâmica grupal pela integração de um novo elemento.

Como vimos, a sobrevalorização de um líder ambíguo na identidade dos papéis que ensaia/dramatiza, frente aos espectadores do grupo, fez-se, na sessão 12, sobre o eixo de alguma passividade. Todavia, a passividade registada em rapazes no *período de latência* induz fantasias ligadas à impotência infantil, derivadas da angústia de castração. Assim, em contra-força a essas fantasias e sentimentos, assistimos na **sessão 13** (falta o Hugo e o João), sobre o predomínio de um funcionamento em *grupo de trabalho*, à assunção por parte do Rafael de um papel de líder forte, fálico, bastante activo e construtivo. Vejamos a sessão:

Entram, sentam-se, identificam as faltas e, de imediato, vão brincar. Deitam-se por cima dos rolos, atiram almofadas uns aos outros e pontapeiam o rolo de espuma. Orlando magoa-se na boca, fazendo um pouco de sangue, e sai da sala para ir lavar. Quando regressa diz que lhe caiu um dente. Encontram-se dispersos pela sala, estando Rafael por debaixo dos colchões de onde diz: "*ninguém passa aqui, senão leva nas trombas!*" Orlando e Rui envolvem-se numa luta e Rafael adverte o primeiro: "*ai de ti que faças mal ao Rui*". Rafael coloca uma mesa e cadeiras no centro da sala, manda sentar o João e diz: "*isto aqui é uma delegacia*". Rui senta-se na cadeira da delegacia e Rafael diz: "*Orlando e João, vocês são guardas, levem daqui este prisioneiro (Rui)!*". Entretanto, Manuel simula que anda de comboio (banco). Rafael nomeia o Rui como "chefe da delegacia" e os restantes elementos como polícias, e constrói um muro de cubos à volta daquela. Passado pouco tempo, altera as "nomeações" e diz que o Rui é o patrão, ele próprio o chefe e os outros polícias, trocando de lugar com o Rui (passa a ficar atrás da secretária). Manuel e Orlando estão mais afastados e decidem atacar a "delegacia" com "bombas" (almofadas). Rafael vai ter com Manuel e diz: "*estás preso!*". Rui vai dando instruções de ataque e de prisão ao "guarda João" que acata as ordens. Prendem o Manuel dentro de um espaço circundado por cubos, mas este sai de lá rapidamente. Os restantes elementos, à excepção do Rui, colocam-se cada um dentro de um cubo de madeira. Entretanto, Manuel coloca-se num canto da sala, sozinho, a observar o que se passa. Os outros elementos chamam-no para ele se juntar ao jogo. Rafael prende o Orlando por detrás dos cubos:

"guardas, venham cá prender e guardar este gajo!". Entretanto, organizam um jogo com regras definidas, às escondidas: quem encontrar um escondido, os outros todos podem prendê-lo. Todos aderem ao jogo, à excepção de Manuel que continua sozinho num canto da sala, construindo uma pequena casa para si. Rafael, em segredo, ordena aos "guardas" João e Orlando a prisão do Rui, que não chega a concretizar-se (por falta de tempo).

Sentam-se, por indicação dos terapeutas. Rafael resiste, dizendo: "*não me quero sentar porque senão fico sem construir*". Descrevem o que fizeram, salientando a construção da delegacia e da prisão: "*(...) só que o Manuel foi preso porque estava a destruir*". Os terapeutas comentam como estão a crescer (associam a queda de um dente), a construir histórias de homens grandes, mas que para isso sentem que precisam de prender o lado destrutivo e com medo de cada um, (nesta sessão representado pelo Manuel), que não lhes "ataque" a imaginação e a fantasia. Orlando diz: "*pois é, estou a crescer, mas vou guardar o dente que me caiu*".

A tentativa de restauração da coesão grupal e da consolidação do *aparelho psíquico grupal* faz-se agora pela criação e reforço dos processos psíquicos associados ao período da latência. Neste caso, pela criação de uma ordem simbólica, viabilizada pela dimensão imaginária do jogo, onde a instauração de uma figura super-egóica (chefe da delegacia) forte e dominadora, impõe regras de coesão grupal e de controle dos lados (pulsões) mais frágeis e destrutivos. Assim se consolida uma instância psíquica grupal, cujo papel protector consubstanciado pela liderança de um elemento, assegura, num registo mais associado ao *processo secundário*, a restauração da unidade grupal e a possibilidade de narcisização (na luta contra a impotência infantil) e de crescimento dos seus elementos.

Na **sessão 14** (falta o Rui) o grupo encontra, pela afirmação de acções de liderança (face à lesão do líder efectivo, surge um substituto), um suporte imaginário (jogo) para a criação de um enquadramento simbólico próprio (normas e leis), capaz de conter as ameaças ao grupo como um todo. Assim é ultrapassada a tendência do ataque agido, manifestada durante a parte inicial desta sessão, da qual damos conta:

Domingos, responde ao comentário da terapeuta sobre as suas faltas ao grupo: "*não tenho vindo porque a minha mãe não me pode trazer*". Rafael está com um braço ligado e diz: "*o meu irmão espetou-me uma faca no braço, passou um casaco grosso e entrou um bocado do bico na carne*". Orlando, nitidamente incomodado com o relato do Rafael, propõe que vão brincar, ao que os outros aderem.

No espaço de jogo, Rafael começa a explicar ao João como são os canhões dos tanques de guerra, exemplificando com o rolo de espuma. Domingos começa aos pontapés ao rolo, enquanto João

corre atrás do Hugo, atirando-lhe almofadas, por este lhe ter chamado "caixa de óculos". Manuel e Orlando começam a construção de uma casa. Domingos também se junta. Entretanto, Rafael ameaça o Hugo por este estar a insultar o João: "*se voltas a chamar-lhe caixa de óculos levás uma sova!*". Manuel, Domingos e Orlando colocam-se dentro da casa, entretanto construída, discutindo o espaço que cada um quer ocupar. Rafael queixa-se que o braço lhe está a doer, olha para os terapeutas, mas acaba por pedir ao João para o endireitar, o que este faz com bastante cuidado. Hugo ataca a casa, destruindo-a. Os seus ocupantes não protestam e propõem-se, de imediato, fazer uma maior. No entanto, Hugo insiste em destruir o que vai sendo construído, o que leva o Orlando e o João a agredi-lo fisicamente, para de seguida regressarem à construção. Rafael, que se mantém afastado, diz: "*ninguém pode destruir a casa, senão leva quatro sostras!*". Hugo, de forma provocatória, desafia o Rafael e volta a destruir a casa (espécie de fortaleza, com uma grande muralha em redor). Rafael persegue-o e agride-o.

Face à ameaça de destruição da unidade grupal conseguida, desenvolvem-se em seguida movimentos no sentido de integração dos aspectos mais primários veiculados pelo Hugo. De facto, não se trata de expulsão mas sim da sua integração através da criação de um jogo, onde a introdução de leis de censura abre caminho a movimentos identificatórios altamente maturativos. Com efeito, por identificação ao poder atribuído ao terapeuta masculino (junto do qual estabelecem o trono do rei), surge a figura de um rei (Domingos) e dos seus respectivos guardas que, pela afirmação imaginária de uma autoridade regulamentadora acaba por inibir o comportamento destrutivo do novo elemento, integrando-o nas suas próprias forças (atribuição de uma capa de guarda ao Hugo):

De seguida, Rafael senta-se ao lado do terapeuta masculino e diz: "*agora sou um Rei e vou decidir o julgamento do Hugo, por ele estar a destruir as casas!*". Neste sentido, Rafael e Domingos prendem o Hugo, passando o Domingos a ocupar o "lugar" de Rei, junto ao terapeuta masculino. Daqui, vai dando instruções para os restantes elementos: "*Rafael tu ficas a tomar conta do Hugo; João tu vais ajudar o Orlando e o Manuel a construir a casa...!*". Domingos, depois de se levantar do "trono" por alguns momentos, volta a sentar-se, agora com uma capa vermelha, e propõe que Rafael e João sejam os seus guardas. Estes aceitam e colocam-se em posição, à sua frente. Tanto a casa ("quartel") como o rei e seus guardas, encontram-se situados muito perto dos terapeutas. Hugo, algo separado do resto do grupo, vai fazendo investidas no sentido de destruir a casa. Domingos vai dando instruções de ataque contra o Hugo, o que acaba por acontecer, vez à vez. Este, ora finge chorar com as agressões (simuladas), ora vai destruindo partes da casa/quartel. Entretanto, Hugo aceita a proposta de Domingos, pega numa capa, e afirma: "*está bem, eu já não destruo mais, agora também sou guarda!*". Rafael começa a dizer que está na hora de se sentarem e começa a destruir a casa para arrumar o material. Apesar dos terapeutas não confirmarem a hora de virem para a roda, Rafael insiste com os outros que já acabou o tempo de brincar. Esta intenção do Rafael dura algum tempo, com oposição dos restantes elementos que não abandonam o interior da

casa, onde entretanto se "refugiaram" até que, realmente, a indicação de se sentarem venha dos terapeutas.

Depois de sentados, Manuel dirige-se para a frente do terapeuta masculino e senta-se, de costas para este, no seu banco. Remetido para o seu lugar, o grupo começa a descrever, com relativa calma, os jogos que fizeram. Domingos destaca o seu papel de Rei e de comando. Rafael volta a queixar-se do braço. Os terapeutas falam em como eles mostraram que precisam ali de um chefe para os ajudar a crescer e para os proteger, forte como o terapeuta masculino. E como hoje o Rafael estava ferido, parece que o Domingos ocupou ali o seu lugar, com um trono colocado mesmo ao lado do terapeuta homem. Rafael diz: "*a ferida que eu tenho é uma ferida de combate, da guerra!*".

A preservação do *aparelho psíquico grupal* faz-se pela sua abertura a um novo elemento, assimilando os aspectos destrutivos nele projectados. O grupo, nesta sessão, evidencia o desenvolvimento de recursos próprios, maturativos, para se preservar. A *clivagem* mostra-se, neste contexto, como o mecanismo psíquico predominante, viabilizando a circulação das partes de cada um projectadas nos próprios elementos do grupo.

Com efeito, tanto aspectos mais elaborados como mais primários têm representação nesta sessão. Os primeiros têm lugar nos papéis de liderança, simultaneamente restauradores narcísicos para quem os experimenta e protectores e regulamentadores para os outros. Os segundos são traduzidos pelos elementos mais frágeis (Manuel, Orlando), cuja necessidade de contenção, por um lado, e a tendência ao agir, por outro, os leva à repetição exaustiva da construção do espaço/casa, dentro do qual se protegem das ameaças externas, recusando, de alguma forma, o crescimento potenciado pela expansão do seu imaginário. No fundo, encontramos na expressão dramatizada pelo grupo a luta que cada uma destas crianças vive internamente, entre o medo e a necessidade, por um lado, e a curiosidade e o desejo, por outro lado.

Esta dinâmica prevalece na **sessão 15** (falta o João e o Domingos), numa procura continuada de integração progressiva dos lados mais destrutivos de cada um, representados pelo Hugo (que se tem substituído ao Domingos nesta "tarefa"). Assim, como se pode constatar nesta sessão, o Hugo situa-se na área de transição entre a tendência regressiva e a tendência progressiva, em relação ao crescimento. Ora aderindo a jogos típicos da latência (de regras e repetitivos, como o futebol), ora actuando a agressividade, aproximando-se, via destruição, dos espaços de contenção ("casas") :

Depois de se sentarem e de identificarem as faltas, vão brincar. Domingos fica sentado ao lado da observadora, enquanto Hugo, Rafael e Orlando vão a correr tirar o material das prateleiras

espalhando-o pela sala. Manuel inicia a construção de uma casa, à qual se junta Orlando. Os outros elementos falam sobre as botas que têm, todos dizendo que são novas. Entretanto, Domingos propõe que joguem futebol com uma almofada, ficando à baliza enquanto Hugo e Rafael rematam alternadamente. À medida que o jogo decorre, Hugo mostra intenções de destruir a casa onde se encontram Orlando e Manuel, embora não cumpra as ameaças. A casa vai sendo rodeada de uma grande muralha feita com cubos de espuma e de madeira. Hugo, ora participa do jogo de futebol, ora aproxima-se da casa tentando entrar ou destruir, acabando por concretizar um ataque que derruba grande parte desta (...).

(...) Hugo e Domingos fazem agora apelos sucessivos para entrarem na casa, mas os outros elementos não deixam, particularmente Rafael, entretanto instalado no seu interior: "*não podem entrar (...) tu Domingos, nem vale a pena estares para aí a fazer de guarda nacional, vocês não são nossos e pronto!*". Orlando e Manuel vão saindo de casa para atacar Domingos e Hugo, tentando agredi-los fisicamente, regressando de seguida para dentro da casa. Domingos dirige-se à terapeuta feminina e pede-lhe que amarre um lenço ao seu pescoço. De seguida dirige-se ao Orlando e diz: "*eu sou de outro reino, diferente do vosso!*". Rafael, responde: "*ainda bem!*", e convida Hugo a entrar em casa para pertencer ao "reino melhor". Todavia, Hugo recusa-se. No entanto, face à última oportunidade proposta por Rafael - "*é agora ou nunca*" -, acaba por entrar. Rafael diz: "*agora vais ter que ficar cá dentro preso pelo menos um ano!*". Hugo, grita: "*estou prisioneiro ... está a doer!*". Rafael, comenta: "*pois tem que doer, para seres grande e forte, tens que aguentar isto tudo para seres nosso!*". Só Domingos se encontra fora da casa, deitado sozinho em cima do rolo de espuma. Manuel prende muito bem Hugo dentro de casa, fazendo sinal aos outros para saírem. Rafael e Orlando vão buscar todo o material de jogo e cobrem totalmente o Hugo, inclusivamente com o material da própria casa. Entretanto, Manuel havia saído só ficando o Hugo completamente submerso no material. Orlando pergunta-lhe se ele está bem, ao que ele responde com um grito.

Os terapeutas mandam sentar. Manuel diz que eram polícias e que prenderam os dois bandidos, Hugo e Domingos. Orlando diz: "*tivemos que prender o Hugo lá dentro, só assim é que ele não destruí!*". (...)

### **oscilação dinâmica**

Em continuidade com as sessões anteriores, o grupo inicia a **sessão 16** (falta o Hugo) tentando organizar, pelo recurso ao imaginário, papéis de "bons" e "maus", neste caso, polícias e ladrões. Inicia-se, neste contexto, em *grupo de trabalho*, uma vez que se detém na tarefa conducente aos processos típicos da latência:

O grupo entra na sala a grande velocidade, sentam-se e, de imediato, Domingos diz que não quer ficar na sessão. (...) Vão todos brincar. Orlando e Manuel começam logo a construir uma casa junto dos terapeutas. Orlando, entretanto, solicita o Domingos para fazer de ladrão, propondo-se como polícia. Todos colocam capas coloridas e insistem para que o Domingos seja o o ladrão, embora este resista à ideia: *"não quero ser mau, quero antes ser um ninja"*. (...) Manuel e Orlando, agora com a ajuda do João, continuam a construção da casa, fazendo uma "muralha" na sua frente (...). Com a casa já construída, Rafael e Rui dizem que dentro dela existe uma prisão: *"aqui é uma prisão e vamos levar para aí uma mesa para fazer de tribunal; o Domingos vai ser preso dentro da casa"*. Orlando, Rafael e João prendem o Domingos com uma corda e levam-no para "ser julgado" dentro da prisão. Domingos não oferece resistência. Enquanto Rui se oferece para guardar o Domingos, Orlando pergunta a este: *"estás bem?; não te estamos a magoar, pois não?"*. Domingos diz que não quer ser prisioneiro e que prefere ir para uma gruta. Assim, coloca-se numa estante, sozinho, e diz que está ferido.

Mais uma vez, a construção de um espaço/casa/continente mostra-se fundamental na sustentação de um duplo registo funcional associado à dinâmica grupal: por um lado, como lugar de integração e transformação dos lados mais destrutivos/primários, nesta sessão protagonizados, por solicitação do grupo, pelo Domingos (levado para dentro de casa para ser julgado pelo "tribunal", o que evidencia o progressivo processo de maturação do Super Eu, enquanto instância cada vez mais interiorizada pelo grupo e, consequentemente, por cada um dos seus elementos - por identificação à autoridade e à Lei dos terapeutas e pela consolidação de papéis de liderança); por outro lado, como podemos verificar de seguida, como espaço, ainda necessário, de protecção e segurança, ao qual podem recolher.

Dinâmica tradutora de uma *clivagem* tantas vezes operada neste grupo entre o "dentro" (espaço/casa junto aos terapeutas, equivalente da figura primária de relação, protector e limitante) e o "fora", como lugar de experimentação dos processos de crescimento, onde acções tanto colectivas - jogos de unidade e de papéis complementares (isomorfia) - como individuais (homomorfia) - competições e rivalidade - promovem, pela via do imaginário, a exercitação de processos típicos da latência: o contra-investimento narcísico e a organização da relação com a realidade pela criação de papéis antagónicos:

O jogo altera-se. Saem todos da "casa", à excepção de Manuel e lutam uns com os outros, cada um com um arco: Rui: *"eu vou destruir todos, eu é que tenho a moeda do poder"*; Rafael: *"quem tocar neste arco apanha um choque e morre"*. Todos simulam lutas, uns com os outros, e cada um afirma-se na posse da "moeda do poder". Por vezes, nestas lutas, aleijam-se a sério. (...) Rafael ordena que todos se dirijam para dentro de "casa", pois é hora de dormir, ao que os outros acedem, deitando-se dentro do espaço construído. Domingos, ao entrar na casa, é "preso" pelos restantes elementos. Como reage com violência, é expulso da "casa". Por isto, chora, insulta e tenta agredir

os outros, dá pontapés nos cubos e diz que quer sair da sessão. Os outros, riem-se muito com a reacção do Domingos e, eufóricos, destroem a casa onde se encontravam. Manuel recomeça a construção da casa, agora noutra canto da sala. Domingos, sozinho, queixa-se aos terapeutas "*eu também queria construir uma casa só para mim, mas não posso porque eles é que têm o material todo*".

Como podemos constatar, o facto do Domingos ter resistido à protagonização dos aspectos destrutivos nele colocados, numa tentativa de transformação pelo jogo imaginado (prendê-lo, enquanto "ladrão" em casa e "julgá-lo"), levou a que o grupo actuasse de uma forma mais primária. Assim, passou de uma acção de integração para uma acção de expulsão (acabando o Domingos por ficar isolado, agindo a agressividade).

Esta dinâmica oscilatória, entre momentos de integração e momentos de dispersão, constitui naturalmente o eixo sobre o qual opera o *aparelho psíquico grupal*. A *clivagem* e a *identificação projectiva*, neste âmbito, ora são colocados ao serviço da comunicação, da experimentação de processos organizativos da realidade e, assim, da integração, ora ao serviço da expulsão dos aspectos emocionais indesejáveis, de difícil acesso à ordem simbólica, isto é, ao jogo e ao pensamento. É neste sentido que assistimos no final desta sessão ao triunfo maníaco exibido pelo grupo face ao ataque ao Domingos, mas também, como vamos observar, aos terapeutas nas suas qualidades elaborativas, identificadas com o lado mais maduro do próprio grupo e de cada um, naquele momento alvo de uma maciça rejeição:

(...) Na altura de voltarem para os bancos, sentam-se todos de costas para os terapeutas. A agitação é grande e os terapeutas têm grande dificuldade em fazer-se ouvir. Rafael e Domingos, lado a lado na roda, lutam com frequência o que obriga os terapeutas a separá-los. Todos implicam com o Domingos, insultando-o. Os terapeutas tentam fazê-los perceber como "*o Domingos representou ali um lado que todos têm, um lado que às vezes tem muita raiva, dos pais, dos irmãos, e que umas vezes sabem disso e conseguem que o lado bom e o lado raivoso existam ao mesmo tempo em cada um, mas outras vezes querem que esse lado raivoso saia deles, com medo de serem castigados, ou para não fazerem mal às pessoas de quem gostam; então estavam ali a tentar que fosse o Domingos a ficar com esse lado raivoso de cada um, como costumam fazer com o Hugo, que não está ali; por isso querem tanto que ele seja ladrão, que fique sozinho, como se o quisessem mandar embora do grupo.*" No entanto, as crianças não prestam atenção, pedem para ir embora dizendo que têm consulta a seguir. Os terapeutas sentem-se cansados e irritados, face à dificuldade em comunicar com o grupo.

A **sessão 17**, onde estão todos os elementos presentes, dá continuidade à sessão anterior, embora se caracterize por um registo bastante primário. De facto, as pretensões de alguns

elementos em criar um jogo colectivo, sustentado em fantasias e regras assumidas por todos, mostram-se infrutíferas. Inicialmente surge a proposta de um jogo para "libertar o pai". Assim, propõem-se como "*power rangers*", uns "*robots que não crescem*". No entanto, esta ideia não tem continuidade e rapidamente o agir da agressividade instala-se na dinâmica grupal:

(...) Enquanto Manuel, Orlando e João constroem um castelo junto aos terapeutas, os outros elementos, com capas coloridas, simulam lutas e afirmam-se na posse da "espada do poder". Rafael diz para o Domingos: "*tu não podes entrar no castelo porque és um ladrão mau*". Domingos reage, diz que não quer ser outra vez mau e vem sentar-se numa cadeira vaga junto do terapeuta masculino, de onde insulta o Hugo e o Rafael. Estes agriem-no com força, o que leva os terapeutas a fazerem uma advertência, no sentido da não agressão. (...) Todos os elementos se colocam dentro do castelo, à excepção do Domingos que, embora tente entrar, é impedido com violência. Agindo a agressividade, Rafael e Hugo agriem Domingos que, por sua vez, chora e tenta magoar os "adversários". Face a mais uma tentativa do Domingos para entrar no castelo, Orlando diz-lhe: "*o castelo é nosso, não queremos que entres, devias era ir para a rua*". (...)

A "expulsão" do Domingos, num registo altamente agressivo, foi reforçada pela sua aproximação ao terapeuta masculino. O grupo alia-se numa expressão da fantasia inconsciente de carácter primário, num contexto associado ao *Édipo precoce* (no sentido kleiniano), onde Domingos parece estar identificado à figura de um "pai/pénis" no interior da mãe, ocupando aí um espaço que os "filhos/bebés" querem a todo o custo tomar. O aspecto primário desta fantasia protagonizada pela dinâmica grupal leva a que predomine um funcionamento em *processo primário*, ou seja, em movimentos pouco mediados pelo pensamento, pelo imaginário, mas sim sustentados, essencialmente, pelo agir.

O processo associativo que surge nesta sessão configura diferentes representações, em comparação com a sessão anterior: Domingos surge aqui, não como alvo de uma projecção de partes do *self* dos elementos do grupo, mas sim como objecto associado a uma fantasia inconsciente colectiva (inserida no *aparelho psíquico grupal*, na *mentalidade grupal*); o espaço/castelo, por sua vez, está identificado ao interior do corpo materno. A disputa é entre o bebé voraz (grupo), onnipotentemente representado como poderoso (com a espada do poder) e o pai/pénis (Domingos) que é preciso afastar do interior da mãe ("libertá-lo").

O triunfo maníaco da "vitória" é evidente na euforia com que, no final, desfrutam os conteúdos do interior do espaço/castelo (material espalhado junto à terapeuta), a "cama" que agora são eles a ocupar :

(...) Eufóricos destroem o castelo e juntam todo o material, cubos e colchões, num monte muito perto da terapeuta feminina. Aí, saltam, enrolam-se por entre o material, enquanto vão tentando

manter o Domingos "abafado" por debaixo de um colchão. Simultaneamente insultam-no. Domingos consegue "escapar", isola-se e coloca-se dentro de um cubo de madeira, tapando-se. De vez em quando, destapa-se um pouco e olha na direcção dos terapeutas. Os outros elementos, em conjunto, organizam uma fila, a partir da qual cada um sobe para uma mesa e dá saltos para o meio do material. Todos se riem muito e Manuel, junto aos colchões para onde os outros se atiram, refere: "*eu fico aqui a arranjar a cama, a juntar os colchões, para ficarmos cada vez mais altos*".

A violência das projecções exercidas sobre o Domingos está, também, bem patente na sua dificuldade em protagonizar o papel de mau/ladrão, no seu choro e na sua raiva. A sessão denota um movimento simultaneamente regressivo/defensivo (fundamentalmente em relação à triangulação separadora), mas também elaborativo, no sentido do aproveitamento do grupo para recapitular processos mentais do passado, aqui activados pelo *quadro* terapêutico. No entanto, a "descarga" emocional associada é muito intensa, privilegiando o agir em detrimento do enquadramento de tais fenómenos numa narrativa imaginária, traduzida num jogo colectivo. Também a possibilidade de elaborarem os movimentos manifestados através da acção interpretativa dos terapeutas se mostra difícil.

De facto, no final, a tensão da dimensão dispersiva (esquizo-paranóide) ocupa a *mentalidade grupal*, expressa na agitação e desatenção generalizada e nas ansiedades persecutórias/retaliatórias verbalizadas (os ferimentos na cabeça a que todos se referem):

(...) Na altura de se sentarem, Domingos resiste muito, obrigando o terapeuta masculino a ir buscá-lo. Na roda estão todos muito agitados, a gritar cada um para seu lado. Falam da cama que construíram, dos saltos e do "ladrão" Domingos: "*maricas, sempre a choramingar, só quer é mimo*". Rafael conta que há pouco tempo rachou a cabeça, o que leva a que cada um diga quantas vezes lhe aconteceu o mesmo, numa espécie de competição de traumatismos. Os terapeutas comentam o medo que por vezes mostram daquilo que estes (terapeutas) podem dizer, se estiverem zangados, que os possa magoar ou ferir.

### angústia de separação

A **sessão 18** (todos presentes) é marcada pela perspectiva da separação associada às férias da Páscoa, numa antecipação emocionalmente intensa, face ao alto grau de coesão e de continuidade do processo terapêutico apresentado pelo grupo. Neste contexto, regista-se uma *clivagem* essencial, que se mantém do princípio ao fim da sessão: afastados dos restantes elementos, Manuel e Orlando, na sua invariável aliança na construção de um espaço/casa, encontram-se nesta sessão particularmente unidos, num gozo marcadamente erótico, traduzido

pelos risos, cócegas e brincadeiras que ambos partilham naquilo que, eles próprios, chamam a "cama":

Logo no início da sessão falam das férias da Páscoa e do que vão fazer nessa altura: Rui: "*nas férias vou a casa do Rafael*". Rui propõe que brinquem aos *Power Rangers*. De imediato Orlando reage: "*eu e o Manuel não brincamos, vamos fazer um castelo*". Do princípio ao fim da sessão estes dois elementos mantêm-se isolados dentro do "castelo", impedindo a entrada de qualquer elemento, em manifesta euforia. A certa altura constroem uma "cama", protegida por uma alta "muralha", e colocam-se nela deitados por bastante tempo, enrolando-se um no outro, fazendo cócegas, etc.. Quando o Manuel se levanta, Orlando ordena-lhe: "*não podes sair daqui da cama, deita-te já!*". Na altura de se sentarem Manuel e Orlando resistem bastante, mantendo-se deitados, juntos, por algum tempo.

Assim, estes dois elementos traduzem uma parte da *mentalidade grupal* que se recusa a entrar em contacto com a dor da separação, envolvendo-se num processo primário de defesa maníaca, negando algo que a realidade oferece (parecem configurar um *pressuposto de base de acasalamento*). Uma outra parte do grupo, tolerando melhor a frustração, expressa a emoção sentida e tenta encontrar formas para lidar com ela (tentando substituir o líder, através de lutas agressivas, recolhendo ao "hospital"...). No entanto, a dor psíquica associada à emoção é forte ("bebé com as tripas de fora"), dificultando a organização de um jogo mobilizado pelo imaginário capaz de a conter e de a transformar. Acabam, assim, por se separar uns dos outros, colocando-se apaticamente em posições de prostração. De facto, o que se regista é a expressão oscilatória de movimentos depressivos e agressivos, sustentados num movimento de desfusão (homomorfia), em contraposição à fusionalidade implícita à díade Manuel-Orlando:

Rafael, Hugo, Domingos, Rui e João, por seu lado, iniciam a brincadeira simulando lutas, que rapidamente se transformam em agressões violentas, obrigando a advertências por parte dos terapeutas. Discutem a distribuição das capas coloridas e a posse da "espada do poder", que Rafael insiste ser sua. Domingos, senta-se em frente do terapeuta masculino, de costas para o mesmo, e diz: "*venham todos aqui, vocês são os guardas e eu sou o rei deste reino*". No entanto, ninguém acede a este pedido (...). Rui junta-se ao Domingos e ao Hugo e comunica-lhes: "*vamos fazer um plano para destruir o Rafael!*". João e Rafael encontram-se os dois aos saltos em cima do rolo de espuma, num jogo motor repetitivo. Nenhuma intenção de criação de um jogo por todos assumido ganha corpo, sendo a agitação notória e as agressões físicas entre estes elementos frequentes. A certa altura, estes cinco elementos começam a separar-se. Rafael deita-se debaixo de um colchão, onde fica algum tempo a simular um choro. Mais tarde, propõe que as estantes representem quartos individuais de um hospital, onde vão ficar internados. Cada um ocupa uma estante e diz estar ferido, no pé, na cabeça, etc.. Logo a seguir disputam o lenço vermelho e voltam a envolver-se

em agressões físicas, principalmente João e Hugo. Rafael volta a deitar-se, sozinho, num colchão e ali fica durante bastante tempo numa postura apática. Os outros quatro elementos também se isolam, colocando-se cada um dentro de um cubo de madeira, tapados e em silêncio. Hugo tenta aproximar o seu cubo do Rui, mas este repele-o: "*vai-te embora, não te quero ao pé de mim, estás a chatear!*". Orlando e Manuel mantiveram-se sempre juntos e separados do resto do grupo.

É no fim da sessão, quando se encontram todos sentados, que a expressão da angústia de separação é trazida à fala, traduzida em fantasias de carácter bastante primário. A elucidação, por parte dos terapeutas, do que se está ali a passar evita a dissipação da experiência emocional e acaba por conter aquilo que o próprio grupo apenas expressou, não conseguindo transformar:

Sentam-se todos, sendo necessário "obrigar" Orlando e Manuel a fazê-lo. Na roda Hugo e Rafael envolvem-se em agressões físicas. Rafael dirige-se ao Hugo da seguinte forma "*és um bebé com as tripas de fora, com as tripas ao dependura*". Os terapeutas comentam que a questão é que estiveram ali a tentar fazer "das tripas coração", ou seja a mostrarem o quanto é difícil suportar a ideia de que se vão separar uns dos outros e dos terapeutas nas férias, como se se tratasse de tirar/separar um bebé da barriga da mãe ... como estiveram ali a mostrar a zanga e a tristeza, por um lado, e a tentar não pensar nisso, por outro. Ouvem o comentário dos terapeutas com atenção e, no seu seguimento, Rafael pergunta: "*os bebés que estão na barriga da mãe têm coração?*". Cada elemento dá a sua opinião, uns dizendo que sim, outros que não. Rafael: "*eles têm um cordão que os liga à mãe; é só à mãe, não ao pai*". Os terapeutas asseguram-lhes que, tanto nos intervalos entre as sessões como durante as férias, também ali todos se encontram "ligados", entre eles e aos terapeutas que não se esquecem de nenhum, guardando-os no "coração". Parecem serenar e falam nos personagens dos *Power Rangers* que vão protagonizar na próxima sessão.

Na **sessão 19** (faltam João, Hugo e Orlando), a angústia de separação activada pela proximidade das férias da Páscoa continua bem presente. Faltando alguns elementos, surge a fantasia de que novos elementos/bebés podem surgir: "*hoje faltam muitos, se calhar vêm para aqui meninos novos (...)*". Assim, num registo fantasmático associado ao *Édipo precoce*, o grupo actua fantasias primárias de eliminação do pénis do pai no interior da mãe. Aquele é, mais uma vez identificado com o Domingos, altamente agredido e impedido de entrar no espaço/casa construído pelos restantes elementos (à semelhança da sessão 17).

Basicamente, toda a sessão se desenrola em redor desta fantasia, difícil de ser contida e elaborada pelo próprio jogo, que se revela essencialmente como um cenário rígido, propício ao agir da agressividade activada por emoções primárias: a raiva e a inveja da casal parental, do seu poder criativo e do gozo atribuído à sua cópula/união: "*aqueles também, andam sempre ali aos segredinhos, como os namorados...!*". Domingos, encarna as projecções nele colocadas,

aproximando-se muito da terapeuta feminina, segredando-lhe, e também do terapeuta masculino junto do qual procura identificar-se à sua força e poder. Daqui parte muitas vezes para a invasão do espaço/casa, de onde é violentamente afastado pelos restantes elementos. Basicamente, nesta sessão, o grupo repete fantasias e actuações de sessões passadas, num registo onde predominam processos mentais bastante precoces, num funcionamento associado ao *processo primário*, sustentado por organizações defensivas de tipo *esquizo-paranóide* (via *clivagem e identificação projectiva*). A carga emocional é intensa, o grupo encontra-se muito defensivo e, mais uma vez, é pela via das interpretações formuladas pelos terapeutas - numa sintonia que reafirma a sua aliança como casal terapêutico, dificilmente destrutível - que o grupo acaba por mostrar-se mais contido, no final da sessão.

Na última sessão (**sessão 20**) antes da interrupção de duas semanas para as férias da Páscoa faltam quatro elementos do grupo (Rafael, Rui, Hugo e Domingos), a terapeuta feminina e a observadora. O grupo encontra-se altamente subtraído, pelo que, compreensivelmente, a sua dinâmica nesta sessão se encontra fortemente condicionada pelas ausências referidas. De facto, a sessão é atravessada por um registo marcadamente defensivo, face à dificuldade dos elementos presentes em suportar, não só a ideia da separação, como a angústia de abandono activada pela ausência da terapeuta feminina.

Assim, os três elementos unem-se durante parte da sessão em redor da construção e ocupação do espaço/casa, num registo marcadamente maníaco, numa tentativa desesperada para negar a dor da falta e do desamparo a ela associada. Logo de início começam por comentar a ausência dos elementos e da terapeuta: "*hoje estamos tão poucos, que fixe*". Durante o jogo em que ocupam o interior do espaço/casa, onde colocam todo o material existente na sala e cuja "passagem secreta" de acesso se faz por cima da cadeira vazia da terapeuta ausente, mostram-se eufóricos, comentando: "*aqui é que é fixe, está sossegadinho (...)*"; Manuel: "*Dr. Filipe, venha também para junto de nós!*".

O estado mental do *aparelho psíquico grupal* traduz um momento de *ilusão grupal*. Com efeito, os elementos ali reunidos, todos juntos num mesmo espaço limitante, procurando juntar o terapeuta masculino, pretendem criar a ilusão de que eliminam qualquer distância de um terceiro, uma fantasia de afastamento do Édipo, num lugar de infinito prazer, onde não há diferenças de sexos nem de gerações. No fundo, mais não é do que uma tentativa de negação maníaca da separação, realidade demasiado brutal nesta sessão.

No entanto, face à permanência do *quadro*, particularmente no que se refere à neutralidade do terapeuta presente, a mobilização do imaginário viabiliza a oportunidade para que um contra-investimento narcísico compense a fragilidade em que estas três crianças se sentem colocadas.

Assim, procuram exibir-se para o "pai"/terapeuta, num movimento identificatório simultaneamente defensivo - porque ao serviço do evitamento da dor da separação - e maturativo, porque os introduz em movimentos típicos da latência, onde a narcisização compensatória se constitui como modalidade de crescimento. Este aspecto é traduzido, na sessão, da seguinte forma:

(...) Todos destroem a casa, principalmente Manuel que finge ser uma fera poderosa e muito raivosa. A fera/Manuel percorre a sala em perseguição dos outros, que fogem, aos gritos de riso, para junto do terapeuta. Enquanto a fera/Manuel se refugia sozinho numa casa/toca feita só para ele, Orlando habita os destroços da casa anterior: "*eu vivo aqui sozinho, não tenho medo*". Nova perseguição e acabam todos a rebolar uns por cima dos outros simulando lutas. A seguir fazem uma grande "escultura" de cubos, uma espécie de *totem* que, vez à vez, com golpes extravagantes de *karaté*, vão derrubando com grande regozijo (...).

A primeira sessão depois das férias da Páscoa (**sessão 21**), marcada pela ausência do líder Rafael, assenta essencialmente na reconstrução da unidade grupal, ameaçada pela separação vivida. Assim, num primeiro momento, depois de constatada a ausência do Rafael (e do Hugo), rapidamente, a partir da iniciativa do Manuel, todos se envolvem na (re)construção do espaço/casa. Também a autoridade dos terapeutas é reafirmada pelo próprio grupo: Manuel, face às tentativas de imposição do Domingos, afirma: "*tu aqui não mandas nada, quem manda são eles!*" (apontando para os terapeutas). A necessidade de que o *quadro* seja preservado é reconhecida pelo próprio grupo como garante da sua própria coesão e funcionamento.

A "casa" construída, como vamos ver nesta sessão, representa bem a configuração do *aparelho psíquico grupal*, onde a unidade viabiliza a diferenciação das partes constituintes (todos juntos, mas com lugares diferenciados, coexistindo as dimensões grupal e individual):

(...) Inicialmente impedida a participação do Domingos na construção do castelo, esta é agora permitida. Assim, todos participam na sua construção que se realiza com todo o material existente, junto da estante ao fundo da sala. Resolvem criar camas, colocando-se cada elemento numa prateleira individual da estante. Manuel vai "*gerindo as operações*". A casa, bem murada e com a estante como parede de fundo, tem ligações internas e espaços diferenciados. Apagam a luz, dizem que é de noite e todos fingem dormir. Rui faz de galo e acorda-os, dizendo que já é dia. Domingos comenta: "*passamos toda a noite bem!*" (..)

Reposta a unidade grupal (o "reino"), numa clara demarcação de espaços e lugares dentro do grupo como um todo (é bem representativa a imagem em que Manuel e Orlando, colocados em prateleiras/"camas" diferentes, dentro da "casa", se unem por uma corda através da qual vão

aumentando ou encurtando a distância que os separa), uma interessante reorganização da dinâmica grupal é, de seguida, activada. De facto, a experimentação de papéis diferentes do habitual parece ser agora possível, num contexto de intensa mobilização do imaginário para a criação de personagens e jogos com regras, onde todos participam.

É significativo, neste âmbito, por exemplo, o facto do Manuel e do Domingos trocarem os papéis tipicamente desempenhados por cada um: Manuel é agora destruidor da "casa" e Domingos um entusiasta reconstrutor; João como figura protectora, advertindo o Manuel para os riscos de se magoar; a integração e participação do Orlando e do Manuel nos jogos colectivos. A circulação das funções e dos papéis pelos elementos do grupo atesta a sua vitalidade, catalisando a dinâmica inerente ao *aparelho psíquico grupal* para uma actuação promotora de crescimento. Daqui a riqueza e diversidade dos movimentos registados nesta sessão, num funcionamento claramente mediado pelo imaginário e pelo processo secundário; i.e, em *grupo de trabalho* e inserido naquilo que se espera do *período de latência*. Vejamos este contexto em mais alguns extractos:

(...) Manuel sobe para um ponto bastante alto da estante e diz que vai saltar e destruir a casa. João: "tem cuidado, olha que te podes aleijar!". Manuel salta e começa a destruir a casa. Domingos ri-se e, pacientemente, reconstrói a casa, cubo a cubo. Rui coloca-se dentro de um cubo de madeira, dizendo que ali é um hospital e que tem que ser transportado. Domingos e João propõem brincar aos *Power Rangers* e colocam capas coloridas. Simulam lutas por algum tempo. Domingos coloca-se em frente aos terapeutas e propõe-se como rei solicitando ao Rui e João que sejam guardas. Estes acedem. Manuel e Orlando juntam-se aos restantes elementos e todos criam um jogo onde simulam lutas, disputam armas, criando dois grupos (de maus e bons [*Power Ranger*]). Definem regras, "pactos de não agressão", e papéis: Rui: "quando alguém dá um murro o outro tem que se atirar para o chão"; Domingos, tapando a cara, pergunta: "quem sou eu?"; Rui responde: "eu sei quem tu és, és o meu mestre e eu sou o reebok, o que ajuda toda a gente". Todos se envolvem no jogo e Domingos canta um "hino", diríamos nós, de crescimento: "estou na lua e em breve vou chegar ao céu..." (...).

### recapitulação da fantasmática arcaica - Édipo precoce

O processo terapêutico sofre, como já pudemos constatar, frequentes oscilações quanto ao registo mais primário ou mais elaborado das sessões. Mesmo, no âmbito de uma mesma sessão, as variações acontecem. Trata-se, de facto, de um processo altamente dinâmico. Neste sentido, observamos nas sessões seguintes um claro predomínio da expressão de fantasias (inconscientes) primárias, essencialmente ligada ao *Édipo precoce*.

O grupo evidencia, na **sessão 22** (falta o Domingos), o ódio e a inveja destrutiva associada, em última análise, à *cena primitiva*. Estes estados emocionais são activados na *mentalidade grupal* pela exibição, por parte do Hugo, de uma relação algo "erotizada" com a mãe (observada na sala de espera, antes do início da sessão): Rui: "*ó Hugo, tu tens uma namorada, estiveste a namorar com a tua mãe no café*"; Orlando: "*nós vimos o Hugo a dar um beijo na boca à mãe*".

Por outro lado, durante a sessão, a presença imposta pelo *quadro* terapêutico, do casal de terapeutas unido, vem reforçar a expressão das emoções referidas, com as quais o grupo lida sob o predomínio da *clivagem*, da *identificação projectiva* e da agressividade. Em termos da vida fantasmática o impacto produzido pela realidade do gozo erótico do Hugo com a mãe parece suscitar uma emocionalidade difícil de conter e transformar. Assim, as tentativas de "destruição" e ataque ao Hugo, que se operam nesta sessão e na próxima, são sustentadas no ódio e na inveja associados a sentimentos primários de exclusão e à consequente impotência infantil para que são remetidos e que a todo o momento tentam negar, nomeadamente pela palavra: Rui: "*já estou a ficar grande, caiu-me um dente de leite*"; Hugo: "*eu também*"; Rafael: "*eu tenho um anel de casamento, foi a minha namorada que mo deu*". Observemos, neste âmbito, mais material produzido na sessão 22:

(...) Ainda sentados, Rui: "*hoje vamos ser todos contra ti Hugo, vamos ser Power Rangers e tu vais ser o ladrão!*". Iniciam o jogo com a construção de uma casa pelo Manuel e pelo Orlando. Ao mesmo tempo os restantes elementos vão colocando capas colorida. Rafael: "*vamos lutar contra o ladrão Hugo!*". Rafael ataca violentamente o Hugo, magoando-o. Este reage e tenta destruir a casa entretanto edificada por Manuel, Orlando e João, composta com todo o material da sala. Hugo é ameaçado por Rafael: "*se destruíres a casa és morto, estás feito ao bife! (...) tem que se dar pouca confiança ao Hugo*". (...) A casa vai sendo acabada e João e Manuel empenham-se na construção do tecto, janelas e passagens internas. Todos os elementos se dirigem para dentro da casa, à excepção do Hugo, impedido de o fazer. Rafael ordena que todos saiam de casa para lutar contra o Hugo/"ladrão". Envolvem-se numa luta, principalmente Rafael e Hugo, cuja violência leva os terapeutas ao seu interrompimento (...). Destroem a casa e decidem ir "matar" o Hugo. Apenas Manuel fica a reconstruir a casa, agora só para ele. Os outros elementos, em grande agitação, vão tentando bater no Hugo, que acaba por chorar. Várias vezes são necessárias advertências por parte dos terapeutas. Por vezes, mantendo o Hugo isolado, constroem torres de cubos e abatem-nas, eufóricos, com golpes de *karaté*. (...) Durante o tempo em que estão sentados continuam muito agitados e a insultar o Hugo, pelo que a formulação de interpretações se faz com bastante dificuldade.

No domínio fantasmático, o Hugo encontra equivalência no "pai/pénis" poderoso dentro da mãe. Por outro lado, podemos considerar que uma identificação ao Hugo, neste quadro, facilmente gera, a partir da parte mais madura das crianças, um forte conflito interno onde a

angústia de castração se reactiva intensamente. Estes dois factores consubstanciam, assim, uma aliança por parte de todos os elementos com a missão de "destruir" o Hugo, percebido, por condensação, como o *phallus*/"ladrão" que gratifica a mãe, mas também como parte desejante de cada um, interdita e ameaçada "superegoicamente".

O ataque ao Hugo, na sua forma agressiva e agida, continua durante algum tempo na **sessão 23** (falta o João), em moldes equivalentes à sessão anterior. No entanto, nesta sessão, face à não transformação inerente ao grau primário da dinâmica grupal, basicamente sustentada em mecanismos de *clivagem* e *identificação projectiva* ao serviço da expulsão, a certa altura é operada uma mudança de registo. Um apelo ao espaço continente dos terapeutas, traduzido na configuração do espaço grupal de jogo e no material verbalizado, permite ao grupo criar um movimento de integração. Um espaço/"casa", onde os terapeutas e todos os elementos do grupo estão inseridos, com três "ladrões" e três "guardas", numa clara diminuição da agressividade e com um incremento do imaginário:

(...) A maioria dos elementos pega em colchões e colocam-nos encostados no lado de dentro da roda de cubos de madeira, onde se costumam sentar, configurando um espaço em círculo em que os terapeutas ficam ao fundo. Domingos diz que se trata de uma prisão e pergunta ao Hugo se fica melhor naquela prisão. Acrescenta que, tal como o Hugo, também quer ser ladrão. Hugo: "*isto não é uma prisão, é uma casa*". Domingos deita-se ao lado do Hugo, dentro da casa/prisão, vira-se na direcção dos terapeutas e afirma: "*guardas, não deixem o Hugo fugir!*". Manuel abandona a casa inicial e, juntando-se aos restantes elementos, coloca-se dentro da casa/prisão, onde Orlando afirma ser o "guarda dos ladrões". Rui, aproxima-se e diz que também passa a ser ladrão, enquanto Manuel e Rafael se juntam ao Orlando como guardas, numa distribuição equitativa de papéis, num espaço limitado e por todos partilhado (...). As interpretações produzidas pelos terapeutas incidem na elucidação do movimento de integração, no sentido em que, a partir do reconhecimento e aceitação dos terapeutas como casal de "guardas", seguro, pensante e protector, puderam ali igualmente reconhecer como seus, aspectos e emoções que têm andado a atribuir apenas ao Hugo, tentando assim livrar-se deles (...).

A questão edípica parece instalar-se na dinâmica grupal. A **sessão 24** (todos presentes) inicia-se com o Rafael a acusar o Domingos: "*o Domingos esteve a espreitar a mãe na casa de banho; ele anda sempre agarrado à mãe como uma pulga agarrada a um cão!*". A excitabilidade associada a fantasias edípicas traduz-se pela forte dispersão e agitação com que o grupo vive a sessão. De facto, não encontram acordo quanto ao jogo a realizar, dividem-se, correm, lutam, numa desordem tradutora da própria dispersão mental e emocional activada nas últimas sessões, em associação ao Édipo.

A circulação, no *aparelho psíquico grupal*, de fantasias edípicas intensas promove, no contexto particular desta sessão, uma utilização do *quadro* terapêutico essencialmente como meio de descarga pulsional, pela actividade motora, mais do que como recurso de elaboração mental, via imaginário, das emoções sentidas. Por outro lado, o receio de que essas fantasias "invadam" o casal terapêutico, podendo destruí-lo ou provocar uma retaliação castradora, levam a que se criem movimentos no sentido da sua protecção (principalmente, por parte do líder do grupo). Em última análise, da protecção do próprio *quadro*, do qual depende a sobrevivência do grupo:

(...) A certa altura, no meio da agitação e da correria dispersa, Rafael propõe que se arrume tudo, pois "*está tudo sujo*". Em seguida, dirige-se para a roda de bancos junto aos terapeutas, onde se costumam sentar e coloca-se virado para o exterior da roda, dizendo: "*vou ficar aqui de guarda, aqui não entra lixo nenhum, não quero aqui ninguém!*". Hugo tenta entrar e é repellido violentamente pelo Rafael, ficando deitado no chão a chorar (...). Rafael continua de guarda à roda, endireitando constantemente os cubos de madeira. Entretanto, os restantes elementos colocam fitas à volta dos pulsos dizendo que são fitas verdadeiras, "fitas do poder", em que a única falsa, "sem poder nenhum", é a do Hugo. De seguida, sem serem chamados, dirigem-se para a roda e sentam-se (...).

Neste momento da sessão, a maioria dos elementos do grupo, retirando o poder de realização edípica atribuído ao Hugo (como vimos nas sessões anteriores) e imbuídos de excitação, prepara-se agora, para uma descarga/desintoxicação dirigida aos terapeutas, em tonalidade (regressiva) sádico-anal, (de alguma forma, aquilo que o líder Rafael tentou evitar):

(...) Rui pergunta ao Rafael como se chama a mãe dele. Este não responde e, de imediato, levanta-se e vai ver-se ao espelho. Domingos faz o mesmo. Sentam-se novamente, por ordem dos terapeutas, embora muito irrequietos. Rafael: "*Domingos, tira as calças, mostra a pila que ela vai crescer como o nariz do pinóquio*". Domingos levanta-se e vai sentar-se na cadeira vaga ao lado da terapeuta feminina. O grupo ri-se muito e o Hugo comenta: "*a tua pila vai ficar grande, até às nuvens*". A agitação é grande e os terapeutas têm dificuldade em fazê-los cumprir as regras. Rui: "*vamos virar os cubos e cagar lá dentro, eu vou cagar e sair de foguetão!*". Face à sistemática quebra das regras, por parte de alguns elementos, o terapeuta masculino é obrigado a conter fisicamente alguns elementos, em particular o Domingos. Só assim, o grupo parece serenar (...).

Assistimos, assim, a actuações de fantasias edípicas (de cariz pré-genital), de difícil contenção face à intensidade com que circulam no grupo. A onnipotência primária associada a estas fantasias e estados emocionais está bem presente nas diversas actuações e no material verbal produzido. Neste sentido, é particularmente interessante a deslocação de dois elementos para frente do espelho quando é perguntado o nome da mãe de um deles. Como se a resposta fosse simplesmente: "eu", num acto narcísico de afirmação onnipotente da possibilidade de gratificar

(nomear) a mãe. A agitação e instabilidade associada à descarga pulsional produzida dificilmente é transformada pela palavra dos terapeutas. A demonstração de "força" e "poder" por parte do terapeuta masculino, ao conter fisicamente alguns elementos, revelou-se mais eficaz. Com efeito repôs a ordem "natural" da realidade, demarcando bem os limites entre os sexos e as gerações, ou seja, recolocando o Édipo onde ele pertence. Apesar de desiludidos e remetidos para a sua insuficiência, o grupo tranquiliza-se na medida em que reconhece que se mantém intacta a matriz do seu crescimento.

Os sentimentos de exclusão e de impotência infantil a que foram submetidos, activa no grupo, nas sessões seguintes, intensos movimentos assentes em mecanismos de *clivagem* e de *identificação projectiva*. Neste contexto, a projecção desse lado frágil e impotente é colocado no Domingos, para em seguida ser atacado. Só assim é permitido aos restantes elementos mobilizar recursos de contra-investimento narcísico, tarefa elaborativa, na latência, da falência do projecto edipiano e da perda a ela associada. Domingos é separado do resto do grupo, recolhendo-se com frequência para junto dos terapeutas, na procura de acolhimento e protecção. Reforça assim a sua identificação ao lado mais imaturo e dependente, que cada um dos outros elementos deseja afastar. Fantasiando a expulsão dessa parte de si, cada um dos outros elementos, juntos e afastados das figuras adultas, investe em si, no reforço da sua imagem e do seu poder (anteriormente ameaçado). Se a tentativa de eliminação dos aspectos projectados no Domingos se faz fundamentalmente pela via mais primária, actuando a agressão, já as acções de narcisação são sustentadas pela mobilização do imaginário e por movimentos identificatórios. Vejamos a ilustração desta dinâmica, na **sessão 25** (faltam Orlando e Hugo):

(...) Ficam pouco tempo na roda. Vão brincar e, de imediato, Manuel agride o Domingos com violência deixando-o deitado no chão a chorar. Mais tarde Manuel inicia a construção de uma casa, detendo-se prolongadamente nos pormenores (tecto, janelas, etc.). Os outros elementos vão brincando, simulando lutas, colocando capas coloridas, acabando todos por entrar na casa, excepto Domingos. Este é impedido pelo Rafael de o fazer, ficando deitado no chão. Rafael coloca-lhe um lençol branco por cima e diz: "*ai o doente, coitadinho!*"(...). Todos disputam a "fita vermelha do poder", em correria. Domingos põe uma fita à volta da cabeça, levando a que os outros elementos comentem que aquela fita não tem qualquer poder. Rafael leva um pano vermelho ao Domingos e diz-lhe: "*toma lá esta fita, que é falsa; querias a verdadeira se calhar, não?*". Domingos dirige-se aos terapeutas, com um ar triste e senta-se junto a eles: "*eu não quero nada com eles*". De vez em quando tentam agredir o Domingos, que se queixa aos terapeutas levando a que os outros o gozem: "*mariquinhas, menino da mamã*". (...) Todos se juntam dentro da casa construída pelo Manuel, inventando jogos e personagens, ficando Domingos de fora. Este consegue ir dentro da casa e tirar a fita vermelha, regressando a correr para junto dos terapeutas. João comenta: "*agora a fita que tem poder não é essa, é esta verde, essa não tem poder nenhum!*". Mais tarde todos se juntam ao

Domingos para prendê-lo entre dois cubos grandes, tapado com almofadas e colchões. Domingos não oferece resistência. Na altura de se sentarem Domingos volta a ser agredido com violência pelo Rafael e Manuel (...).

Os movimentos de expulsão de partes indesejáveis, colocadas no Domingos e "encaminhadas" para os terapeutas, no sentido da evacuação/desintoxicação, estão bem traduzidos nas fantasias expressas pelo grupo quando sentados. Com efeito, depois dos terapeutas elucidarem o grupo sobre esta dinâmica, Domingos refere: "*é como um cagalhão que vem dali (dos outros), entra aqui (no próprio), sai por aqui (aponta para o ânus) e vai ter aos doutores*".

### um pai para um Édipo maduro

Na **sessão 26** (falta o Orlando) o grupo, durante algum tempo, continua a excluir o Domingos dos jogos que criam com personagens de super-heróis, munidos com capas coloridas e "fitas do poder". Domingos, por seu lado, deixa-se excluir e diz: "*o meu reino é ali, ao pé dos doutores*". Todavia, surge um curioso movimento de integração das partes clivadas e projectadas no Domingos, que dura grande parte da sessão:

(...) Depois de construída a casa, com todo o material existente (incluindo mesas e cadeiras), a partir da iniciativa do Rui resolvem prender o Domingos a uma cadeira, onde este já se encontrava sentado junto aos terapeutas. Assim, com uma corda, progressivamente todos os elementos participam e ajudam a atar o Domingos. Este deixa-se prender, olhando com frequência para os terapeutas, como que confirmando que estão atentos à sua "segurança". Depois de preso, Domingos tenta libertar-se sozinho. Com algum esforço consegue. A operação é repetida com grande entusiasmo de todos os elementos, particularmente por parte do Rafael e do Manuel. Domingos, mais uma vez tenta libertar-se. Os outros elementos incentivam-no: "*vá lá, tu consegues!*". Domingos olha para a terapeuta feminina e solicita-lhe ajuda. Esta, naturalmente, mantém-se neutra. Domingos choraminga, mas os outros continuam a incentivá-lo: "*vais ver que não precisas de ajuda, sozinho vais conseguir*". Alguns elementos tentam ajudá-lo mas Rafael impede-os, reafirmando a sua confiança no Domingos. Quando este se consegue libertar todos se mostram contentes, rindo-se e batendo palmas. Domingos também se mostra satisfeito: "*foi tudo trabalho meu*" (...).

Assistimos, assim, à reintegração do Domingos, numa clara expressão de movimentos de contra-dependência, de incentivo às capacidades do elemento considerado mais frágil em libertar-se, diríamos nós em diferenciar-se da figura materna identificada à terapeuta feminina. A integração do "lado bebé" projectado no Domingos faz-se pela afirmação de investimentos

narcísicos de força e poder. Dinâmica própria da latência, aqui presente nos jogos criados e na diminuição da tendência ao agir.

A mediação da acção pelo imaginário, reforçando o Eu das crianças, catalisa a integração dos aspectos clivados, tornados mais toleráveis. Este movimento de crescimento e de separação da figura materna, permite agora ao grupo, narcisicamente reforçado, desafiar a figura do terapeuta masculino, identificado à *imagem* paterna. Neste âmbito, quando sentados, quebram sistematicamente as regras - não permanecendo sentados, não ouvindo os terapeutas - obrigando o terapeuta masculino a "persegui-los pela sala" e a trazê-los "à força" de volta à roda, o que lhes confere imenso gozo. É nesta altura que Rui pergunta ao Hugo: "*como se chama o teu pai?*".

O grupo apela assim a uma demonstração de força e autoridade por parte do "pai"/terapeuta. É um apelo à sua presença enquanto figura protectora e de identificação, numa (re)abertura do caminho à resolução edipiana e ao reforço narcísico de uma imagem sexuada.

Este processo de integração liberta também o grupo de um funcionamento primário. O grupo atinge nesta altura um elevado grau de coesão, em que o *aparelho psíquico grupal* conjuga os vários grupos internos dos elementos que o constituem. A *mentalidade grupal* absorve de tal forma a circulação fantasmática de cada um dos elementos, que conduz o grupo, na **sessão 27** (todos presentes), a criar movimentos de desconfusão, ou melhor, de diferenciação, numa clara mobilidade no que se refere aos papéis e funções desempenhadas. A reorganização psíquica do grupo mostra-se essencialmente pela reconfiguração dada aos espaços/"casas" que constroem:

(...) Todos estão empenhados na construção da casa ao fundo da sala, à excepção do Rui que depois de se dirigir à terapeuta feminina para que esta lhe apertasse um lenço à volta do pescoço, fica sozinho a embalar-se no rolo de espuma. Domingos também pediu ajuda para o mesmo efeito, mas ao terapeuta masculino, exclamando "*ena pá, o Filipe é que tem força!*". Colocam todo o material da sala dentro da casa. Rafael, entretanto, destrói a casa, para grande desalento de Domingos: "*porque é que fizeste isso?, tivemos tanto trabalho a construir!*". Manuel, apesar de zangado, reconstrói a casa. Rafael: "*vou destruir a casa, hoje sou eu o mau!*" (...). Rui afirma que vai construir uma casa só para ele. Junta material e dirige-se para perto dos terapeutas, convidando Hugo para o ajudar. Rafael tenta destruir a casa de Manuel, entretanto defendida por João. Em seguida junta-se a Rui na construção da outra casa. Domingos mantém-se com Manuel. Hugo entra na casa onde está Domingos e Manuel, mas este não gosta e destrói a casa mandando os outros dois para a "casa do Rafael". Orlando e João oscilam entre a casa do Manuel, entretanto reconstruída mas muito pequena, e a do Rafael. Domingos tenta fazer uma outra casa só para ele, que se revela pouco investida e muito arcaica. Hugo é o único elemento que Manuel deixa entrar em sua casa. A convite do Rafael, Domingos junta-se à casa onde estão também João e Rui. Esta

casa está construída de tal forma que o casal de terapeutas fica inserido nela, pois o "tecto" está, em parte, assente nas suas pernas. Orlando está isolado no canto da sala, imóvel e em silêncio. Tentam definir regras de acesso e de pertença a cada casa. No entanto, depois de uma certa correria entre as casas, acabam todos dentro da casa do Manuel, destruindo-a entusiasticamente. Manuel recomeça uma nova casa, noutra local (junto à porta), enquanto os outros elementos se dispersam (...).

A progressiva aceitação do casal de terapeutas como equivalente do casal parental junto, embora diferentes um do outro, na sua identidade e função de género (aspecto bem presente no sistemático desafio e apelo à autoridade do terapeuta masculino, também ele mais actuante nos últimos tempos), e também diferenciado das crianças (em termos geracionais), permite-lhes integrá-lo (ao casal) no espaço interno/psíquico do grupo (na "casa"). Assim progridem na resolução edipiana, na condição implícita de construção de limites diferenciadores e na cada vez maior implementação de regras próprias, autónomas (num processo de particularização do Super Eu). O grupo como um todo deixa de estar identificado a uma unidade (maternal) de características primárias, para se constituir como uma matriz (paternal) de crescimento e de diferenciação.

A procura de um espaço de pensamento e de fantasia próprio, para cada elemento, mas onde cada um dos outros, o grupo como um todo e o casal terapêutico/parental possam coexistir, marca um salto de crescimento. No entanto, a dor da separação anunciada neste movimento, pelo reconhecimento da distância entre cada um e o outro, nessa desilusão própria à dinâmica da latência, não deixa de estar presente nesta sessão:

(...) Rui fica sozinho, com um ar triste, a embalar-se no rolo de espuma (...) quando os terapeutas anunciam a hora de sentar, todos fogem e escondem-se por debaixo de colchões e entre cubos, resistindo fortemente ao fim da sessão (...) no fim, Orlando queixa-se muito de dores de barriga, todos falam em feridas e Manuel esconde uma almofada na barriga tentando levá-la com ele para fora do grupo (...).

### **diferenciação, narcisação e ambitendência: integração da latência e fim do grupo**

O referido movimento de diferenciação, inserido numa unidade de integração, assume o expoente máximo na configuração particular de um espaço/"casa" construído no início da sessão 28 (faltam o Hugo e o Rui), que passamos a descrever a partir de um extracto da mesma:

(...) depois de concluírem que "*hoje não há ladrões, só um invisível*", todos os elementos iniciam a construção de uma casa no interior da roda, junto aos terapeutas. A partir das instruções do Rafael, articulam esforços com grande eficiência, detendo-se longamente na construção sofisticada de espaços interiores. Assim a casa, construída com quase todo o material da sala, apresenta um aspecto sólido, tem chaminé, janelas e telhado. Tem quatro quartos e um "anexo", bem como uma zona de acesso às traseiras (onde estão sentados os terapeutas). Vários corredores ligam as divisões da casa. Todos os elementos do grupo circulam por dentro da casa, definindo a pertença dos quartos e anexos. Orlando e Manuel ocupam o anexo, uma área diferenciada mas contígua ao espaço principal da casa. Rafael sai da casa por um momento, apaga a luz e todos fingem dormir por alguns segundos (...).

Assistimos, assim, num verdadeiro funcionamento em *grupo de trabalho*, a uma representação belíssima de um espaço psíquico grupal, de uma matriz capaz de conter todos os seus elementos em "sub-espacos" (quartos e anexos) diferenciados, concedendo lugar ao indivíduo, mas ligados entre si por canais de comunicação (corredores) e com o casal de terapeutas numa posição de grande proximidade, colocados como figuras securizantes, de retaguarda. Esta parte da *mentalidade grupal*, capaz de integração, vai-se consolidando. No entanto, num claro testemunho da oscilação dinâmica que um processo terapêutico sofre, nas suas dimensões de integração e de dispersão, o grupo muda rapidamente de registo nesta mesma sessão. Porque ligar implica também separar, (re)criar distâncias, desidealizar e perder, a dor inerente a este processo aparece nestas crianças, frágeis, com intensidade. Neste sentido, voltam os mecanismos mais primários de defesa, a *clivagem* (defensiva, não comunicativa), a tendência ao agir, a dispersão:

(...) Rafael vai acender a luz: "*vamos a acordar, já é de dia!*". João, Orlando e Manuel saem da casa, deitando algumas partes abaixo. Estão todos fora da casa; à excepção de Domingos que permanece no seu interior. Rafael: "*ó porco, sai daí badalhoco, agora és o ladrão*". Voltam todos a entrar e agredem fisicamente o Domingos, comentando: "*não quero dormir aqui com o badalhoco, cuidado com o mal cheiroso do Domingos!*"(...). Saem todos de casa, à excepção do Domingos, dispersam-se e depois juntam-se para rebolar no rolo de espuma de onde insultam aquele. Manuel e Orlando dirigem-se à casa e destroem-na totalmente, com a participação do Domingos: "*a casa foi abaixo!*". Rafael finge-se de morto em cima do rolo. João, Domingos e Orlando tentam "reanimá-lo" batendo-lhe com almofadas ("*acorda, acorda!*") mas ele não reage. Manuel inicia a construção de uma casa pequena junto ao espelho. Domingos aproxima-se mas é rejeitado. Numa grande agitação, Orlando junta-se a Manuel e João a Domingos que, entretanto, construiu uma outra casa pequena. Rafael continua inerte em cima do rolo. As duas parselhas disputam, agressivamente, cubos para a construção das respectivas casas.

(...) Sentados, mostram-se muito agitados, levantam-se e saem com frequência da roda, trocam sistematicamente de lugares, gritam, cantam e assobiam. Falam de "peidos", "mijo" e maus cheiros. Os terapeutas têm grande dificuldade em fazer-se ouvir, sendo obrigados a conter fisicamente alguns elementos. No fim, saem a correr muito, em grande euforia (...).

O funcionamento em *pressuposto de base ataque-fuga*, no fim da sessão, em que a capacidade de contenção e de pensamento dos terapeutas é altamente agredida pelos sistemáticos ataques ao *quadro*, traduz bem a intolerância que uma parte da *mentalidade grupal* e de cada um deles vive em relação à separação, tentando furiosamente negá-la. Separação associada aos movimentos de integração e de crescimento, mas também a real, a do fim da sessão (neste caso particular por duas semanas) e, principalmente, aquela que se anuncia para breve com o fim do grupo.

A elaboração depressiva associada ao anúncio do fim do grupo (em que as crianças ainda não sabem se continuam ou não no próximo ano lectivo), aparece como registo dominante na **sessão 29** (falta o Domingos). Num contexto em que os sentimentos associados à separação se enquadram no próprio processo de crescimento e maturação do grupo, predominam movimentos característicos do *período de latência*, particularmente de contra-investimento narcísico (atenda-se aos exercício competitivos, de valentia e de audácia) e de reforço do Eu. O aproveitamento da figura masculina (terapeuta) como modelo identificatório surge, cada vez mais, como "auxiliar" do líder nesta dinâmica (patente na solicitação da atenção do terapeuta masculino à exibição das "proezas" e o facto de procurarem sentar-se no seu lugar quando se levanta):

Começam a sessão perguntando quantas sessões faltam para acabar o grupo. Depois de esclarecidos (para além desta, há mais duas), vão brincar e começam por construir uma casa junto dos terapeutas. Todos se mostram empenhados nesta tarefa: Rui: "*vamos lá, todos a trabalhar!*". Na construção desta casa, pela primeira vez, incluem os bancos que fazem parte da roda onde se sentam. No entanto, mediante uma sugestão do Orlando, mudam a orientação do jogo: "*vamos fazer um monte de cubos e depois deitá-lo abaixo; eu sou o Ulisses<sup>1</sup> do "ai os homens!"*". Organizam então um jogo em que se colocam em fila em cima de uma linha de cubos de madeira e, vez à vez, saltam para um monte de colchões, derrubando, ao mesmo tempo, uma torre de cubos de espuma. Todos discutem quem salta em primeiro lugar, em segundo..., mas é Rafael que coordena os saltos e decide a ordem "*primeiro são os mais velhos...*". Neste sentido, todos anunciam as idades que têm, como que competindo para ver quem é o mais crescido. Rafael dá também instruções para colocarem todo o material da sala no espaço para o qual saltam. (...) Depois de saltar, Manuel passa a reconstruir sistematicamente aquilo (caixas e torres) que os outros

---

<sup>1</sup> - Personagem musculoso e "viril" de um programa televisivo.

vão destruindo quando dão os saltos, alimentando assim o jogo. Por vezes, a disputa pela ordem dos saltos é bastante intensa, pois são muitos os que querem saltar em primeiro lugar. Entretanto, tentam aumentar o grau de dificuldade dos saltos e "apregoam" a competição: Orlando: "*quem deitar agora isto abaixo é o rei*"; Rui: "*é o rei de todos*"; Rafael: "*ó Dr. Filipe, olhe para isto, agora é que vai ser difícil!*" (...).

Todavia, a ambivalência inerente ao processo de crescimento destas crianças expressa-se, em termos da dinâmica grupal, sessão a sessão. Se uma parte da *mentalidade grupal* viabiliza a experimentação de actividades promotoras de crescimento (exercícios motores, provas de força e identificação a personagens super-heróicas), como forma de elaboração da separação e da resolução edipiana, outra parte, mais primária, não deixa de se mostrar actuante. Neste âmbito, movimentos de *clivagem e identificação projectiva* promovem violentos ataques às partes dissociadas e colocadas em certos elementos (no fim desta sessão o Hugo é agredido e verbalmente atacado por todos: "*pulguinto, mal cheiroso, gorila sem pila...*"), aliás, numa dinâmica oscilante constatada ao longo de todo o processo.

No entanto, é notória a consolidação progressiva da parte mais madura do grupo, simultaneamente à rejeição e distanciamento sobre o lado mais "bebé", mais dependente e transgressor, nesta sessão representado pelo Hugo que consideram "*andar sempre agarrado à mãe, até parece uma namorada muito alta!*".

É esta ambigüidade (progressão/regressão) associada ao crescimento e aos progressos terapêuticos que encontramos, igualmente, na **sessão 30** (todos presentes). Esta dinâmica é obviamente reforçada face à eminência do fim do grupo, e/ou da interrupção do processo terapêutico. No contexto desta sessão, constatamos, com efeito, uma intensificação da oscilação entre movimentos progressivos de contra-dependência e de narcisização (trabalho de elaboração típico da latência), por um lado, e a tendência regressiva, por outro:

(...) Depois de iniciarem a sessão perguntando quantas sessões faltam para o grupo acabar, dirigem-se com grande agitação e "algazarra" para o espaço de jogo, numa grande dispersão. Enquanto Manuel e Orlando constroem minuciosamente uma casa pequena no canto mais distante da sala, os restantes elementos organizam um jogo perto dos terapeutas. A partir de uma fila de cubos, uma "passagem", correm e, vez à vez, saltam e derrubam ao mesmo tempo uma pilha de cubos de espuma a que chamam "torre". Partindo de bem perto dos terapeutas, os saltos são bastante "acrobáticos" e a ordem é definida com base em regras acordadas entre todos. Entretanto, Orlando, Manuel e João destroem a "cabana" e resolvem construir uma "casa". João grita: "*vamos construir uma casa para todos*". Alguns elementos começam a dirigir-se para a nova casa. No entanto, Domingos e Hugo mantêm-se mais perto dos terapeutas. Rui parece oscilar entre ir para essa casa

ou ficar com Domingos e Hugo; Rafael: "*anda Rui, anda cá para dentro senão já não és dos nossos*". Domingos tenta entrar, mas é violentamente rejeitado. Acabam por ficar todos, à excepção de Domingos e Hugo, dentro da casa de onde se colocam a espreitar para os terapeutas através de uma janela, por longos períodos de tempo (...). Domingos e Hugo constroem uma pequena cabana aos pés dos terapeutas e colocam-se dentro dela muito sossegados. Mais tarde, estes dois elementos vão saindo e entrando na cabana, dando alguns saltos nos cubos, enquanto os outros continuam na casa. Rui e Rafael tentam convencê-los a juntarem-se a eles dentro da casa "*o Manuel deixa-vos entrar, nós damos-vos tudo o que quiserem...*", mas estes preferem continuar na cabana junto aos terapeutas (...).

Como se observa, é de facto notória a expressão simultânea de dois lados fundamentais da *mentalidade grupal*: um que tolera a separação e se coloca no processo de crescimento - em *grupo de trabalho*, com trabalho de narcisização, construindo um espaço próprio, de integração (casa longe dos terapeutas mas mantendo um meio de ligação [janela]), configurando um continente interno (introjectado), securizante e catalisador de expansão - e um outro mais inseguro e dependente, menos tolerante à separação, representado pelo Hugo e Domingos que permanecem na orla dos terapeutas.

Toda esta dinâmica é atravessada, contudo, por momentos ora de expressão depressiva (silêncios, posturas corporais de prostração, elementos que por segundos se isolam com olhar vago e expressão triste...), ora de tonalidade regressiva, traduzidas por actuações de agressividade, ataques ao *quadro* e verbalizações de carácter sádico-anal.

Encontramo-nos, assim, na presença de um grupo de crianças que "treina" os seus saltos de crescimento, no caminho para a diferenciação das figuras parentais e para o investimento no meio exterior a estas, não deixando, todavia, de continuar a manter elementos para quem este processo se mostra ainda difícil. São estes mesmos elementos que traduzem a parte da *mentalidade grupal*, e de cada uma das crianças, que denota o medo e a dor desta "construção".

Na última sessão (**sessão 31** - falta o João) os elementos do grupo já sabem quem continua no novo grupo a constituir para o próximo ano (Hugo, Domingos, Orlando) e quem sai (João, Manuel, Rafael e Rui). A dificuldade inerente à dissolução do grupo e conseqüente separação surge com bastante violência nesta sessão, marcada por uma intensa tensão emocional, também sentida pelos terapeutas. Num contexto de forte dispersão e agitação, com frequentes agressões entre os elementos e ataques ao quadro, o grupo evidencia, todavia, movimentos para lidar com o fim do grupo, tanto no sentido da sua interiorização como bom objecto ("tesouro"), como na intenção da sua preservação (imaginária) através de atribuições alteradas da liderança:

Entram na sessão em grande correria e algazarra. Depois de confirmado o facto de se tratar da última sessão vão brincar. Imediatamente começam a disputar o saco de areia - o "tesouro" - o que dá origem a lutas e agressões entre eles. São mandados sentar pelos terapeutas para que tomem consciência das regras, que os impedem de se magoar. Durante o tempo em que estão sentados não acatam as instruções dos terapeutas e continuam a agredir-se o que obriga à contenção física de alguns elementos. Nesta altura, dirigindo-se aos terapeutas, Rafael diz em tom de zanga: *"é bom estar aqui quando vocês não se importam que a gente faça de conta que somos grandes e fortes"*. Quando ficam mais tranquilos voltam para o espaço de jogo. Rafael pergunta a Manuel: *"queres passar a ser tu o chefe do tesouro?"*, ao que este responde afirmativamente (...) atiram almofadas uns aos outros, aos terapeutas e, por vezes, lutam a sério magoando-se (...) Rafael: *"ò chefe (Manuel), onde é que guardaste o tesouro?"*.

Nesta última sessão, o processo invariante de construção de um espaço/"casa" colectivo (por iniciativa do Manuel), dá lugar à construção de vários outros espaços, numa tentativa de reorganização da dinâmica grupal fortemente atingida pela dissolução do grupo. A separação em relação aos terapeutas activa a expressão de angústias (depressivas) de abandono, por um lado, e o seu equivalente defensivo (ataques ao *quadro* e actividades de carácter maníaco), por outro:

(...) Junto à porta da sala e perto dos terapeutas Domingos e Rui constroem um espaço onde colocam camas. Hugo encontra-se há já algum tempo em silêncio deitado sobre o rolo de espuma. Orlando e Manuel brincam com os arcos fazendo-os girar para a frente e para trás. Orlando chama a atenção da terapeuta feminina para esta "habilidade". Entretanto Rafael constrói uma "arca do tesouro" onde guarda o saco de areia ("tesouro"). Juntamente com Manuel colocam-se dentro da "arca". Rui, Hugo e Domingos continuam a construção junto da porta; Rui: *"Domingos, eu agora é que sou o chefe, vai buscar uma almofada para aqui e vamos dormir!"*. Domingos também dá ordens ao Hugo: *"tens que me ajudar porque agora sou eu o pai"*. Domingos, Hugo e Rui deitam-se e fingem dormir (...) Rafael tenta destruir o espaço "do Rui" e começa a bater com violência nos elementos que lá se encontram, sendo advertido pelos terapeutas. Hugo constrói um muro que impede que os terapeutas vejam a sua cama, mas Rafael destrói-o (...). Manuel e Orlando brincam com os arcos, enquanto Rafael se coloca durante bastante tempo sozinho a embalar-se no rolo de espuma, gritando (...). Na hora de se sentarem dizem que ainda é cedo, fogem e escondem-se todos, cada um no seu sítio, em cubos ou por debaixo dos colchões (...).

Na roda, sentados, estão bastante agitados. Levantam-se, gritam, ameaçam-se uns aos outros e atacam-se verbalmente: *"ó Hugo tu cheiras a queijo; (...) ó Domingos mostra a pila; (...) vou mostrar a pila mas é no teu cu; (...) és o fantasma da cuecas rotas..."*. Os terapeutas mostram-lhes como estão agitados e zangados para esconder a tristeza do grupo acabar e de se separarem, mas que também mostraram que podem guardar o grupo e os terapeutas dentro deles, assim como um

"tesouro dentro de uma arca". Ficam mais calmos; Rui: "o Hugo não tem pai"; Orlando: "eu também não tenho pai, ele abandonou-me (...) nem sequer foi à minha comunhão". Os terapeutas elucidam a equivalência que parecem estar a fazer entre separarem-se e serem abandonados, reassegurando-os que não serão esquecidos e que ficarão guardados dentro do "pai" e da "mãe" terapeutas (...). No fim despedem-se: Rafael: "adeus, encontramos-nos no inferno"; Rui: "encontramo-nos no paraíso".

A actividade de contenção e de interpretação veiculada pelos terapeutas revelou-se, nesta sessão em particular, fundamental para a elucidação e transformação dos conteúdos emocionais maciçamente projectados pelo grupo no *quadro* terapêutico, do qual fazem parte os próprios terapeutas. Basicamente, trata-se dum final marcado pela manifestação simultânea e oscilante dos vários lados constituintes da *mentalidade grupal*: a resistência e intolerância à separação, com a raiva e a tristeza associadas, mas também a possibilidade de continuar a brincar e a imaginar, numa identificação à função transformadora do grupo, acolhedor e promotor de crescimento e da capacidade de sonhar. Dimensão onde os terapeutas podem agora constituir-se, internamente, como um casal de pais unidos e confiantes nas capacidades de crescimento de cada uma das crianças.

Algumas crianças vão embora, outras continuam, mas o grupo como tal acaba. No entanto, cada um de nós terapeutas e cada uma das crianças guarda em si cada um dos outros e o grupo como um todo, como um "tesouro" precioso que a todos enriqueceu e que a todos viabilizará, assim se espera, a intensificação da exploração e da expansão do seu universo emocional e relacional.

#### 4.3 - NOTA BREVE SOBRE OS RESULTADOS TERAPÊUTICOS

A decisão sobre a continuação ou não dos elementos em psicoterapia analítica de grupo (ou ainda encaminhamento para outra modalidade terapêutica) resulta de uma articulação operada entre os terapeutas, a assistente social que conduz o respectivo grupo de pais e o pedopsiquiatra responsável pelo seguimento em consulta da criança em apreço. Assim, os critérios subjacentes à decisão sustentam-se na evolução da criança registada no próprio grupo, nas consultas e na informação trazida do exterior (pelos pais e educadores). No caso em análise, passamos a resumir os principais progressos denotados em cada uma das crianças do grupo:

- **Rui** (termina a psicoterapia) - No grupo revelou uma substancial modificação dos papéis desempenhados, em relação ao ano anterior. Mostrou-se mais construtivo, menos agitado e, principalmente, funcionou num registo de maior paridade com os restantes elementos (no grupo

do ano anterior, o Rui foi invariavelmente o bode expiatório, alvo das projecções dos lados mais imaturos dos restantes elementos - era o "bebé" do grupo). Do exterior, os pais referem substanciais melhorias, principalmente no que se refere à relação com a irmã - muito menos agressivo - e a um maior empenhamento na aprendizagem escolar. Deixou a medicação que tomava há já muitos anos (ansiolíticos). A mãe reconhece para ela própria grandes benefícios com o grupo de pais (mais tolerante na relação com os filhos). Em casa, todavia, é ainda referida alguma excitabilidade e rebeldia por parte do Rui.

- **João** - (termina a psicoterapia) - O João evidenciou, no âmbito do grupo, uma progressiva desinibição, tornando-se cada vez mais participativo e activo nas actividades propostas. A sua produção imaginária, inicialmente bastante pobre, foi-se revelando cada vez mais diversificada. A possibilidade de, no contexto grupal, encontrar formas de expressão da sua agressividade contribuíram para um bom incremento dos movimentos exploratórios e relacionais. Os pais, satisfeitos com os resultados alcançados com um ano de psicoterapia, salientam a sua maior autonomia no arranjo pessoal e, principalmente, os ganhos alcançados em termos de "auto-confiança", na medida em que denota uma muito maior tolerância à separação da figura materna. Apesar de menos frequente, mantém uma enurese noturna secundária.

- **Rafael** - (termina a psicoterapia) - O Rafael, retirou grandes benefícios do segundo ano de psicoterapia analítica de grupo. A sua posição de líder, neste ano, foi bastante construtiva para si e para os outros. Reforçou-se narcisicamente, retirando desse papel um substancial proveito no que se refere à sua auto-estima. Mais contido na agressividade, comparando com o ano anterior, mostrou-se também menos deprimido e bastante orientado para consistentes investimentos na realidade externa. Com efeito, as melhorias alcançadas nos contextos familiar e escolar foram muito significativas: a enurese e encoprese, sintomas bem presentes desde há três anos, desaparecerem este ano; evidencia um incremento na sua motivação para a aprendizagem; regista consideráveis progressos em termos de socialização com os pares e na sua autonomia, conseguindo sem dificuldade separar-se da mãe para ir à escola, às compras e, facto bastante valorizado pela mãe, já consegue dormir sozinho desde há seis meses.

- **Manuel** (termina a psicoterapia) - O Manuel foi a criança que registou alterações mais evidentes, facto associado à rigidez do quadro psicopatológico que apresentava, caracterizado pela presença de um mutismo electivo. De facto, durante este ano de psicoterapia passou a falar no grupo, tornando-se progressivamente mais comunicativo e interactuante, evidenciando, comparativamente com o ano anterior (onde a sua esquizoidia era manifesta), uma superior contenção no que se refere ao agir das suas pulsões agressivas. Apesar de revelar ainda uma forte necessidade de um espaço contentor externo, a sua acrescida produção imaginária e sociabilidade, constituem marcos notáveis do crescimento emocional conseguido. Os pais referem bons progressos na aprendizagem escolar, contexto no qual já faz intervenções verbais.

A comunicabilidade também se estende, agora, aos colegas de escola e outros adultos, para além dos pais. Na relação com os irmãos e colegas, é notado um considerável decréscimo do comportamento agressivo. Referem também uma maior autonomia de actuação.

- **Orlando** (continua em psicoterapia) - No grupo o Orlando sempre foi participativo, embora de uma forma algo passiva, procurando quase sempre a proximidade da relação a dois. Apesar de expressar verbalmente alguns conteúdos fantasmáticos significativos, a sua adesão ao jogo pautou-se por alguma falta de consistência, tendo contribuído de uma maneira frágil para a circulação de aspectos a serem pensados/imaginados pelo todo grupal. A mãe considera que o Orlando na escola se mostra mais atento e com melhores resultados, embora em casa continue bastante agressivo. O grupo de pais é referido como o factor mais proveitoso desta intervenção, na medida em que se sente apoiada e, assim, também menos agressiva para com o filho.

- **Domingos** (continua em psicoterapia) - O Domingos foi, na vida deste grupo, um elemento bastante activo e participativo, embora muito instável e transgressivo em relação às regras do *quadro*. Foi um dos principais alvos de projecções maciças por parte dos outros elementos, tendo protagonizado quase invariavelmente os aspectos mais primários e imaturos de cada um deles. Esta dimensão, reforçada pela sua labilidade emocional e frágil contenção, fez com que a sua passagem por este grupo se tenha mostrado mais benéfica para os outros do que para si próprio. De facto, também em relação ao exterior não são referidas alterações significativas. Para além da suspensão da enurese, as queixas apresentadas inicialmente são mantidas por parte dos pais: instabilidade psicomotora acentuada, desatenção nas aulas, comportamento agitado e agressivo para com os colegas e fortes dificuldade em lidar com regras e limites de actuação.

- **Hugo** (continua a psicoterapia) - O Hugo revelou-se no grupo como uma criança muito frágil e imatura, pautando a sua participação por uma marcada oscilação entre movimentos bastante destrutivos e de oposição e outros de intensa procura de contenção. Com poucos progressos no exterior - mantém a encoprese e as dificuldades escolares -, a mãe refere, todavia, um aspecto interessante. Considera que o Hugo está menos agressivo e instável, embora muito mais apegado à mãe e mais triste. Assim, parece que o grupo tem funcionado, de alguma forma, como meio de forte descarga pulsional, permitindo ao Hugo uma maior contenção no meio externo, acedendo assim, de uma forma menos ameaçadora e angustiante, aos seus afectos depressivos.

## **PARTE III**

---

**À PROCURA DE SENTIDO**

# 5

---

## FUNDAMENTOS TEÓRICOS E CLÍNICOS DO *QUADRO*

### 5.1 - O CONCEITO DE *QUADRO* E SUA APLICAÇÃO À PSICOTERAPIA ANALÍTICA DE GRUPO NO PERÍODO DE LATÊNCIA

No sentido da contribuição para uma teoria da prática, no que se refere à psicoterapia analítica de grupo com crianças da latência, a nossa teorização assenta no *quadro* associado ao modelo de intervenção apresentado. Embora não utilizado por Freud, o conceito de *quadro* não deixou de estar implícito na sua obra, nomeadamente ao acentuar a importância da regularidade dos aspectos espaço-temporais no desenrolar das sessões. No entanto, a sua atenção dirigiu-se particularmente para a consideração desse *quadro* sobretudo como um *quadro* psíquico, constituído por duas regras fundamentais: uma que se impõe ao paciente, a regra da associação livre, de não omissão, dizer tudo o que lhe surgir no pensamento; outra que se impõe ao analista, a regra de abstinência (ou neutralidade), que obriga o analista a não satisfazer o desejo transferencial do seu paciente.

Como já referimos anteriormente (cap.3), tomamos como referência de base o conceito de *quadro* proposto por J. Bleger (1966), a partir dos dois elementos constituintes da *situação analítica*:

- um elemento variável, individual, ligado à dinâmica pessoal do sujeito, constituindo-se como objecto de estudo, análises e interpretações (o *processo*);

- em oposição, um elemento constante, um *não processo* que constitui o *quadro* propriamente dito; compõe-se de um número de invariantes pré-determinadas (regras, procedimentos, coordenadas espaço-temporais ...) que promovem o desenvolvimento do processo num contexto o mais favorável possível (no caso específico do modelo apresentado, já referidas no capítulo 3).

J. Bleger (1966) descreve o *quadro* como uma "instituição" particular, uma instituição de carácter familiar bastante primária, situada nos confins do Eu do paciente, constituída por ligações simbólicas primitivas e depositária das partes psicóticas da personalidade. Nesta concepção o *quadro* apresenta-se, para além da sua configuração formal, como uma zona fronteira entre o Eu e o não-Eu, a partir da qual se vai definir o Eu do sujeito, a sua identidade. Não é, assim, um espaço neutro, inerte ou uma barreira protectora e de função apenas limitante. Com efeito, de acordo com o autor, o *quadro* consubstancia-se em quatro funções fundamentais: *continente, limitante, simbologénica e transicional*.

Apesar das atribuições funcionais e de significado que Bleger propõe para o *quadro*, concebendo para este aspectos que contemplam formações intrapsíquicas específicas, Amaral Dias (1983), em *Espaço e Relação Terapêutica*, esclarece com maior precisão e abrangência a articulação entre o *processual* e o *não-processual* da *situação analítica*. A sua proposta centra-se essencialmente na apreensão do "*valor intrapsíquico da situação da cura analítica, na qual o processo analítico toma lugar (...) no drama da relação, mais do que na teatralização do espaço de cura*" (*op. cit.* p. 26).

A partir da consideração de que um processo psicanalítico autêntico apenas se desenrola se enquadrado por um conjunto de regras específicas (associadas ao método psicanalítico e que, pela ruptura com o quadro socio-cultural da comunicação, permitem a construção de fundamentos simbólicos da *situação analítica*), Amaral Dias (1983), acentua: "*a frequência regular e fixa das sessões, (...) o espaço interno do seu protocolo, acabam por definir tecnicamente a sessão como zona intrapsíquica, aonde a palavra e o corpo se dispõem, em relação a um tipo particular de escuta*" (*op. cit.* p. 32). De acordo com o autor, o espaço/tempo no qual se constitui a relação analítica, ao implicar a retirada externa do analista favorece a singularidade fantasmática do analisando, pois afasta-o da dimensão narcísica ao mesmo tempo que o aproxima da autenticidade do funcionamento mental: "*trata-se então de um lugar destinado à evocação pelo transfert, pela repetição e pela remomeração*" (*op. cit.* p. 35).

O espaço analítico é concebido por Amaral Dias como contendo em si mesmo uma significação objectal primária, onde a inibição da acção reproduz, por analogia, a mãe vigiando o sono da criança, permitindo o repouso, o sonho e a fantasia: "*é esta potencialidade, expressa através da palavra, do reencontro das ímagos, do encontro nas ímagos, que o espaço analítico cria e permite*" (Amaral Dias, 1983, pp. 41-42).

A importância dada à configuração de condições de interpretação - cujo estudo se insere no campo da teoria da prática - está bem presente em Amaral Dias (1983): "*a existência de uma situação em que não-processual facilita a actividade projectiva, pela sua própria continuidade,*

garante assim a função reguladora e integrativa sem a qual o processo analítico é um pleno exercício interpretativo (?), um delírio sobre o significante" (op. cit. pp. 47-48).

Com efeito, o autor considera que o rigor e a constância das coordenadas implícitas ao *não processual* (ao *quadro*) se afirmam como aspectos catalisadores do processo pelo qual os desejos inconscientes se actualizam, consubstanciando a dinâmica transfero-contratransferencial da *situação analítica*. É neste sentido que refere: "O que é a situação analítica senão a criação através de um conjunto de regras técnicas, de um estado de frustração no paciente? A situação analítica vai provocar a regressão e contribuir decisivamente para o desenvolvimento da neurose de transferência (...) a transferência desenvolve-se a partir da situação analítica e não espontaneamente" (Amaral Dias, 1983, p. 51).

É no sentido da elucidação da interacção entre as condições "pré-fabricadas" e as significâncias processuais e fantasmáticas da relação analítica, que Amaral Dias (1983) acrescenta: "se o processo psicanalítico e a neurose de transferência dependem da criação de uma situação pré-existente no interior do analista (favorecendo a regressão) (...), então o papel do espaço analítico aparece-nos, não só como desencadeador da palavra transferencial, mas também como continente do processo primário (...) a situação analítica, então, tem de ser manuseada pelo analista de tal forma a não provocar a ruptura entre o continente e o conteúdo, a não provocar a perda de ligações integrativas primárias ao nível do Eu corporal (...) esta é a meu ver a função dominante dos tabus e dos interditos próprios da relação entre o analista e o seu paciente" (op. cit. p. 51).

Outros autores têm-se debruçado sobre o estudo dos aspectos ligados ao *quadro*, nomeadamente estabelecendo analogias entre este e certas formações do aparelho psíquico. Neste contexto, o *quadro* surge frequentemente comparado com o espaço de sonho ou, como acentua D. Anzieu (1986), como figura equivalente aos *envelopes psíquicos*, enquanto promotor da formação do *aparelho para pensar os pensamentos*<sup>1</sup> (no sentido de Bion, 1962) e da contenção dos afectos. Os dois *envelopes psíquicos* propostos por D. Anzieu (1986) - "*superfície*" de para-excitação e "*superfície*" de inscrição - correspondem, respectivamente, à regra de abstinência e à regra da associação livre do método analítico.

Resumindo, no âmbito da intervenção terapêutica de orientação analítica o *quadro* é uma presença sem a qual o Eu não se pode constituir nem desenvolver-se. É, basicamente, um *não processo* constituído por uma série de invariantes no interior das quais o *processo* tem lugar.

---

<sup>1</sup> - O conceito de *pensar*, em Bion (1962), refere-se a duas dimensões diferentes: "Há um pensar que dá origem aos pensamentos e outro pensar que consiste em usar os pensamentos epistemologicamente pré-existentes. Para o funcionamento deste último tipo de pensar, é necessária a diferenciação, dentro do psiquismo, de um aparelho especial para "pensar os pensamentos"" (Grinberg et al., 1972, p. 77).

Neste contexto, a manutenção do *quadro* para que o processo terapêutico se possa desenrolar constitui um objectivo primordial da intervenção psicoterapêutica analítica.

Relativamente às psicoterapias de grupo, para além das variações particulares relativas ao *setting* associado às várias modalidades praticadas, a especificidade do *quadro* grupal implica, de acordo com Kaës (1994), um corpo comum caracterizado por quatro aspectos principais: "*a presença simultânea face-a-face de várias pessoas; a criação de ligações intersubjectivas num aparelho de ligação e de transformação das formações psíquicas; a interdiscursividade dos processos associativos; os efeitos de trabalho psíquico consecutivos a estas três características*" (op. cit. p. 89).

Concretamente em relação ao modelo por nós apresentado, cuja especificidade lhe confere acentuada singularidade, o *quadro*, por um lado, integra genericamente aspectos comuns às intervenções grupais e, por outro lado, às intervenções com crianças da idade da latência. Comporta ainda aspectos bastante particulares decorrentes da experiência e aperfeiçoamento deste tipo de trabalho.

De facto, a formação de um *quadro* é também ela dinâmica, não estando a sua invariância garantida apriorística e indefinidamente. Com efeito, apesar da tendência à estabilidade, está sujeito a alterações decorrentes da experiência prática e do pensamento sobre o próprio processo. Em função de uma história, dos sujeitos nela contidos, da dinâmica transferencial e contra-transferencial, do potencial de adesão por parte dos elementos envolvidos (incluindo os terapeutas) e do que pode ser pensado sobre os seus efeitos e impasses. Desta dinâmica decorre a materialização do *quadro*, em aspectos particulares no *setting* que apresenta.

De acordo com R. Roussillon (1995) o objectivo do *quadro*, no que se refere à psicoterapia analítica de grupo com crianças da idade da latência, é permitir "*simbolizar a simbolização*" (op. cit. p.16). O autor parte duma concepção do trabalho psicoterapêutico enquanto "*trabalho que visa a optimização ou o desenvolvimento das capacidades de simbolização de um sujeito (ou de um conjunto de sujeitos), tanto pela análise dos fracassos e eventualidades da história da simbolização, como pela proposta de novas experiências de simbolização*" (op. cit. p.16). Neste sentido, para R. Roussillon o *quadro* deve ser conduzido, no decurso do processo terapêutico, a funcionar como uma estrutura de suporte à actividade simbolizante, tornar-se um espaço-tempo a simbolizar e para simbolizar<sup>1</sup>.

---

<sup>1</sup> - Convém salientar que esta noção de simbolização diferencia-se claramente da *dimensão simbólica* lacaniana, concebida não como capacidade de ligação e de representações, mas sim como ordem reguladora, plano onde a Lei se impõe na sujeição do *imaginário* às normas e regras narrativas consubstanciadas pela linguagem. Para Lacan (1953-1954), a criança acede à *ordem simbólica* através da *ordem do imaginário*. Considerando que os desejos (edipianos) passam pelo outro especular, sendo aí aceites ou recusados, Lacan afirma ser por essa via que a criança faz a aprendizagem da *ordem simbólica* acedendo ao seu fundamento que é a Lei. No período de latência "a

Partindo desta concepção, consideramos que o *quadro* em psicoterapia analítica de grupo com crianças da latência deve viabilizar uma estrutura que facilite o surgimento de dois níveis distintos e dialécticos de elaboração mental, no sentido da construção de uma matriz de novas experiências de simbolização e de crescimento mental. Esses dois níveis são constituídos pelas formas de funcionamento mental em grande evidência no progressivo acesso à latência: *processo primário* e *processo secundário*.

A expressão/representação do *processo primário* - nos seus mecanismos típicos: a representação alucinatória dos objectos do desejo, a condensação, o deslocamento e a reversão no contrário - encontra, como propõe Bleger (1966) e Amaral Dias (1983), equivalência nas qualidades de carácter objectal inscritas no próprio *quadro*, pela sujeição que este impõe ao psiquismo do sujeito, conduzindo-o a essa dimensão de funcionamento mental.

No que diz respeito à latência, o *processo secundário* fundamenta a "idade da razão", permitindo à criança entrar em linha de conta com a realidade, pensar antes de agir, num progresso que lhe permite mentalizar a experiência emocional em substituição da simples (re)acção. Assim, cria uma estrutura de pensamento que confere inteligibilidade aos conteúdos associados ao *processo primário*, desempenhando, neste âmbito, uma função reguladora. Nesta dimensão a linguagem ocupa um lugar central, pois "*estabelecendo a ligação entre as palavras (signos) e as representações (imagens mentais) das coisas significadas, possibilita a construção de um sistema simbólico, o que permite uma muito maior operacionalidade do pensamento*" (Matos, 1993, p. 20)<sup>1</sup>.

Em síntese, a criação de um quadro adequado a um processo terapêutico grupal com crianças da idade da latência, possibilitando o acesso dos sujeitos a estes dois níveis de funcionamento mental, visa, fundamentalmente, possibilitar a transferência do seu mundo objectal interno, em toda a sua dinâmica representacional e operacional, sobre esse mesmo *quadro*, nos componentes que o configuram. Só assim um processo verdadeiramente terapêutico pode ter lugar. Essa transferência, ou projecção, efectua-se suportada pelas transformações impostas pelo *quadro* - nas suas regras, procedimentos e coordenadas espaço-temporais - ao funcionamento do psiquismo.

---

submissão à Lei e a integração do Super Eu - com a interiorização dos interditos parentais - fazem com que se instaure a supremacia da ordem simbólica" (Aribisio-Lesourd, 1997, p. 227).

<sup>1</sup> - A. Green (1984) propõe um nível terciário de elaboração mental para traduzir a articulação entre processo primário e secundário, criticando a teoria freudiana que postula a transformação de um no outro. Green afirma a existência de uma dinâmica interactiva entre *processo primário* e *processo secundário* operacionalizada, basicamente, pela ligação entre o aparelho da linguagem e o aparelho psíquico. Esta conceptualização é associada por Green ao pré-consciente da primeira tópica e ao Eu inconsciente da segunda, encontrando equivalência no conceito de *área transicional* (Winnicott, 1971a).

## 5.2 - CONTRIBUIÇÃO PARA UMA TEORIA DO QUADRO

Chegados a este ponto, as questões que nos colocamos são basicamente duas:

a) - Será que o *quadro* associado ao modelo em apreço, nos seus principais constituintes formais, é adequado/coerente com as dimensões desenvolvimentais, psico-afectivas, das crianças que constituem o grupo?

b) - Será que esse *quadro*, nas suas condições, promove a ocorrência de um autêntico processo terapêutico (de dimensão psicanalítica), cumprindo assim o seu objectivo?

Centremo-nos na primeira questão, reflectindo, em termos teóricos, sobre os principais aspectos constituintes do *quadro* em questão: o grupo, o jogo, o casal terapêutico e alguns procedimentos.

### 5.2.1 - O grupo e a unissexualidade

Para as crianças com dificuldades em integrar a latência, o grupo de pares apresenta-se como um meio "natural" de expansão e de crescimento mental. Este aspecto é sustentado teoricamente por vários autores, nomeadamente Denis (1979): "*o papel de eu auxiliar (na latência) é em grande parte devolvido aos contemporâneos, passando os adultos a serem percebidos como representantes exteriores do Super Eu*" (op. cit. p. 317).

Assim, o grupo de iguais, na latência, viabiliza o reforço identificatório, num contexto "*onde as relações têm marcado cariz erótico*" (Celeste Malpique et al., 1988, p. 69). No caminho da dessexualização das figuras parentais (Meltzer, 1973), associada à renúncia edipiana, "*(...) num certo sentido a criança fica só, tendo necessidade de se encontrar com outras crianças no mesmo estágio de desenvolvimento (...) as relações entre as crianças do período de latência podem ser íntimas durante longos períodos sem se sexualizarem de um modo manifesto, apesar da manutenção do simbolismo sexual (...)*" (Winnicott, 1958, p. 111).

O processo de socialização é, com efeito, um dos principais movimentos associados ao *período de latência*. Neste sentido Chapelier (1995) sistematiza alguns pontos relativos à função socializante dos grupos, na medida em que estes promovem: o prazer de funcionamento com os outros; a aprendizagem da mutualidade e da fraternidade; a aprendizagem de valores culturais; a passagem pelo campo social, logo pela simbolização; a aprendizagem da realidade constituída por regras e interditos permitindo o confronto com a frustração.

Bion (1962) remete o conhecimento, actividade promovida pela sublimação e tão activa na latência, para a esfera emocional, a partir do seu conceito *aprender com a experiência*. Conhecer é possível, de acordo com o autor, em função do estabelecimento de vínculos emocionais e por identificação introjectiva com figuras significativas. Por outro lado, para Bion, a actividade do conhecer encontra-se intimamente ligada à actividade do pensar. Ora, a situação grupal, ao desenvolver na criança a capacidade em estabelecer vínculos emocionais/afectivos, implícitos nas relações com outros e nas ligações inerentes ao próprio processo de imaginar/criar, facilita-lhe o acesso à criação na mente de uma função vinculativa que dê sentido às experiências emocionais.

Face aos aspectos referidos, pensamos que o grupo encontra, assim, fundamento para se constituir como elemento básico de um *quadro* terapêutico para as crianças da idade da latência.

O facto do *quadro* em análise integrar como uma das suas condições que a constituição dos grupos de latência seja de carácter unissexual - aspecto bastante original, comparando este modelo com outros praticados no estrangeiro (grupos mistos) - encontra, neste caso particular, uma justificação menos teórica e mais empírica. De facto, na história do modelo terapêutico aqui estudado nem sempre esta foi uma característica do *quadro*, pois iniciou-se com grupos mistos. No entanto, a espontânea e invariante separação que ocorria nas sessões, entre rapazes e raparigas, numa formação sistemática de sub-grupos com pouco contacto entre si, levou a uma natural alteração do *quadro*. Com efeito, para além do "sinal" dado pelos próprios sujeitos do grupo misto, as dificuldades de uma intervenção integrada por parte dos terapeutas e a lenta progressão observada conduziram à criação de grupos diferentes para sexos diferentes.

Apesar do empirismo que fundamentou esta alteração, a mesma encontra, todavia, correspondência com a realidade social associada ao desenvolvimento diferencial dos rapazes e raparigas. E. Badinter (1992) revela no seu ensaio *XY Identidade Masculina* vários estudos de campo que confirmam o período de latência como a "idade das amizades 'homossexuais'" (*op. cit.* p. 92), face à tendência constatada nestas idades para a formação, principalmente em contexto escolar, de grupos unissexuais. Esta orientação natural visa, sobretudo, o reforço da identidade sexual, tal como afirmam vários autores no âmbito da literatura psicanalítica.

Arbisio-Lesourd (1997), corroborando a ideia de que o sentimento de identidade surge na latência reforçado pelas identificações secundárias, considera, no entanto, que se trata de uma identidade fragilmente mantida pela recente prevalência do funcionamento do Eu. Neste sentido afirma: "*é por esta razão que aquilo que a criança da latência vive na realidade é crucial: na relação com os adultos como com as outras crianças, os acontecimentos da sua existência conduzem-na à manutenção dessa imagem ou à revelação precoce da sua dimensão de logro e*

*de ilusão (...) daqui a necessidade da criança em ser reconhecida e gratificada narcisicamente*" (op. cit. p. 192).

Ora, o grupo de iguais na idade da latência, promovendo movimentos de identificação especular, contribui para a "*narcisação da imagem sexuada*" (Coimbra de Matos, 1993, p. 10), constituindo-se como "*grupo unissexual em que se reforça a identidade e que tem por função obter um equilíbrio da economia libidinal: por exemplo, no grupo masculino há um nítido reforço do erotismo anal que, em certa medida, funciona como uma defesa colectiva contra o medo de castração*" (Celeste Malpique, 1984, p.75).

Quanto às modalidades específicas de expressão, em função do sexo, registadas nas crianças da latência, podemos facilmente aferir que se sustentam no desenvolvimento diferencial dos dois sexos. A história edipiana, por exemplo, é suficientemente diferente para os rapazes e para as raparigas para que as modalidades de inscrição no *período de latência* obtenham um colorido particular em função do sexo.

Para a rapariga, o complexo de castração ligado à ausência do pénis vai ser combatido pelo investimento narcísico/fálico da superfície corporal. Para ela a promessa edipiana vai operar-se pela identificação à mãe e pelo desejo de, também ela vir mais tarde a ter bebés. O investimento na imagem do corpo, articulado com a sedução, torna-se para a menina o meio privilegiado de resposta face à perda.

Para o rapaz, se bem que o declínio edipiano comporta o recalçamento das suas intenções parricidas, a agressividade e a rivalidade permanecem para ele centrais e vão encontrar a sua expressão nas actividades sublimadas, por exemplo através da competição. Assim, a especificidade da latência nos rapazes articula-se essencialmente em torno da gestão da agressividade. Nos jogos, nos desportos de competição, o rapaz sustenta a sua actuação num profundo desejo de derrotar o adversário. É o que Diatkine (1979) evoca a propósito das descargas agressivas nos rapazes. Kaplan (1965), por outro lado, diferencia os modelos perceptivo-motores entre raparigas e rapazes, constatando que estes se encontram, essencialmente, à procura de proezas físicas através do exercício e da força muscular.

Tomando como eixo do desenvolvimento imaginário, na latência, a dimensão associada à posição fálica, Arbisio-Lesourd (1997) salienta: "*(...) as raparigas falicizam o corpo e o rapaz, pelo jogo subtil das identificações e da competição, exercita e prepara-se pacientemente para o momento no qual poderá recuperar o objecto fálico (...) este é no momento atribuído ao pai, o que acalma consideravelmente o jogo (...)*" (op. cit. p. 160). Assim, para além das especificidades relativas a raparigas e rapazes, a promessa edipiana, ao manter viva a crença num *phallus* imaginário, faz com que a criança conserve esta dinâmica fálica durante a latência.

A constituição de grupos unissexuais como elemento do quadro em psicoterapia analítica de grupo na latência encontra assim, face à dinâmica psíquica diferencial referida, plena justificação. Tal como no campo social, também na psicoterapia os grupos unissexuais constituem-se como condição facilitadora do desenvolvimento.

### 5.2.2 - O jogo

É relativamente consensual para vários autores que as fantasias se constituem como o primeiro indicador do *período de latência*, face ao papel que desempenham no desenvolvimento psíquico da criança nesta fase. Freud (1911) referiu a dimensão da fantasia durante o *período de latência* e Sarnoff (1971) fez da mesma um dos elementos chave da estrutura do Eu nessa idade. Arbisio-Lesourd (1997) reconhecendo a fantasmática como um factor importante de desenvolvimento do processo da latência e como testemunha da promessa edipiana, considera, no entanto: "*É a capacidade de adequar essas construções imaginárias à realidade que é específica da latência. Tal acontece pela passagem e submissão da fantasmática, pelas narrativas imaginárias ou fantasias, à linguagem.*" (op. cit. p. 163).

Assim, na latência, as fantasias seriam regidas pela *ordem simbólica*, uma vez que se operam pela elaboração de uma narrativa verbal ou dramatizada (pela acção). Neste contexto, processo primário e secundário articulam-se em conjunto, originando, nos casos mais favoráveis, as histórias ricamente construídas que caracterizam a latência. Essas fantasias, bem expressas na literatura e nas séries televisivas infantis, correspondem simultaneamente à satisfação de um desejo (satisfação auto-erótica, pelo retorno disfarçado da sexualidade) e a uma defesa (mascarar os desejos edipianos, agora interditos).

No entanto, os processos ligados à fantasia podem entrar no domínio da psicopatologia, como constatou A. Freud (1965). Neste caso, a criança coloca a sua criação fantasmática ao serviço da defesa contra a realidade desagradável. Esta defesa, banal durante a primeira infância pode ser problemática caso se perpetue durante a latência.

No âmbito do quadro conceptual psicanalítico, o jogo constitui-se como o modo privilegiado de expressão da vida fantasmática da criança. Esta ideia encontra-se desde logo presente em Freud (1920), mas é M. Klein que lhe confere uma dimensão fundamental no desenvolvimento do psiquismo da criança. Klein (1929, 1932) conceptualiza o jogo como uma actividade reparadora, destinada a preservar o bom objecto. Assim, jogar permite ultrapassar a destruição do objecto, pela proposta de novos objectos, resultando num efeito de consolo para a criança. A angústia transforma-se, assim, em prazer.

Para Klein, o jogo é o suporte a partir do qual a criança pode experimentar os seus fantasmas masturbatórios, os seus desejos, sendo que os elementos do jogo podem ser interpretados da mesma forma que a narração manifesta dos sonhos, uma vez que contém os símbolos tradutores do desejo do sujeito. O jogo inclui elementos da fantasia, mas obriga à tomada de consideração do real. Com efeito, pela sua inserção na realidade, permite que a criança não seja muito invadida ou devorada pelos seus próprios fantasmas, podendo estes serem projectados na dinâmica real subjacente à actividade lúdica.

O jogo pode, então, ser considerado como o meio privilegiado que a criança encontra para dramatizar, representar, comunicar, " Descarregar " as próprias fantasias inconscientes e também para elaborar a ansiedade e as angústias ligadas a essas fantasias, bem como experimentar e afinar papéis sociais num processo de *identificações antecipadas* (Alvarez, 1988). Para além de todo este potencial, o jogo oferece ainda, particularmente às crianças da latência, a possibilidade de se reforçarem narcisicamente, pelo investimento que fazem no próprio corpo (na sua imagem) e pelo exercício da destreza, do auto-domínio e da competição.

Gutton (1973), em *Le Jeu chez l'Enfant*, tece importantes considerações sobre a dinâmica psíquica associada à actividade do jogo na criança da latência. Para o autor, o jogo mete em cena a realização dos desejos edipianos: o rapaz parte à conquista ou à aventura, como se se tratasse do exercício do seu *phallus* ao encontro do desejo da menina, enquanto a rapariga se encontra numa posição de expectativa, ocupando-se das suas bonecas, até então o equivalente fálico, do qual se sente privada face à ausência do pénis. Assim, na latência, tudo indica que o jogo consubstancie uma dimensão essencialmente relacional e o desejo de jogar traduza essencialmente o desejo do desejo do outro. As regras do jogo constituem o quadro simbólico que autoriza o intercâmbio, isto é, a satisfação, mas no quadro de um interdito contido nas próprias regras.

Um outro importante aspecto salientado por Gutton, na mesma obra, diz respeito à repetição que se encontra no jogo e nas histórias contadas e construídas pelas crianças do *período de latência*, não sendo mais que variações ínfimas em redor do mesmo tema. De acordo com o autor, a satisfação comporta aqui uma dimensão defensiva na medida em que a repetição, para além de um meio de realização pulsional de dimensão auto-erótica, sinalizaria a insistência do recalçamento em fazer-se. Por outro lado, Gutton considera que a repetição viabiliza também o processo de integração, uma vez que a simbolização subjacente ao jogo pode constituir-se como uma fonte de elaboração do passado. Assim, a repetição representaria a expressão manifesta de um trabalho de elaboração que se vai fazendo, num estatuto bem diferente da passagem ao acto, que não é mais do que o reflexo de uma pobreza fantasmática, numa actividade exaustiva de repetição do idêntico, isto é, sem transformação.

Jogo e fantasias percorrem juntos a vida da criança, alimentando-se e modificando-se um ao outro. Jogar sem ser invadido pela pressão fantasmática confere à criança a possibilidade de inserir o seu mundo da fantasia numa secundarização, podendo a energia pulsional evadir-se em pequenas quantidades.

A relação entre o jogo e a realidade equivale à relação entre a fantasia e a linguagem, presente nas narrativas, dramatizadas ou não, e histórias realizadas pelas crianças do *período de latência*. Estas narrativas são a marca da integração e articulação entre processo primário e secundário. Crianças incapazes de jogar, porque invadidas por uma intensa excitação, são assim impedidas de construir histórias elaboradas, uma vez que se encontram dominadas pela pressão pulsional. Esta articulação entre o imaginário e a realidade, comum ao jogo e às fantasias na latência, encontra expressão na sua pertença simultânea à *área transicional*, no sentido de Winnicott (1971a), esse espaço de ilusão onde podem coexistir sem contradição mundo interno e mundo externo.

Neste contexto, o *quadro* associado à psicoterapia analítica de grupo com crianças da latência ao integrar a actividade do jogo como um dos seus elementos de base, contém em si mesmo uma teoria do desenvolvimento psico-afectivo. Esta teoria é operacionalizada a partir daquilo que o jogo e o brincar permitem às crianças, enquanto actividades de representação do mundo interno. Como vimos, essas actividades não permitem apenas a expressão da vida fantasmática da criança, mas também promovem movimentos elaborativos e progressivos pela experimentação de novas formas de simbolização.

O agrupamento por idades, no caso estudado, dos 6 aos 8 anos, deriva precisamente do potencial proporcionado pelo jogo nesta faixa etária. Outras formas de mediação terapêutica assumem particular pertinência conforme as características desenvolvimentais associadas às idades. Por exemplo, o desenho ou a pintura na segunda fase da latência (9-11 anos) e a expressão dramática induzida (psicodrama) nos pré-adolescentes e adolescentes.

O facto de se tratar, no quadro terapêutico em questão, de *jogo livre* e não de jogo sugerido, para além do elevado grau de amplitude de expressão que permite, traduz a sustentação conceptual desse mesmo *quadro* no método psicanalítico. O *jogo livre* tem assim uma equivalência à regra fundamental da *associação livre*. Todavia, esta regra encontra, no quadro em apreço, equivalência não só no jogo mas também na palavra.

### 5.2.3 - O casal terapêutico

A presença de um casal facilita a emergência de movimentos transferenciais sustentados na representação de um casal real, com particular projecção de fantasias ligadas à situação edipiana e de todas as ambivalências a ela associadas. Os dois elementos do casal tendem a ser representados diferencialmente, no sentido da aproximação às figuras parentais reais, registando-se uma projecção frequente dessas *imagos* em função dos medos e desejos mais intensos. Tal dinâmica, suportada em representações mais próximas da realidade, facilita o trabalho de projecção e integração de partes do *self*, principalmente no que se refere aos conflitos edipianos, ainda bem presentes nas crianças com dificuldades em integrar o *período de latência*.

Podemos considerar, por outro lado, que também a mente dos terapeutas se constitui como elemento do *quadro*. Está lá sempre, como continente apto a observar, conter e transformar os conteúdos projectados pelos pacientes, trabalhando em *continente-conteúdo*, "(...) como *functor, retículo vazio, vacúolo, aonde pode nascer um facto de origem desconhecida*." (Amaral Dias, 1993b, p. 31). Embora não se trate de uma psicanálise, onde "o analisando pode ir tão longe quanto foi o seu analista, já que este só lhe permite compreender, o que compreendeu nele mesmo" (Amaral Dias, 1983, p. 52), a mente analisada dos terapeutas é condição de base para cumprir a função referida.

No entanto, sendo uma das invariantes do *quadro*, pela sua presença efectiva, a mente dos terapeutas é também parte integrante do processo de desenvolvimento e expansão associado à terapia. Trabalhando em *continente-conteúdo*, a relação entre os terapeutas e as crianças encontra, neste âmbito, equivalências com a relação analítica onde "é impossível o crescimento isolado do analisando, sem o subsequente crescimento mental do analista" (Amaral Dias, 1995, p. 80).

### 5.2.4 - O procedimento "falar-brincar-falar", a diferenciação dos espaços e a interpretação grupal

O grupo como um todo está sempre presente em cada um dos elementos, enquanto estrutura potenciadora. No entanto, as crianças entram no espaço-tempo da sessão enquanto indivíduos sendo assim que a iniciam. Sentados na roda em frente aos terapeutas é-lhes implicitamente, logo de início, passada a palavra, em contexto de total liberdade de expressão. Neste tempo, cuja duração depende exclusivamente das crianças, estas podem pela linguagem verbal colocar os primeiros conteúdos internos a circular na *matriz grupal*. Pelo jogo comunicativo entre o seu

discurso e os comentários/interpretações dos terapeutas, cria-se uma tensão emocional e "prepara-se", via processo associativo livre, a acção que se desenrolará no tempo de brincar.

Estas intervenções dos terapeutas, sendo dirigidas a uma entidade unitária (ao grupo), introduzem desde logo cada um dos elementos na dimensão grupal facilitando o prosseguimento e intensificação dos movimentos colectivos durante o tempo de jogo (não esqueçamos que é o grupo, na sua dimensão colectiva, o objecto terapêutico, tomado como catalisador da projecção do mundo interno dos sujeitos, num processo mediado essencialmente pelo jogo).

Por outro lado, iniciar a sessão em conjunto com os terapeutas, face a face e num tempo-espaco onde a acção está inibida, ao evitar a "anarquia" das interacções, "recorda" a unidade do quadro naquilo que ele tem de mais significativo: as suas regras e a presença de uns "pais"/terapeutas solidamente atentos e disponíveis.

Este tempo, como já referimos, comporta um espaco próprio, diferenciado. Esse espaco, a roda junto dos terapeutas, funciona como um lugar ao qual cada um, depois de "partir" para o jogo, pode voltar sempre que quiser. Esta diferenciação de espacos externos promove a diferenciação de espacos internos, pela equivalência simbólica que neles se articula.

O espaco junto dos terapeutas apresenta-se, neste âmbito, num duplo registo: como o lugar de contenção para os lados mais infantis, mais desamparados, possibilitando protecção, acolhimento, segurança; mas também como o lugar onde são confrontados consigo mesmos, pela acção elucidativa e transformadora dos terapeutas, num apelo ao seu crescimento.

O espaco de jogo, por sua vez, mais distante dos terapeutas, é identificado ao meio exterior aos pais, promovendo a autonomia e liberdade criativa, a individuação e, subseqüentemente, a progressiva construção de um *self* diferenciado. A dialéctica que a psicoterapia analítica de grupo permite entre estes diferentes espacos-tempos, nas suas potencialidades, corresponde à dialéctica inerente ao próprio crescimento emocional.

O procedimento que reúne todos os elementos com os terapeutas, 10 minutos antes do fim da sessão, onde são convidados a contar o que se passou durante o jogo (a que é que brincaram, quais as histórias inventadas...) e a ouvir os terapeutas, revela-se de particular importância.

Aqui, os terapeutas, ao elucidarem o que durante o jogo cada criança dissociou e projectou nos outros, nos próprios terapeutas e no todo grupal (dinâmica expressa pelo jogo, nas fantasias mobilizadas), fazendo perceber que o que ali se passa diz respeito a cada um (grupo externo

equivalente ao grupo interno), "desagrupa", ou seja, devolve a cada um a sua condição de sujeito separado do outro. Separado, mas "inteiro".

A dinâmica grupal, como vimos, promove intensos movimentos de *clivagem e identificação projectiva*. Ao clarificar as ligações, o momento final da sessão assegura a integridade psíquica de cada um dos elementos do grupo, devolvendo-lhes a sua condição subjectiva.

Daqui não se poder considerar, neste modelo, que a interpretação seja estritamente grupal ou seja, dirigida ao *grupo como um todo* (nunca se interpreta no sentido de "*o grupo esteve aqui a mostrar... o grupo está com medo ...*"). Não sendo individualizada, porque nada do que ali se passa é independente da intersubjectividade inerente à dinâmica grupal, em associação aos processos transfero-contratransferenciais, a interpretação é dirigida *a todos*. Pretende mostrar o que é comum e assumido por todos e o que, por outro lado, também dizendo respeito a todos (objectos internos, fantasias, defesas, etc.), está, todavia, distribuído por vários elementos, ou apenas em alguns, ou mesmo concentrado em apenas um deles, principalmente quando o grupo atinge elevados graus de coesão.

A fragilidade narcísica das crianças que constituem estes grupos, por outro lado, afasta-nos das interpretações estritamente individualizadas. De facto, como se viu, o processo grupal arrasta consigo frequentes sentimentos de perda e abandono, o que conduz a uma ressexualização e a uma regressão pela rivalidade entre os seus membros. Toda a interpretação que se centra no indivíduo intensifica nos outros o sentimento de exclusão e, naquele a quem é dirigida a interpretação, o reforço do sentimento de abandono imediatamente após a mesma. Neste contexto, a interpretação que privilegia o indivíduo arrisca-se a ser sentida mais como ameaçadora do que como promotora de significação, tornando-se fonte de excitação. O espaço terapêutico grupal, na latência, não se compadece com este tipo de conteúdo reforçador das diferenças e, por isso mesmo, activador de conflitos.

No que se refere ao comentário final, tal como no psicodrama, este procedimento técnico "(...) favorece a integração e sobretudo inibe o confronto no contexto grupal e as consequências projectivas e disruptivas daí advenientes" (Amaral Dias, 1993a, p. 41). Tarefa tanto mais importante por quanto cada criança se prepara para voltar a si, até que a próxima sessão a retorne ao grupo.

Nem todos os elementos que constituem o quadro são aqui desenvolvidos. Salientámos aqueles que mais directamente interferem com o decorrer do processo terapêutico. Outros, apesar de menos significativos, não deixam de, no seu conjunto, condicionar e contribuir para o mesmo, como por exemplo: o número limite de elementos (sete), a frequência das sessões (uma por

semana), os critérios de selecção dos elementos e a aliança com a família. De qualquer modo, alguns destes aspectos já mereceram desenvolvimento no capítulo 3.

Concluindo este ponto, em relação à primeira questão levantada nesta fase do trabalho, parecemos seguros, face ao acima desenvolvido, responder afirmativamente. Quanto à segunda questão, partimos desde já com uma resposta, também ela afirmativa, que iremos agora procurar justificar. Para isso iremos definir e fundamentar teoricamente a dimensão psicoterapêutica (psicanalítica) ocorrida a partir das condições, já analisadas, criadas pelo *quadro* afecto ao modelo em apreço.

### 5.2.5 - A especificidade da "situação psicanalítica de grupo" na latência

Amaral Dias (1993a), reconhecendo a necessidade de um *quadro* para que os fenómenos mentais possam ser estudados e modificados, considera todavia: "*não basta assumir um procedimento técnico para que ele miraculosamente funcione (...) é preciso integrá-lo no espírito que subjaz ao desenvolvimento processual (...)*" (*op. cit.* p. 41). Relativamente ao nosso estudo, interessa-nos perceber, de facto, até que ponto a proposta artificial de um conjunto de invariantes (o *quadro*) conduz ao desenvolvimento de trabalho psíquico, no caso específico da psicoterapia analítica de grupo com crianças da idade da latência..

Um importante referente teórico suporta-nos nesta pretensão. Trata-se da conceptualização veiculada por Kaës em *Le parole et le Lien* (1994) sobre a "situação psicanalítica de grupo" (*op. cit.* p. 87), conceito proposto para traduzir a ocorrência de um verdadeiro processo psicoterapêutico grupal.

De acordo com o autor, são quatro os factores a ocorrer para que uma *situação psicanalítica de grupo* se constitua. Para Kaës, esses quatro elementos "*permitem especificar a natureza da realidade psíquica que se constitui e qualificar as modalidades e as formas do trabalho psíquico que se efectua*" (*op. cit.* p. 87). O primeiro factor diz respeito às *invariantes do quadro*. Sobre este aspecto já nos debruçamos acima, por isso vamos agora deter-nos nos restantes três: "*a formação de fenómenos de transferência, a constituição de um discurso associativo sob o efeito da regra da associação livre* (formando um aparelho de ligação e transformação dos processos psíquicos) *e o lugar e a função do psicanalista nessa situação*" (*op. cit.* p. 93).

Tomando como referência teórica de base, neste contexto, estes três aspectos propostos por Kaës, passamos à sua elucidação e à respectiva integração no modelo que constitui o nosso objecto de estudo.

### 5.2.5.1 - a formação de fenómenos de transferência

Basicamente, para Kaës, os conteúdos transferidos na situação de grupo dizem respeito: "(...) às formas arcaicas e edipianas da grupalidade psíquica<sup>1</sup> e à repetição das experiências infantis nas quais as formas e os processos dos grupos internos se constituíram" (op. cit. p. 101).

Rouchy (1980), neste âmbito, especifica de forma bastante clara os fenómenos de *difracção* e de *conexão* associados à transferência na situação grupal: "*Uma das especificidades do trabalho de grupo diz respeito às transferências simultâneas sobre diversas pessoas, de uma forma articulada entre uns e outros: seja por deslocamento de objectos internos sobre diferentes pessoas, numa decomposição de diferentes partes do Eu que tomam a aparência de objectos independentes uns dos outros (...); seja pelo deslocamento de personagens internas reencarnadas que ganham sentido pelas relações entre elas. São assim, não apenas os objectos parciais ou as personagens, mas os elementos compósitos da teia de interações familiares que podem ser transferidos sobre o grupo (...) são as conexões que são transferidas*" (op. cit. pp. 55-56).

No fundo, aquilo que Rouchy descreve encontra equivalência nos fenómenos psíquicos de *clivagem* e *identificação projectiva*, seja de objectos parciais ou de modalidades relacionais. Quanto a nós, estes dois conceitos parecem-nos bastante úteis para a compreensão da dinâmica transferencial passada nos grupos e são utilizados, como já referimos, por muitos dos autores (Bion, Ganzarain, etc.) que abordam os fenómenos grupais assumindo o ponto de vista da *teoria das relações de objecto*.

Nesta perspectiva, a transferência em situação de grupo adquire, de facto, configurações particulares. Os terapeutas não são o único objecto de transferência. A relação agida ou imaginada entre os vários indivíduos que compõem o grupo, com o grupo como um todo e com os terapeutas, substitui a relação entre os objectos que formam cada um dos grupos internos (grupo externo equivalente ao grupo interno).

Esta concepção tem, obviamente, uma articulação com a prática terapêutica, tanto no que dela extrai como naquilo que a influencia. Com efeito, os fenómenos observados nos grupos dão-nos conta dessa realidade e esta, por seu lado, viabiliza a compreensão e a interpretação grupal (elucidando o objecto parcial, a personagem ou as relações entre si, que cada um, só ou em relação com outro(s), protagoniza; sendo que um só elemento, as unidades de coligação ou o grupo todo, expressam na sessão partes do mundo interno de cada um dos sujeitos).

---

<sup>1</sup> - O conceito de *grupalidade psíquica*, para Kaës (1994), refere-se às "*formações intrapsíquicas dotadas de propriedades distributivas e permutativas; essas formações são mobilizadas como organizadores dos processos de ligação, de contenção e de transformação, ou seja do aparelho psíquico grupal*" (op. cit. p. 102).

Meltzer (1967) considera que a criança é um ser apto à transferência. Enquanto que no adulto a transferência se percebe, na maior parte das vezes, por dedução, nas crianças a vivência com o(s) outro(s) é sistematicamente sustentada pela projecção de conteúdos internos (objectos, fantasias e *imagos*) manifestamente presentes.

É a tensão emocional vivida na modalidade relacional das crianças, em associação ao conteúdo fantasmático expresso, que nos dá conta da transferência. O grupo, pelas variáveis impostas pelo *quadro*, cria condições propícias à manifestação de movimentos transferenciais, a partir da intensificação de mecanismos de *clivagem* e de *identificação projectiva*. Esses movimentos são facilmente observáveis pelas manifestações associadas ao agir e à fantasia, como também pela sua repercussão contra-transferencial.

Encontramo-los, tal como percebemos na dinâmica relativa ao caso apresentado no capítulo 4, *entre os próprios elementos do grupo*: na atribuição e distribuição de papéis imaginários - polícias, ladrões, super-heróis, chefes, etc., - (como transferência, via projecção, de partes idealizadas e/ou persecutórias); *nas fantasias inconscientes* subjacentes às interações e ligações criadas no jogo - entre os elementos e com o grupo como um todo - (como transferência de modalidades relacionais entre objectos internos, associadas a angústias [fragmentação, aniquilamento, exclusão, ...] ou desejos [fusão, destruição,...]); *no agir* (como transferência de pulsões agressivas ou de sedução dirigidas a objectos internos e/ou externos).

A transferência em relação aos terapeutas, individualmente ou como casal, é observável nestas vias de expressão, mas também nas vivências contra-transferenciais, numa dinâmica em que os conteúdos transferidos e projectados encontram ressonância emocional no(s) continente(s) que os acolhe (às vezes agredido/atacado, outras seduzido; ora percebido como casal [figura combinada] persecutório, ora como casal unido de "pais" bons e protectores, ora como pai forte/protector e mãe má/aprisionante, etc.). Depende da qualidade desse(s) continente(s) a possibilidade de mentalizar essas emoções para, assim, as poder transformar e devolver à sua origem. Essa qualidade, para além da sua dimensão interna e subjectiva, encontra tradução no *quadro*, na correspondência à regra básica da *neutralidade benevolente* da técnica psicanalítica individual.

Com efeito, tal como nesse contexto, também neste *quadro* específico os terapeutas se abstêm de dar resposta às demandas transferenciais dos pacientes, ou do grupo como um todo, não participando nas suas actividades nem fazendo juízos de valor sobre qualquer produção dos mesmos. No entanto, nos grupos de crianças a benevolência dos terapeutas não pode ser passiva; muitas vezes são precisas intervenções verbais mais contundentes, ou mesmo de

carácter activo (físico), face às frequentes passagens ao acto que levam os grupos de crianças, no *aqui e agora* da sessão, a tentar transgredir os limites impostos pelo *quadro*.

De qualquer forma, basicamente, os terapeutas apresentam-se, neste contexto, como entidades abstractas, tornadas reais apenas pelas projecções sobre eles efectuadas. Só assim, nessa não correspondência entre aquilo que nos terapeutas é transferido (e deles é esperado) e aquilo que estes oferecem, é que os mesmos se podem assumir como agentes mobilizadores da substituição da repetição pela transformação.

#### 5.2.5.2 - a constituição de um discurso associativo

Kaës (1994) afirma os processos associativos ocorridos numa situação grupal como "*um trabalho psíquico de intersubjectividade*" (*op. cit.* p. 263). Para o autor, os conteúdos inconscientes de cada sujeito são dissociados da carga económica afecta e tornam-se acessíveis à consciência por intermédio de representações propostas por outros membros do grupo, com as quais se estabelecem movimentos de identificação e de *insight*. Estas representações abrem o seu caminho ao nível do pré-consciente, organizando uma atribuição de significado acompanhada por sentimentos de prazer.

Cada sujeito, na sua singularidade no contexto grupal, incorpora ou introjecta, contém ou transforma formações e processos psíquicos, ou seja, objectos, representações, emoções e pensamentos, que pertencem a um ou a muitos outros sujeitos e, também, à ligação entre eles. Para Kaës (1994) "*a estratégia de ligação de cada sujeito é de fazer-se representar, nas suas relações de objecto, nas suas imagos, identificações e fantasmas inconscientes, num outro ou num conjunto de outros (...) por outro lado, cada sujeito liga as suas próprias representações psíquicas com as representações de outros sujeitos, que também contém em si*" (*op. cit.* p. 106).

Na situação grupal, um determinado conteúdo significativo, normalmente proposto por um elemento singular, vai actuar como incentivo ao processo associativo. O movimento que conduz os vários elementos do grupo a associarem-se entre si e a associarem as representações e os afectos, na sua lógica intrapsíquica e intersubjectiva, são, segundo Kaës (1994) a *dramatização* - enquanto "*modo específico de relação e de não-relação que o sujeito estabelece com os seu objectos*" (*op. cit.* p.145) - e a *identificação*. São estes dois fenómenos que promovem a *ressonância fantasmática* (Ezriel, Foulkes) congregadora e tornam possível a figuração "cénica" dos conteúdos circulantes.

Na psicoterapia analítica grupal com crianças da latência, a vida emocional do grupo e o encadeamento de conteúdos nele projectados, assumindo expressão na dinâmica implícita à verbalização e ao jogo, dá-nos conta do processo associativo. Tratando-se de palavra e jogo *livres* abre-se caminho, subsequentemente, à *associação livre*, naquilo que este procedimento possibilita em termos de acesso às formações psíquicas inconscientes, ou seja, à autêntica expressão do mundo interno.

A *mentalidade grupal*, na sua dimensão congregadora, facilita a organização das associações produzidas pelos vários elementos num *tema dominante*<sup>1</sup>, que acaba por constituir-se como o eixo central do processo associativo. É à emergência deste *tema dominante*, consubstanciado por fantasias e/ou ansiedades conscientes e/ou inconscientes, que os terapeutas prestam atenção. A acção dos terapeutas passa precisamente pela análise (no sentido da compreensão e elucidação) do *tema dominante* - no seu enquadramento transferencial -, seja aquele que ocorre numa sessão singular, seja aquele que atravessa várias sessões (pode ser o medo do abandono, a rivalidade fraterna, a inveja, a angústia de aniquilamento, de castração, etc.).

A especificidade do quadro proposto, ao impor um procedimento organizado - falar-brincar-falar -, de alguma forma condiciona as formas expressivas do processo associativo. Todavia, a liberdade associativa atravessa toda a sessão (ao contrário, por exemplo, do *quadro* psicodramático onde a acção é proposta e conduzida pelo terapeuta). O jogo, ao oferecer-se como meio privilegiado de expressão (como já desenvolvemos anteriormente), possibilita a dramatização dos conteúdos em associação, facilitando a sua organização, pela ordem e regras inerentes ao brincar, numa unidade potenciadora de sentido (o *tema dominante*). É evidente que em muitas sessões é a dispersão associativa que domina. No entanto, essa dispersão é, na maioria das vezes, ela própria o denominador comum, ou seja, o *tema dominante* a enquadrar na dinâmica do grupo e naquilo que aí significa.

As sessões 22 e 24 do processo terapêutico descrito no capítulo 4 constituem bons exemplos de encadeamentos associativos, onde a palavra/acção de um elemento singular induz todo um processo de associações, numa adesão de todos os participantes em redor do tema *Édipo precoce* naquilo que daí resulta em termos de angústias e fantasias inconscientes. Decorrente desta dinâmica associativa, o jogo assumiu, como vimos, formas particulares de configuração.

---

<sup>1</sup> - Aquilo que nós chamamos *tema dominante*, encontra tradução no conceito de *fantasma organizador*, proposto por Kaës (1994), enquanto entidade que "*organiza conjuntamente o processo associativo, os posicionamentos subjectivos e intersubjectivos e os movimentos transferenciais*" (*op. cit.* p. 138)

### 5.2.5.3 - o lugar e a função do psicanalista

Para Kaës (1994), o trabalho do psicanalista nos grupos é o de analisar as ligações que se constituem no campo dinâmico da transferência e da contra-transferência, promovendo o desligamento dos investimentos e das representações, dos pactos e dos contratos efectuados no grupo e que sustentam as coligações. Trata-se, então, de "desagrupar", em cada sujeito do grupo e o grupo enquanto tal, na correspondência entre a grupalidade psíquica e o agrupamento de sujeitos.

Assim, para o autor, o trabalho terapêutico do psicanalista consiste em "*restituir a cada elemento a sua condição subjectiva, pelo desligamento dos seus arranjos grupais e dos benefícios que daí derivam para cada um*" (op. cit. p. 147). É a articulação entre os dois tipos de funcionamento, intra e inter-psíquicos, na lógica dos seus efeitos de manutenção ou transformação dos conteúdos internos, que deve ser trabalhada pelo analista.

O lugar do psicanalista num grupo resulta da tensão existente entre aquilo que lhe é solicitado e aquilo que ele oferece. Neste contexto, a posição psicanalítica demarca-se radicalmente da psicologia social que ocupa esse lugar com a protagonização de um líder, monitor ou animador. Todavia, o fantasma do fundador e/ou do líder confronta o psicanalista na prática psicoterapêutica grupal. É sobre estas e outras representações concebidas pelos sujeitos do grupo que se organiza a transferência. No entanto, parte da regra básica da neutralidade e abstinência que o psicanalista não pode realmente ocupar nenhum dos lugares que lhe são solicitados via transferência, precisamente para que essas representações, ao serviço da resistência, possam ser elucidadas e transformadas.

A co-presença dos membros do grupo com o mesmo psicanalista constitui-se como um dos suportes de identificação entre os participantes, um dos elementos fundamentais do campo transferencial e contra-transferencial em situação de grupo. Esta particularidade do espaço psíquico produz efeitos específicos de regressão, de identificações e de mecanismos de defesa.

Na situação psicanalítica grupal associada ao quadro em estudo, podemos considerar que a acção propriamente terapêutica, protagonizada pelos terapeutas - tal como temos vindo a descrever<sup>1</sup> - é complementada pelo trabalho de preservação do *quadro*, no sentido de criar e consolidar um espaço/continente por si só a constituir-se como lugar de restauração narcísica para as crianças. Um lugar onde o *prazer de funcionamento do Eu* (Kestemberg, 1966) possa estar presente, ao serviço das aquisições esperadas para o *período de latência*.

---

<sup>1</sup> - Ver, por exemplo, o item 5.2.4, onde podemos perceber pontos de equivalência entre a função dos terapeutas na psicoterapia analítica de grupo com crianças e a proposta de Kaës para o *lugar e função do psicanalista*.

Esta é uma função fundamental dos terapeutas, pois é a partir daqui que o grau de projecção de conteúdos internos, no grupo como um todo e em cada um dos diferentes elementos, assume um carácter mobilizador de conflitos interpretáveis. Principalmente no início do processo terapêutico, é o continente grupal, ou seja o próprio *quadro*, que deve ser o alvo da atenção dos terapeutas, mais do que os conteúdos nele projectados. De facto, face às intensas angústias primárias que a grupalidade induz no início da sua formação, mais do que a análise profunda dos conteúdos inconscientes, o grupo beneficia com a acção tranquilizadora traduzida pela tolerância, compreensão e contenção dos terapeutas, expressa na sua própria tranquilidade e segurança e em comentários mais contentores do que tradutores. Com efeito, o acto de interpretar deve incluir também o de *não interpretar*, cabendo aos terapeutas perceber qual a modalidade mais adequada às vivências emocionais do grupo e ao seu potencial evolutivo.

Apresentados alguns fundamentos teóricos do *quadro*, podemos afirmar, numa perspectiva mais abrangente, que a psicoterapia analítica de grupo se propõe numa dupla dimensão terapêutica em relação às crianças do *período de latência*. Por um lado, como terapia experiencial, ou seja, viabilizando condições para que as crianças possam, por elas próprias, aceder à interacção com os meios "naturais", isto é, facilitadores das aquisições esperadas para a sua faixa etária (principalmente o grupo de pares e o jogo livre). Por outro lado, como terapia analítica, onde um processo de projecção, contenção e transformação de conteúdos mentais ocorra e possa conduzir ao desejável crescimento emocional das crianças, integrando-as, como pretendemos concluir no próximo ponto, no *período de latência*.

### 5.3 - PSICOTERAPIA ANALÍTICA DE GRUPO: UM QUADRO PARA A INSTAURAÇÃO DA LATÊNCIA

#### 5.3.1 - *Em síntese*

Como já demos a perceber, concebemos a latência como um período não estritamente defensivo e de adormecimento emocional, mas sim como um tempo de recapitulação, elaboração e integração. Entram em jogo, neste âmbito, de forma activa e dramatizada, forças regressivas e progressivas, actuando ora num sentido ora noutro, num ir e vir contínuo, numa clara oscilação entre *processo primário* e *processo secundário*.

A recapitulação da vida fantasmática encontra agora um acesso à expressão, numa altura em que a actuação de elementos progressivos se constitui como força estabilizadora, garantindo o

equilíbrio psíquico. Enquanto a criança pequena tende a somatizar ou a agir as suas ansiedades, a criança da latência pode mentalizar, uma vez que já detém recursos para tal. No entanto, pensar implica estabelecer limites diferenciadores, particularmente entre o *self* e o objecto. As perturbações do pensamento, ou seja, da capacidade em mentalizar as experiências emocionais, encontram-se associadas às dificuldades em aceitar um *quadro* e os seus limites.

Face às conhecidas contingências da intervenção terapêutica individual com as crianças da idade da latência, em virtude do carácter invasivo e ameaçador com que a criança conota a proximidade do adulto, os grupos terapêuticos surgem, pensamos nós, como uma modalidade aconselhável para as crianças problemáticas desta faixa etária.

Principalmente para as crianças cujas patologias se inscrevem em *quadros limite* ou *neuróticos* e cujas idades se situam na primeira fase da latência - dos seis aos oito anos -, o *grupo unissexual de jogo livre* promove a dinâmica necessária à expressão e elaboração dos conteúdos inibidores do desenvolvimento psíquico.

Como temos vindo a fundamentar, o *quadro* proposto na psicoterapia psicanalítica de grupo para as crianças da primeira fase da latência constitui-se como uma matriz simbólica de crescimento para as mesmas, uma vez que contém os elementos fundamentais inerentes à dinâmica psíquica desta faixa etária: a possibilidade de potenciar a expressão psicomotora e o imaginário através do jogo; o grupo de pares como catalisador dos movimentos identificatórios; e o casal de terapeutas, entidade pensante e transformadora, mas também promotora de intensos movimentos transferenciais ligados à problemática edipiana, pela sua equivalência fantasmática ao casal parental.

Este *quadro* cria e delimita uma realidade abstracta, gera um espaço que diferencia o dentro e o fora, criando uma *área transicional* (Winnicott, 1971a) onde o *real*, o *imaginário* e o *simbólico* se articulam. Assim se oferece às crianças com dificuldade em integrar a latência, a possibilidade de expressar e elaborar as suas angústias mais arcaicas e de interiorizar um espaço de pensamento, uma área de simbolização.

Essa situação pré-fabricada oferece-se, de acordo com Amaral Dias (1983), como continente do *processo primário* e viabiliza a actividade projectiva, meio privilegiado de expressão do mundo interno, pondo em marcha os principais factores de crescimento mental: o conhecimento de si, as alterações defensivas, a interpretação mutativa e o *working through*.

Já vimos, também, que a função de contenção e de transformação pode ser operada por várias entidades: pelos terapeutas - através da sua disponibilidade e capacidade de pensar -, pelo próprio grupo como um todo - via mobilização do imaginário implícito nas fantasias

materializadas nos jogos, sustentadas na circulação fantasmática catalisada pela *mentalidade grupal* -, e também por um qualquer elemento do grupo - pelas suas verbalizações e pelos seus papéis, tanto no jogo (super-herói, ladrão, rei ...), como no âmbito da dinâmica grupal (líder, bode expiatório ...).

Em grupo, o curso dos pensamentos é profundamente modificado pela situação intersubjectiva grupal. A comunhão das identificações e dos fantasmas inconscientes asseguram a perlaboração intersubjectiva, em que a transformação se realiza pelo emparelhamento das mentes, o que implica a anulação parcial dos limites singulares.

A transformação dos conteúdos singulares, ou seja, de cada um dos elementos, passa, em primeiro lugar por um processo de projecção induzido por um determinado elemento que irá colocar determinado conteúdo à disposição dos restantes elementos. A partir do momento em que o processo associativo leva (embora possa não acontecer) os elementos a partilhar um *fantasma organizador*, numa dinâmica intertransferencial, este pode ser expresso (*tema dominante*) e transformado, via imaginário, nos jogos produzidos. Também a acção pensante e a palavra dos terapeutas conduz à transformação, cuja repercussão individual será operada por movimentos de identificação introjectiva. Assim, o grupo potencia a transformação do impensável, em que cada um empresta o próprio *aparelho de pensar os pensamentos*, desde que haja potencialidade identificatória, colocando-o ao serviço da transformação dos conteúdos de difícil elaboração mental.

### 5.3.2 - *Re(vi)viendo a clínica*

Foi no contexto acima referido, em termos de possibilidades oferecidas e de registo de funcionamento mental, que assistimos no caso grupal que constituiu a nossa ilustração ao decorrer de um percurso de sucessivos processos de expressão e elaboração de angústias, desejos, actuações, bem como de fantasias aprisionantes e impeditivas de um adequado crescimento emocional. O grupo criado conseguiu constituir-se como entidade potenciadora de crescimento e transformação, pois reuniu as condições desejáveis para esse propósito. Tanto no que se refere ao *quadro*, como às capacidades do casal de terapeutas e, talvez não menos importante, no que diz respeito ao acaso com sentido que proporcionou o encontro entre aqueles, e não outros, pequenos rapazes que constituíram o grupo.

Assim, tendo em conta o que já descrevemos, foi possível observar um processo de rica manifestação psíquica, numa clara singularidade no que diz respeito à *cultura grupal* expressa. Sempre em oscilação entre momentos extremamente defensivos e de forte dispersão e outros de

plena elaboração e integração, aliás em acordo com o próprio funcionamento mental, o trabalho terapêutico viabilizou ao grupo o acesso progressivo à instauração da latência naquilo que mais a caracteriza: a renúncia edipiana, a mobilização do imaginário, os movimentos identificatórios, o reforço do Eu e a diferenciação do Super Eu.

Esta evolução foi dinamizada por fenómenos grupais bem patentes. Com efeito, assistimos a um início marcado por acentuados movimentos defensivos contra a fantasmática primária, ameaçadora, que a própria grupalidade induz. A tendência à dispersão e ao agir, com pouca consistência do imaginário colocado ao serviço dos jogos, traduziu a dificuldade inicial em lidar com a tendência natural deste tipo de grupos em criar um *aparelho psíquico grupal*, unidade congregadora dos vários psiquismos e, por isso mesmo, ameaçadora da integridade psíquica de cada elemento.

Progressivamente, o grupo foi ganhando coesão, constituindo de forma cada vez mais consolidada essa entidade de ligações intersubjectivas, capaz de fazer circular conteúdos internos por todos partilhados. O jogo foi sendo, assim, enriquecido, a emergência pulsional desacelerou e a recapitulação das vivências fantasmáticas mais arcaicas encontrou formas mais sólidas de expressão e elaboração. A emergência de um líder (Rafael) mostrou-se altamente construtiva neste grupo, ajudando-o à contenção dos próprios conteúdos projectados, à instauração de uma ordem simbólica sustentada por regras e à mobilização das identificações.

A temática edipiana, primeiramente no seu carácter mais primário, encontrou, a partir de certa altura, um palco para a sua expressão e transformação. De facto, várias foram as sessões em que, com certa violência, foram revividas acentuadas angústias de separação associadas a intensos ataques destrutivos à entidade pai/mãe juntos. Essencialmente por mecanismos de *clivagem e identificação projectiva*, os elementos do grupo foram exteriorizando as suas angústias mais primárias (paranóides, de exclusão e de aniquilamento), para, progressivamente, acederem a níveis de pensamento cada vez mais sustentados no *processo secundário*.

Já perto do final da psicoterapia, conseguiram atingir um nível mais elaborado de crescimento, entrando em contacto com um cenário edipiano de carácter genital, agora menos ameaçador e mais estruturante. De facto, a expressão depressiva associada à separação e à remissão para os seus lugares de seres imaturos foi notória, traduzindo uma maior tolerância à condição frágil de cada um. Este aspecto tornou-se possível porque, para além da desintoxicação proporcionada pela dinâmica grupal - dos conteúdos mais primários -, o grupo viabilizou um crescendo significativo dos movimentos identificatórios, do imaginário e uma capacidade para lidar com os limites implícitos ao *quadro* terapêutico. Neste contexto, foi-lhes facilitada a matriz edipiana desejável, permitindo-lhes a interiorização da mesma, de forma a que a discriminação entre sexos e gerações fosse possível.

A diminuição da onipotência da fantasia foi também alcançada, traduzindo-se numa crescente substituição do agir pulsional pela elaboração de jogos cada vez mais consistentes (lutas, criação de espaços - casas, cafés, esquadras - aventuras de super-heróis, jogos de habilidades motoras e de competição, etc.) e colocados ao serviço de movimentos de contra-investimento narcísico e do prazer de funcionamento do Eu, numa dinâmica típica da latência.

A construção invariante de um espaço-casa ao longo de todo o processo terapêutico, sessão a sessão, traduziu bem a construção progressiva de um espaço interno, cada vez mais capaz de pôr em contacto diferentes partes do mundo psíquico. Esta dimensão ficou bem patente nas modificações crescentes que esse espaço-casa foi ganhando ao longo da vida do grupo. No fim, é um espaço a que todos acedem, com lugar para o casal de terapeutas e com sub-espaços diferenciados no seu interior, todos eles com canais de ligação entre si. A realidade não nos podia oferecer melhor cenário da dimensão interna alcançada, em termos de espaço e funcionamento mental deste grupo e, certamente, de alguns dos seus elementos.

### 5.3.3 - Concluindo

A observação clínica efectuada ao grupo estudado neste trabalho, em associação à nossa própria experiência no campo, permite-nos constatar, em acordo com o que alguns autores afirmam (*vide* capítulo 1), como a mobilização do imaginário no processo terapêutico, promovida pelo *quadro* e pela própria dinâmica grupal, se constitui como o catalisador primordial do desenvolvimento, integrando as crianças na latência. Com efeito, o imaginário mobilizado nos jogos dramatizados fornece representações, tornando pensável o impensável. Assim se vai formando um espaço psíquico, grupal e individual, onde a *clivagem* e a *identificação projectiva* podem ultrapassar a função defensiva primária para entrar ao serviço das aquisições típicas da latência, ao possibilitar o ensaio de papéis, idealizados e/ou sociais, e a divisão organizadora do real: os "bons" e os "maus", os pequenos e os grandes, os meninos e as meninas, etc..

A interiorização do espaço de simbolização consubstanciado pelo *quadro* terapêutico, consolida a tridimensionalidade da vida psíquica<sup>1</sup>, viabilizando a existência de um *aparelho para pensar os pensamentos*, mais especificamente, no caso do psiquismo na latência, um **aparelho de jogar/imaginar os pensamentos**. Por este processo de transformação a criança encaminha-se para a progressiva separação/diferenciação dos objectos parentais, na direcção do investimento no Eu, isto é, da narcisização. Neste percurso, a criança passará pelo luto implícito

---

<sup>1</sup> - A tridimensionalidade da vida psíquica implica, de acordo com Amaral Dias (1988) "*a representação do self e dos objectos em espaços potenciais, a existência de uma função continente completamente internalizada (identificação conseguida à função continente), mas ainda a reversibilidade na diferenciação entre o self e o objecto e um caminho para a relatividade temporal*" (*op. cit.* p. 82).

à falência edipiana, mas poderá idealizar para si um novo projecto edipiano, diferido no tempo e sustentado pela dimensão do imaginário.

Ao mesmo tempo, a criança acompanha este jogo intrapsíquico com a aprendizagem de uma ordem pré-estabelecida, um conjunto de regras. Neste contexto, o Super Eu pós-edipiano vai-se consolidando a partir da introjecção da norma (bem patente no *quadro*), enquanto convenção colectiva implícita no sistema da linguagem e na simbolização secundária. Simultaneamente, revê com um novo "olhar" as coordenadas da simbolização primária.

A psicopatologia específica das crianças pode facilmente ser activada e revivida neste novo contexto de socialização e de implícito "vai-vem" oscilante entre família-grupo. O grupo funciona, assim, como entidade reguladora e homogeneizadora de um Super Eu muito "preso" às características primárias do quadro familiar, conduzindo-o a uma maior abrangência e adequação social.

Por outro lado, o encontro com o grupo de pares, ao reforçar a necessária autonomização em relação ao quadro familiar, permite promover a subjectivização da formação interna do Super Eu. Este processo é facilitado pela especificidade das funções psíquicas do grupo de crianças na latência, onde uma série de transacções entre vários "Super Eus" particulares permite o confronto e identificações cruzadas entre formas diversas de dizer/fazer/pensar.

Resumindo, a criança, partindo do real (sensorial) do seu corpo, entra na latência pela via do imaginário, acedendo ao simbólico pela utilização dos processos dramáticos e narrativos e pela sujeição às regras e leis exteriores a si mesmas. Com efeito, também no grupo a criança, confrontada com o real do seu corpo imaturo, submete-se, ao mesmo tempo, à lei simbólica veiculada pelas regras e limites do *quadro*. Utiliza então, através do jogo especular das identificações em grupo, o imaginário e o ideal, ou seja, toda a imagem que venha contrabalançar as perdas sofridas - induzidas pelo Édipo - recorrendo à fantasia, à construção de sonhos acordados, em que, particularmente os rapazes, procuram competir, lutar e identificar-se aos heróis vitoriosos.

A dramatização, ou seja, a colocação em acção das fantasias, ao inscrever-se não só no corpo, mas também na linguagem e na construção narrativa, viabiliza a integração do *processo secundário* e a instauração da latência. Com efeito, os temas que atravessam os jogos, ao constituírem-se como continente do pensamento sensório-motor, permitem articular acção e pensamento, numa interacção específica entre o *real* do corpo imaturo da criança, a mobilização do *imaginário* (pela fantasia) e a submissão deste à *ordem simbólica* (regras, leis e linguagem).

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

---

À medida que foi decorrendo o nosso trabalho, fomos nos confrontando com os seus próprios limites, ao mesmo tempo que novas dúvidas e interrogações nos assaltavam.

Uma primeira limitação desta dissertação reside na fragilidade que qualquer proposta de fundamentação teórica e/ou clínica comporta. De facto, somente o retorno à prática clínica nos permitirá avaliar a consistência da nossa elaboração. Será medida pela nossa evolução enquanto psicoterapeutas, no contexto da psicoterapia analítica de grupo, obviamente, a partir da articulação entre a nossa capacidade de compreensão e intervenção e os resultados terapêuticos alcançados pelas crianças.

Por outro lado, apesar da nossa experiência clínica estar presente em tudo o que construímos no plano teórico, como um saber disponível à transformação, sustentámos parte deste nosso trabalho num único estudo de caso, o que inviabiliza generalizações consistentes. Com efeito, os progressos na elaboração da teoria, da metodologia e da clínica psicanalítica de grupos com crianças da latência dependerá do estabelecimento de um corpo mínimo de proposições sobre as invariantes da *situação psicanalítica de grupo*, sobre o espaço analítico construído, sobre a dinâmica associativa grupal e sobre a interpretação. Para isso será necessário, a partir da invariância do *quadro*, investigar clinicamente outros casos, nomeadamente em grupos de meninas, e estabelecer análises de conteúdo comparativas. Esperamos que o nosso trabalho possa servir como ponto de partida para essa procura. Procura essa que poderá assumir outras dimensões interessantes, particularmente no âmbito clínico. Por exemplo, o estudo articulado entre a dinâmica psíquica evolutiva registada no grupo de crianças e aquela que se passa no respectivo grupo de pais; a avaliação, rigorosamente sustentada em técnicas de observação e avaliação psicológica, dos progressos denotados pelas crianças em termos psicopatológicos; o estudo das vantagens e limites desta modalidade psicoterapêutica enquanto instrumento de observação psicológica das crianças, consideradas individualmente, e suas possibilidades de utilização como método de investigação psicanalítica da psicopatologia dinâmica do desenvolvimento.

Uma outra limitação que queremos referir, neste caso metodológica, passa pelo nosso sentimento de que a descrição escrita de um processo terapêutico é incapaz de se manter fiel à

realidade de uma experiência psíquica. Esta, no contexto grupal, é plural, partilhada, não redutível a um discurso sustentado num ponto de vista, apesar de tudo, sempre subjectivo. Sobre quem, sobre quê, por quem e em nome de quê expomos nós o que escrevemos, transcrevemos? Talvez o mais rico da vivência clínica se perca numa mera descrição. Por muito elaborada que seja, esta não pode dar conta do que sentimos no *aqui e agora* das sessões, ou seja ficamos desde logo limitados quanto à expressão da contra-transferência como veículo de elucidação. Essa, ficou num lugar de difícil acesso, diluiu-se na relação da co-terapia, foi transformada no momento em que sustentou as interpretações. Não há papel que a faça retornar.

Como dizer acerca de uma vivência de complexidade tão ampliada pela dimensão grupal? Como transmitir a simultaneidade das produções e aquilo que é por nós entendido a partir da nossa observação daquilo que as crianças dizem, fazem, do que não dizem e não fazem, do que não querem dizer nem fazer? É difícil responder. Não conhecemos, contudo, na dimensão de investigação em que nos situamos, alternativas credíveis à transcrição de sessões. Mas não nos deixemos enredar pelo terreno movediço do realismo. Acreditamos que a verdade do que dissemos acerca do grupo, sobre o processo terapêutico, aparece no encontro sem hora marcada com o nosso próprio pensamento, sempre em transformação, sobre a experiência emocional que nele e com ele registámos. Não é a verdade da realidade - essa é indizível - mas é a única verdade passível de tradução e de expansão.

Num outro contexto, um problema teórico-técnico atravessou todo o nosso pensamento ao longo do trabalho e mantém-se, talvez até de forma ampliada. Passa pela dialéctica entre o intrapsíquico e o interpsíquico: se nos parecem plausíveis, porque constatáveis, as concepções quanto à forma como se operam os processos psíquicos colectivos (via formação de uma *aparelho psíquico grupal, mentalidade grupal*, organizadores de uma intersubjectividade psíquica sustentada em fenómenos de *clivagem e identificação projectiva*), já não podemos assumir como claro, para nós, o modo como esses processos e formações se traduzem em agentes catalisadores de transformação e crescimento no plano individual.

É suposto que uma interpretação dirigida exclusivamente ao grupo - normalmente, só no fim da sessão - se repercute no espaço intrapsíquico dos seus membros, por identificação introjectiva ou pelos efeitos de elucidação do sistema interactivo do grupo, a partir da ideia de que este traduz o conflito de cada um. No entanto, não nos parece suficiente para explicar, ou justificar, aquilo que talvez seja o mais importante do trabalho terapêutico grupal: o "desagrupamento".

Para além das potencialidades experienciais e de *catarse* que o grupo oferece, até que ponto estão criadas as condições para que aquilo que é projectado por cada criança e jogado na

intersubjectividade, encontre um caminho de retorno, em transformação? Será que a palavra dos terapeutas, no fim da sessão, é suficiente para que tal aconteça? Esta dúvida decorre da constatação de elevadíssimos níveis de ansiedade e agitação que notamos nas crianças na hora de se sentarem para conversar, próximo do final da sessão, o que dificulta a própria actividade interpretativa. O contraste entre aquilo que o jogo livre promove - a liberdade de descarga pulsional, de criação imaginária e de circulação de afectos e emoções, em múltiplos níveis vinculativos - e o corte abrupto introduzido pelos terapeutas, para que um tempo de verbalização se faça, parece-nos demasiado radical, apesar de encontrarmos fundamentos nesse procedimento.

Uma maior interacção do trabalho interpretativo, também ele mais produtivo se mais liberto, com o que se vai passando ao longo da sessão, no *aquí e agora* do material expresso, talvez promovesse uma fluidez diferente no próprio processo terapêutico. O objectivo seria tornar o processo de agrupamento (o meio) mais articulado e contínuo com o necessário processo de "desagrupamento" (o fim). Essa mudança, contudo, implicaria uma experimentação técnica que provavelmente levaria a que os terapeutas também entrassem no terreno do jogo. De que forma e em que medida essa mudança se poderia processar, de modo a manter a não-directividade como regra básica do *quadro*, fica em aberto como proposta de reflexão.

Quanto à nossa preocupação inicial, apesar das limitações apontadas, pensamos ter alcançado o nosso propósito de apresentação sistematizada de um modelo específico de intervenção psicoterapêutica. Também esperamos ter contribuído para a construção de um processo de reflexão sobre a sua consistência conceptual e metodológica.

Como sabemos, em termos epistemológicos, também no campo do conhecimento psicanalítico o objecto constitui-se a partir do método. Assim, a construção do saber sobre o sujeito (objecto da psicanálise), nas suas dimensões conscientes e, principalmente, inconscientes, não pode ser dissociada das condições da sua elaboração. Neste sentido, o conhecimento viabilizado pelo modelo apresentado, afirmado como pertencente ao campo do conhecimento psicanalítico, mostra-se congruente com as características do seu próprio objecto: é infinitamente aberto, mas acessível na proporção do rigor da sua metodologia (do seu *quadro*).

Para terminar, uma palavra sobre o estar em grupo. Classicamente concebido como lugar de restauração narcísica, o grupo comporta também, em si mesmo, uma violência para aqueles que o constituem. Com efeito, a situação grupal, como vimos, reactiva intensas fantasias de abandono e, por outro lado, a sua pluralidade suscita angústias arcaicas de carácter psicótico, tais como as de aniquilamento e fragmentação (aspectos amplamente descritos por Bion e

outros). Esta questão ganha particular importância, na medida em que os grupos terapêuticos em causa se destinam a crianças narcisicamente frágeis, quer pela sua idade, quer pelo facto de serem portadores de sintomas, geralmente vividos como fraquezas.

Na psicoterapia psicanalítica de grupo com crianças da idade da latência, cabe aos terapeutas a difícil tarefa de se colocarem como seus aliados na aventura grupal. A experiência grupal proporciona, por si só, movimentos de crescimento, mas também, como percebemos, suscita intensos ataques destrutivos ao *quadro* e à capacidade de pensar dos terapeutas. Nestas alturas o grupo luta contra a transformação, em que o inimigo parece ser o conhecimento e o pensamento. São tentativas para colocar os terapeutas e o próprio grupo, como sistemas incapazes de compreender a experiência emocional.

Neste sentido, o trabalho interpretativo por parte dos terapeutas está sujeito a consideráveis actuações contra-transferenciais, num funcionamento especular retaliatório da agressão, o que reforça nas crianças os aspectos persecutórios associados às figuras adultas. Conhecer e compreender as vicissitudes psíquicas das crianças da latência ajuda os terapeutas a criar uma função continente, organizadora de um espaço interno capaz de tolerar a agressão que lhes é dirigida. Condição necessária para a própria preservação do *quadro* e para a transformação dos conteúdos intoleráveis das crianças, no caminho do seu crescimento emocional. Esta questão está bem expressa naquilo que nos diz uma das crianças, já no fim do processo terapêutico: "*é bom estar aqui quando vocês não se importam que a gente faça de conta que somos grandes e fortes*".

Em psicoterapia de grupo o necessário contra-investimento narcísico da criança da latência mexe com o nosso próprio narcisismo, coloca-nos como rivais, numa intensidade aumentada exponencialmente pela dimensão grupal. Ganhar-lhes nesse combate é muito fácil. Difícil é sermos aí adultos capazes de lhes alimentar a promessa e a esperança de que um dia também eles serão grandes.

## BIBLIOGRAFIA

---

- ABREU, P. (1992). *O Modelo do Psicodrama Moreniano*. Coimbra, Edições Psiquiatria Clínica.
- AGAZARIAN, Y. (1989). Group-as-a-whole systems theory and practice. *Journal of the Eastern Group Psychotherapy Society*, 13, 131-155.
- AGAZARIAN, Y. (1992). Contemporary theories of group psychotherapy: a systems approach to the group-as-a-whole. *Int. J. Group Psychotherapy*, 42, 177-203.
- AJURIAGUERRA, J.; MARCELLI, D. (1984). *Manual de Psicopatologia Infantil*. Porto Alegre, Artes Médicas, 1986.
- ALPERT, A. (1941). The latency period: re-examination in an educational setting. *The American Journal of Orthopsychiatry*, 11, 126-132.
- ALVAREZ, A. (1988). Beyond the unpleasure principle: some preconditions for thinking through play. *J. Child Psychoterapy*, 14, 1-13.
- AMARAL DIAS, C. (1983). *Espaço e Relação Terapêutica*. Coimbra, Coimbra Editora.
- AMARAL DIAS, C. (1988). *Para uma Psicanálise da Relação*. Porto, Afrontamento.
- AMARAL DIAS, C. (1993a). *Palcos do Imaginário*. Lisboa, Fenda.
- AMARAL DIAS, C. (1993b). *Só Deus em Mim se Opõe a Deus*. Lisboa, Fenda.
- AMARAL DIAS, C. (1995). *A (Re)Pensar*. Porto, Afrontamento.
- AMARAL DIAS, C.; FLEMING, M. (1998). *Psicanálise em Tempo de Mudança*. Porto, Afrontamento.
- ANZIEU, D. (1984). *Le Groupe et l'Inconscient*. Paris, Dunod, 1996.
- ANZIEU, D. (1986). Cadre psychanalytique et enveloppes groupales. *Journal de la Psychanalyse de L'Enfant*, 2, 12-24.
- ANZIEU, D.; MARTIN, J.-Y. (1994). *La Dynamique des Groupes Restreints*. Paris, P.U.F..
- ARBISIO-LESOURD, C. (1997). *L'Enfant de la Période de Latence*, Paris, Dunod.
- ASHBACH, C.; SCHERMER, V. (1987). *Object Relations, the Self and the Group*. London-New York, Routledge & Kegan Paul.
- AXLINE, V. (1947). *Play Therapy*. Boston, Houghton Mifflin.
- BACHMANN, J.; PÉREZ, E. (1989). La psychothérapie de groupe d'enfants, in Manzano, J. *Thérapies en Psychiatrie Infantile et en Psychopédagogie*, Meyzieu, Césura Lyon.
- BADINTER, E. (1992). *XY Identidade Masculina*. Porto, Asa, 1993.
- BECKER, T. (1974). On latency. *The Psychoanalytic Study of the Child*, 29, 3-11.

- BÉJARANO, A. (1971). Le clivage du transfert dans les groupes. *Perspectives Psychiatriques*, 33, 15-22.
- BÉJARANO, A. (1972). Résistance et transfert dans les groupes, in Anzieu et al. *Le Travail Psychanalytique dans les Groupes*, Paris, Dunod, 1982.
- BERGERET, J. (1974). *La Personnalité Normal et Pathologique*. Paris, Dunod.
- BION, W. (1957). Diferenciação entre a personalidade psicótica e a personalidade não-psicótica, in Spillius, E. (Ed). *Melanie Klein Hoje*, Rio de Janeiro, Imago, 1991.
- BION, W. (1961). *Recherches sur les Petits Groupes*. Paris, P.U.F., 1991.
- BION, W. (1962). *Learning from Experience*. London, Heinemann,
- BION, W. (1963). *Elements of Psychoanalysis*. London, Heinemann,
- BION, W. (1970). *Attention and Interpretation*. London, Karnac Books, 1984.
- BLEGER, J. (1966). Psychanalyse du cadre psychanalytique, in Kaës, R.; Missenard, A. et al. *Crise, Rupture et Dépassement*, Paris, Dunod, 1979.
- BORNSTEIN, B. (1951). On latency. *The Psychoanalytic Study of the Child*, 6, 279-285.
- BORNSTEIN, B. (1953). Masturbation in latency period. *The Psychoanalytic Study of the Child*, 8, 65-78.
- BOWLBY, J. (1958). A natureza da ligação da criança à mãe, in Soczka, L. *As Ligações Infantis*, Amadora, Bertrand, 1976.
- BRETHERTON, I. (1985). Attachment theory: retrospect and prospect. in Bretherton, I.; Waters, E. *Growing Points in Attachment Theory and Research*, London, Monographs of the Society for Research in Child Development, (Vol. 50 - Serial N° 209).
- BURGNER, M. (1985). The oedipal experience: effects on development of an absent father. *The International Journal of Psychoanalysis*, 66, 311-320.
- CHAPELIER, J. (1995). Cadre et mythe originaire, in Privat, R.; Sacco, F. *Groupes d'Enfants et Cadre Psychanalytique*, Paris, Érès.
- CHAURANG, S.; SACCO, F. (1995). Du psychodrame morénien au psychodrame psychanalytique, in Privat, R.; Sacco, F. *Groupes d'Enfants et Cadre Psychanalytique*, Paris, Érès.
- COIMBRA DE MATOS, A. (1993). Em redor da latência sexual. *Revista Portuguesa de Pedopsiquiatria*, 5, 7-14.
- CORTESÃO, E. (1989). *Grupandlise*. Lisboa, Fund. Calouste Gulbenkian.
- DAVID, C. (1969). Remarques introductives à l'étude de la période de latence. *Revue Française de Psychanalyse*, 33, 4, 697-706.
- DECHERF, G. (1981). *Édipo em Grupo*. Porto Alegre, Artes Médicas, 1986.
- DENIS, P. (1979). La période de latence et son abord thérapeutique. *Psychiatrie de l'Enfant*, 22, 2, 281-334.
- DENIS, P. (1981). J'aime pas être un autre: l'inquiétante étrangeté chez l'enfant. *Revue Française de Psychanalyse*, 3, 501-511.
- DENIS, P. (1985). La pathologie à la période de latence, in Lebovici, S.; Diatkine, R.; Soulé, M. *Traité de Psychiatrie de l'Enfant et de l'Adolescent*, Paris, P.U.F.

- DEWALD, P. (1973). *Psicoterapia: Uma Abordagem Dinâmica*. Porto Alegre, Artes Médicas, 1981.
- DIATKINE, R. (1979). Réflexions sur les traitements à la période de latence. *Psychiatrie de l'Enfant*, 22, 2, 363-380.
- DIATKINE, R. (1985). Phase de latence: l'entre-deux crises, in *Avant l'Adolescence, Les Textes du Centre Alfred Binet*, 6, 5-23.
- DOISE, W. (1976). *L'Articulation Psychosociologique et les Relations entre Groupes*. Bruxelles, A. de Boeck.
- EZRIEL, H. (1950). A Psychoanalytic approach to group treatment, in Scheidlinger, S. *Psychoanalytic Group Dynamics: Basic Readings*, New York, International Universities Press, 1980.
- FERRO, A. (1995). *A Técnica na Psicanálise Infantil*. Rio de Janeiro, Imago.
- FESTINGER, L. (1957). *A Theory of Cognitive Dissonance*. Evanston, Rowe-Peterson.
- FLAMENT, C. (1965). *Réseaux de Communication et Structures de Groupe*. Paris, Dunod.
- FOULKES, S. (1948). *Introduction to Group-Analytic Psychotherapy*. London, Maresfield Reprints.
- FOULKES, S. (1964). *Psychotérapie et Analyse de Groupe*. Paris, Payot, 1970.
- FOULKES, S. (1967). The concept of groupe matrix. *Group Analysis*, 1, 31-35.
- FREUD, A. (1946). *Le moi et les Mécanismes de Défense*. Paris, P.U.F., 1993.
- FREUD, A. (1951). *Le Traitement Psychanalytique des Enfants*. Paris, P.U.F..
- FREUD, A. (1965). *Le Normal et le Pathologique chez l'Enfant*. Paris, Gallimard, 1968.
- FREUD, S. (1895). *Projecto para uma Psicologia Científica*. Edição Standard Brasileira, Rio de Janeiro, Imago, 1, 333-396, 1996.
- FREUD, S. (1900). *A Interpretação do Sonho*. Edição Standard Brasileira, Rio de Janeiro, Imago, 4, 13-363; 5, 371- 700, 1996.
- FREUD, S. (1905). *Três Ensaio sobre a Teoria da Sexualidade*. Edição Standard Brasileira, Rio de Janeiro, Imago, 7, 117-229, 1996.
- FREUD, S. (1908). *Carácter e Erotismo Anal*. Edição Standard Brasileira, Rio de Janeiro, Imago, 9, 159-168, 1996.
- FREUD, S. (1911). *Formulações sobre os Dois Princípios do Funcionamento Mental*. Edição Standard Brasileira, Rio de Janeiro, Imago, 12, 231- 244, 1996.
- FREUD, S. (1913). *Totem e Tabu*. Edição Standard Brasileira, Rio de Janeiro, Imago, 13, 11- 162, 1996.
- FREUD, S. (1920). *Para Além do Princípio do Prazer*. Edição Standard Brasileira, Rio de Janeiro, Imago, 18, 11-76, 1996.
- FREUD, S. (1921). *Psicologia das Massas e Análise do Eu*. Edição Standard Brasileira, Rio de Janeiro, Imago, 18, 77-254, 1996.
- FREUD, S. (1923). *O Eu e o Id*. Edição Standard Brasileira, Rio de Janeiro, Imago, 19, 25- 72, 1996.

- FREUD, S. (1924). *A Dissolução do Complexo de Édipo*. Edição Standard Brasileira, Rio de Janeiro, Imago, 19, 193-199, 1996.
- FREUD, S. (1925-1935). *Um Estudo Auto-Biográfico*. Edição Standard Brasileira, Rio de Janeiro, Imago, 20, 10-78, 1996.
- FREUD, S. (1926a). *A Questão da Análise Leiga*. Edição Standard Brasileira, Rio de Janeiro, Imago, 20, 173-248, 1996.
- FREUD, S. (1926b). *Inibição, Sintoma e Angústia*. Edição Standard Brasileira, Rio de Janeiro, Imago, 20, 79-168, 1996.
- GANZARAIN, R. (1974). A psychoanalytic study of sensitivity training. *Interpersonal Development*, 5, 60-70.
- GANZARAIN, R. (1989). *Object Relations Group Psychotherapy*. Madison, International Universities Press.
- GANZARAIN, R. (1992). Introduction to object relations group psychotherapy. *Int. J. Group Psychotherapy*, 42, 205-223.
- GREEN, A. (1984). La langage dans la psychanalyse, in Green, A.; Diatkine, R. et al. *Langages*, Paris, Les Belles-Lettres.
- GREENBERG, J.; MITCHELL, S. (1994). *Relações Objectais na Teoria Psicanalítica*. Porto Alegre, Artes Médicas.
- GRINBERG, L.; SOR, D.; BIANCHEDI, E. (1973). *Introdução às Ideias de Bion*. Rio de Janeiro, Imago.
- GUTTON, P. (1973). *Le Jeu chez l'Enfant*. Paris, Larousse.
- HAAG, G. (1987). Petits groupes analytiques d'enfants autistes et psychotiques avec ou sans troubles organiques. *Revue de Psychothérapie Psychanalytique de Groupe*, 7-8, 53-62.
- HINSHELWOOD, R. (1987). *What Happens in Groups: Psychoanalysis, the Individual and the Community*. London, Free Association.
- HORWITZ, L. (1993). Modelos de psicoterapia de grupo centrados no grupo, in Kaplan, H.; Sadock, B. *Compêndio de Psicoterapia de Grupo*, Porto Alegre, Artes Médicas, 1996.
- KAËS, R. (1976). *L'Appareil Psychique Groupal: Constructions du Groupe*. Paris, Dunod.
- KAËS, R. (1993). *Le Groupe et le Sujet du Groupe*. Paris, Dunod.
- KAËS, R. (1994). *La Parole et le Lien*. Paris, Dunod.
- KAPLAN, E. (1965). Reflections regarding psychomotor activities during the latency period. *The Psychoanalytic Study of the Child*, 20, 220-238.
- KERNBERG, O. (1995). *Psicopatologia das Relações Amorosas*. Porto Alegre, Artes Médicas.
- KESTEMBERG, E., KESTEMBERG, J. (1966). Contribution à la perspective génétique en psychanalyse. *Revue Française de Psychanalyse*, 30, 5-6, 581-713.
- KLEIN, M. (1928). Estados iniciais do conflito edipiano, in *Amor, Culpa e Reparação e outros trabalhos*, Rio de Janeiro, Imago, 1996.
- KLEIN, M. (1929). Personificação no brincar das crianças, in *Amor, Culpa e Reparação e outros trabalhos*, Rio de Janeiro, Imago, 1996.
- KLEIN, M. (1932). *A Psicanálise de Crianças*. Rio de Janeiro, Imago, 1997.

- KLEIN, M. (1935). Uma contribuição à psicogênese dos estados maníaco-depressivos, in *Amor, Culpa e Reparação e outros trabalhos*, Rio de Janeiro, Imago, 1996.
- KLEIN, M. (1945). O complexo de Édipo à luz das ansiedades arcaicas, in *Amor, Culpa e Reparação e outros trabalhos*, Rio de Janeiro, Imago, 1996.
- KLEIN, M. (1952). Algumas conclusões teóricas relativas à vida emocional do bebê, in *Inveja e Gratidão e outros trabalhos*, Rio de Janeiro, Imago, 1991.
- KOHUT, H. (1971). *Le Soi*. Paris, P.U.F., 1991.
- LACAN, J. (1953-1954). *Le Séminaire, Livre II: Les Écrits techniques de Freud*. Paris, Le Seuil, 1994.
- LACAN, J. (1956-1957). *Le Séminaire, Livre IV: La Relation d'Objet et des Structures Freudiennes*. Paris, Le Seuil, 1994.
- LACAN, J. (1958). La signification du phallus, in *Écrits*, Paris, Le Seuil, 1966.
- LAPLANCHE, J.; PONTALIS, J. (1967). *Vocabulário da Psicanálise*. Lisboa, Presença, 1990.
- LE BON, G. (1895). *Psychologie des Foules*. Paris, P.U.F., 1963.
- LEBOVICI, S. (1980). L'expérience du psychanalyste chez l'enfant et chez l'adulte devant le modèle de la névrose infantile et de la névrose de transfert. *Revue Française de Psychanalyse*, 44, 5-6, 733-852.
- LEWIN, K. (1931-1947). *Psychologie Dynamique*. Paris, P.U.F., 1959.
- LEWIN, K. (1951). *Teoria do Campo em Ciência Social*. S. Paulo, Livraria Pioneira, 1965.
- LICHTENBERG, J. (1979). Factors in the development of the sense of the object. *Journal of the American Academy of Psychoanalysis*, 4, 65-94
- LOEWALD, H. (1979). The waning of the Oedipus complex, in *Papers on Psychoanalysis*, New Haven, Yale University Press, 1980.
- MALPIQUE, C. (1984). *A Ausência do Pai*. Porto, Afrontamento, 1990.
- MALPIQUE, C. (1986). Valor das "latências" na construção da identidade. *Revista Portuguesa de Psicanálise*, 4, 87-97.
- MALPIQUE, C., CABRAL, F.; FLORES, F.; SOARES, I. (1988) Psicoterapia de grupo no período de latência. *Revista Portuguesa de Psicanálise*, 6, 69-96.
- MANÃES, M. (1971). Considerações sobre o conceito de latência. *Revista Brasileira de Psicanálise*, 5, 255-272.
- MATOS, A. (1993). Desenvolvimento normal da criança na segunda infância. *Revista Portuguesa de Pedopsiquiatria*, 5, 15-30.
- MELTZER, D. (1967). *O Processo Psicanalítico*. Rio de Janeiro, Imago, 1971.
- MELTZER, D. (1973). *Sexual States of Mind*. Pertshire, Clunie, 1979.
- MELTZER, D. (1978). *O Desenvolvimento Kleiniano*. São Paulo, Escuta, 1990.
- MELTZER, D.; WILLIAMS, L. (1988). *The Apprehension of Beauty*. Pertshire, Clunie.
- MILLER, L. (1991). *Psicanálise de Grupo*. Rio de Janeiro, Imago.
- MISSENARD, A. (1972). Identification et processus groupal, in *Anzieu et al. Le Travail Psychanalytique dans les Groupes*, Paris, Dunod, 1982.

- MISSENERD, A. (1976). A propos du narcissisme dans le groupes. *L'Evolution Psychiatrique*, 41, 2, 272-303.
- MORENO, J. (1934). *Les Fondements de la Sociométrie*. Paris, P.U.F., 1969.
- MORENO, J. (1955). *Psicodrama*. São Paulo, Cultrix, 1978.
- PAGÉS, M. (1965). *L'Orientation Non-Directive en Psychothérapie et en Psychologie Sociale*. Paris, Dunod.
- PAGÉS, M. (1968). *La Vie Affective des Groupes*. Paris, Dunod.
- PIAGET, J. (1954). *The Construction of Reality in the Child*. New York, Basic Books.
- PINES, M.; HEARST, L. (1993). Análise de grupo, in Kaplan, H.; Sadock, B. *Compêndio de Psicoterapia de Grupo*, Porto Alegre, Artes Médicas, 1996.
- PONTALIS, J. (1972). Rêves dans un groupe, in Anzieu et al. *Le Travail Psychanalytique dans les Groupes*, Paris, Dunod, 1982.
- PRIVAT, J.; PRIVAT, P. (1987). D'une utilisation particulier du jeu en groupe. *Revue de Psychothérapie Psychanalytique de Groupe*, 7-8, 63-75.
- PRIVAT, P.; CHAPELIER, J.-B. (1987). De la constitution d'un espace thérapeutique groupal. *Revue de Psychothérapie Psychanalytique de Groupe*, 7-8, 17-27.
- RELD, F. (1942). Group emotion and leadership, in Scheidlinger, S. *Psychoanalytic Group Dynamics: Basic Readings*, New York, International Universities Press, 1980.
- RICE-SMITH, E. (1993). Psicoterapia de grupo com crianças sexualmente abusadas, in Kaplan, H.; Sadock, B. *Compêndio de Psicoterapia de Grupo*, Porto Alegre, Artes Médicas, 1996.
- ROGERS, C. (1961). *Le Développement de la Personne*. Paris, Dunod, 1966.
- ROGERS, C. (1970). *Les Groupes de Rencontre*. Paris, Dunod, 1973.
- ROJAS-BERMUDEZ, J. (1980). *Introdução ao Psicodrama*. São Paulo, Mestre Jou.
- ROUCHY, J. (1980). Processus archaïques et transfert en analyse de groupe. *Connexions*, 31, 36-60.
- ROUSSILLON, R. (1995). Les fondements de la théorie du cadre et la spécificité du travail de symbolisation groupal à la latence, in Privat, R.; Sacco, F. *Groupes d'Enfants et Cadre Psychanalytique*, Paris, Érès.
- SARNOFF, C. (1971). Ego structure in latency. *The Psychoanalytic Quarterly*, 40, 387-414.
- SARNOFF, C. (1972). The vicissitudes of projection during an analysis encompassing late latency to early adolescence. *The International Journal of Psychoanalysis*, 53, 515-522.
- SCHAMESS, G. (1986). Differential diagnosis and group structure in the outpatient treatment of latency-age children, in Riestler, A.; Kraft, I. *Child Group Psychotherapy: Future Tense*, Madison, International Universities Press.
- SCHAMESS, G. (1993). Psicoterapia de grupo com crianças, in Kaplan, H.; Sadock, B. *Compêndio de Psicoterapia de Grupo*, Porto Alegre, Artes Médicas, 1996.
- SCHIFFER, M. (1987). Les groupes thérapeutiques d'activité et de parole: théories, principes et pratiques. *Revue de Psychothérapie Psychanalytique de Groupe*, 7-8, 76-88.
- SEGAL, H. (1973). *Introdução à Obra de Melanie Klein*. Rio de Janeiro, Imago, 1975.